



**UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMPINAS  
INSTITUTO DE ESTUDOS DA LINGUAGEM**

**BRUNA FERNANDA ABREU**

**ANÁLISE DO *ETHOS* DE CÍCERO E DE MARCO ANTÔNIO NAS  
QUATORZE *FILÍPICAS* À LUZ DE *DE ORATORE* 2.182.**

**CAMPINAS  
2021**

**BRUNA FERNANDA ABREU**

**ANÁLISE DO *ETHOS* DE CÍCERO E DE MARCO ANTÔNIO NAS  
QUATORZE *FILÍPICAS* À LUZ DE *DE ORATORE* 2.182.**

Tese apresentada ao Instituto de Estudos da  
Linguagem da Universidade Estadual de  
Campinas como parte dos requisitos exigidos  
para a obtenção do título de Doutora em  
Linguística.

**Orientador: Prof. Dr. Paulo Sérgio de Vasconcellos**

Este exemplar corresponde à versão final da  
Tese defendida pela aluna Bruna Fernanda  
Abreu e orientada pelo Prof. Dr. Paulo Sérgio  
de Vasconcellos.

**CAMPINAS**

**2021**

Ficha catalográfica  
Universidade Estadual de Campinas  
Biblioteca do Instituto de Estudos da Linguagem  
Leandro dos Santos Nascimento - CRB 8/8343

Ab86a Abreu, Bruna Fernanda, 1991-  
Análise do ethos de Cícero e de Marco Antônio nas quatorze Filípicas à luz de De oratore 2.182 / Bruna Fernanda Abreu. – Campinas, SP : [s.n.], 2021.

Orientador: Paulo Sérgio de Vasconcellos.  
Tese (doutorado) – Universidade Estadual de Campinas, Instituto de Estudos da Linguagem.

1. Cícero, 106-43 A.C. 2. Marco Antonio, 83?-30 A.C. 3. Cícero, 106-43 A.C. Filípicas. 4. Retórica. 5. Ethos. I. Vasconcellos, Paulo Sérgio de, 1959-. II. Universidade Estadual de Campinas. Instituto de Estudos da Linguagem. III. Título.

Informações para Biblioteca Digital

**Título em outro idioma:** Analysis of the ethos of Cicero and Mark Antony in the fourteen Philippics in light of De oratore 2.182

**Palavras-chave em inglês:**

Cícero, 106-43 A.C

Antonius, Marcus, 83 B.C.?-30 B.C

Cícero, 106-43 A.C. Philippics

Rhetoric

Ethos

**Área de concentração:** Linguística

**Titulação:** Doutora em Linguística

**Banca examinadora:**

Paulo Sérgio de Vasconcellos

Adriano Scatolin

Elaine Cristine Sartorelli

Isabella Tardin Cardoso

Marcos Aurélio Pereira

**Data de defesa:** 30-11-2021

**Programa de Pós-Graduação:** Linguística

**Identificação e informações acadêmicas do(a) aluno(a)**

- ORCID do autor: <https://orcid.org/0000-0003-2038-5852>

- Currículo Lattes do autor: <http://lattes.cnpq.br/0602697032006685>



**BANCA EXAMINADORA:**

**Paulo Sérgio de Vasconcellos**

**Adriano Scatolin**

**Elaine Cristine Sartorelli**

**Isabella Tardin Cardoso**

**Marcos Aurélio Pereira**

**IEL/UNICAMP  
2021**

**Ata da defesa, assinada pelos membros da Comissão Examinadora, consta no SIGA/Sistema de Fluxo de Dissertação/Tese e na Secretaria de Pós Graduação do IEL.**

## DEDICATÓRIA

À minha vó, Edi Brugnari (*in memoriam*).

## **AGRADECIMENTOS**

Agradeço aos meus pais, pelo apoio incondicional.

Ao meu marido, Yuri Meyer, pela paciência, pelo apoio, por seguir junto comigo nesse trajeto.

Ao professor Paulo Sérgio de Vasconcellos, um pesquisador excelente e um professor brilhante, por transmitir a beleza da língua latina, pelas aulas, pelos ensinamentos e pela orientação, desde a monografia.

Aos professores Isabella Tardin Cardoso, Marcos Aurélio Pereira e Patrícia Prata, por suas aulas inspiradoras e por despertarem em mim o amor pelo latim.

Aos demais docentes e funcionários do Instituto de Estudos da Linguagem (IEL-Unicamp), que sempre foram prestativos e acolhedores, fundamentais para a minha formação acadêmica.

Aos membros e suplentes da banca, por aceitarem fazer parte do fechamento desse ciclo acadêmico.

Por fim, ao Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq) pela outorga do processo 141489/2017, concedendo apoio financeiro para que esta Tese pudesse ser desenvolvida.

## RESUMO

A partir da tradução e análise de seções e trechos selecionados da obra ciceroniana *Filípicas*, este estudo se propõe a investigar a construção do *ethos* de Cícero e de Marco Antônio ao longo desses quatorze discursos. Trata-se, primeiramente, do conceito de *ethos* aristotélico e sua reformulação, principalmente, em *De Oratore* (2.182), e uma breve contextualização histórica e política dos discursos. A partir do estudo e das categorias do “caráter” (*mores*), “costumes” (*instituta*), “feitos” (*facta/res gestae*), “vida” (*uita*) e “reputação” (*existumatio uitae*), observadas na obra ciceroniana, apresenta-se a análise do *ethos* de ambos os personagens. Tem-se como base a caracterização de Marco Antônio através de comparações, uso da ironia, referências ao teatro e à atriz de mimo Volúmnia Citéris, menção aos maus costumes de Antônio, seu suposto homoerotismo, a representação de sua *gens* e sua condição como *hostis rei publicae* e *inimicus Ciceroni*. Por fim, traça-se um panorama de como Cícero tenta construir a imagem de seu adversário e a sua própria nesses discursos, a fim de persuadir seu público (ouvinte ou leitor).

Palavras-chave: Cícero; Marco Antônio; Retórica; *Ethos*; *Filípicas*.

## ABSTRACT

This work aims to investigate the construction of the *ethos* of Cícero and Mark Antony throughout the Ciceronian work *Philippics* by translating and analysing selected sections and excerpts from these fourteen speeches. It deals, primarily, with the concept of Aristotelian *ethos* and its reformulation, mainly, in *De Oratore* (2,182), and a brief historical and political contextualization of the speeches. An analysis of the *ethos* of both characters is presented by studying and observing some categories, such as “character” (*mores*), “behaviors” (*instituta*), “achievements” (*facta/res gestae*), “life” (*uita*) and “reputation” (*existumatio uitae*). It is based on the analysis of the characteristics attributed to Mark Antony through comparisons, the use of irony, references to the theater and the mime actress *Volumnia Cytheris*, the bad habits of Antony, his alleged homoeroticism, the representation of his *gens* and his condition as *hostis rei publicae* and *inimicus Ciceroni*. Finally, an overview is given of how Cícero tries to construct the image of his opponent and his own in these speeches, in order to persuade his audience.

Palavras-chave: Cicero; Mark Antony; Rhetoric; *Ethos*; *Philippics*.

## ABREVIATURAS E SIGLAS<sup>1</sup>

### ARISTÓTELES

*Rhetorica*

Retórica

ARIST.

*Rh.*

*Ethica Nicomachea*

Ética a Nicômaco

*Eth. Nic.*

### CÍCERO

*Epistulae ad Brutum*

Cartas a Bruto

CIC.

*Ad Brut.*

*De amicitia*

Sobre a amizade

*Amic.*

*Epistulae ad Atticum*

Cartas a Ático

*Att.*

*Brutus*

Bruto

*Brut.*

*Pro Caelio*

Em defesa de Célio

*Cael.*

*Pro Caecina*

Em defesa de Cecina

*Caecin.*

*De oratore*

Sobre o orador

*De or.*

*De diuinatione*

Sobre a adivinhação

*Div.*

*Epistulae ad Familiares*

Cartas a amigos

*Fam.*

*De inuentione*

Sobre a invenção

*Inv.*

*De officiis*

Dos deveres

*Off.*

*Orator*

O orador

*Orat.*

*Orationes Philippicae*

Filípicas

*Phil.*

*Pro Roscio Comoedo*

Em defesa de Róscio

*QRosc.*

*De optimo genere oratorum*

O melhor gênero de oradores

*Opt.Gen.*

### EURÍPIDES

*Hippolytus*

Hipólito

EUR.

*Hipp.*

### MARCIAL

MART.

OXFORD CLASSICAL DICTIONARY

*OCD*

OXFORD LATIN DICTIONARY

*OLD*

---

<sup>1</sup> Seguimos as abreviaturas presentes em *The Oxford Classical Dictionary* (2012).

OVÍDIO		OV.
<i>Amores</i>	Amores	<i>Am.</i>
<i>Tristia</i>	Tristes	<i>Tr.</i>
PLUTARCO		PLUT.
<i>Antonius</i>	Antônio	<i>Ant.</i>
<i>Caesar</i>	César	<i>Caes.</i>
<i>Cicero</i>	Cícero	<i>Cic.</i>
PROPÉRCIO		PROP.
<i>RHETORICA AD HERENNIUM</i>	Retórica a Herênio	<i>Rhet. Her.</i>
QUINTILIANO		QUINT.
<i>Institutio oratoria</i>	Instituições oratórias	<i>Inst.Or.</i>
SALÚSTIO		SALL.
<i>Bellum Catilinae</i>	A conjuração de Catilina	<i>Cat.</i>
SUETÔNIO		SUET.
<i>Divus Iulius</i>	Vida de César	<i>Iul.</i>
VIRGÍLIO		VERG.
<i>Eclogae</i>	Éclogas	<i>Ecl.</i>

## SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO .....	12
2. CONSIDERAÇÕES SOBRE O CONCEITO DE <i>ETHOS</i> E AS CATEGORIAS PRESENTES EM <i>DE ORATORE</i> 2.182.....	14
2.1. O <i>ETHOS</i> ARISTOTÉLICO .....	16
2.2. O <i>ETHOS</i> REFORMULADO EM <i>RHETORICA AD HERENNIVM</i> E EM <i>DE INVENTIONE</i> .....	24
2.3. A REFORMULAÇÃO DO CONCEITO DE <i>ETHOS</i> EM <i>DE ORATORE</i> E AS CATEGORIAS PRESENTES NA SEÇÃO 2.182.....	32
2.4. CONSIDERAÇÕES A RESPEITO DA REFORMULAÇÃO DO <i>ETHOS</i> POR CÍCERO APÓS <i>O DE ORATORE</i> .....	44
2.5. A CONSTRUÇÃO DO <i>ETHOS</i> E O GÊNERO DEMONSTRATIVO: INVECTIVAS E O VITUPÉRIO NAS <i>FILÍPICAS</i> .....	49
3. BREVE CONTEXTUALIZAÇÃO DAS QUATORZE <i>FILÍPICAS</i> .....	52
4. A CONSTRUÇÃO DO <i>ETHOS</i> DE CÍCERO E DE MARCO ANTÔNIO .....	65
4.1. COMPARAÇÕES E CARACTERÍSTICAS ATRIBUÍDAS A MARCO ANTÔNIO.....	66
4.1.1. COMPARAÇÕES .....	66
4.1.2. CARACTERÍSTICAS ATRIBUÍDAS A MARCO ANTÔNIO .....	78
4.2. <i>HOMO ELOQUENS</i> : O USO DA IRONIA NAS <i>FILÍPICAS</i> .....	85
4.3. ANTÔNIO COMO UM PERSONAGEM CÔMICO: AS REFERÊNCIAS AO TEATRO E À ATRIZ DE MIMO VOLÚMNA CITÉRIS .....	97
4.3.1. SOBRE A ATRIZ VOLÚMNA CITÉRIS .....	101
4.3.2. A PRESENÇA DA ATRIZ NAS <i>FILÍPICAS</i> .....	108
4.3.3. OUTRAS REFERÊNCIAS AO TEATRO .....	114
4.4. OUTROS (MAUS) COSTUMES DE ANTÔNIO: EMBRIAGUEZ, DESREGRAMENTOS FINANCEIROS E JOGOS DE AZAR.....	119
4.4.1. A EMBRIAGUEZ DE ANTÔNIO.....	121
4.4.2. DESREGRAMENTOS FINANCEIROS.....	123
4.4.3. JOGOS DE AZAR .....	125
4.5. O HOMOEROTISMO DE MARCO ANTÔNIO NA SEGUNDA <i>FILÍPICA</i> .....	127
4.6. REPRESENTAÇÃO CICERONIANA DA <i>GENS</i> DE MARCO ANTÔNIO.....	137
4.7. MARCO ANTÔNIO: <i>INIMICUS CICERONI</i> E <i>HOSTIS REI PUBLICAE</i> .....	148
5. CONCLUSÃO.....	161
6. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS .....	165
6.1. TEXTOS ANTIGOS.....	165
6.2. TEXTOS MODERNOS.....	168
6.3. DICIONÁRIOS E VOCABULÁRIO .....	174

## 1. INTRODUÇÃO

*De fato, todas as pessoas [...] tentam em certa medida questionar e sustentar um argumento, defender-se ou acusar.*  
(Aristóteles)<sup>2</sup>

Podemos afirmar, em poucas palavras, que o conceito de *ethos* consiste em uma ferramenta retórica cujo objetivo é persuadir o ouvinte ou, em textos escritos, o leitor. Essa persuasão pode ser eficaz através do próprio discurso, do modo como se dá a construção da imagem e, até mesmo, do caráter das *personae* implicadas.

Fruto de trabalhos realizados desde a graduação até a pós-graduação, aprofunda-se, aqui, o estudo do *ethos* de Cícero e de Marco Antônio, considerando, agora, todas as quatorze *Filípicas*<sup>3</sup> ciceronianas. De modo geral, para a moldura do retrato de ambas as *personae* exposto por Cícero, partimos, principalmente, mas não só, de algumas grandes categorias presentes em *De or.* 2.182:<sup>4</sup> *mores* (caráter), *instituta* (costumes), *facta/res gestae* (feitos), *uita* (vida) e *existumatio uitae* (reputação). As observações sobre essas categorias que nos serviram de apoio para o estudo fazem parte do próximo item.

A opção pelas *Filípicas* como texto antigo para instrumento de análise se sustenta devido ao fato de terem se originado de um mesmo momento histórico e político, que foi o assassinato de Júlio César em 15 de março de 44 a.C., mas escritas em situações diferentes. Trazem em seu conteúdo as tensões políticas e históricas daquele momento, além de evidenciarem o conflito entre dois personagens de grande importância política para a época: Cícero e Marco Antônio. É importante mencionar que, exceto pelas *Filípicas* 4 e 6, cuja audiência teria sido o povo romano, as demais foram escritas por Cícero visando o senado como público a persuadir.

Conforme será exposto, vê-se que as *Filípicas* consistem, basicamente, na difamação da imagem pública e privada de Marco Antônio. Fica evidente que se constrói um

<sup>2</sup> Cf. ARIST. *Rh.* I. 1354a. Todas as traduções dos trechos da obra *Retórica* são de Manuel Alexandre Júnior, Paulo Farmhouse Alberto e Abel do Nascimento Pena (2012).

<sup>3</sup> Todas as traduções dos trechos da obra *Philippicae* são nossas. Para o texto original, seguimos a edição da Les Belles Lettres, texto editado e traduzido por André Boulanger e Pierre Wuilleumier.

<sup>4</sup> Todas as traduções dos trechos da obra *De oratore* são de Adriano Scatolin. Cf. SCATOLIN, A. *A invenção no Do orador de Cícero: um estudo à luz de Ad Familiares I, 9, 23*. Tese (Doutorado em Letras Clássicas). São Paulo: USP, 2009. Scatolin, para sua tradução, adotou o texto estabelecido por K. F. Kumaniecki para a coleção Teubner. Para o texto original, seguimos a edição da Les Belles Lettres, texto editado e traduzido por Edmond Courbaud.

*ethos* negativo de Marco Antônio, que se contrapõe ao de Cícero. Nosso objetivo principal é analisar de que modo esse *ethos* é construído, ou seja, compreender quais são os elementos usados pelo orador nos discursos que nos permitem chegar à conclusão de que o *ethos* de Marco Antônio e de Cícero é construído numa relação interdependente e antagônica.

Portanto, este trabalho visa expor de que modo, nas *Filípicas*, há a construção da imagem de Cícero como antípoda de Antônio. Além disso, é importante destacar que se apresenta aqui a tradução somente de trechos pertinentes para o estudo em questão, visto que o foco do trabalho não é a tradução integral dos discursos; as seções traduzidas se constituíram como um instrumento de trabalho e apoio para o desenvolvimento da análise do *ethos*. As traduções de textos latinos e de línguas estrangeiras são de nossa autoria, salvo indicação explícita em contrário.<sup>5</sup>

---

<sup>5</sup> As referências às edições dos textos latinos adotados se encontrarão na bibliografia.

## 2. CONSIDERAÇÕES SOBRE O CONCEITO DE *ETHOS* E AS CATEGORIAS PRESENTES EM *DE ORATORE* 2.182

A palavra *ethos*, transcrição do grego ἦθος,<sup>6</sup> encontra-se traduzida no *OCD* como “caráter” e é entendida como “um amplo termo não técnico, o qual sugere um interesse no reconhecimento de padrões no comportamento humano e na análise das estruturas psicológicas subjacentes a esses padrões”.<sup>7</sup> A noção de *ethos* é estudada e está presente em diversas áreas do conhecimento<sup>8</sup>, tendo-se originado na retórica antiga, onde o *ethos* faz parte da tripartição das “provas” exposta por Aristóteles, que será abordada em seguida.

Cícero retomou e reformulou a concepção de *ethos*, mas não fez uso de tal palavra.<sup>9</sup> Contudo, destacamos o que nos diz o orador em *Orator*, 128: “há, pois, duas coisas, que, quando bem tratadas pelo orador, podem fazer admirável a eloquência. Uma delas é aquilo a que os gregos dão o nome de *ethikón*, acomodado às naturezas e aos hábitos e a todo o costume da vida”.<sup>10</sup> Como se vê, apesar de não empregar a palavra, Cícero, naquela obra, faz uso de ajetivo substantivado dela derivado.

Este capítulo, então, perpassa, primeiramente, o conceito de *ethos* presente na *Retórica* de Aristóteles. Em seguida, explicitam-se, brevemente, as ideias contidas em *De inuentione*, de Cícero, e na *Rhetorica ad Herennium*, uma vez que tais obras podem refletir uma influência da Retórica aristotélica. Por fim, apresenta-se a concepção de *ethos* presente em *De oratore*, em *Brutus*, em *Orator* e em *De optimo genere oratorum*, todas de Cícero.

<sup>6</sup> Cf. ARIST. *Rh.* I.1356a.

<sup>7</sup> “Character is a broad, non-technical term, which suggests an interest in recognizing patterns in human behaviour, and in analysing the psychological structures underlying these patterns” (*OCD*, “character”).

<sup>8</sup> Para Ducrot (*O dizer e o dito*, Editora: Pontes, 1987), por exemplo, o *ethos* é a imagem de si associada ao locutor, ao sujeito empírico do exterior da linguagem, valorizando-se a centralidade da enunciação para a elaboração da imagem de si e a polifonia (a voz do locutor em seu enunciado): “o *ethos* está ligado a L, o locutor enquanto tal: é enquanto fonte da enunciação que ele se vê dotado [*affublé*] de certos caracteres que, por contraponto, torna esta enunciação aceitável ou desagradável” (DUCROT, 1987, p. 189). Para Maingueneau, tratando do *ethos* retórico na Análise do Discurso, o enunciador deve “legitimar seu dizer: em seu discurso, ele se atribui uma posição institucional e marca sua relação a um saber”, ou seja, há um *ethos* discursivo, que mantém relação direta com o *ethos* prévio (ou *ethos* pré-discursivo). (Cf. MAINGUENEAU, D. *Cenas da enunciação*. Organizado por Sírio Possenti e Maria Cecília Pérez de Souza-e-Silva. São Paulo: Parábola Editorial, 2008; MAINGUENEAU, D. *Gênese dos discursos*. Trad. Sírio Possenti. São Paulo: Parábola Editorial, 2008; MAINGUENEAU, D. *Ethos, cenografia e incorporação*. In: AMOSSY, R. (org.). *Imagens de si no discurso*. São Paulo: Contexto, 2014.)

<sup>9</sup> Quintiliano, porém, utiliza o termo grego e aponta que, na sua opinião, não há equivalente exato em latim e adota a tradução por *mores*: ἦθος, *cuius nomine, ut ego quidem sentio, caret sermo Romanus: mores appellantur* (*Inst. Or.* VI, 2, 8).

<sup>10</sup> Tradução de Vicini (2018). *Duo sunt enim, quae bene tractata ab oratore admirabilem eloquentiam faciunt. Quorum alterum est, quod Graeci ἠθικὸν uocant, ad naturas et ad mores et ad omnem uitae consuetudinem accommodatum.*

O objetivo deste capítulo é expor brevemente o que entendemos por *ethos* e quais são as categorias presentes em *De Or.* 2.182, que nos serviram de base e foram de fundamental importância para o desenvolvimento de nosso estudo. Primeiramente, destacamos que o conceito de *ethos* aparece em Aristóteles, quando este, em sua *Retórica*, trata das “provas de persuasão” (πίσταις) e suas finalidades no discurso, a depender da intenção do orador, e nos diz: “Entendamos por retórica a capacidade de descobrir o que é adequado a cada caso com o fim de persuadir. (...) Mas a retórica parece ter, por assim dizer, a faculdade de descobrir os meios de persuasão sobre qualquer questão dada”.<sup>11</sup>

Contudo, Cícero menciona tal conceito aristotélico em *De oratore*; o próprio autor, em *Fam.* 1.9.23, comenta sobre essa sua obra: “Escrevi, então, à maneira aristotélica – pelo menos tal foi minha intenção – três livros *Do orador* em forma de discussão dialógica”.<sup>12</sup> Nessa mesma passagem, evidencia-se que Cícero se refere à influência aristotélica não apenas quanto à forma dialógica de sua obra, mas também quanto ao conteúdo: “Pois se afastam dos preceitos comuns e abarcam toda a doutrina oratória dos antigos, a de Aristóteles e a de Isócrates”.<sup>13</sup> Pode-se dizer que, em *De oratore*, há uma retomada da discussão do *ethos* aristotélico.

---

<sup>11</sup> Cf. ARIST. *Rh.* I.1355b.

<sup>12</sup> *scripsi igitur Aristotelio more, quem ad modum quidem volui, tris libros in disputatione ac dialogo 'de Oratore'.*

<sup>13</sup> *Abhorrent enim a communibus praeceptis atque omnem antiquorum, et Aristoteliam et Isocratem, rationem oratoriam complectuntur.*

## 2.1. O *ETHOS* ARISTOTÉLICO

Tendo em vista que “o objetivo da *Retórica* de Aristóteles, contudo, é muito mais restrito, na medida em que não discute persuasão em geral, mas centra-se na capacidade de persuasão do discurso público”,<sup>14</sup> o estagirita expõe as variadas técnicas possíveis da retórica ou oratória para o orador persuadir aqueles a quem se dirige. Naquela obra, considera-se que a retórica tem como função, além de “questionar e sustentar um argumento, defender-se ou acusar”,<sup>15</sup> “discernir os meios de persuasão mais pertinentes a cada caso”.<sup>16</sup> Sendo a “capacidade de descobrir o que é adequado a cada caso com o fim de persuadir”,<sup>17</sup> pode-se dizer, então, que a retórica é o meio pelo qual o autor busca persuadir o ouvinte sobre o conteúdo de seu discurso e, inclusive, sobre as suas ideias e pontos de vista. Então, a retórica está diretamente relacionada com a argumentação e persuasão.<sup>18</sup>

Aristóteles salienta que há diversas “provas de persuasão” (em grego, *pisteis*, πίστεις), que podem ser colocadas em prática em um discurso a depender de sua finalidade persuasiva:

Das provas de persuasão, umas são próprias da arte retórica e outras não. Chamo provas inartísticas [ἄτεχνα] a todas as que não são produzidas por nós, já existem antes: provas como testemunhos, confissões sob tortura, documentos escritos e outras semelhantes; e provas artísticas [ἐντεχνοί], todas as que se podem preparar pelo método e por nós próprios. De sorte que é necessário utilizar as primeiras, mas inventar as segundas.<sup>19</sup>

Pode-se dizer que as primeiras provas de persuasão, segundo Aristóteles, são aqueles dados concretos que não dependem nem do discurso em si ou das características pessoais do próprio autor, nem do público, por exemplo, já que fazem sentido e existem fora do texto, ou seja, o autor não tem controle sobre elas. As segundas provas de persuasão estão, por sua vez, diretamente relacionadas com o autor, com sua capacidade argumentativa, com o público e com a situação, sendo o orador capaz de inventá-las, moldá-las e controlá-las de acordo com a sua vontade e objetivo.

---

<sup>14</sup> “The goal of Aristotle’s work *Rhetoric*, however, is much more restricted, in so far as it does not discuss the persuasive in general, but rather focuses on the persuasiveness of public speeches” (RAPP, 2009, p. 579).

<sup>15</sup> Cf. ARIST. *Rh.* I.1354a

<sup>16</sup> Cf. ARIST. *Rh.* I.1355b

<sup>17</sup> *Ibid.*

<sup>18</sup> É importante salientar que a retórica antiga se interessa pela performance concreta, oral. E nem todas as *Filípicas* foram pronunciadas. Mas, como Cícero pensa na situação da performance, é válido aplicar, mesmo nesse caso, o conceito de *ethos* analisado no contexto da enunciação concreta dos discursos.

<sup>19</sup> *Ibid.*

Aristóteles expõe, então, as provas “artísticas” ou “técnicas” de persuasão:

As provas de persuasão fornecidas pelo discurso são de três espécies: umas residem no caráter moral [ἦθει] do orador; outras, no modo como se dispõe o ouvinte; e outras, no próprio discurso, pelo que este demonstra ou parece demonstrar. Persuade-se pelo caráter [ἦθους] quando o discurso é proferido de tal maneira que deixa a impressão de o orador ser digno de fé.<sup>20</sup>

São apresentadas, assim, as três provas “artísticas” ou “técnicas” de persuasão das quais o orador pode fazer uso em seu discurso: o *ethos*, relacionado ao caráter moral do orador; o *pathos*, relacionado ao modo como se dispõe afetivamente o ouvinte; e o *logos*, relacionado ao que o próprio discurso demonstra. Sendo assim, o *ethos* é uma prova artística, o que implica na capacidade do orador de fazer uso dele para forjar e moldar o seu caráter de acordo com o propósito persuasivo e argumentativo de seu discurso.

Nichols (1987, p. 664) afirma que

A classificação de Aristóteles das provas retóricas é derivada da natureza do discurso: ele deve ter origem em alguém (o caráter do orador pode persuadir), ele deve obedecer a aceitáveis padrões de raciocínio (o próprio discurso, o que ele demonstra, pode persuadir) e ele deve ser direcionado a alguém (como o ouvinte é afetado pelo discurso pode persuadir). As três provas na retórica apontam, assim, para a conexão entre o orador e o ouvinte que o discurso origina. Retórica é comunicação.<sup>21</sup>

Através do “caráter” do orador, construído ao longo do discurso, este pode estabelecer uma aliança confiável com o ouvinte, convencendo-o, ou seja, é possível persuadi-lo, já que, segundo Aristóteles, *Rh.* I.1356a,

Acreditamos mais e bem mais depressa em pessoas honestas, em todas as coisas em geral, mas sobretudo nas de que não há conhecimento exato e que deixam margem para dúvida. É, porém, necessário que esta confiança seja resultado do discurso e não de uma opinião prévia sobre o caráter do orador; pois não se deve considerar sem importância para a persuasão a probidade do que fala, como aliás

<sup>20</sup> Cf. ARIST. *Rh.* I.1356a.

<sup>21</sup> “Aristotle’s classification of rhetoric’s proofs is derived from the nature of speech: it must originate in someone (the rhetorician’s character may persuade), it must follow acceptable patterns of reasoning (the speech itself, what it proves, may persuade), and it must be directed to someone (how the hearer is affected by the speech may persuade). The three proofs in rhetoric thus point to the connection between speaker and listener that speech effects. Rhetoric is communication”.

alguns autores desta arte propõem, mas quase se poderia dizer que o caráter é o principal meio de persuasão.

Além disso, “uma vez que a retórica tem por objetivo formar um juízo [...], é necessário procurar não só que o discurso seja demonstrativo e digno de crédito, mas também que o orador mostre possuir certas disposições e prepare favoravelmente o juiz”.<sup>22</sup> Na *Retórica* também são expostas as principais disposições que o orador deve possuir em seu caráter que o ajudam a suscitar a confiança do público e, conseqüentemente, vir a ser bem-sucedido na sua argumentação, que visa à persuasão. Então, ainda segundo Aristóteles,

Três são as causas que tornam persuasivos os oradores, e sua importância é tal que por elas nos persuadimos, sem necessidade de demonstrações: são elas a prudência [φρόνησις], a virtude [ἀρετή] e a benevolência [εὐνοία]. Quando os oradores recorrem à mentira nas coisas que dizem ou sobre aquelas que dão conselhos, fazem-no por todas essas causas ou por algumas delas. Ou é por falta de prudência que emitem opiniões erradas ou então, embora dando uma opinião correta, não dizem o que pensam por malícia; ou sendo prudentes e honestos não são benevolentes; por isso, é admissível que, embora sabendo eles o que é melhor, não o aconselhem. Para além destas, não há nenhuma outra causa. Forçoso é, pois, que aquele que aparenta possuir todas estas qualidades inspire confiança nos que o ouvem. Por isso, o modo como é possível mostrar-se prudente e honesto deve ser deduzido das distinções que fizemos relativamente às virtudes, uma vez que, a partir de tais distinções, é possível alguém apresentar outra pessoa e até apresentar-se a si próprio sob este ou aquele aspecto.<sup>23</sup>

Assim, o *ethos* para Aristóteles abrange também as qualidades intelectuais e do caráter do orador – prudência, virtude e benevolência – através das quais ele pode construir uma efetiva persuasão em seu discurso. Segundo May (1988, p. 2), “para ganhar crédito, confiança e convicção, o orador deve exibir *phronesis* (prudência, bom senso), *arete* (virtude) e *eunoia* (benevolência). A falta de uma ou mais dessas qualidades fará com que ele erre ou se prove ineficaz”.<sup>24</sup> Ao se afirmar que tais qualidades são construídas e exibidas no discurso, elas constituem um dos meios através dos quais o orador e seu discurso podem se estabelecer

<sup>22</sup> Cf. ARIST. *Rh.* II.1377b.

<sup>23</sup> Cf. ARIST. *Rh.* II. 1378a1.

<sup>24</sup> “To win trust, confidence, and conviction, the speaker must exhibit *phronesis* (intelligence, good sense), *arete* (virtue), and *eunoia* (goodwill). Lacking one or more of these qualities will cause him to err or prove ineffectual”.

como dignos de confiança, já que “o orador demonstra sua *phronesis*, *arete* e *eunoia* na forma como ele exerce sua escolha moral, ou *proairesis*”.<sup>25</sup>

Smith (2004) apresenta uma descrição do que seriam aquelas três qualidades intelectuais e morais que constituem o caráter do orador – a prudência, a virtude e a benevolência. Assim, “com base na descrição de Aristóteles, a prudência é parte do *ethos* porque está preocupada com a virtude intelectual. [...] é uma deliberação que resulta na escolha”.<sup>26</sup> Já a virtude é “um ‘estado do caráter’ preocupado com a ‘escolha’, e a escolha adequada contém virtude moral e/ou intelectual que conduzirá ou reforçará a felicidade”.<sup>27</sup> Além disso, a benevolência é “desejar o bem para os outros para o próprio bem deles; é o começo de uma amizade, mas não a mesma coisa que amizade, já que a amizade requer reciprocidade. (...) para a maioria dos públicos, benevolência gera mais credibilidade do que a amizade”.<sup>28</sup>

Sobre os conceitos de *phronesis* (prudência), *arete* (virtude) e *eunoia* (benevolência), Rapp (2009, p. 584) afirma, tendo em vista o orador, que

Se ele não exibisse nenhum deles, a audiência duvidaria de que ele fosse capaz de dar qualquer bom conselho. Ademais, se ele exibisse *phronesis* sem virtude ou benevolência, a audiência poderia duvidar se a intenção do orador é boa. Finalmente, se ele exibisse *phronesis* e virtude sem benevolência, a audiência poderia ainda duvidar se o orador apresenta a melhor ideia, ainda que ele saiba qual é. Porém, se ele exibisse todos eles, Aristóteles conclui, não se poderia (racionalmente) duvidar que suas ideias sejam dignas de crédito.<sup>29</sup>

Sendo a virtude uma característica fundamental para a persuasão, Aristóteles, em sua *Retórica* I.1366b, cita alguns elementos que a constituem: “A virtude é, como parece, o poder de produzir e conservar os bens, a faculdade de prestar muitos e relevantes serviços de toda a sorte e em todos os casos. Os elementos da virtude são a justiça, a coragem, a

---

<sup>25</sup> “The orator demonstrates his *phronesis*, *arete*, and *eunoia* in the way he exercises his moral choice, or *proairesis*” (MAY, 1988, p. 2).

<sup>26</sup> “Based on Aristotle’s description, practical wisdom is part of *ethos* because it is concerned with intellectual virtue. (...) is deliberation that results in the choice” (SMITH, 2004, p. 10-11).

<sup>27</sup> “(...) a ‘state of character’ concerned with ‘choice’, and the proper choice contains moral and/or intellectual virtue that will lead to or reinforce happiness” (*ibid.*, p. 7).

<sup>28</sup> “Thus, goodwill wishing good for others for their sake; it is the beginning of friendship but not the same thing as friendship, since friendship requires reciprocation. (...) for most audiences goodwill generates more credibility than friendship” (*ibid.*, p. 12).

<sup>29</sup> “If he displayed none of these, the audience would doubt that he is able to give good advice at all. Again, if he displayed *phronêsis* without virtue and good will, the audience could doubt whether the aims of the speaker are good. Finally, if he displayed *phronêsis* and virtue without good will, the audience could still doubt whether the speaker puts forward the best suggestion, though he might know what it is. But if he displays all of them, Aristotle concludes, it cannot (rationally) be doubted that his suggestions are credible”.

temperança, a magnificência, a magnanimidade, a liberalidade, a mansidão, a prudência e a sabedoria”. É pertinente destacar que essas virtudes mencionadas por Aristóteles se relacionam, de certa forma, com as categorias presentes em *De oratore*, em *Retórica a Herênio* e em *De inuentione*.

Em *Ética a Nicômaco*,<sup>30</sup> Aristóteles expõe que “para alguém ser bom é preciso encontrar-se em determinada disposição quando pratica cada um desses atos” (6.12) e “cada tipo de caráter pertence por natureza aos que o manifestam, e que desde o momento de nascer somos justos, ou capazes de nos dominar, ou bravos, ou possuímos qualquer outra qualidade moral” (6.13).<sup>31</sup> Aqui, todos nascem com alguma qualidade moral e os atos praticados determinam a natureza dos estados de caráter, ou seja, o *ethos* se estabelece a partir das atividades e atitudes. Na *Retórica*, contudo, Aristóteles expõe outra percepção: o orador deve construir seu *ethos* ideal com tais qualidades no discurso, ou seja, para a efetiva persuasão, é necessário que o orador convença a audiência a respeito dessas qualidades.

Além disso, considerando que “muito conta para a persuasão [...] a forma como o orador se apresenta e como dá a entender as suas disposições aos ouvintes”,<sup>32</sup> Aristóteles, II.1388b, também faz algumas considerações sobre os tipos de caracteres:

vamos tratar dos tipos de caráter, segundo as paixões, os hábitos, as idades e a fortuna. Por paixões entendo a ira, o desejo e outras emoções da mesma natureza de que falamos anteriormente, assim como hábitos, virtudes e vícios. Sobre isto também já falamos antes, e que tipo de coisas cada pessoa prefere e quais as que pratica. As idades são: juventude, maturidade e velhice. Por fortuna entendo origem nobre, riqueza, poder, e seus contrários e, em geral, boa e má sorte.

Assim, “o ἦθος é definido aqui não como a combinação normativa de diferentes qualidades morais, mas como um todo, que inclui quatro coordenadas definidoras que são as paixões (πάθη), os hábitos (ἔξεις) entendidos como virtudes e vícios, a idade (ἡλικία) e as fortunas (τύχαι)”.<sup>33</sup> E ainda, em I.1365b, Aristóteles afirma: “O maior e mais eficaz de todos os meios para se poder persuadir e aconselhar bem é compreender as distintas formas de governo, e distinguir os seus caracteres, instituições e interesses particulares”.

<sup>30</sup> Em *Ética a Nicômaco*, I.5, Aristóteles trata também do que se deve entender por virtude.

<sup>31</sup> Traduções de Leonel Vallandro e Gerd Bornheim. Cf. ARIST. *Eth. Nic.* 6.13.

<sup>32</sup> Cf. ARIST. *Rh.* II. 1377b.

<sup>33</sup> “L’ ἦθος est défini ici non comme l’association normative de différentes qualités morales, mais comme un ensemble qui subsume quatre coordonnées définitoires que sont les passions (πάθη), les dispositions (ἔξεις) entendues comme vertus et vices, l’âge (ἡλικία) et les accidents (τύχαι)” (GUÉRIN, 2009a, p. 142).

Pode-se dizer que “Aristóteles concebia, assim, um primeiro ἦθος, que se pode qualificar de referencial, reunindo as coordenadas reais do orador: idade, sexo, etnia, contexto político. Mas ele acrescenta um segundo tipo de ἦθος, correspondente à elaboração discursiva da imagem do orador e destinado a estabelecer sua credibilidade”.<sup>34</sup> Se “as características que compõem o ἦθος discursivo do orador (...) estão todas relacionadas com o lado moral e intelectual de sua imagem”,<sup>35</sup> há, porém, um *ethos*, tido como referencial, com as características reais, ou seja, “o ἦθος referencial envolverá apenas as características naturais e sociais do orador, enquanto o ἦθος discursivo apresenta seu retrato moral e intelectual”.<sup>36</sup>

Destacamos ainda o que nos diz Aristóteles, *Rh.* III.1408a:

Esta mesma exposição enunciativa, sendo constituída por signos, exprime caracteres quando a acompanha uma expressão apropriada a cada “classe” ou “maneira de ser”. Denomino “classe” o relativo à idade, como por exemplo, criança ou homem ou velho; ou mulher e homem; ou lacônico ou tessálio; “maneiras de ser”, aquilo segundo o que cada um é como é na vida, pois nem toda maneira de ser corresponde a que as vidas sejam do tipo que são.

Segundo o mesmo Guérin (2009a, p. 144), que estamos citando aqui,

O conhecimento preciso das particularidades relacionadas aos tipos de caracteres e aos sistemas políticos a que pertence o público representa, portanto, uma garantia da eficácia na persuasão. Ele permitirá que o orador adapte o seu próprio ἦθος ao de seus ouvintes, tornando-se, assim, a condição de possibilidade de uma persuasão através da prova ética. Percebe-se imediatamente quanto é central a noção de ἦθος, quer ela se aplique ao público, quer ao próprio orador.<sup>37</sup>

Então, considerando-se o *ethos* discursivo, as três qualidades intelectuais e morais expostas por Aristóteles na *Retórica* contribuem para o *ethos*, pois a falta de prudência, uma qualidade intelectual, pode acarretar opiniões incorretas no discurso, a presença de virtude indica a ausência de fraqueza moral e é a benevolência que faz o orador atingir

<sup>34</sup> “Aristote concevait ainsi un premier ἦθος, que l’on peut qualifier de référentiel, regroupant les coordonnées réelles de l’orateur: âge, sexe, ethnie, environnement politique. Mais il y ajoutait un second type de ἦθος, correspondant à l’élaboration discursive de l’image de l’orateur et venant asseoir sa crédibilité” (*ibid.*, p. 9).

<sup>35</sup> “Les caractéristiques qui composent l’ἦθος discursif de l’orateur (...) sont toutes liées au versant moral et intellectuel de son image” (*ibid.*, p. 179).

<sup>36</sup> “L’ἦθος référentiel fera intervenir les seules caractéristiques naturelles et sociales, quand l’ἦθος discursif représentera son portrait moral et intellectuel” (*ibid.*, p. 141).

<sup>37</sup> “La connaissance précise des particularités liées aux classes de caractère et aux systèmes politiques auxquels appartient l’auditoire représente donc une garantie d’efficacité dans la persuasion. Elle permettra à l’orateur d’adapter son propre ἦθος à celui de ses auditeurs, et devient ainsi la condition de possibilité d’une persuasion au moyen de la preuve éthique. On perçoit d’emblée combien est centrale la notion d’ἦθος, que celle-ci s’applique au public ou à l’orateur lui même”.

persuasivamente o seu público. Essas características, que preferencialmente devem ser inerentes ao orador para a construção de seu *ethos*, são, inclusive, elementos muito importantes para ele, em sua prática e estratégia persuasiva, de tal forma que permitem que se aproxime do seu público e ganhe confiança, alcançando seus objetivos discursivos, já que, para Aristóteles, “como todos aceitamos favoravelmente discursos que são conformes ao caráter de cada um e dos que nos são semelhantes, não é difícil descortinar como é que as pessoas podem se servir destes discursos para tanto nós como as nossas palavras assumirem tal aparência”.<sup>38</sup>

Como o objetivo do orador é convencer alguém a respeito de determinado assunto, ele deve levar em consideração os ouvintes, conhecer e entender o caráter que os constitui, para que seu *ethos* no discurso seja semelhante e o seu discurso cumpra seu papel persuasivo, norteando-se, então, pelo conjunto das qualidades morais, “paixões, hábitos, idades e fortuna”.

A partir da concepção de que o *ethos* é uma prova de persuasão, ou até mesmo uma ferramenta discursivo-persuasiva, pode-se dizer que ele se manifesta no discurso tendo em vista seu objetivo persuasivo. Além disso, a afirmação de que o orador é capaz de forjar sua moral, ou seja, que o *ethos* se manifesta no discurso, corrobora a ideia da construção de um determinado caráter do orador ao longo do discurso.

Segundo Smith (2004, p. 2),

Para Aristóteles, é um fato: todos têm *ethos*, sendo este nobre ou ignóbil. Antes mesmo de alguém falar, o *ethos* tem uma dimensão ontológica porque emerge do modo de cada um de tomar decisões, da maneira de conduzir a rotina do dia a dia, do modo de viver. Tais decisões são informadas pelos valores, pela sabedoria prática e pela benevolência de cada um (...) ele examina não o que é dado na cultura, mas a noção de *ethos* como uma manifestação pública de uma pessoa.<sup>39</sup>

Dessa forma, pode-se dizer que o *ethos*, na concepção de Aristóteles, é a construção do caráter do orador a depender da situação em que o discurso se insere, do público e do objetivo. É possível que o orador possua qualidades em seu caráter naturalmente

---

<sup>38</sup> Cf. ARIST. *Rh.* II.1390a1.

<sup>39</sup> “For Aristotle, it is a given: everyone has *ethos* whether it be noble or ignoble. Before one even speaks, that *ethos* has an ontological dimension because it emerges from the way one makes decisions, the way one lives on a day-to-day basis, the way one dwells. Those decisions are informed by one’s values, one’s practical wisdom, and one’s goodwill (...) he examines not what is given in the culture, but the notion of *ethos* as the *public* manifestation of a person”.

e, inclusive, seja (re)conhecido publicamente por isso. Entretanto, mesmo quando ele não possua ou prudência ou virtude ou benevolência, por exemplo, o bom orador que visa à persuasão deve ser capaz de fazer uso dessa que é uma das *pisteis*, o *ethos*, e construir o seu caráter no discurso de modo que atinja seu objetivo persuasivo, já que, “um discurso evidencia o *ethos* quando ele é ‘pronunciado de tal maneira’ que o orador é considerado ‘digno de crença’”.<sup>40</sup>

---

<sup>40</sup> “Furthermore, a speech evinces *ethos* when it is ‘spoken in such a way’ that the speaker is made ‘worthy of credence’” (SMITH, 2004, p. 12).

## 2.2. O ETHOS REFORMULADO EM *RHETORICA AD HERENNIVM* E EM *DE INVENTIONE*

Sabe-se que em 55 a.C., três séculos após a *Retórica* de Aristóteles, Cícero apresenta uma reformulação do conceito de *ethos* em *De oratore* com o verbo *conciliare*, principalmente. Porém, antes de tratar dessa obra, é necessário expor alguns conceitos presentes tanto em *De inuentione*, de Cícero, quanto em *Rhetorica ad Herennium*,<sup>41</sup> já que, segundo Wisse (1989, p. 78), ambas as obras são baseadas no sistema aristotélico e “o papel do *ethos* era classificado dentro das *partes orationis*”.<sup>42</sup> Segundo Gaines (2007, p. 168), *De inuentione* e *Rhetorica ad Herennium* dialogam no sentido de que “ambas reconhecem cinco atividades funcionais: invenção, disposição, elocução, memória e pronúnciação; (...) ambas reconhecem seis partes de um discurso retórico: exórdio, narração, divisão, confirmação, refutação e conclusão”.<sup>43</sup>

O primeiro trabalho retórico de Cícero foi *De inuentione*, provavelmente concluído em 88 a.C. As duas obras, *De inuentione* e o tratado anônimo *Rhetorica ad Herennium*, têm como objetivo treinar o leitor na fala pública e desenvolver a competência oratória.<sup>44</sup>

No início de seu *De inuentione*<sup>45</sup> 1.6, Cícero afirma que a habilidade retórica ou oratória tem como função e finalidade, respectivamente, “falar de modo a persuadir” e “persuadir pela fala”.<sup>46</sup> Em *Rhet.Her.*<sup>47</sup> 1.2, tem-se a afirmação: “O ofício do orador é poder discorrer sobre as coisas que o costume e as leis instituíram para o uso civil, mantendo o assentimento dos ouvintes até onde for possível”.<sup>48</sup> É importante destacar as expressões *dicere ad persuasionem*, *persuadere* e *cum adsensione auditorum*, assinalando-se que a palavra *adsensio* (ou *assensio*) é definida no *OLD* (*assensio*) como “aprovação”, “consentimento” e

<sup>41</sup> Neste trabalho, não se assume nenhuma posição sobre o debate a respeito da autoria da obra *Rhetorica ad Herennium*. O manual é levado em conta devido à sua importância para a Retórica e à sua semelhança com o *De inuentione*, de Cícero, em relação ao conteúdo. Assume-se, aqui, que seja um tratado anônimo.

<sup>42</sup> “(...) the role of ethos was subsumed under the *partes orationis*” (MAY, 1988, p. 3).

<sup>43</sup> “In fact, (...) both recognize five functional activities: invention, arrangement, expression, memory, and delivery; (...) both recognize six parts of a rhetorical speech: exordium, narration, partition, confirmation, refutation, and conclusion”.

<sup>44</sup> Cf. MAY (2002, p. 3) e CORBEILL (2002, p. 29).

<sup>45</sup> As traduções dos trechos da obra *De inuentione* são nossas.

<sup>46</sup> *dicere apposite ad persuasionem; finis persuadere dictione*.

<sup>47</sup> Os trechos citados da obra *Rhetorica ad Herennium* seguem a tradução de Ana Paula Celestino Faria e Adriana Seabra.

<sup>48</sup> *Oratoris officium est de iis rebus posse dicere, quae res ad usum civilem moribus et legibus constitutae sunt, cum adsensione auditorum, quoad eius fieri poterit.*

“concordar com a verdade de uma proposição”. Assim, em ambos os trechos, há a ideia de que o orador tem por meta persuadir o auditório através da fala.

Em seguida, em *Inv.*1.9, Cícero divide as funções (*officia*) do orador em cinco partes – são as partes da retórica:

*Inuentio* é a concepção de tópicos verdadeiros ou verossímeis, que tornem a causa provável; *dispositio* é a distribuição dos tópicos concebidos numa ordem; *elocutio* é a justa disposição das palavras e dos pensamentos convenientes aos tópicos concebidos; *memoria* é a retenção duradoura na mente dos tópicos e das palavras [para a invenção dos tópicos]; *pronuntiatio* é a moderação da voz e do corpo de acordo com a dignidade dos tópicos e das palavras (grifos nossos).<sup>49</sup>

Essa mesma divisão aparece em *Rhet.Her.*1.3:

O orador deve ter invenção, disposição, elocução, memória e pronúnciação. *Invenção* é a descoberta de coisas verdadeiras ou verossímeis que tornem a causa provável. *Disposição* é a ordenação e distribuição dessas coisas: mostra o que deve ser colocado em cada lugar. *Elocução* é a acomodação de palavras e pensamentos adequados à invenção. *Memória* é a firme apreensão, no ânimo, das coisas, das palavras e da disposição. *Pronúnciação* é a moderação, com encanto, de voz, semblante e gesto (grifos nossos e trecho com a tradução modificada).<sup>50</sup>

Assim, percebe-se tanto na obra de Cícero como na do autor anônimo a divisão do estudo da retórica em cinco partes e a *inuentio* envolve a elaboração/construção (*excogitatio*) dos tópicos (*res*) do discurso de tal modo que se exprima uma versão plausível dos fatos e confiança a respeito daquilo que se fala. Segundo Wisse (1989, p. 212), a “invenção” se manifesta através das próprias partes do discurso, onde há os argumentos racionais que estão conectados com o *ethos*. Desse modo, a cada parte do discurso, sendo elas o exórdio, a

---

<sup>49</sup> *Inuentio est excogitatio rerum uerarum aut ueri similium quae causam probabilem reddant; dispositio est rerum inuentarum in ordinem distributio; elocutio est idoneorum uerborum [et sententiarum] ad inuentionem accommodatio; memoria est firma animi rerum ac uerborum [ad inuentionem] perceptio; pronuntiatio est ex rerum et uerborum dignitate uocis et corporis moderatio.*

<sup>50</sup> *Oportet igitur esse in oratore inuentionem, dispositionem, elocutionem, memoriam, pronuntiationem. Inuentio est excogitatio rerum uerarum aut ueri similium, quae causam probabilem reddant. Dispositio est ordo et distributio rerum, quae demonstrat, quid quibus locis sit conlocandum. Elocutio est idoneorum uerborum et sententiarum ad inuentionem adcommoatio. Memoria est firma animi rerum et uerborum et dispositionis perceptio. Pronuntiatio est uocis, uultus, gestus moderatio cum uenustate.*

narração, a divisão, a confirmação, a refutação e a conclusão, são atribuídos os *officia oratoris*.<sup>51</sup>

Sobre a *inuentio*, pode-se afirmar ainda que “esta é a descoberta de ideias e técnicas a serem usadas ao longo do discurso que serão propícias para demonstrar a posição de alguém. (...) Invenção é a mais teoricamente elaborada das divisões da habilidade do orador”.<sup>52</sup> E em *Rhet.Her.1.4*, tem-se que:

A invenção é empregada nas seis partes do discurso: exórdio, narração, divisão, confirmação, refutação e conclusão. Exórdio é o começo do discurso, por meio do qual se dispõe o ânimo do ouvinte a ouvir. Narração é a exposição das coisas como ocorreram ou como poderiam ter ocorrido. Divisão é o meio pelo qual explicitamos o que está concorde e o que está em controvérsia e anunciamos o que vamos falar. Confirmação é a apresentação dos nossos argumentos com asseveração. Refutação é a destruição dos argumentos contrários. Conclusão é o término do discurso, de acordo com as regras da arte.<sup>53</sup>

Assim, a *inuentio* está diretamente relacionada com cada uma das seis partes do discurso. Já em *Inv.*, Cícero tem como foco a invenção, a qual é desenvolvida ao longo dos dois outros livros; em 1.9, o orador afirma que, ao longo do livro, “considerar-se-á qual tipo de qualidade deve ter a invenção, que é a principal de todas as partes, que é a mais importante em todo tipo de causas”.<sup>54</sup> E diz, em 1.19, que “as partes do discurso nos parecem ser no total seis: exórdio, narração, divisão, confirmação, refutação, conclusão”.<sup>55</sup>

Destacamos, contudo, que Aristóteles não atribui as provas de persuasão, dentre elas o *ethos*, às partes do discurso, já que para o autor “são duas as partes do discurso. É forçoso enunciar o assunto de que se trata e depois proceder à sua demonstração. (...) Destas

<sup>51</sup> Cf. QUINT. *Inst.*, 3.3.1: *Omnis autem orandi ratio, ut plurimi maximique auctores tradiderunt, quinque partibus constat: inuentione, dispositione, elocutione, memoria, pronuntiatione siue actione (utroque enim modo dicitur)*. “No entanto, a arte oratória, segundo ensinaram a maioria dos autores e os expoentes máximos, consta de cinco partes: a invenção, a disposição, a elocução, a memória e a pronúnciação ou ação, pois se diz dos dois modos”.

<sup>52</sup> “This is the discovery of ideas and techniques to be used in the course of the speech that will be conducive to demonstrating one’s position. (...) Invention is the most theoretically elaborated of the divisions of the orator’s art” (cf. Appendix I – Rhetorical terms, p. 292-293. In: GUNDERSON, 2009).

<sup>53</sup> *Inuentio in sex partes orationis consumitur: in exordium, narrationem, diuisionem, confirmationem, confutationem, conclusionem. Exordium est principium orationis, per quod animus auditoris constituitur ad audiendum. Narratio est rerum gestarum aut proinde ut gestarum expositio. Diuisio est, per quam aperimus, quid conueniat, quid in controuersia sit, et per quam exponimus, quibus de rebus simus acturi. Confirmatio est nostrorum argumentorum expositio cum adseueratione. Confutatio est contrariorum locorum dissolutio. Conclusio est artificiosus orationis terminus. Cf. Inv.1.19.*

<sup>54</sup> *Quare inuentio, quae princeps est omnium partium, potissimum in omni causarum genere, qualis debeat esse, consideretur.*

<sup>55</sup> *Eae partes sex esse omnino nobis uidentur: exordium, narratio, partitio, confirmatio, reprehensio, conclusio.*

duas partes do discurso, uma é a exposição, outra são as provas, tal como se se fizesse a distinção de que uma coisa é o problema, outra a sua demonstração” (III, 1414a). Na *Retórica*, o *ethos*, o caráter, se relaciona com as provas de persuasão fornecidas pelo discurso retórico em sua totalidade e não com seções específicas.

A capacidade do orador de “inventar”<sup>56</sup> o conteúdo do discurso para a persuasão está presente tanto em *De inuentione* quanto em *Rhetorica ad Herennium*. Em um discurso, além de o orador poder inventar e elaborar os tópicos a fim de torná-los verossímeis, ele também pode persuadir os ouvintes através da construção da sua própria imagem, por exemplo. E, de todas as partes do discurso, é no detalhamento do exórdio em que são expostas, em ambas as obras, algumas características essenciais para a construção de uma possível relação entre a *inuentione* e a construção do *ethos* no discurso, já que o exórdio é tido como um meio para “dispor o ânimo do ouvinte a ouvir” (*animus auditoris constituitur ad audiendum*).

Assim, em *Inv.* 1.20 e 1.22, tem-se:

20. Exórdio é o discurso que dispõe o ânimo do ouvinte de modo conveniente ao restante do discurso: o que acontecerá se o tiver tornado benevolente, atento e disposto. (...) 22. Benevolência é produzida de quatro maneiras: baseada em nós, baseada nos adversários, baseada nas pessoas que julgamos, baseada na causa. A partir de nós, se falarmos sobre os nossos feitos e deveres sem arrogância; se desfizermos as acusações feitas e quaisquer suspeitas menos honestas lançadas contra nós; se nos estendermos sobre os inconvenientes que tenham acontecido ou sobre as dificuldades que permanecem iminentes; se nos servirmos de preces e súplicas humildes e suplicantes. A partir dos adversários, contudo, se os fizermos objeto de ódio ou de indignação ou de desprezo. Eles serão objeto de ódio se algum de seus feitos for apresentado como obsceno, soberbo, cruel e de má fé; de indignação, se forem expostos sua violência, seu poder, suas riquezas, seus parentes, seus bens e o uso intolerável e arrogante dessas coisas, de modo que eles pareçam confiar mais nestas coisas do que nas suas causas; serão objeto de desprezo, se forem expostos sua preguiça, sua negligência, sua indolência, seu trabalho inútil e seu ócio luxurioso. A benevolência será adquirida a partir dos ouvintes se forem proferidos os feitos realizados por eles de modo corajoso, prudente e brando (...). A partir

---

<sup>56</sup> A palavra *inuentione*, invenção, aqui, relaciona-se com o objetivo do orador em estabelecer o conteúdo do discurso, ou seja, ele deve compilar e escolher o conteúdo e os argumentos adequados para a exposição e defesa de seu ponto de vista no discurso.

das circunstâncias, se exaltarmos nossa causa com louvores, e depreciarmos a causa dos adversários através do desprezo.<sup>57</sup>

Também há discussão a respeito do exórdio em *Rhet. Her.* 1.7-8:

7. Visto, então, que desejamos ter um ouvinte dócil, benevolente e atento, explicaremos o que se pode fazer e de que modo. (...) 8. Podemos tornar os ouvintes benevolentes de quatro maneiras: baseados em nossa pessoa, na de nossos adversários, na dos ouvintes e na própria matéria.

Baseados em nossa pessoa, obteremos benevolência se louvamos nosso ofício sem arrogância; também se mencionarmos o que fizemos para o bem da República, de nossos pais, amigos ou daqueles que nos ouvem, desde que tudo isso seja acomodado à causa que defendemos; também se declararmos nossas desvantagens, desgraças, desamparo, desventura e rogarmos que nos venham em auxílio, dizendo que não queremos depositar nossas esperanças em outrem.

Baseados na pessoa dos adversários, granjearemos a benevolência se levarmos os ouvintes ao ódio, à indignação e ao desprezo. Ao ódio havemos de arrebatar-los se alegarmos que aqueles agiram com baixaza, insolência, perfídia, crueldade, impudência, malícia e depravação. À indignação os moveremos se falarmos da violência dos adversários, da tirania, das facções, da riqueza, intemperança, notoriedade, clientela, laços de hospitalidade, confraria, parentesco, e revelarmos que se fiam mais nesses recursos do que na verdade. Ao desprezo os conduziremos se expusermos a inércia dos adversários, sua covardia, ociosidade e luxúria.

Baseados na pessoa dos ouvintes, alcançaremos a benevolência se citarmos as causas que julgaram com coragem, sabedoria, mansidão e magnificência, e se revelarmos de que estima gozam e quais as expectativas quanto ao julgamento.

Baseados nas próprias coisas, tornaremos o ouvinte benevolente se elevarmos a nossa causa com louvores e rebaixarmos a do adversário com desprezo.<sup>58</sup>

<sup>57</sup> 20. *Exordium est oratio animum auditoris idonee comparans ad reliquam dictionem; quod eueniet, si eum beniuolum, attentum, docilem confecerit. (...) 22. Beniulencia quattuor ex locis comparatur: ab nostra, ab aduersariorum, ab iudicum persona, a causa. Ab nostra, si de nostris factis et officiis sine arrogantia dicemus; si crimina illata et aliquas minus honestas suspiciones iniectas diluemus; si, quae incommoda acciderint aut quae instent difficultates proferemus; si prece et obsecratione humili ac supplici utemur. Ab aduersariorum autem, si eos aut in odium aut in inuidiam aut in contempionem adducemus. In odium ducentur si quod eorum spurce, superbe, crudeliter, malitiose factum proferetur; in inuidiam, si uis eorum, potentia, diuitiae, cognatio [pecuniae], proferentur atque eorum usus arrogans et intolerabilis, ut his rebus magis uideantur quam causae suae confidere; in contempionem adducuntur si eorum inertia, negligentia, ignauia, desidiosum studium et luxuriosum otium proferetur. Ab auditorum persona beniuolentia captabitur si res ab iis fortiter, sapienter, mansuete gestae proferentur (...). Ab rebus, si nostram causam laudando extollemus, aduersariorum causam per contempionem deprimemus (tradução nossa).*

<sup>58</sup> 7. *Quoniam igitur docilem, beniuolum, attentum auditorem habere uolumus, quo modo quidque effici possit, aperiemus. (...) 8. Beniulos auditores facere quattuor modis possumus: ab nostra, ab aduersariorum nostrorum, ab auditorum persona, et ab rebus ipsis. Ab nostra persona beniuolentiam contrahemus, si nostrum officium sine adrogantia laudabimus, atque in rem publicam quales fuerimus aut in parentes aut in amicos aut in*

A Tabela 1 abaixo aponta, de modo mais sistemático, as semelhanças entre os dois textos, com os termos latinos em questão:

**Tabela 1 – Semelhanças entre *De inuentione e Rhetorica ad Herennium***

<i>Inv.1.20 e 1.22</i>	<i>Rhet.Her.1.7-8</i>
<i>eum beniuolum, attentum, docilem confecerit</i>	<i>docilem, beniuolum, attentum auditorem</i>
<i>Beniuolentia quattuor ex locis comparatur: ab nostra, ab aduersariorum, ab iudicum persona, a causa.</i>	<i>Beniuolos auditores facere quattuor modis possumus: ab nostra, ab aduersariorum nostrorum, ab auditorum persona, et ab rebus ipsis.</i>
<i>Ab nostra, si de nostris factis et officiis sine arrogancia dicemus</i>	<i>Ab nostra persona beniuolentiam contrahemus, si nostrum officium sine adrogancia laudabimus</i>
<i>Ab aduersariorum autem, si eos aut in odium aut in inuidiam aut in contemptionem adducemus. In odium ducentur si quod eorum spurce, superbe, crudeliter, malitiose factum proferetur; in inuidiam, si uis eorum, potentia, diuitiae, cognatio [pecuniae], proferentur atque eorum usus arrogans et intolerabilis, ut his rebus magis uideantur quam causae suae confidere; in contemptionem adducentur si eorum inertia, neglegentia, ignauia, desidiosum studium et luxuriosum otium proferetur.</i>	<i>Ab aduersariorum persona beniuolentia captabitur, si eos in odium, in inuidiam, in contemptionem adducemus. In odium rapiemus, si quid eorum spurce, superbe, perfidiose, crudeliter, confidenter, malitiose, flagitiose factum proferemus. In inuidiam trahemus, si uim, si potentiam, si factionem, diuitias, incontinentiam, nobilitatem, clientelas, hospitium, sodalitatem, adfinitates aduersariorum proferemus, et his adiumentis magis quam ueritati eos confidere aperiemus. In contemptionem adducemus, si inertiam</i>

---

*eos, qui audiunt aliquid referemus, dum haec omnia ad eam ipsam rem, qua de agitur, sint adcommodata. Item si nostra incommoda proferemus, inopiam, solitudinem, calamitatem; et si orabimus, ut nobis sint auxilio et simul ostendemus nos in aliis noluisse spem habere. Ab aduersariorum persona beniuolentia captabitur, si eos in odium, in inuidiam, in contemptionem adducemus. In odium rapiemus, si quid eorum spurce, superbe, perfidiose, crudeliter, confidenter, malitiose, flagitiose factum proferemus. In inuidiam trahemus, si uim, si potentiam, si factionem, diuitias, incontinentiam, nobilitatem, clientelas, hospitium, sodalitatem, adfinitates aduersariorum proferemus, et his adiumentis magis quam ueritati eos confidere aperiemus. In contemptionem adducemus, si inertiam ignauiam, desidiam luxuriam aduersariorum proferemus. Ab auditorum persona beniuolentia colligitur, si res eorum fortiter, sapienter, mansuete, magnifice iudicatas proferemus; et si, quae de iis existimatio, quae iudicii expectatio sit, aperiemus. Ab rebus ipsis beniuolum efficiemus auditorem, si nostram causam laudando extollemus, aduersariorum per contemptionem deprimemus.*

	<i>ignauiam, desidiam luxuriam aduersariorum proferemus.</i>
<i>Ab auditorum persona beniuolentia captabitur si res ab iis fortiter, sapienter, mansuete gestae proferentur (...).</i>	<i>Ab auditorum persona beniuolentia colligitur, si res eorum fortiter, sapienter, mansuete, magnifice iudicatas proferemus;</i>
<i>Ab rebus, si nostram causam laudando extollemus, aduersariorum causam per contemptionem deprimemus</i>	<i>Ab rebus ipsis beniuolum efficiemus auditorem, si nostram causam laudando extollemus, aduersariorum per contemptionem deprimemus.</i>

Com as seleções dos trechos acima, é possível perceber que as características expostas no exórdio são de fundamental importância para a persuasão do ouvinte através do discurso, ou seja, o exórdio apresenta algumas tarefas que o orador deve realizar para dispor o ânimo do ouvinte e torná-lo atento, disposto e, principalmente, benevolente. Assim, além de enfatizar a função persuasiva do discurso retórico, o exórdio enfatiza a obtenção da benevolência por parte dos ouvintes.

Em ambas as obras, a benevolência pode ser produzida (*beniuolentia comparatur*) ou obtida (*beniuolentiam contrahemus*) no discurso através da pessoa do orador, do adversário, do ouvinte ou através da própria *res*. Assim, pode-se inferir que o processo para obter a benevolência “exige” que o orador, de certa forma, exponha uma determinada imagem de si e de seus feitos de modo positivo, já a de seu adversário, por consequência, de modo negativo.

Então, no discurso, o objetivo é que haja um contraste e uma dicotomia entre o orador e seu adversário, ou seja, o orador, por exemplo, defende seus feitos e a si mesmo, enaltecendo os pontos positivos, e acusa o seu adversário, apontando, propositadamente, apenas os pontos negativos e incitando o ódio, a indignação e o desprezo a ele. Nos dois trechos de *Inv.1.22* e de *Rhet.Her.1.8*, os autores expõem as características positivas que o orador pode atribuir a si mesmo e as negativas que podem ser atribuídas aos adversários. Tal “orientação” tem como objetivo tanto persuadir o ouvinte quanto reforçar a construção da imagem positiva do orador e de seu cliente, no caso do contexto judiciário, em comparação com a imagem negativa do adversário. É interessante destacar as expressões *ab nostra* e *ab aduersariorum*, em *Inv.1.22*, e *ab nostra persona* e *ab aduersariorum persona*, em

*Rhet.Her.*1.8, já que elas reforçam a ideia de que se pode persuadir no discurso através da imagem tanto do orador quanto do adversário.

Portanto, conforme os trechos de *Inv.*1.22 e de *Rhet.Her.*1.8 que vimos, o orador deve enaltecer seus feitos *sine arrogantia*, esclarecer todas as situações que dizem respeito a si mesmo, fazer uso de *prece et obsecratione* e enfatizar os serviços prestados a outrem. As expressões “crueldade”, “impudência”, “depravação”, “violência”, “tirania”, “covardia”, “ociosidade” e o “uso intolerável e arrogante das coisas” (*crudeliter, confidenter, flagitiose, uim, potentiam, ignauiam, desidiam* e *eorum usus arrogans et intolerabilis*) destacam algumas características que podem contribuir para uma imagem negativa do adversário.

Além disso, em *Rhetorica ad Herennium*, há um aspecto relacionado à valorização dos feitos em prol da República e isso se mostra muito importante, pois Cícero, em sua primeira *Filípica*, por exemplo, a todo o momento procurará evidenciar que é um verdadeiro defensor da República, ao mesmo tempo em que tenta construir uma imagem negativa de Marco Antônio, acusando-o de agir contra a conservação da República. Fica evidente que em sua primeira *Filípica*, dirigida aos senadores, Cícero se retrata como alguém que almeja a restauração da República após o assassinato de Júlio César e, na segunda *Filípica*, o orador persiste na valorização dos feitos em prol da República.

Tanto no tratado anônimo *Rhetorica ad Herennium* quanto em *De inuentione* é possível inferir que o orador deve ser capaz de selecionar o conteúdo do discurso a fim de obter a benevolência dos ouvintes. Obtém-se a benevolência através da pessoa do orador ou da pessoa do adversário, contrastando-os em relação às suas características. Não temos uma reformulação direta para o conceito de *ethos*, como veremos no item a seguir com o verbo *conciliare* na obra *De oratore* de Cícero, porém já se traduz a ideia de persuasão e construção do caráter no discurso. Vemos, então, a importância de não restringir a noção de *ethos* à imagem de si construída no discurso pelo orador, em detrimento da imagem complementar do adversário; as *Filípicas* mostrarão como o *ethos* de Cícero é construído também em oposição ao de seu adversário. Nesse sentido, a noção de “imagem de si”, tão explorada na Análise do Discurso moderna quando se fala em *ethos*, deve ter em conta a imagem do outro que se combate e se coloca como contraponto negativo da “imagem de si”.

### 2.3. A REFORMULAÇÃO DO CONCEITO DE *ETHOS* EM *DE ORATORE* E AS CATEGORIAS PRESENTES NA SEÇÃO 2.182

Em 55 a.C., um período marcado por problemas tanto políticos como pessoais na vida de Cícero, sua obra *De oratore* se destacou como seu principal trabalho na oratória.<sup>59</sup> Cícero, em determinadas partes de seu *De oratore*, “oferece uma divisão da invenção em três fatores de persuasão: argumentos racionais, *ethos* (a apresentação do caráter do orador e do seu cliente) e *pathos* (o despertar das emoções do público)”.<sup>60</sup> Contudo, é fundamental enfatizar que Cícero, como já mencionamos, não faz uso da palavra *ethos* em *De oratore*, apenas reformula e adapta tal conceito, numa “revisão do esquema tripartido de Aristóteles” que “mostra a inventividade retórica de Cícero. (...) Cícero encontra novos sentidos e usos para o *ethos*, *logos* e *pathos*”.<sup>61</sup>

Cícero, através de Crasso, em 1.138, expõe que “o primeiro ofício do orador é discursar de maneira adequada para atingir a persuasão”<sup>62</sup>, enfatizando, assim, a função do discurso oratório já formulada em Aristóteles. Então, em 1.142-143, afirma:

142. Uma vez que se dividiu todo o poder e faculdade do orador em cinco partes – dever, em primeiro lugar, encontrar o que dizer; em seguida, arranjar e dispor o que se encontrou não apenas segundo uma ordem, mas também segundo sua importância, com discernimento; então, enfim, vesti-lo e orná-lo com o discurso; depois, guardá-lo na memória; por último, atuar com dignidade e graça –, 143. também conhecera e aprendera o seguinte: antes de entrarmos no assunto propriamente dito, deve-se, inicialmente, cativar os ânimos dos ouvintes; em seguida, deve-se descrever o caso, depois, estabelecer a controvérsia, então provar aquilo que pretendemos, em seguida, refutar o que se disse contra e, no fim do discurso, amplificar e aumentar os elementos a nosso favor e debilitar e enfraquecer os favoráveis ao adversário.<sup>63</sup>

<sup>59</sup> Cf. RABBIE (2007, p. 208).

<sup>60</sup> “offers a division of invention into three factors of persuasion, viz. rational arguments, *ethos* (the presentation of the character of the speaker and his client) and *pathos* (the arousing of emotions in the audience)” (WISSE, 1989, p. 2).

<sup>61</sup> “This revision of Aristotle’s tripartite schema shows Cicero’s rhetorical inventiveness. (...) Cicero finds new meanings and uses for *ethos*, *logos*, and *pathos*” (OLMSTED, 2006, p. 27).

<sup>62</sup> *primum oratoris officium esse dicere ad persuadendum accommodare.*

<sup>63</sup> 142. *cumque esset omnis oratoris vis ac facultas in quinque partis distributa, ut deberet reperire primum quid diceret, deinde inuenta non solum ordine, sed etiam momento quodam atque iudicio dispensare atque componere; tum ea denique uestire atque ornare oratione; post memoria saepire; ad extremum agere cum dignitate ac uenustate.* 143. *Etiam illa cognoram et acceperam, ante quam de re diceremus, initio conciliandos eorum esse animos, qui audirent; deinde rem demonstrandam; postea controuersiam constituendam; tum id, quod nos intenderemus, confirmandum; post, quae contra dicerentur, refellenda; extrema autem oratione ea, quae pro nobis essent, amplificanda et augenda, quaeque essent pro aduersariis, infirmanda atque frangenda.*

Pode-se perceber a referência à divisão das funções do orador no discurso em cinco partes, já exposta em *De inuentione* (1.9) e em *Rhetorica ad Herennium* (1.3): Invenção (“encontrar o que dizer”), Disposição (“arranjar e dispor o que se encontrou”), Elocução (“vesti-lo e orná-lo com o discurso”), Memória (“guardá-lo na memória”) e Pronúnciação (“atuar com dignidade e graça”). Em seguida, há: Exórdio (“cativar os ânimos”), Narração (“descrever o caso”), Divisão (“estabelecer a controvérsia”), Confirmação (“provar aquilo que pretendemos”), Refutação (“refutar o que se disse contra”) e Conclusão (“amplificar e aumentar os elementos a nosso favor e debilitar e enfraquecer os favoráveis ao adversário”). Em suma, no *De oratore*, retoma-se a noção de *inuentio* e apresenta-se uma das suas funções, cativar os ânimos.

Em 2.80, Cícero, através da fala de Antônio, retoma a definição de exórdio: “De fato, recomendam que se exordie de modo a tornar o ouvinte benévolo, dócil e atento”.<sup>64</sup> E em *Inv.* 1.20, como se viu, Cícero afirma que “exórdio é o discurso que dispõe o ânimo do ouvinte de modo conveniente ao resto do discurso: o que acontecerá se o tiver tornado benevolente, atento e disposto”, e em *Rhet. Her.* 1.7 tem-se: “desejamos ter um ouvinte dócil, benevolente e atento”. Assim, nas três obras, o *auditor*, o ouvinte, deve se tornar *benevolus*, *attentus* e *docilis*.

Tanto na *Retórica* quanto em *De oratore*, “um importante fator que contribui para o paralelismo dos respectivos tratamentos da invenção é a união da divisão em três *pisteis*”,<sup>65</sup> ou *officia*. E isso pode ser visto em *De or.* 2.115-116, na fala de Antônio:

115. Dessa forma, todo o método do discurso está ligado a três elementos para que se atinja a persuasão: provar ser verdadeiro o que defendemos, cativar os ouvintes, provocar em seus ânimos qualquer emoção que a causa exigir. 116. No que concerne às provas, o orador tem em mãos uma dupla matéria: uma diz respeito aos elementos que não são pensados pelo orador, mas, residindo no próprio caso, são tratados com método, como contratos, testemunhos, pactos, convenções, interrogatórios, leis, deliberações do senado, precedentes, decretos, respostas dos juriconsultos e demais, se os há, que não são encontrados pelo orador, mas entregues a ele pela causa e pelos réus; a outra é a que reside inteiramente no debate e argumentação do orador.<sup>66</sup>

<sup>64</sup> *iubent enim exordiri ita, ut eum, qui audiat, beniuolum nobis faciamus et docilem et attentum.*

<sup>65</sup> “An important factor contributing to the parallelism of the treatments of invention is the coupling of the division into three *pisteis*” (WISSE, 1989, p. 128).

<sup>66</sup> 115. *Ita omnis ratio dicendi tribus ad persuadendum rebus est nixa: ut probemus uera esse, quae defendimus; ut conciliemus eos nobis, qui audiunt; ut animos eorum, ad quemcumque causa postulabit motum, uocemus.* 116. *Ad probandum autem duplex est oratori subiecta materies: una rerum earum, quae non excogitantur ab oratore, sed in re positae ratione tractantur, ut tabulae, testimonia, pacta conuenta, quaestiones, leges, senatus consulta,*

Afirma-se que todo o método do discurso está ligado a três elementos para que se atinja a persuasão e “um é cativar os homens, outro, instruí-los, o terceiro, incitá-los”.<sup>67</sup> Essas três tarefas requeridas de um orador são mencionadas ao longo da obra: *conciliare/delectare*, *probare/docere* e *mouere*. E, de acordo com May (1988, p. 4),

aqui encontramos, reformulado na terminologia latina, o fundamento triádico de *pisteis* sobre o qual Aristóteles baseou sua obra sobre a oratória: *ethos* = “cativar os ouvintes”; *pathos* = “provocar emoção em seus ânimos”; e *logos* = “a prova de nossas alegações”. As três tarefas requeridas do orador, *probare/docere*, *conciliare/delectare* e *mouere*, são mencionadas repetidamente por Cícero (...) e elas quase podem ser consideradas como o princípio formador do seu sistema retórico.<sup>68</sup>

O *ethos* aristotélico é reformulado por Cícero com o termo *conciliare*,<sup>69</sup> principalmente, e está relacionado com a tarefa de “cativar os ouvintes”.<sup>70</sup> Assim, segundo May (2007, p. 254),

Cícero retorna a um sistema de inspiração aristotélica que se centra no orador e nas atividades nas quais ele se envolve enquanto constitui e apresenta seu discurso, isto é, descobrir ou pensar em sua matéria (invenção), dispor essa matéria (disposição), colocar em palavras o material ordenado (estilo), memorizá-lo (memória) e, finalmente, transmiti-lo à sua audiência (pronúnciação). Além disso, Cícero também retorna à abordagem sistemática de Aristóteles que trata de todos os meios de persuasão, isto é, argumentação racional (*logos*), persuasão através do caráter (*ethos*) e provocação das emoções da audiência (*pathos*), juntos sob a rubrica da invenção (...).<sup>71</sup>

---

*res iudicatae, decreta, responsa, reliqua, si quae sunt, quae non reperiuntur ab oratore, sed ad oratorem a causa [atque a re] deferuntur; altera est, quae tota in disputatione et in argumentatione oratoris conlocata est.*

<sup>67</sup> Cf. CIC. *De or.* 2.128: *una conciliandorum hominum, altera docendorum, tertia concitandorum*. Cf. CIC. *De or.* 2.121: *ut et concilientur animi et doceantur et moueantur* “cativar, instruir, influenciar os ânimos”.

<sup>68</sup> “Here one finds, recast in Latin terminology, the triadic foundation of *pisteis* upon which Aristotle based his work on oratory: *ethos* = ‘the winning of our hearer’s favor’; *pathos* = ‘the rousing of their feelings’; and *logos* = ‘the proof of our allegations’. The three tasks required of the orator, *probare/docere*, *conciliare/delectare*, and *mouere*, are mentioned repeatedly by Cicero (...) and might almost be regarded as the informing principle of his rhetorical system”.

<sup>69</sup> Segundo o *OLD*, o verbo *conciliare* pode significar “tornar favoravelmente disposto, conquistar, atrair o favor de” (“To render favourably disposed, to win over, attract the favour of”); “tornar uma pessoa ou coisa aceitável, recomendar, encarecer” (“To render a person or thing acceptable, to commend, endear”), s.v. 2 e 3, respectivamente.

<sup>70</sup> Traduzir *delectare* por “deleitar”, como por vezes se vê, é enganoso ou, no mínimo, restritivo; no contexto da oratória ciceroniana, trata-se de, na primeira acepção do verbo trazida pelo *OLD*, “to lute, entice”.

<sup>71</sup> “Cicero returns to an Aristotelian-inspired system that centers on the speaker and the activities in which he engages while composing and presenting his speech, namely discovering, or thinking out his material (invention), ordering that material (arrangement), placing the ordered material into words (style), memorizing it (memory), and finally delivering it to his audience (delivery). In addition, Cicero also returns to the systematic approach of Aristotle that treats all means of persuasion, namely, rational argumentation (*logos*), persuasion

Então, é possível perceber que tanto Aristóteles quanto Cícero dividem as *pisteis* em três partes: *ethos*/cativar os ouvintes, *pathos*/provocar emoção nos ânimos e *logos*/a prova das alegações. No caso de Aristóteles, conforme já exposto no início deste capítulo, há dois grandes grupos gerais de *pisteis*, as inartísticas e as artísticas (ou técnicas e não técnicas), nas quais se inserem as *pisteis ethos*, *pathos* e *logos*. Em Cícero, não se vê essa dupla divisão geral das *pisteis* inartísticas e artísticas, mas ainda sim há uma subdivisão no que diz respeito às provas do que se defende: as provas que não são pensadas pelo orador, mas residem no próprio caso, e as provas que dependem inteiramente do debate e da argumentação do orador.<sup>72</sup>

Assim, pode-se dizer que o *ethos* aristotélico é reformulado por Cícero e está relacionado com “conquistar o favor de nossos ouvintes” ou “cativar os ouvintes”. Em uma importante passagem de *De or.* 2.182, através de Antônio, explicitam-se algumas características do bom orador, desenvolvendo e ampliando, conseqüentemente, a ação de *conciliare*:

Tem muita força, então, para a vitória, que se aprovelem o **caráter**, os **costumes**, os **feitos** e a **vida** dos que defendem as causas e daqueles em favor de quem as defendem, e, do mesmo modo, que se desaprovelem os dos adversários, bem como que se conduzam à benevolência os ânimos daqueles perante os quais se discursa, tanto em relação ao orador como em relação ao que é defendido pelo orador. Cativam-se os ânimos pela dignidade do homem, por seus **feitos**, por sua **reputação**; pode-se orná-los com maior facilidade, se todavia existem, do que forjá-los, se absolutamente não existem. Ora, são vantajosos, no orador, a brandura da voz, a expressão de pudor no rosto, a afabilidade nas palavras e, se acaso fazes alguma reivindicação com maior rispidez, parecer fazê-lo contrariado e por obrigação. Exibir sinais de **afabilidade**, **generosidade**, **brandura**, **devoção** e de um **ânimo grato**, **não ambicioso**, **não avaro**, é extremamente útil; e tudo aquilo que é próprio de **homens honestos**, **modestos**, não de **homens severos**, **obstinados**, **contenciosos**, **hostis**, granjeia enormemente a benevolência e a afasta daqueles em que tais elementos não estão presentes; sendo assim, esses mesmos elementos devem ser lançados contra os adversários de maneira inversa.<sup>73</sup> (grifos nossos)

---

through character (ethos), and playing on his audience’s emotions (pathos), together under the rubric of invention (...).”

<sup>72</sup> Cf. WISSE (1989, p. 130).

<sup>73</sup> *Valet igitur multum ad vincendum probari mores et instituta et facta et uitam eorum, qui agent causas, et eorum pro quibus, et item improbari aduersariorum, animosque eorum, apud quos agetur, conciliari quam maxime ad benevolentiam quom erga oratorem tum erga illum, pro quo dicet orator. Conciliantur autem animi dignitate hominis, rebus gestis, existumatione uitae; quae facilius ornari possunt, si modo sunt, quam fingi, si nulla sunt. Sed haec adiuuant in oratore: lenitas uocis, uultus, [pudoris significatio], uerborum comitas; si quid persequare acrius, ut inuitus et coactus facere uideare. Facilitatis, liberalitatis, mansuetudinis, pietatis, grati animi, non appetentis, non auidi signa proferre perutile est; eaque omnia quae proborum, demissorum, non*

O trecho anterior é de fundamental importância e dele podemos depreender algumas categorias que nos nortearam no desenvolvimento e estruturação do nosso estudo do *ethos*, assim como na seleção nos trechos pertinentes à tradução. Destacamos as grandes categorias *mores* (caráter), *instituta* (costumes), *facta* (feitos) e *uita* (vida), além de *res gestae* (feitos) e *existumatio uitae* (reputação). Também é importante citar algumas características, como *facilitas* (afabilidade), *liberalitas* (generosidade), *masuetudo* (brandura), *pietas* (devoção),<sup>74</sup> *gratus animus* (ânimo grato), *non appetens* (não ambicioso) e *non avidus* (não avaro). Cícero atribui tudo isso a *probi* (homens honestos) e *demissi* (homens modestos), repudiando todas as características de homens *acres* (severos), *pertinaces* (obstinados), *litigiosi* (contenciosos) e *acerbi* (hostis).

Podemos compreender que Cícero, no trecho citado anteriormente, ressalta alguns pontos que podem ser levados em consideração para a análise da construção da imagem do orador e do adversário. De fato, extrair aspectos presentes nas *Filípicas* relacionados ao caráter (*mores*), aos costumes (*instituta*), aos feitos (*facta/res gestae*), à vida (*uita*) e à reputação (*existumatio uitae*) é de fundamental importância para a compreensão do *ethos* discursivo tanto de Cícero quanto de Marco Antônio. Além disso, é possível inferir que características positivas devem constituir o caráter do orador e negativas o caráter do adversário. Dessa forma, a “imagem de si” no discurso construída por Cícero está estritamente ligada à imagem do adversário; não se trata, então, de mero ataque para desconstruir a imagem deste último, mas, também, de tecer a imagem de si como um contraponto à imagem do inimigo.

Na seção supracitada, entende-se que devem ser aprovados o caráter, os costumes, os feitos e a vida do orador e desaprovados os do adversário. É possível afirmar, sobre *De or.*2.182, que

Na primeira frase, dá-se como objetivo se obter aprovação para *mores et instituta...* etc. tanto dos patronos (*eorum qui agent causas*) quanto dos clientes (*eorum pro quibus*), com um correspondente descrédito dos adversários. Embora a segunda frase pareça ser apenas uma reformulação da primeira, ela coloca em destaque o terceiro grupo afetado, os *iudices* (*apud quos agetur*) e o verbo tópico *conciliare*, que é, então, expandido pelo que segue; tal benevolência é obtida pela dignidade, pelos feitos e pela reputação de um homem, mas estes podem não estar presentes. (...) *Sed* se relaciona com o problema de o réu não possuir estas virtudes. Certas qualidades no patrono, como

---

*acrium, non pertinacium, non litigiosorum, non acerborum sunt, ualde beneuolentiam conciliant abalienantque ab eis, in quibus haec non sunt. Itaque eadem sunt in aduersarios ex contrario conferenda.* (grifos nossos)

<sup>74</sup> Destacamos a dificuldade de se traduzir esse conceito, optando por “devoção”.

*lenitas* na expressão e no comportamento, podem compensar essas faltas. (...) Apenas com o comentário sobre atribuir as correspondentes más qualidades aos adversários, nós percebemos que *signa proferre* pode se referir à apresentação de provas das amáveis qualidades do cliente ao invés do próprio orador, como um meio de *benevolentiam conciliare*.<sup>75</sup>

Então, deve-se almejar a *beniuolentia* para com o orador e o cliente que ele defende. (Importante mencionar que as *Filípicas* são um discurso predominantemente de invectiva, não de defesa de um réu, e sobre isso se falará mais adiante.) Além de aparecer na *Retórica*, II.1378a1, como *eunoia* (em relação ao orador), a benevolência do público também é citada em *De inuentione* (1.22: *beniuolentia comparatur*) e em *Rhetorica ad Herennium* (1.8: *beniuolentiam contrahemus*). A benevolência é essencial para o orador mostrar credibilidade e cativar o ânimo dos ouvintes, já que “o objetivo é conquistar os ouvintes (*conciliare*), obter deles a *beniuolentia* – uma palavra frequentemente (literalmente) traduzida por ‘benevolência’, mas evidentemente equivalente a ‘simpatia’, praticamente”.<sup>76</sup> Para Cícero, ela é algo que deve ser obtido dos que ouvem o discurso.

Destacamos a seção 2.236 de *De oratore*, em que temos, através de Júlio César Estrabão, a seguinte consideração:

(...) cabe muito bem ao orador provocar o riso, seja porque a própria alegria granjeia a benevolência para aquele por quem foi suscitada, seja porque todos admiram a agudeza de espírito, muitas vezes colocada numa única palavra, sobretudo daquele que retruca, por vezes, também, do que provoca, seja porque debilita o adversário, porque o obstrui, porque o diminui, porque o desencoraja, porque o refuta, seja por mostrar que o orador é educado, refinado, urbano, e sobretudo porque mitiga e alivia a tristeza e a severidade, e não raro, pelo humor e pelo riso, refuta questões odiosas que não são fáceis de explicar com argumentos.<sup>77</sup>

<sup>75</sup> “In the first sentence the aim is given as winning approval for the *mores et instituta*...etc. both of patrons (*eorum qui agente causas*) and clientes (*eorum pro quibus*), with a corresponding discrediting of the adversaries. While the second sentence appears to be merely a rephrasing of the first, it brings into prominence the third party concerned, the *iudices* (*apud quos agetur*) and the theme verb *conciliare*, which is then expanded by what follows; such goodwill is won by a man’s prestige, achievements, and reputation, but these may be lacking. (...) *Sed* relates to the problem of the defendant without these merits. Certain qualities in the patron such as *lenitas* of delivery and demeanour can compensate for these deficiencies. (...) Only with the comment on bestowing the corresponding bad qualities on the adversaries, do we realise that *signa proferre* may refer to adducing evidence of the amiable qualities of the client rather than the speaker himself, as a means of *beniuolentiam conciliare*” (FANTHAM, 1973, p. 264).

<sup>76</sup> “The aim is to win over the hearers (*conciliare*), to win their *beniuolentia* – a word often (literally) translated by ‘goodwill’, but obviously virtually equivalent to ‘sympathy’” (WISSE, 1989, p. 234).

<sup>77</sup> (...) *est plane oratoris mouere risum: uel quod ipsa hilaritas benevolentiam conciliat ei, per quem excitata est; uel quod admirantur omnes acumen, uno saepe in uerbo positum, maxime respondentis, non numquam etiam lacessentis; uel quod frangit aduersarium, quod impedit, quod eleuat, quod deterret, quod refutat; uel quod ipsum oratorem politum esse hominem significat, quod eruditum, quod urbanum, maxime[que] quod tristitiam*

Optou-se por evidenciar o trecho acima, que trata do riso, pois a expressão *frangere aduersarium* (“debilitar o adversário”)<sup>78</sup> se relaciona com o fato de o orador poder usar esse recurso em seu discurso para *impedire* (obstruir), *eleuare* (diminuir), *deterre* (desencorajar) e *refutare* (refutar) o oponente. O uso da ironia nas *Filípicas*, as comparações e adjetivos jocosos e a influência do ambiente teatral, que serão expostos posteriormente, permitem que o orador desenvolva nos discursos escárnio e tentativas de ridicularizar o adversário.

Segundo May (1988, p. 5),

Além disso, a concepção de *ethos* presente aqui no *De oratore* e em outros lugares na *rhetorica* de Cícero é mais ampla e mais inclusiva do que em Aristóteles; é um *ethos* preocupado principalmente com a oratória judicial, não deliberativa; é um *ethos* que lida com as emoções (*affectus*), rigorosamente relacionado com o *pathos*, mas envolvendo sentimentos mais suaves (...); é um *ethos* mais atento ao estilo e mais intrinsecamente a ele associado.<sup>79</sup>

Assim, no *De oratore* o orador é instruído a ornar seu caráter, seus feitos e sua reputação ou forjá-los, caso seja necessário,<sup>80</sup> ao mesmo tempo em que deve agir de modo contrário em relação aos adversários. É importante enfatizar as frases *ualet igitur multum ad uincendum probari mores et instituta et facta et uitam* (“tem muita força, então, para a vitória, que se aprovem o caráter, os costumes, os feitos e a vida”) e *conciliantur autem animi dignitate hominis, rebus gestis, existimatione uitae* (“cativam-se os ânimos pela dignidade do homem, por seus feitos, por sua reputação”), já que tudo isso faz parte da intenção persuasiva de cativar e convencer os ouvintes, ou seja, é um modo de colocar em prática no discurso uma estratégia persuasiva através da exposição do caráter. Fantham (1973, p. 266) afirma que “*conciliare* envolverá retratar através de sentimentos, estilo e pronúncia a excelência do caráter do orador, uma direta autodramatização do orador como seu próprio dramaturgo e ator.”<sup>81</sup>

---

*ac seueritatem mitigat ac relaxat odiosasque res saepe, quas argumentis dilui non facile est, ioco risuque dissoluit.*

<sup>78</sup> Cf. GUÉRIN (2009b, pp. 230-232).

<sup>79</sup> “Furthermore, the conception of *ethos* presented here in the *De Oratore* and elsewhere in Cicero’s *rhetorica* is broader and more inclusive than Aristotle’s; it is an *ethos* concerned primarily with judicial, not deliberative oratory; it is an *ethos* that deals with emotions (*affectus*), closely related to *pathos* but involving the milder feelings (...); it is an *ethos* attentive to and more intricately associated with style”.

<sup>80</sup> Cf. QUINT. *Inst.* 6.2.18: *Denique Ἡθος omne bonum et comem uirum poscit. Quas uirtutes cum etiam in litigatore debeat orator, si fieri potest, adprobare, utique ipse aut habeat aut habere credatur.* “Por fim, todo Ἡθος exige um orador afável e bom. Essas qualidades o orador, também como litigante, deve comprovar, caso seja possível, de qualquer maneira, tendo-as ou fazendo crer que as tem”.

<sup>81</sup> “*Conciliare* will involve portraying by one’s sentiments, style, and delivery, the excellence of the speaker’s character, a straightforward piece of self-dramatisation by the orator as his own playwright and performer”.

O *ethos* tratado por Aristóteles na *Retórica* está, majoritariamente, relacionado com o discurso, já que “esse tipo de persuasão, de modo semelhante aos outros, deve ser conseguido pelo que é dito pelo orador, e não pelo que as pessoas pensam acerca de seu caráter antes que ele inicie o discurso”.<sup>82</sup> Contudo, não é possível deixar de lado o já citado *ethos* referencial, que leva em consideração características que o orador possui, como idade, sexo, etnia e seu contexto. Vê-se, aqui, portanto, um indício de um *ethos* pré-discursivo.

De modo geral, pode-se dizer, com Wisse (2002, p. 386), que, “em Aristóteles, o *ethos* é restrito àqueles traços de caráter que irão sugerir para o público que o orador é digno de confiança; não é uma questão emocional, porque o público pode decidir racionalmente se ele acha que o orador é confiável e se ele pode então confiar no que ele diz”.<sup>83</sup> Ainda de acordo com Wisse (1989, p. 234-235):

A variante do *ethos* (...) pode ser chamada “*ethos* de simpatia”, em contraste com a versão de Aristóteles sobre o conceito, o qual é “racional”, visando estabelecer uma imagem de confiabilidade e, conseqüentemente, limitada às qualidades do orador relacionadas ao fato de ele falar a verdade. O *ethos* de Cícero, portanto, está, de alguma forma, relacionado com algumas (não todas!) das emoções moderadas (...) é o significado de *conciliare* que mostra que ele usa “*ethos* de simpatia”.<sup>84</sup>

Em *De oratore*, conforme já exposto anteriormente, o *ethos* reformulado por Cícero está baseado também na vida, na reputação, no caráter do orador em si, que já são conhecidos e existem antes da execução do discurso, pois “o *ethos* retórico que nós vemos Cícero descrevendo (...) é um *ethos*, como seria de esperar, radicalmente influenciado e condicionado pelas idiosincrasias do ambiente sócio-político da República romana, bem como pelas demandas do sistema judicial romano”.<sup>85</sup> Além disso, neste caso, o *ethos*

---

<sup>82</sup> Cf. *Rh.* I. 1356a1.

<sup>83</sup> “In Aristotle, *ethos* is restricted to those character traits that will suggest to the audience that the speaker is trustworthy; it is not an emotional matter, because the audience can rationally decide whether they think that the speaker is reliable, and whether they can thus rely on what he says”.

<sup>84</sup> “The variant of *ethos* (...) may be called ‘*ethos* of sympathy’, in contrast with Aristotle’s version of the concept, which is ‘rational’, aimed at establishing an image of trustworthiness, and accordingly limited to the qualities of the speaker related to his speaking the truth. Cicero’s *ethos*, therefore, is in some way connected with some (not all!) of the gentle emotions (...) it is the meaning of *conciliare* that shows that he employs ‘*ethos* of sympathy’”.

<sup>85</sup> “The rhetorical *ethos* that we see Cicero describing (...) is an *ethos*, as we might expect, radically influenced and conditioned by the idiosyncrasies of the sociopolitical environment of Republican Rome as well as by the demands of the Roman judicial system” (MAY, 1988, p. 6).

ciceroniano tem como foco traçar uma imagem do caráter do orador através de todos os seus traços (positivos, preferencialmente).<sup>86</sup>

A construção do conceito romano de Cícero a respeito do *ethos* também foi influenciada, além do contexto social e político, pelo sistema judicial da república romana, já que, segundo May (1988, pp. 9-10), em Atenas o próprio “cliente” falava em sua defesa e em Roma era comum o “cliente” assegurar que uma ou mais pessoas (*patronus* ou *patroni*) pleiteassem o caso, havendo grande importância de enfatizar seu caráter para a persuasão jurídica.<sup>87</sup> Podemos retomar *De or.* 2.182, em que se afirma que se deve aprovar “o caráter, os costumes, os feitos e a vida” (*mores et instituta et facta et uitam*) dos que defendem as causas (*eorum qui agent causas*), ou seja, os patronos, e daqueles em favor de quem as defendem (*eorum pro quibus*), os clientes.

Em *De or.* 2.184, através do personagem de Antônio, temos:

Apresentar o seu caráter pelo discurso, então, como justo, íntegro, religioso, timorato, tolerador de injustiças, tem um poder absolutamente admirável; e isso, quer no princípio, quer na narração da causa, quer no final, tem tamanha força, se for tratado com delicadeza e julgamento, que muitas vezes tem mais poder do que a causa. Realiza-se tanto por determinado julgamento e método oratórios, que se forja, por assim dizer, o caráter do orador; por meio de determinado tipo de pensamentos e determinado tipo de palavras, empregando-se ainda uma atuação branda e que expresse afabilidade, consegue-se que pareçamos homens honestos, de boa índole, bons.<sup>88</sup>

Pode-se dizer, ainda, que Cícero adapta o conceito grego de *ethos* de Aristóteles ao seu contexto romano e considerava de grande importância a prova baseada no caráter (*ethos*) a fim de persuadir o público romano.<sup>89</sup> Novamente em *De oratore*, na fala de Antônio, afirma-se sobre o orador e as estratégias discursivas que pode adotar em seu discurso:

Precisamos de um homem agudo e habilidoso por natureza e prática, que investigue de maneira perspicaz o que pensam, sentem, julgam,

<sup>86</sup> Cf. WISSE (2002, p. 386).

<sup>87</sup> Pertinente enfatizar que May se baseia, aqui, em: KENNEDY, G. A. *The Rhetoric of Advocacy in Greece and Rome*. *American Journal of Philology*, 89, pp. 419-436, 1968; e KENNEDY, G. A. *The Art of Rhetoric in the Roman World*, Princeton: Princeton University Press, 1972.

<sup>88</sup> *Horum igitur exprimere mores oratione iustos, integros, religiosos, timidos, perferentis iniuriarum mirum quiddam ualet; et hoc uel in principiis uel in re narranda uel in perorando tantam habet uim, si est suauiter et cum sensu tractatum, ut saepe plus quam causa ualeat. Tantum autem efficitur sensu quodam ac ratione dicendi, ut quasi mores oratoris effingat oratio; genere enim quodam sententiarum et genere uerborum, adhibita etiam actione leni facilitatemque significante efficitur, ut probi, ut bene morati, ut boni uiri esse uideamur.*

<sup>89</sup> Cf. MAY (2002, p. 60).

esperam seus concidadãos e os homens que quer persuadir de algo pelo discurso. É preciso que domine a essência de cada estirpe, idade, ordem e forme um julgamento sobre as mentes e os sentimentos daqueles perante os quais defende ou está para defender uma causa.<sup>90</sup>

Segundo May (1988, pp. 6-7), na República romana o caráter apresentava uma grande importância na vida social e política, influenciando, também, a oratória/retórica romana. Para os romanos, o caráter era considerado algo inato e imutável ao ser, determinando suas ações; acreditava-se que ele permanecia constante ao longo das gerações, representando, com isso, o valor moral da família. Pode-se citar como um exemplo dessa concepção romana que

para conquistar *auctoritas*, bem como *gratia*, *gloria*, *existimatio* e *dignitas*, um romano tinha que provar, por meio de suas próprias ações ou pelos seus antepassados, que o seu *ethos* merecia ser respeitado. Sob tais circunstâncias a obtenção de um cargo político era vital; nenhum romano poderia esperar ser admitido nas camadas da nobreza sem o prestígio de ser um descendente de um cônsul, ou de servir ele mesmo como cônsul.<sup>91</sup>

Lembremos que Cícero era um *homo nouus*; segundo Salústio (*Cat.* 23), a nobreza só apoiou a candidatura de Cícero por causa de seu receio de Catilina, já que “de fato, antes disso a maior parte da nobreza ardia de inveja, e acreditavam que o consulado seria como que maculado se um homem novo, ainda que egrégio, o obtivesse”<sup>92</sup>. Para Cícero, então, demonstrar nos discursos um *ethos* consentâneo com as melhores qualidades do *mos maiorum* era fundamental, já que ele tinha, na escala de valores da aristocracia romana, a desvantagem de ser um “homem novo”. Isso pode explicar (trata-se apenas de especulação) a preocupação constante que o arpinate demonstra em exaltar, em várias ocasiões, seus feitos, já que lhe faltava, aos olhos de membros da aristocracia, a “respeitabilidade” de uma família honrada com magistraturas importantes. No lado da invectiva contra o inimigo, nas *Filípicas*, como veremos, Cícero mostrará Antônio como alguém que degenerou da nobreza de sua família: ele seria, pois, um homem da aristocracia romana com antepassados gloriosos, algo de que Cícero

<sup>90</sup> Cf. *De or.* 2.223: *acuto homine nobis opus est et natura usuque callido, qui sagaciter peruestiget, quid sui ciues eique homines, quibus aliquid dicendo persuadere uelit, cogitent, sentiant, opinentur, expectent; teneat oportet uenas cuiusque generis, aetatis, ordinis, et eorum, apud quos aliquid aget aut erit acturus, mentis sensusque degustet.*

<sup>91</sup> “To acquire *auctoritas*, as well as *gratia*, *gloria*, *existimatio*, and *dignitas*, a Roman had to prove, by means of his own actions or his ancestors’, that his *ethos* deserved to be respected. Under such circumstances the attainment of political office was vital; no Roman could hope to be admitted to the ranks of the nobility without the prestige of being a descendent of a consul, or of serving as consul himself” (MAY, 1988, p. 7).

<sup>92</sup> Tradução de Scatolin. *Namque antea pleraque nobilitas inuidia aestuabat, et quasi pollui consulatum credebant, si eum quamuis egregius homo nouus adeptus foret.*

não poderia se gabar, mas que é utilizado retoricamente contra o próprio Antônio, retratado como indigno dessa genealogia ilustre.

Dessa forma, uma vez condicionado pelo contexto social, político e jurídico, o *ethos* na época de Cícero se tornou uma importante ferramenta comumente usada pelo orador para convencer o público de que algo é verdadeiro porque foi dito por ele,<sup>93</sup> ou seja, o caráter do orador é confiável o suficiente e o que ele fala não pode ser considerado outra coisa a não ser verdadeiro. Pode-se afirmar que, em suas *Filípicas*, Cícero fez uso dessa característica do conceito de *ethos*:

ele lutou ao longo desse tempo para manter, sem ultrapassar seus limites, um *ethos* na posse de alguma *dignitas*. Uma vez que os laços da ditadura haviam sido cortados nos idos de março em 44, contudo, o orador de novo se viu envolvido em uma crise, uma crise equivalente a uma luta pela vida, tanto a sua como a da República. O caráter que ele apresenta tão energicamente ao longo das *Filípicas* é aquele de um patriota romano em plena estatura, “um grande, vigoroso e memorável homem”, um homem que é “eloquente e um amante do seu país”. O retrato do seu antagonista, Antônio, definido em oposição total ao seu próprio, é a negação de tudo o que é Romano e humano. Esses dois caracteres, em larga escala, se apresentam ao público Romano com uma escolha, definitiva, entre certo e errado, bem e mal, luz e escuridão, Romano e não-Romano, liberdade e escravidão. Como resultado de uma ênfase avassaladora que ele coloca nessa justaposição, talvez seja aqui, nos seus discursos finais, que se dá ao *ethos* rédeas mais soltas como uma fonte para um material persuasivo na oratória de Cícero.<sup>94</sup>

Em resumo, tanto em Aristóteles, com sua *Retórica*, quanto em Cícero, com seu *De oratore*, o conceito de *ethos* foi construído como parte importante da persuasão. Apesar de Cícero não fazer uso da palavra grega *ethos*, pode-se dizer que ambos partiram da premissa de que é possível analisar e compreender os meios pelos quais um público pode ser persuadido. Em Cícero, esse conceito estaria relacionado com a representação do caráter do orador, de seu adversário ou do réu por ele defendido.

---

<sup>93</sup> Cf. MAY (1988, pp. 9-10).

<sup>94</sup> “He struggled throughout this time to maintain, without overstepping his bounds, an ethos in possession of some *dignitas*. Once the fetters of the dictatorship had been loosed on the Ides of March in 44, however, the orator again found himself involved in the crisis, a crisis tantamount to a fight for existence, both for himself and the Republic. The character he presents so forcefully throughout the Philippics is that of a Roman patriot in full stature, ‘a great, vigorous, and memorable man’, a man who is ‘eloquent and a lover of his country’. The portrait of his antagonist, Antony, set in diametric opposition to his own, is the denial of all that is Roman and human. These two characters, writ large, present the Roman audience with a choice, hard and fast, between right and wrong, good and evil, light and darkness, Roman and un-Roman, freedom and slavery. As a result of the overwhelming emphasis that he places on this juxtaposition, it is perhaps here, in his final speeches, that ethos is granted its freest rein as a source for persuasive material in the oratory of Cicero” (MAY, 1988, pp. 128-129).

Concluindo, recorremos às palavras de Olmsted (2006, p. 27), segundo quem o “*De oratore* usa as categorias de *ethos*, *logos* e *pathos* de Aristóteles para ajudar os oradores a encontrarem argumentos, criar benevolência e cativar a sua audiência. Porém, ele redefine as categorias para enfatizar a importância da simpatia, da reputação pública e do discurso apaixonado”.<sup>95</sup>

---

<sup>95</sup> “*De oratore* uses Aristotle’s categories of *ethos*, *logos*, and *pathos* to help speakers find arguments, create good will, and move their audiences. But it redefines the categories to emphasize the importance of sympathy, public reputation, and passionate speech”.

## 2.4. CONSIDERAÇÕES A RESPEITO DA REFORMULAÇÃO DO *ETHOS* POR CÍCERO APÓS O *DE ORATORE*

Após seu diálogo *De oratore*, destacam-se como obras retóricas de Cícero *Brutus*<sup>96</sup> e *Orator*, e ambas foram concluídas em 46 a.C., *Brutus* precedendo *Orator*.<sup>97</sup> Com *Brutus*, Cícero retorna à atividade literária depois da guerra civil, propondo reconstruir a história da eloquência de Roma.<sup>98</sup> Nessas duas obras, podemos encontrar as três tarefas, *officia oratoris*, que o orador deve realizar ao longo de seu discurso: *probare* ou *docere*; *delectare*; e *mouere* ou *flectere*.<sup>99</sup>

Na avaliação de May (2007, p. 263), “deixando de lado o jovem *De inuentione*, (...) a assim chamada tríade retórica ciceroniana de *De oratore*, *Brutus* e *Orator* representa uma contribuição monumental para a teoria literária, oratória e – sim – retórica”.<sup>100</sup> Cícero, *Div.2.4*, vincula essas três obras em relação ao que tratam e afirma: “parece ser adequado também reunir nossos livros de oratória nessa mesma categoria: assim são os três livros *De oratore*, o quarto, *Brutus*, o quinto, *Orator*”.<sup>101</sup>

Ainda em relação a esses três tratados, diz May:

essas obras foram escritas do ponto de vista de um profissional da arte – um orador e estadista que exerceu seu ofício por quase quatro décadas na arena pública. Consequentemente, preceitos tradicionais, conquanto presentes e, por vezes, informativos, nunca ofuscam a figura do orador e suas atividades – ou seja, o orador ideal dotado de uma forte base de conhecimento filosófico, cujo estilo pode ser modulado para atender às demandas de prova (lógica, ética, emocional) requerida por praticamente qualquer público e circunstância.<sup>102</sup>

Reforça-se, assim, a importância desses dois últimos trabalhos, *Brutus* e *Orator*, para a concepção de *ethos*. Além disso, como vimos, em *De oratore* Cícero reformula o *ethos* aristotélico através do verbo *conciliare*, porém, segundo May (1988, p. 5), “nas suas obras

<sup>96</sup> Os trechos em português da obra *Brutus* seguem a tradução de José R. Seabra Filho.

<sup>97</sup> Cf. NARDUCCI (2002b, p. 427).

<sup>98</sup> Cf. NARDUCCI (2002a, p. 401).

<sup>99</sup> Cf. WISSE (1989, p. 212).

<sup>100</sup> “Setting aside the youthful *De Inuentione*, (...) the so-called Ciceronian rhetorical triad of *De Oratore*, *Brutus*, and *Orator* represents a monumental contribution to literary, oratorical, and – yes – rhetorical theory”.

<sup>101</sup> *nostri quoque oratorii libri in eundem librorum numerum reuerendi uidentur: ita tres erunt de oratore, quartus Brutus, quintus Orator* (tradução e grifos nossos).

<sup>102</sup> “These works are written from the point of view of the artistic practitioner – an orator and statesman who had exercised his craft for nearly four decades in the public arena. Hence, traditional precepts, while present and sometimes informative, never overshadow the figure of the orator and his activities – that is, the ideal orator endowed with a strong base of philosophical knowledge, whose style can be modulated to meet the demands for proof (logical, ethical, emotional) required by virtually any audience and circumstance” (MAY, 2007, p. 263).

posteriores, Cícero parece preferir, para transmitir a ideia de *ethos*, a palavra *delectare* ou outras perífrases como *fidem facere*, *animos a seueritate traducere*, *animos deuincere uoluptate*".<sup>103</sup>

Assim, Cícero vai além do verbo *conciliare* para reformular o conceito de *ethos*. Considerando primeiramente a obra *Brutus*, podemos encontrar o verbo *delectare* em 185, 188, 197 e 276; a expressão *fidem facere* em 187 e 197; *animos a seueritate traducere* em 197; e *animos deuincere uoluptate* em 276.<sup>104</sup>

Inicialmente Cícero julga a atitude de cativar os ânimos dos ouvintes como uma das principais qualidades do orador. Menciona os "recursos próprios e por assim dizer legítimos dos oradores",<sup>105</sup> e um deles é que o orador "deleitasse os ânimos",<sup>106</sup> devendo "agir fortemente para comover os ânimos dos ouvintes".<sup>107</sup> Nesse momento, já se pode entender a ação do verbo *delectare* como uma das características das *oratorum officia*, ou seja, partindo do pressuposto de que o orador possui funções a cumprir, isso implica sua capacidade de chamar a atenção dos ouvintes e mantê-la durante todo o discurso.

Parece-nos pertinente destacar um trecho da seção 186, no qual Cícero afirma que "é próprio do mais talentoso orador parecer ao povo o mais talentoso".<sup>108</sup> Ao afirmar que o orador tem a capacidade de "parecer" excelente, Cícero pode querer retomar o conceito presente no *ethos* aristotélico de que o orador é capaz de moldar sua imagem a fim de parecer ser digno de crença, ou seja, o *ethos* é construído no discurso e o bom orador exprime ao longo do discurso qualidades que ele pode ou não possuir, sempre visando a persuasão dos ouvintes.

Em *De oratore*, conforme exposto anteriormente, Cícero reformula as *pisteis* referidas por Aristóteles através dos verbos *probare/docere*, *conciliare/delectare* e *mouere*. Na seção 185 de *Brutus*, pode-se dizer que o *ethos* também é apresentado por Cícero através do verbo *delectare*: "Ora, três são, ao menos como eu sinto, os efeitos que devem ser produzidos pelo discurso: que seja convencido aquele perante o qual se fale, que seja deleitado, que seja comovido mais veementemente".<sup>109</sup> Têm-se, respectivamente, os verbos *docere*, *delectare* e *mouere* usados por Cícero para indicar as ações que o orador deve

<sup>103</sup> "In his later works Cicero appears to prefer to render the idea of *ethos* with the word *delectare* or other periphrases like *fidem facere*, *animos a seueritate*, *animos deuincere uoluptate*".

<sup>104</sup> Cf. FANTHAM (1973, pp. 273-274).

<sup>105</sup> *oratorum propria et quasi legitima opera* (82).

<sup>106</sup> *ut delectaret animos* (82).

<sup>107</sup> *grauiter agendi ad animos audientium permouendos* (89).

<sup>108</sup> *id enim ipsum est summi oratoris summum oratorem populo uideri* (186).

<sup>109</sup> *Tria sunt enim, ut quidem ego sentio, quae sint efficienda dicendo: ut doceatur is apud quem dicitur, ut delectetur, ut moueatur uehementius* (185).

executar em seu discurso. O *ethos*, nesse momento, está relacionado com *delectare* e, no OLD (*delecto*), o verbo tem como significado, por exemplo, “cativar” e “provocar deleite”, dois sentidos que parecem conviver simultaneamente: o orador deve ser capaz de prender a atenção de seu público deleitando-o.

Na seção 187, Cícero faz uso de *fidem facere* para indicar uma função do discurso que o orador pode executar: “o discurso cria confiança”.<sup>110</sup> Assim, *fidem facere* expressa a capacidade do orador de compor o discurso de tal modo que convença o ouvinte. Cícero, assim como na seção 186 de *Brutus*, retoma o conceito de Aristóteles de que o discurso pode ser escrito pelo orador com a finalidade de ser persuasivo e crível; utiliza, então, um conceito tipicamente romano, de difícil tradução: *fides*.<sup>111</sup>

Nas seções 188 e 197, há novamente o verbo *delectare* e a expressão *fidem facere*: “a multidão que ouve é deleitada”;<sup>112</sup> “deleitou e descontraíu o ânimo de todos que estavam presentes”<sup>113</sup> e “despertava confiança”.<sup>114</sup> E na seção 276 Cícero retoma as três funções do orador: “parece haver três coisas que o orador devesse realizar: que ensinasse, que deleitasse, que comovesse”.<sup>115</sup> Veem-se, aqui, os verbos *docere*, *delectare* e *mouere*. Nessa mesma seção, apresenta-se uma nova expressão para o conceito de *ethos* através de *animos deuincire uoluptate*: “cativasse pelo prazer os ânimos daqueles que escutassem” (*animos eorum qui audirent deuinciret uoluptate*). Portanto, *delectare* está relacionado à capacidade do orador de cativar, agradar, entreter e, por conseguinte, persuadir o ouvinte em questão a depender do objetivo do discurso. E a expressão *fidem facere* corrobora a ideia de persuasão, uma vez que o discurso se torna o instrumento de convencimento pelo crédito dado pelo ouvinte à palavra do orador.

Fantham (1973, p. 274) afirma que, em *De optimo genere oratorum* e em *Orator*, “quando Cícero distingue as três funções, usa *delectare* para a segunda, mais explícita e

<sup>110</sup> *fidem facit oratio* (187).

<sup>111</sup> “Uma vez que toda a vida política romana era organizada com base em costumes não oficiais, a qualidade primordial era a boa fé, *fides*. Era o pilar do relacionamento entre patrono e cliente e assegurava a estabilidade dos partidos formados entre os membros da nobreza” – “Since the whole of Roman political life was organized on the basis of unofficial custom, the paramount quality was good faith, *fides*. It was the corner-stone of the patron-client relationship and ensured the stability of the factions formed among the members of the nobility” (EARL, 1967, p. 33).

<sup>112</sup> *delectatur audiens multitudo* (188).

<sup>113</sup> *delectauit animosque omnium qui aderant in hilaritatem a seueritate traduxit* (197)

<sup>114</sup> *fidem faciebat* (197).

<sup>115</sup> *tria uideri esse quae orator efficere deberet, ut doceret ut delectaret ut moueret* (276)

repetidamente em *Orator* 69, onde ele o elabora no processo de conciliar as três funções com os três *genera*: *subtile in probando, modicum in delectando, uehemens in flectendo*".<sup>116</sup>

Em *Orator*, Cícero apresenta os três *officia oratoris*: "Portanto, será eloquente (...) aquele que no fórum e nas causas civis fale de maneira que prove, deleite e convença. Provar é necessidade; deleitar é agrado, convencer é vitória (...). Quantos são os ofícios do orador, tantos são os modos de dizer: minucioso no provar, moderado no deleitar, veemente no convencer, onde está toda a força do orador".<sup>117</sup> Identificam-se, aqui, os três *officia oratoris*: *docere* ("instruir" ou "provar"), *delectare* ("deleitar" ou "agradar"), *mouere* ("provocar as emoções").<sup>118</sup> Em *De optimo genere oratorum*, obra escrita em 46 a.C., depois de *Brutus* e de *Orator*, Cícero retoma a ideia já exposta em *Orator* com os verbos *docere*, *delectare* e *permouere*, como se pode ver na seção 3: "é o melhor orador aquele que, ao discursar, instrui, deleita e convence os ânimos da audiência. Instruir é um dever. Deleitar, uma cortesia. Convencer, uma necessidade".<sup>119</sup>

Tanto em *Orator* quanto em *De optimo genere oratorum*, há o verbo *delectare*, indicando a possibilidade de o orador agradar aos ouvintes através do discurso. Contudo, Wisse (1989, p. 215) afirma que, em *Orator*, *delectare* está relacionado com o prazer estético do discurso, e também em Guérin (2011, p. 386) tem-se que "o princípio do *delectare* é, além disso, apresentado de um ângulo explicitamente estético. Assim, a metáfora deleita (*delectat*) o ouvinte (...) através do movimento que produz de um objeto a outro na alma do ouvinte".<sup>120</sup> Pode-se dizer, então, que deleitar esteticamente a audiência também contribui para se alcançar a persuasão através do discurso.

Como se viu, a reformulação do *ethos* aristotélico está presente em *De oratore* com o verbo *conciliare* ao ser ele relacionado com cativar os ânimos dos ouvintes, e essa ação fica evidente em 2.182, quando Cícero afirma que o orador é bem-sucedido em seu discurso

<sup>116</sup> "When Cicero distinguishes the three functions, he uses *delectare* for the second, most explicitly and repeatedly at *Orator* 69, where he elaborates this in the process of reconciling the three functions with the three *genera*: *subtile in probando, modicum in delectando, uehemens in flectendo*".

<sup>117</sup> Tradução nossa. Cf. *Erit igitur eloquens (...) is qui in foro causisque ciuilibus ita dicet, ut probet, ut delectet, ut flectat. Probare necessitatis est, delectare suauitatis, flectere uictoriae (...). Sed quot officia oratoris tot sunt genera dicendi: subtile in probando, modicum in delectando, uehemens in flectendo; in quo uno uis omnis oratoris est* (69).

<sup>118</sup> Cf. MAY (2007, p. 261).

<sup>119</sup> Tradução de Brunno Vinicius Gonçalves Vieira e Pedro Colombaroli Zoppi. Cf. tamém: ALMEIDA, O.V.B.de. O *Brutus* de Marco Túlio Cícero: estudo e tradução. Dissertação (Mestrado em Letras Clássicas). São Paulo: USP, 2014. Cf. *Optimus est enim orator qui dicendo animos audientium et docet et delectat et permouet. Docere debitum est, delectare honorarium, permouere necessarium* (3).

<sup>120</sup> "Le principe du *delectare* est de surcroît présenté sous un angle explicitement esthétique. La métaphore, ainsi, procure du plaisir (*delectat*) à l'auditeur (...) grâce au mouvement qu'elle produit d'un objet à l'autre dans l'âme de l'auditeur".

quando enaltece positivamente seu caráter, seus costumes, seus feitos, sua vida e enuncia negativamente os do adversário. Nessa obra, o conceito de *ethos* pode estar relacionado com o caráter do orador já conhecido pela audiência, ou seja, considera-se, além do *ethos* discursivo, também o *ethos* pré-discursivo.

Nas obras retóricas *Brutus*, *Orator* e *De optimo genere oratorum*, não se tem o verbo *conciliare*, como vimos em *De oratore*, mas sim o verbo *delectare*, principalmente. Contudo, esse verbo também corrobora a concepção de que o orador é capaz de persuadir a audiência através do discurso, melhor dizendo, ele é considerado um bom orador se assim o fizer. De fato, o verbo *delectare* nas obras posteriores ao *De oratore* aparece como uma reformulação do verbo *conciliare*.

## 2.5. A CONSTRUÇÃO DO *ETHOS* E O GÊNERO DEMONSTRATIVO: INVECTIVAS E O VITUPÉRIO NAS *FILÍPICAS*

Em sua *Retórica*, Aristóteles nos diz que existem três gêneros de discursos retóricos: o deliberativo (ou político), o judicial (ou forense) e o epidítico (ou demonstrativo), no qual há tanto o elogio (ἔπαινος) como a censura (ψόγος).<sup>121</sup> Em Quintiliano, *Inst. Or.* 3.4.11-12, encontramos que: “11. Isócrates pensava que em todos os tipos de oratória existem o elogio e o vitupério. (...) 12. Existe, portanto, como eu disse, um gênero que abrange o elogio e o vitupério, mas é chamado laudativo, devido a sua melhor parte: outros o chamam demonstrativo”.<sup>122</sup>

Em Cícero, em *Inv.* 1.7., vê-se: “Entretanto, Aristóteles, que forneceu numerosos recursos e aparatos para esta arte, pensou que o ofício do orador residia em três gêneros de ações: demonstrativo, deliberativo e judiciário. O demonstrativo destina-se ao elogio ou vitupério de determinada pessoa”.<sup>123</sup> De modo semelhante, em *Retórica a Herênio*, 1.2, encontramos: “Três são os gêneros de causas de que o orador deve incumbir-se: o demonstrativo, o deliberativo e o judiciário. O demonstrativo destina-se ao elogio ou vitupério de determinada pessoa”.<sup>124</sup>

Nas *Filípicas* ciceronianas, discursos predominantemente de invectiva, conforme será exposto com mais detalhes posteriormente, vê-se o elogio por parte do orador majoritariamente a si próprio e o vitupério<sup>125</sup> em relação a Marco Antônio, considerando tanto sua vida pública e política quanto sua vida privada. Se elogios são tecidos aos antepassados ilustres de Antônio, servem para realçar o que seriam as qualidades negativas de alguém que teria degenerado da estirpe (nesse caso, a acusação vale para ele e seu irmão). Portanto, ao longo desses discursos, vemos a consolidação do gênero demonstrativo, que se traduz em passos permeados de elogio e vitupério.<sup>126</sup> Isso resulta na construção de imagens dicotômicas e antagônicas entre o orador e seu adversário.

<sup>121</sup> Cf. I.1358b.

<sup>122</sup> 11. *Isocrates in omni genere inesse laudem ac uituperationem existimavit. (...) 12. Est igitur, ut dixi, unum genus, quo laus ac uituperatio continetur, sed est appellatum a parte meliore laudatiuum: idem alii demonstratiuum uocant.*

<sup>123</sup> *Aristoteles autem, qui huic arti plurima adiumenta atque ornamenta subministravit, tribus in generibus rerum uersari rhetoris officium putavit, demonstratiuo, deliberatiuo, iudiciali. Demonstratiuum est, quod tribuitur in alicuius certae personae laudem aut uituperationem.*

<sup>124</sup> *Tria genere sunt causarum, quae recipere debet orator: demonstratiuum, deliberatiuum, iudiciale. Demonstratiuum est, quod tribuitur in alicuius certae personae laudem uel uituperationem.*

<sup>125</sup> Cf. *OLD* (*uituperatio*): “crítica desfavorável, censura”.

<sup>126</sup> Cf. *PERNOT* (2005, p. 175): “louvor” (em grego *enkomion*, em latim *laus*) e “vitupério” (em grego *psogos*, em latim *vituperatio*).

Em *Retórica a Herênio*, 3.10, destacam-se os tópicos que podem contribuir para a constituição do elogio e, conseqüentemente, do vitupério, se considerarmos os opostos<sup>127</sup> dos termos em questão:

“10. Passemos agora ao gênero demonstrativo. Como causas desse gênero se dividem em elogio e vitupério, o vitupério será obtido com tópicos contrários àqueles que usarmos para compor o elogio. O elogio, então, pode ser das coisas externas, do corpo e do ânimo. Coisas externas são aquelas que podem acontecer por obra do acaso ou da fortuna, favorável ou adversa: ascendência, educação, riqueza, poder, glória, cidadania, amizades, enfim, coisas dessa ordem e seus contrários. Ao corpo pertence o que a natureza lhe atribuiu de vantajoso ou desvantajoso: rapidez, força, beleza, saúde e seus contrários. Dizem respeito ao ânimo as coisas que comportam nossa deliberação e reflexão: prudência, justiça, coragem, modéstia, e seus contrários”<sup>128</sup>.

Nas *Filípicas*, conforme será possível verificar em itens posteriores, Cícero indica negativamente as “coisas externas” de Antônio, como: sua *gens*, com menção negativa quando se trata de seu irmão, positiva quando se trata de seu avô; seus bens e a falta de controle sobre eles, comparando-o a Caríbdis; as amizades que o cercam, em relação à influência teatral e seu relacionamento com a atriz de mimo Volúmnia Citéris (*Volumnia Cytheris*), e seus companheiros de jogos de azar; a falta de eloquência, questionando seus dotes oratórios e sua educação e, por conseqüência, a sua capacidade intelectual e de governar.

Também podemos afirmar que o orador perpassa pelas “coisas do corpo” quando menciona, por exemplo, os hábitos de Antônio considerados nocivos, como beber e comer em excesso, afirmando que seu adversário está *semper ebrium* (“sempre bêbado”), vomitando em público; além de, em alguns momentos, considerá-lo um “gladiador”.

Contudo, se levarmos em consideração a característica invectiva das *Filípicas* e o objetivo maior de Cícero de vituperar e difamar a imagem de Antônio – em relação às suas atitudes e características de sua vida privada, pública e política – é possível afirmar, a priori, que as “coisas do ânimo” mencionadas em *Retórica a Herênio* aparecem nas *Filípicas* de

<sup>127</sup> Cf. CIC. *De or.* 2.349: *Iam uituperandi praecepta contrariis ex uitis sumenda esse perspicuum est* (“Está claro, agora, que os preceitos da vituperação devem ser tomados aos vícios contrários”).

<sup>128</sup> 10. *Nunc ad demonstratiuum genus causae transeamus. Quoniam haec causa diuiditur in laudem et uituperationem, quibus ex rebus laudem constituerimus, ex contrariis rebus erit uituperatio comparata. Laus igitur potest esse rerum externarum, corporis, animi.*

*Rerum externarum sunt ea, quae casu aut fortuna secunda aut aduersa accidere possunt: genus, educatio, diuitiae, potestates, gloriae, ciuitas, amicitiae, et quae huiusmodi sunt et quae his contraria. Corporis sunt ea, quae natura corpori adtribuit commoda aut incommoda: uelocitas, uires, dignitas, ualetudo, et quae contraria sunt. Animi sunt ea, quae consilio et cogitatione nostra constant: prudentia, iustitia, fortitudo, modestia, et quae contraria sunt.*

modo mais recorrente e explícito; elas se relacionam com os assuntos e com as categorias retiradas de *De oratore*, 2.182, citadas anteriormente, que são: “caráter” (*mores*), “costumes” (*instituta*), “feitos” (*facta/res gestae*), “vida” (*uita*) e “reputação” (*existumatio uitae*).

Tendo em vista as “coisas do ânimo” e as categorias, é importante retomarmos o trecho 1.8, de *Retórica a Herênio*, já apresentado em nosso trabalho:

Baseados na pessoa dos adversários, granjaremos a benevolência se levarmos os ouvintes ao ódio, à indignação e ao desprezo. Ao ódio havemos de arrebatar-los se alegarmos que aqueles agiram com baixeza, insolência, perfídia, crueldade, impudência, malícia e depravação. À indignação os moveremos se falarmos da violência dos adversários, da tirania, das facções, da riqueza, intemperança, notoriedade, clientela, laços de hospitalidade, confraria, parentesco, e revelarmos que se fiam mais nesses recursos do que na verdade. Ao desprezo os conduziremos se expusermos a inércia dos adversários, sua covardia, ociosidade e luxúria.<sup>129</sup>

Portanto, a ação de vituperar, ou melhor, o vitupério associado à imagem do adversário pode ser alcançado e colocado em prática no discurso, pelo orador, levando o ouvinte “ao ódio, à indignação e ao desprezo” (*in odium, in inuidiam, in contemptionem*). O ódio é incitado se atribuirmos ao adversário os seguintes atributos: “baixeza, insolência, perfidia, crueldade, impudência, malícia e depravação” (*spurce, superbe, perfidiose, crudeliter, confidenter, malitiose, flagitiose*). A indignação é incitada se mostrarmos “a violência, a tirania, as facções, a riqueza, intemperança, notoriedade, clientela, laços de hospitalidade, confraria, parentesco” (*uim, potentiam, factionem, diuitias, incontinentiam, nobilitatem, clientelas, hospitium, sodalitatem, adfinitates*) dos adversários. E se conduz ao desprezo se ponturarmos “a inércia dos adversários, sua covardia, ociosidade e luxúria” (*inertiam ignauiam, desidiem luxuriam aduersariorum*).

É válido afirmar que o orador cita aspectos da vida privada e política de Antônio, evidenciando muitas das várias características supracitadas, as quais reforçam o vitupério como um ponto fundamental para a construção do *ethos* negativo de Antônio e intrínseco às *Filípicas* ciceronianas.

---

<sup>129</sup> 8. (...) *Ab aduersariorum persona beniuolentia captabitur, si eos in odium, in inuidiam, in contemptionem adducemus. In odium rapiemus, si quid eorum spurce, superbe, perfidiose, crudeliter, confidenter, malitiose, flagitiose factum proferemus. In inuidiam trahemus, si uim, si potentiam, si factionem, diuitias, incontinentiam, nobilitatem, clientelas, hospitium, sodalitatem, adfinitates aduersariorum proferemus, et his adiumentis magis quam ueritati eos confidere aperiemus. In contemptionem adducemus, si inertiam ignauiam, desidiem luxuriam aduersariorum proferemus.*

### 3. BREVE CONTEXTUALIZAÇÃO DAS QUATORZE *FILÍPICAS*

As reformas<sup>130</sup> que vinham sendo aprovadas por Júlio César, na prática único governante de Roma em 45 a.C., transformavam-no, teoricamente, em um monarca, uma vez que o senado pouco participava de seus feitos, afastando-se a possibilidade de restauração da República, o que era ambicionado por Cícero. Nota-se que, em *CIC. Phil.* 1.4., há referência à ditadura<sup>131</sup> que vinha sendo exercida por César: *propter perpetuae dictaturae recentem memoriam* (“por causa da memória recente da ditadura perpétua”). A insatisfação em relação a César levou à conjuração cujos objetivos eram o fim de sua ditadura, o seu assassinato e, principalmente, a restauração da República.

Assim, o assassinato de Júlio César, em 15 de março de 44 a.C.,<sup>132</sup> acarretou uma série de eventos políticos – como, por exemplo, a crescente ascensão do poder político de Marco Antônio, a mudança das leis promulgadas por César (algumas não foram respeitadas ou foram modificadas) e da autonomia do senado e o surgimento de novas leis – que afetaram o destino da República. Os idos de março causaram grande impacto não só nos conjurados e em Marco Antônio, mas também no povo romano. É interessante mencionar que os conjurados também visavam impedir o poder excessivo que Marco Antônio poderia vir a ter,<sup>133</sup> já que é possível dizer que ele mostrou habilidade e, inicialmente, moderação, fazendo

---

<sup>130</sup> Cf. *PLUT. Caes.* 60-61, para mais detalhes sobre o descontentamento do povo e do senado em relação às atitudes de César.

<sup>131</sup> Importante ressaltar que não se trata, aqui, da concepção moderna de ditadura. A *dictatura* romana, à qual se recorria em momentos de crise aguda, era exercida por um período limitado de seis meses e não compreendia poderes ilimitados.

<sup>132</sup> Tanto Plutarco como Suetônio narram o suposto perigo que Júlio César corria nos idos de março, que é o décimo quinto dia do mês: “é possível também ouvir muitos relatar que um adivinho predisse a César que se resguardasse de um grande perigo no dia do mês de março, que os romanos chamam os Idos” (*PLUT. Caes.* 63; tradução de Ísis Borges Belchior Fonseca, 2006); e “estando ele a fazer sacrifício, o harúspice Espurina o aconselhou a que ‘se prevenisse contra um perigo que não iria além dos idos de março’” (*SUET. Iul.* 81; tradução de Antônio da Silveira Mendonça, 2006).

<sup>133</sup> Cf. *BRINGMANN* (2007, p. 280-281): “os conjurados consideraram matar não apenas César, mas também o seu companheiro de consulado Marco Antônio, mas decidiram contra esse plano. Embora Cícero considerasse isso um erro, havia boas razões para essa decisão. Antônio ocupou o cargo político-chave do consulado (...), e não demorou muito antes que Marco Antônio, que fugira para se esconder em pânico depois do assassinato, assumisse o comando dos negócios novamente. Cícero logo teve uma boa razão para a sua queixa de que, embora o tirano estivesse morto, a tirania ainda estava viva” - “The conspirators considered killing not only Caesar but also his fellow consul Mark Antony, but decided against this plan. Although Cicero described it as a mistake, there were good reasons for this decision. Antony held the key political office of the consulship (...), and it did not take long before Mark Antony, who had fled into hiding in panic after the assassination, took charge of affairs again. Cicero soon had good reason for his complaint that, although the tyrant was dead, tyranny was still alive”.

uso, também, do assassinato de César para ganhar o apoio dos veteranos e a lealdade do povo.<sup>134</sup>

Sozinho em Roma, “Antônio agia como senhor absoluto, sendo ele próprio cônsul e ainda por cima secundado por dois irmãos, o pretor Caio e o tribuno da plebe Lúcio” (PLUT. *Ant.* 15),<sup>135</sup> enquanto a República estava abandonada pelos conservadores. Cícero, que não participou diretamente da conjuração do assassinato de César, mas desejava a restauração da República e o fim da ditadura, “tornou-se cada vez mais desanimado com o futuro da República, procurando refúgio na filosofia e até decidindo retirar-se da Itália para Atenas”.<sup>136</sup>

De acordo com May (1988, p. 148), “a euforia desfrutada por Cícero e outros apoiadores republicanos diante do assassinato de César foi de curta duração. Como Antônio fortaleceu sua posição e passou por cima das decisões do senado, Cícero se encontrou mais uma vez sem esperanças de uma República ressuscitada”.<sup>137</sup> Cícero, ainda que ausente de Roma, recebia e escrevia uma grande quantidade de cartas e discursos diversos, em que expressava suas suspeitas a respeito das atitudes de Marco Antônio e do verdadeiro futuro da República.

Em *Att.* 14.12, Cícero afirma:

---

<sup>134</sup> Cf. LE GLAY (2001, pp. 331-332): “Por haver manipulado com habilidade o senado, frente ao povo e aos conjurados nos idos de março, Antônio parece, a partir de 18-19 de março, dono de Roma. É, em todo caso, o primeiro pretendente à sucessão de César. Proprietário de sua fortuna e de seu tesouro, tem o ânimo da guerra... e da paz. Responsável pelo abastecimento de Roma, é o senhor da Cidade. Fornecidos a ele os papéis de ditador, apresenta os decretos em andamento como votados antes do assassinato, o que lhe permite outorgar imunidades e concessões de terras; César concedeu aos sicilianos o direito romano, Antônio lhes outorga o direito à cidadania. Sobre a possível oposição, amordaçou-a com a divisão das províncias entre os magistrados, outorgando aos assassinos de César províncias pouco importantes, como Creta e Cirenaica, e reservando para si a Macedônia, e para Dolabela, que se tornou seu colega no consulado, a Síria. Só um ponto obscuro: a Cisalpina, que Décimo Bruto possui, o conjurado mais inquietante do momento. O final de março e o começo de abril transcorrem entre intrigas de Marco Antônio, que se dedica a seduzir o povo e os soldados, a afastar os conjurados e a adular o Senado” – “Por haber manipulado con habilidad al Senado, frente al pueblo y a los conjurados de los Idus de marzo, Antonio parece a partir del 18-19 de marzo dueño de Roma. Es, en cualquier caso, el primer pretendiente a la sucesión de César. Propietario de su fortuna y de su tesos, posee el nervio de la guerra... y de la paz. Responsable del abastecimiento de Roma, es amo de la Ciudad. Provisto de los papeles de dictador, presenta los decretos en preparación como votados antes del asesinato, lo que le permite otorgar inmunidades y concesiones de tierras; César concedió a los sicilianos el derecho latino, Antonio les otorga el derecho de ciudadanía. En cuanto a la posible oposición, la amordazó con el reparto de las provincias entre los magistrados, otorgando a los asesinos de César provincias poco importantes, como Creta y Cirenaica, y reservándose para sí Macedonia, y para Dolabela, que llegó a ser su colega en el consulado, Siria. Sólo un punto oscuro: la Cisalpina que posee Décimo Bruto, el conjurado más inquietante por el momento. El final de marzo y el comienzo de abril transcurren entre intrigas de Marco Antonio, que se dedica a seducir al pueblo y a los soldados, a alejar a los conjurados y a halagar al Senado”.

<sup>135</sup> Os trechos das obras de Plutarco, *Cícero e Antônio*, seguem a tradução de Gilson César Cardoso (1992).

<sup>136</sup> P.G. Walsh in CICERO (2008, p. 228).

<sup>137</sup> “The euphoria enjoyed by Cicero and other Republican supporters at the assassination of Caesar was short-lived. As Antony fortified his position and ran roughshod over the Senate's decisions, Cicero found himself once again despairing of his hope for a resurrected Republic”.

Ó, meu estimado Ático, eu temo que os idos de março não nos tenham trazido nada além de alegria e satisfação do nosso ódio e a da nossa dor. Que notícias de Roma me são anunciadas! Que coisas eu vejo aqui! [...] Mas veja Antônio, que, tendo aceitado uma grande quantidade de dinheiro, fixou uma lei, anunciada pelo ditador nos comícios, na qual sicilianos se tornam cidadãos romanos; não se fez nenhuma menção a isso enquanto César estava vivo.<sup>138</sup>

O início dessa carta expõe o descontentamento de Cícero com os idos de março, uma vez que afirma não ter apresentado resultados objetivos e efetivos tanto para os conjurados quanto para a República. Além disso, já se podia ter um indício de que Marco Antônio promulgou novas leis como se estivessem nos papéis de César. A promulgação de novas leis é amplamente discutida por Cícero em suas duas primeiras *Filípicas*, uma vez que essa atitude de Antônio seria contrária à defesa das medidas de César, as quais, de certa forma, segundo Cícero, agem em prol da restauração da República e apresentam um papel importante para seu bem. Infere-se, então, que Marco Antônio, deixando de segui-las, se posiciona contra a própria República.

Murrell (2008, p. 161) afirma que

Cícero permaneceu em sua propriedade rural e, depois de muita hesitação, decidiu viajar para Atenas para visitar seu filho, que era estudante lá. Impedido por ventos contrários, ele foi forçado a desembarcar no sul da Itália e, enquanto esperava, foi encorajado por notícias de Roma. Haveria uma reunião geral no senado em primeiro de agosto e havia grande esperança de que Antônio aceitaria a autoridade do senado.<sup>139</sup>

Contudo, Cícero não compareceu à reunião de primeiro de agosto, pois chegou a Vélia em 17 de agosto<sup>140</sup> e a Roma em 31 de agosto. Assim, logo após a chegada recente de Cícero, Antônio convocou uma reunião do senado para primeiro de setembro a fim votar honras adicionais a César,<sup>141</sup> mas aquele se ausentou, alegando cansaço depois de sua viagem.<sup>142</sup> Plutarco, porém, afirma que ele se absteve da reunião por medo e suspeita de

<sup>138</sup> *O mi Attice, vereor, ne nobis Idus Martiae nihil dederint praeter laetitiam et odii poenam ac doloris. Quae mihi istim adferuntur! quae hic video! (...) Ecce autem Antonius accepta grandi pecunia fixit legem a dictatore comitiis latam, qua Siculi cives Romani; cuius rei vivo illo mentio nulla.*

<sup>139</sup> “Cicero remained on his country estates and, after much hesitation, decided to travel to Athens to visit his son, who was a student there. Impelled by contrary winds he was forced to land in southern Italy and, while waiting, was encouraged by news from Rome. There was to be a full meeting of the senate on 1 August and there were high hopes that Antony would accept the authority of the senate”.

<sup>140</sup> Cf. CIC. *Att.* 16.7.

<sup>141</sup> Cf. MURRELL (2008, p. 161).

<sup>142</sup> Cf. LINTOTT (2008, p. 375).

alguma armadilha por parte de Antônio, como se pode ver em *Cic.* 43: “No dia seguinte Antônio reuniu o Senado e convocou Cícero, que não compareceu e ficou na cama, pretextando o cansaço da viagem. (Na verdade, ao que parece, temia uma armadilha, pois recebera uma denúncia a respeito quando em caminho)”.

A ausência de Cícero no senado foi percebida por Antônio, que o acusou de afrontá-lo e iniciou, nesse momento, a total ruptura entre ambos, conforme se pode ver ainda em Plutarco, *Cic.* 43:

Antônio, irritado com a calúnia, despachou soldados com ordem de trazê-lo ou lançar fogo à sua casa. Diversos senadores, porém, se opuseram, e, a instâncias deles, Antônio concordou com garantias. Daí por diante não cessaram de brigas, mas sem barulho, e de vigiar-se mutuamente (...).

A ameaça e as palavras de Marco Antônio incitaram Cícero a rebater tal injúria cometida contra ele. Para tal, escreveu naquele mesmo dia um texto, dirigiu-se ao senado no dia seguinte, na ausência de Antônio, e proferiu a primeira de suas quatorze *Filípicas*.<sup>143</sup> Segundo Hall (2002, p. 273),

Compostas entre setembro de 44 e abril de 43, as quatorze *Filípicas* são os últimos discursos sobreviventes de Cícero. Apesar de abordarem uma variedade de situações políticas, elas são unificadas por um tema central: oposição à tentativa de Marco Antônio de assumir o controle da República após o assassinato de Júlio César. Os discursos estão, assim, intimamente relacionados com os complexos eventos políticos do período.<sup>144</sup>

Destacamos que Cícero as nomeou de *Filípicas* como uma referência às invectivas de Demóstenes contra Filipe da Macedônia, trezentos anos antes.<sup>145</sup> Sabe-se que Demóstenes escreveu suas três *Filípicas* contra Filipe da Macedônia e, conforme Isis Borges da Fonseca (*in* Demóstenes 2001, p. XIII) afirma, preocupava-se com o interesse de sua cidade e com a liberdade dos gregos, empregando “toda a capacidade de persuasão, todo o ardor patriótico em defesa da salvação da Grécia, que já estava com o adversário aquém das suas fronteiras”.

---

<sup>143</sup> *Ibid.*

<sup>144</sup> “Composed between September 44 and April 43, the fourteen *Philippics* are the last of Cicero’s extant orations. Although they address a variety of political situations, they are unified by a central theme: opposition to Mark Antony’s attempts to seize control of the Republic following the assassination of Julius Caesar. The speeches are thus closely tied to the complex political events of the period”.

<sup>145</sup> Cf. CRAIG (2007, p. 282).

Do mesmo modo que Demóstenes escreveu três discursos contra o rei Filipe da Macedônia, com o objetivo de defender sua cidade, Cícero também o fez contra Marco Antônio em relação à República. Ambos os oradores se voltaram para o interesse da sua cidade em questão, Atenas e Roma, colocando-se como defensores e patriotas e acusando seus adversários políticos. Além disso, Plutarco, *Cic.* 24, sobre a relação entre Cícero e Demóstenes, menciona: “Essas pessoas esquecem os grandes e maravilhosos elogios de que Cícero tantas vezes cumula o célebre orador [Demóstenes]; esquecem também que deu a seus discursos mais bem-elaborados, os discursos contra Antônio, o título *Filípicas*”.

Em *De or.*, vemos Cícero, através de personagens desse diálogo, tecer elogios a Demóstenes em algumas passagens:

*1.58. Hyperidem aut Demosthenem, perfectos iam homines in dicendo et perpolitos.*

1.58. Hipérides ou Demóstenes, homens consumados já e perfeitos na oratória.

*1.88. Ea Menedemus exemplis magis quam argumentis conabatur refellere. Memoriter enim multa ex orationibus Demostheni praeclare scripta pronuntians docebat illum in animis uel iudicium uel populi in omnem partem dicendo permouendis non fuisse ignarum quibus ea rebus consequeretur, quae negaret ille sine philosophia quemquam nosse posse.*

1.88. Menedemo procurava refutar tais ideias antes com exemplos que com argumentos. De fato, recitando de memória diversas passagens dos discursos de Demóstenes admiravelmente escritas, mostrava que este não ignorava os meios de influenciar os ânimos dos juízes ou do povo em todas as direções por meio do discurso, o que Cármas afirmava não ser possível alguém saber sem o conhecimento da filosofia.

*1.89. Huic respondebat non se negare Demosthenem summam prudentiam summamque uim habuisse dicendi.*

1.89. Este lhe respondia não negar que Demóstenes tivesse um grande conhecimento e um grande vigor oratório.

*1.260. Ergo, ut ad primum illud reuertar, sit orator nobis is qui, ut Crassus descripsit, accommodate ad persuadendum possit dicere. Is autem concludatur in ea quae sunt in usu ciuitatum uolgari ac forensi, remotisque ceteris studiis, quamuis ea sint ampla atque praeclara, in hoc uno opere, ut ita dicam, noctes et dies urgeatur; imiteturque illum, cui sine dubio summa uis dicendi conceditur, Atheniensem Demosthenem, in quo tantum studium fuisse tantusque labor dicitur, ut primum impedimenta naturae diligentia industriaque superaret.*

1.260. Portanto, tornando ao primeiro ponto de nossa discussão, consideremos orador aquele que, como Crasso descreveu, é capaz de

discursar de maneira adequada à persuasão. Que ele se atenha ao que diz respeito à prática comum e forense dos estados, aparte-se dos demais estudos, ainda que sejam importantes e ilustres, ocupe-se noite e dia desta única obra, por assim dizer, e imite aquele a quem sem dúvida se concede o mais alto poder oratório, o ateniense Demóstenes, em quem havia, dizem, tamanha dedicação e tamanho trabalho que superou, em primeiro lugar, os obstáculos da natureza com sua diligência e indústria.

3.28. *Aspicite nunc eos homines atque intuemini, quorum de facultate quaerimus, [quid intersit inter oratorum studia atque naturas]. Suauitatem Isocrates, subtilitatem Lysias, acumen Hyperides, sonitum Aeschines, uim Demosthenes habuit.*

3.28. Considerai agora os homens cuja faculdade investigamos e observai que diferença existe entre as inclinações e as naturezas dos oradores. Isócrates tinha encanto, Lísias, precisão, Hipérides, vivacidade, Ésquines, clamor, Demóstenes, força.

Essas passagens reforçam o elogio de Cícero a Demóstenes e estão relacionadas com o fato de seus discursos terem sido nomeados *Filípicas*. Traça-se um paralelo entre Demóstenes e Cícero e entre as três *Filípicas* de Demóstenes e as quatorze *Filípicas* de Cícero, já que, ao considerar Demóstenes um orador perfeito e assemelhar seus discursos ao dele, Cícero nos prenuncia a importância de seus quatorze discursos e ressalta, conseqüentemente, sua imagem de bom orador.<sup>146</sup> Já em *Brutus*<sup>147</sup> também havia referências de Cícero a Demóstenes:

141. *Quo in genere quia praestat omnibus Demosthenes, idcirco a doctis oratorum est princeps iudicatus.*

141. Porquanto nesse gênero está à frente de todos Demóstenes, por isso pelos doutos este foi julgado o maior dos oradores.<sup>148</sup>

288-289. *'Demosthenem igitur imitemur.' O di boni! quid, quaeso, nos agimus aut quid aliud optamus? At non assequimur. (...) cum Demosthenes dicturus esset, ut concursus audiendi causa ex tota Graecia fierent.*

289. “A Demóstenes então imitemos”. Ó, bons deuses! Que, por favor, fazemos nós ou que outra coisa desejamos? Mas não alcançamos. (...) quando Demóstenes ia discursar, acorria-se de todos os pontos da Grécia para ouvi-lo.<sup>149</sup>

<sup>146</sup> Cf. NICOLAY (2017, p. 5): “a rigor, se há humor, é aquele que o Arpinate aponta para o tipo de obsessão que o leva, mais uma vez, a seguir os passos do Ateniense” – “à la rigueur, si humour il y a, c’est celui que l’Arpinate met à remarquer l’espèce d’obsession qui le pousse, une nouvelle fois, à se mettre dans les pas de l’Athénien”.

<sup>147</sup> As traduções dos trechos de *Brutus* são de José Rodrigues Seabra Filho (2013).

<sup>148</sup> Tradução de José Rodrigues Seabra Filho, com pequenas alterações.

<sup>149</sup> *Ibid.*

E em *Att.*, Cícero diz:

2.1.3. *Oratiunculas autem, et quas postulas, et plures etiam mittam, quoniam quidem ea, quae nos scribimus adolescentulorum studiis excitati, te etiam delectant. Fuit enim mihi commodum, quod in eis orationibus, quae Philippicae nominantur, enituerat civis ille tuus Demosthenes, et quod se ab hoc refractariolo iudiciali dicendi genere abiunxerat, ut σεμνότερός τις et πολιτικώτερος videretur, curare, et meae quoque essent orationes, quae consulares nominarentur.*

2.1.3. Porém, enviarei os pequenos discursos que tu pedes e também mais, visto que, certamente, as coisas que escrevemos estimulados pelo desejo dos jovens também te deleitam. Pois foi conveniente para mim, uma vez que, nos discursos que são chamados de *Filípicas*, aquele teu célebre concidadão, Demóstenes, se fizera notável e havia se distanciado deste gênero oratório dado a chicanas para parecer mais grave e mais estadista, cuidar para que também houvesse discursos meus que se chamassem consulares.

É possível ver uma breve menção às *Filípicas*, em *Ad Brut.*, em duas cartas:<sup>150</sup> a primeira, uma carta de Bruto para Cícero: “além disso, eu absolutamente concordo que sejam nomeadas *Filípicas*, o que tu escreveste brincando em certa carta”; a segunda, uma carta de Cícero para Bruto: “este discurso será levado até ti, porque eu vejo que tu te comprouveste com as nossas *Filípicas*”.

Quintiliano, *Inst.*, ainda nos diz que:

3.8.46 *Quare et, cum Ciceroni dabimus consilium, ut Antonium roget, vel etiam ut Philippicas (ita vitam pollicente eo) exurat, non cupiditatem lucis allegabimus (haec enim si valet in animo eius, tacentibus quoque nobis valet), sed ut reipublicae se servet hortabimur.*

3.8.46 Então, quando nós aconselharmos a Cícero que rogue a Antônio ou ainda que queime as *Filípicas*, deste modo prometendo ele conservar sua vida, não alegaremos paixão pela vida (pois se esta paixão prevalece em sua mente, também prevalece conosco calados), mas exortaremos que ele sirva à República.

Mais adiante, o autor da *Institutio* retoma a ideia:

3.8.65. *Nam et Philippicas Demosthenis iisdem quibus habitas in iudiciis orationes video eminere virtutibus, et Ciceronis sententiae et contiones non minus clarum, quam est in accusationibus ac defensionibus, eloquentiae lumen ostendunt.*

3.8.65. Pois eu vejo que as *Filípicas* de Demóstenes se distinguem pelas mesmas qualidades encontradas em seus discursos jurídicos, e as opiniões de Cícero no senado e em assembleias do povo mostram um

<sup>150</sup> CIC. *Ad Brut.* 2.3.4: *iam concedo ut uel Philippici uocentur, quod tu quadam epistula iocans scripsisti*; CIC. *Ad Brut.* 2.4.2: *haec ad te oratio perferetur, quoniam te uideo delectari Philippicis nostris.*

brilho da eloquência não menos intenso que nas acusações e nas defesas.

Destaquemos, então, que o próprio título dos discursos contribui para a construção do *ethos* de Cícero e Marco Antônio, sobre os quais recai a sombra, por via intertextual, do maior orador grego e seu inimigo.

Sobre as *Filípicas* de Cícero, Craig (2007, p. 282) afirma: “todas proferidas no senado, exceto pelas *Filípicas* 4 e 6, pronunciadas em *contiones*, refletem uma coragem intransigente e uma autoridade que é completamente livre da deferência bajuladora dos discursos cesarianos ou da estridente autojustificação dos discursos *post reditum*”.<sup>151</sup> Além disso, como mostra a Tabela 2 abaixo, retirada de Hall (2002, p. 274) e traduzida por nós, cada *Filípica* foi escrita em uma data diferente:

**Tabela 2 – Data de cada *Filípica* e seu público<sup>152</sup>**

<b>Filípica</b>	<b>Data</b>	<b>Público</b>	<b>Filípica</b>	<b>Data</b>	<b>Público</b>
<b>1</b>	2 set. 44	Senado	<b>8</b>	4 fev. 43	Senado
<b>2</b>	19 set. 44	Senado	<b>9</b>	Início de fev. 43	Senado
<b>3</b>	20 dez. 44	Senado	<b>10</b>	Logo depois de 4 fev. 43	Senado
<b>4</b>	20 dez. 44	Povo romano	<b>11</b>	Fim de fev. 43	Senado
<b>5</b>	1 jan. 43	Senado	<b>12</b>	Início de mar. 43	Senado
<b>6</b>	1 jan. 43	Povo romano	<b>13</b>	20 mar. 43	Senado
<b>7</b>	Meio de jan. 43	Senado	<b>14</b>	21 abr. 43	Senado

O primeiro discurso, que Cícero pronunciou no senado no dia 2 de setembro de 44 a.C., é conhecido como a sua primeira *Filípica*. É possível dizer que, levando-se em conta o conteúdo do texto, “a primeira parte desse discurso é uma defesa de sua partida e de seu

<sup>151</sup> “Cicero’s *Philippics*, all delivered in the senate except for *Philippics* 4 and 6, spoken in *contiones*, reflect an uncompromising courage and authority that is completely free from the fawning deference of the Caesarian orations or from the strident self-justification of the *post reditum* speeches”.

<sup>152</sup> Também consultamos Manuwald (2007, pp.10-31) a respeito de informações relevantes sobre a audiência e os objetivos das quatorze *Filípicas*.

retorno, retratando-a como uma resposta ao próprio comportamento de Antônio: ele estava aguardando, esperançoso, a *res publica* retornar finalmente para a autoridade do senado” (LINTOTT, 2008, p. 375).<sup>153</sup> Discorre sobre os acontecimentos recentes, os feitos de César e atitudes de Antônio, apelando, inclusive, a este, e, então, protesta sobre o ataque que sofrera no dia anterior. Cícero repreende a atividade legislativa de Antônio e enfatiza que a preservação dos *acta Caesaris* é essencial para a paz e a harmonia, mas que esses *acta* não são encontrados em notas manuscritas em livros e papéis, mas gravados em bronze como leis impostas pelo povo.<sup>154</sup>

Contudo, a primeira *Filípica* de Cícero, conforme afirma Hall (2002, p. 275),

Embora seja claramente um gesto calculado de desafio político, o discurso não é uniformemente beligerante, oferecendo, em alguns momentos, a possibilidade de cooperação no futuro (ver especialmente *Phil.* 1.27-34). Antônio, contudo, bem entendeu o significado deste desafio direto à sua liderança e respondeu, por sua vez, em 19 de setembro, no senado, com uma denúncia furiosa do caráter e da carreira de Cícero (*Fam.* 12.2.1). Ao fazer isso, ele iniciou uma ruptura decisiva nas suas relações políticas.<sup>155</sup>

Dialogando com C. Cássio Longino, em *Fam.* 12.2.1,<sup>156</sup> Cícero faz referência à resposta de Marco Antônio a sua primeira *Filípica*, e isso se mostra de suma importância para o surgimento da segunda *Filípica*:

mas o homem fora de si e perdido, e muito pior do que aquele mesmo que tu disseste ter sido condenado à morte por ser o pior de todos, procura um princípio para um massacre e me acusa de ser o autor do assassinato de César por nenhum outro motivo a não ser incitar os veteranos contra mim: eu não temo esse perigo, desde que ele associe a glória do vosso feito com a minha reputação.

<sup>153</sup> “The first part of this speech is a defence of his departure and return, portraying it as a response to Antonius’ own behaviour: he had been waiting and hoping for the *res publica* to return at long last to the authority of the senate”.

<sup>154</sup> Cf. LINTOTT (2008, p. 376) e STEVENSON (2009).

<sup>155</sup> “Although clearly a calculated gesture of political defiance, the speech is not uniformly belligerent, offering in places the possibility of cooperation in the future (see especially *Phil.* 1.27–34). Antony however well understood the significance of this direct challenge to his leadership and responded in turn on 19th September with a furious denunciation in the Senate of Cicero’s character and career (*Fam.* 12.2.1). In doing so he initiated a decisive breach in their political relations”.

<sup>156</sup> *Sed homo amens et perditus multoque nequior quam ille ipse quem tu nequissimum occisum esse dixisti caedis initium quaerit nullamque aliam ob causam me auctorem fuisse Caesaris interficiendi criminatur nisi ut in me veterani incitentur; quod ego periculum non extimesco, modo vestri facti gloriam cum mea laude communicet.*

Ainda em *Fam.* 12.2.1,<sup>157</sup> Cícero contesta as acusações feitas por Antônio e também afirma que ele preparou sua réplica “em seu antro de bebida e vício” e “pareceu a todos não discursar mas vomitar publicamente como era seu costume”. Assim, retirando-se para a Campânia e temendo por sua vida, Cícero escreve a sua segunda *Filípica*, que se caracteriza por um tipo de contra-ataque ao ataque de Marco Antônio à primeira *Filípica*, significando, também, uma tentativa de Cícero de salvar sua *dignitas* ao atacar a de Antônio. Hall (2002, p. 275) afirma, sobre essa segunda *Filípica*, que “o objetivo do panfleto é duplo: primeiro, lutar contra a difamação de Antônio em relação ao seu caráter e sua reputação; e segundo, lançar seu próprio ataque à credibilidade política de Antônio”.<sup>158</sup> E destacamos, aqui, o que foi dito por Hall, atribuindo à segunda *Filípica* a característica de um panfleto, já que Cícero faz uso das palavras como uma “arma” no discurso, com o objetivo de polemizar, “desconstruindo”, no caso, a imagem de Marco Antônio.

A terceira *Filípica* tenta “persuadir o senado a dar a sua aprovação oficial às ações de Otávio e D. Bruto na resistência a Antônio”<sup>159</sup> (HALL, 2002, p. 276), assim como a quinta *Filípica* difama Antônio e proclama novamente apoio a Otávio, D. Bruto e M. Lépido. Já a quarta e a sexta *Filípicas*, além de serem as únicas a terem sido proferidas em *contio* e resumirem os argumentos de Cícero nos recentes debates senatoriais, “são notáveis pela sua brevidade (seções 16 e 19 extensas, respectivamente)” (*ibid.*),<sup>160</sup> em comparação com as demais.

Manuwald (2007, p. 81) nos diz que:

Ambos os discursos em *contio*, as *Filípicas* quatro e seis, permitem que Cícero comente o debate no Senado e interprete os decretos resultantes a partir de seu ponto de vista, já que aproveita as ocasiões para os seus propósitos e não informa o povo de maneira objetiva. Desse modo, ele integra esses decretos em sua própria política e induz o apoio da população a sua concepção política; ele surge assim como o político superior.<sup>161</sup>

---

<sup>157</sup> *quae autem in lustris et in vino commentatio potuit esse? itaque omnibus est visus, ut ad te antea scripsi, vomere suo more, non dicere.*

<sup>158</sup> “The aim of the pamphlet is twofold: first, to counter Antony’s denigration of his character and reputation; and second, to launch his own attack on Antony’s political credibility”.

<sup>159</sup> “urges the Senate to give its official approval to the actions of Octavian and D. Brutus in resisting Antony”.

<sup>160</sup> “remarkable for their brevity (16 and 19 sections long respectively)”.

<sup>161</sup> “Both *contio* speeches, *Philippics Four* and *Six*, allow Cicero to comment on the debate in the Senate and to interpret the resulting decrees from his point of view, since he exploits the occasions for his purposes and does not inform the People objectively. Thereby he integrates these decrees into his own policy and provokes the support of the populace to his political concept; he thereby emerges as the superior politician.”

As sétima, oitava e nona *Filípicas* abordam as questões decorrentes da decisão do senado de enviar uma embaixada para negociar com Antônio em Mútina. Já na décima e na décima primeira *Filípicas* o foco do debate senatorial muda para as províncias orientais. Através da décima segunda *Filípica*, Cícero expõe que estava enganado ao concordar em participar de uma segunda embaixada para encontrar Antônio perto de Mútina devido ao propósito da situação e seu envolvimento pessoal com ele, mas, no fim, a embaixada nunca foi enviada. A respeito da décima terceira *Filípica*, Hall (2002, p. 279) afirma que, primeiramente, “ele [Cícero] argumenta veementemente contra a visão de Lépido de que a paz com Antônio é possível (...). Na segunda parte ele lê ao senado o conteúdo da carta de Antônio e o submete a um grande ridículo, esperando revelar a traição de Antônio e evitar qualquer onda de apoio à causa de punir os assassinos”,<sup>162</sup> sendo que “esta segunda parte em particular é uma façanha da mordaz inteligência oratória de Cícero”.<sup>163</sup> Por fim, a décima quarta *Filípica* de Cícero é, em parte, deliberativa e, em parte, um elogio dos mortos.<sup>164</sup>

Assim, as *Filípicas* “constituem algumas das nossas melhores evidências sobre a natureza do debate e oratória senatorial”<sup>165</sup> (*ibid.*, p. 281) e “realizam-se em um tenso contexto de debate senatorial, frequentemente acalorado. O ânimo da audiência de Cícero naturalmente mudava de acordo com as circunstâncias políticas da época”<sup>166</sup> (*ibid.*, p. 283). Portanto, o estudo das quatorze *Filípicas* é de extrema importância, uma vez que elas permitiram que Cícero manifestasse abertamente seu descontentamento político e, além disso, enfatizasse os valores romanos da época, influenciando as mentes romanas.

De acordo com May (1988, p. 149),

os quatorze discursos contra Antônio, as *Filípicas*, são o legado oratório e literário que Cícero nos deixou deste período. [...] O ponto em questão ao longo dos discursos é reduzido, de certa forma, a um conflito entre dois caracteres em larga escala: Antônio, que personifica a força do despotismo, loucura, mal, escuridão, hostilidade e desumanidade; e Cícero, que representa constitucionalidade, a República e as forças da tradição, bondade e razão. [...] o *ethos* de Cícero é o de um verdadeiro, infalível patriota, disposto a colocar sua vida em risco pela República e sua causa.<sup>167</sup>

<sup>162</sup> “he argues vehemently against Lepidus’ view that peace with Antony is possible (...). In the second part he reads to the Senate the contents of Antony’s letter and subjects it to extended ridicule, hoping to reveal Antony’s treachery and forestall any swell of support for the cause of punishing the assassins”.

<sup>163</sup> “This second part in particular is a tour de force of Cicero’s scathing oratorical wit”.

<sup>164</sup> Referência aos que sucumbiram em batalhas.

<sup>165</sup> “The *Philippics* thus constitute some of our best evidence for the nature of senatorial oratory and debate”.

<sup>166</sup> “The *Philippics* then take place in a context of tense, often heated senatorial debate. The mood of Cicero’s audience naturally changed according to the political circumstances of the time”.

<sup>167</sup> “The fourteen speeches against Antony, the *Philippics*, are the oratorical and literary legacy that Cicero left to us from this period. [...] The point at issue throughout the speeches is reduced, in a way, to a conflict between

É importante enfatizar que o caráter de ambos personagens é construído de modo antagônico, ou seja, Marco Antônio é tudo aquilo que Cícero não é e vice-versa, como nosso trabalho visa demonstrar. Apenas para citar um exemplo, ao longo da primeira *Filípica* Cícero evidencia sua autoimagem como um estadista, um patriota e defensor da restauração da República, como se pode ver nas seções 1 e 27: “Como eu tivesse esperança de que, finalmente, a República tinha voltado para as mãos do vosso conselho e autoridade, decidi que devia permanecer numa espécie de vigília como cônsul e senador. Nem, de fato, partia para lugar nenhum nem tirava os olhos da República”; “falo em favor da República”.<sup>168</sup>

Na segunda *Filípica*, é perceptível o uso do humor e da ironia como estratégia retórica contra Marco Antônio, uma vez que acontecimentos pessoais e políticos são apresentados e desenvolvidos de forma irônica. Na seção 44, por exemplo, há: “Portanto, tu queres que nós te examinemos desde menino? Assim penso: começemos desde o princípio. [...] Tu te revestiste da toga viril, que logo transformaste em toga de mulher”.<sup>169</sup> Aqui,<sup>170</sup> Cícero faz uso de ironia e tenta representar Antônio como o companheiro passivo nas relações homossexuais. Além disso, sempre com o objetivo de difamar a imagem de seu adversário, Cícero claramente atribui adjetivos e faz comparações a Antônio e também expõe<sup>171</sup> o que considera um hábito de Marco Antônio, a bebida. Essas caracterizações serão examinadas com detalhe mais adiante.

Portanto, as quatorze *Filípicas* evidenciam o posicionamento político de Cícero na época e, mais do que uma defesa, representam um ataque ao caminho pelo qual seguia a República, ainda sob a tirania, agora de Antônio. Pode-se dizer que elas estão inseridas em um contexto histórico peculiar que se inicia nos idos de março com o assassinato de César. Contudo, ao mesmo tempo em que as *Filípicas* foram um poderoso instrumento de contestação e debate político, vemos, em Plutarco, *Cic.* 48, que esses mesmos discursos teriam sido os responsáveis pelo assassinato de Cícero: “Conforme a ordem de Antônio, cortaram-lhe a cabeça e as mãos, aquelas mãos que haviam redigido as *Filípicas* – pois foi

---

two characters writ large: Antony, who personifies the forces of despotism, madness, evil, darkness, hostility, and inhumanity; and Cicero, who represents constitutionality, the Republic, and the forces of tradition, goodness, and right. [...] the ethos of Cicero is that of a true, unfailing patriot, willing to put his life on the line for the Republic and its cause”.

<sup>168</sup> *Ego cum sperarem aliquando ad uestrum consilium auctoritatemque rem publicam esse reuocatam, manendum mihi statuebam quasi uigilia quadam consulari ac senatoria. Nec uero usquam discedebam nec a re publica deiciebam oculos* (1); *Pro re publica dicenti* (27).

<sup>169</sup> *Visne igitur te inspiciamus a puero? Sic opinor: a principio ordiamur. [...] Sumpsisti uirilem, quam statim muliebrem togam reddidisti.*

<sup>170</sup> Cf. as notas de John T. Ramsey presentes em CICERO (2003, p. 227).

<sup>171</sup> Cf. *CIC. Phil.* 2.63.

assim que Cícero intitulou seus discursos contra Antônio, os quais até hoje conservam essa designação”.

#### 4. A CONSTRUÇÃO DO *ETHOS* DE CÍCERO E DE MARCO ANTÔNIO

Analisaremos o *ethos* nas *Filípicas* a partir das categorias que, dentre as presentes no de *De Or.*, 2.182, possam ser exploradas na totalidade do conjunto dos discursos: “caráter” (*mores*), “costumes” (*instituta*), “feitos” (*facta/res gestae*), “vida” (*uita*) e “reputação” (*existumatio uitae*).

Dessa forma, para entendermos de que forma Cícero tentou construir sua imagem e a de Antônio nos discursos, organizamos e separamos nosso estudo em alguns itens que serão expostos a seguir: “Comparações e características atribuídas a Marco Antônio”, “*Homo eloquens*: o uso da ironia nas *Filípicas*”, “Antônio como um personagem cômico: As referências ao teatro e à atriz de mimo Volúmnia Citéris”, “Outros (maus) costumes de Antônio: embriaguez, desregramentos financeiros e jogos de azar”, “O homoerotismo de Marco Antônio na segunda *Filípica*”, “Representação ciceroniana da *gens* de Marco Antônio” e “Marco Antônio, *inimicus Ciceroni e hostis rei publicae*”.

#### 4.1. COMPARAÇÕES E CARACTERÍSTICAS ATRIBUÍDAS A MARCO ANTÔNIO

Em suas *Filípicas*, Cícero faz uso de adjetivos e expressões para atribuir características negativas a Marco Antônio e o compara com outras pessoas, como Catilina (como veremos abaixo, ele seria uma espécie de Catilina piorado, segundo o orador), inferiorizando-o ainda mais. A escolha do orador de associar adjetivos e expressões negativas ao seu adversário é uma forma de menosprezá-lo de um modo mais direto e objetivo. Torna-se, assim, evidente qual é a imagem de Antônio que o orador tenta transmitir para o ouvinte ou leitor dos seus discursos.

Primeiramente, vamos explorar tais comparações através de uma tabela (Tabela 3) com a apresentação dos personagens comparados, os trechos originais e suas respectivas traduções. Em seguida, a fim de facilitar a visualização das características encontradas nos discursos, expomos uma tabela (Tabela 4) com alguns trechos relevantes extraídos das *Filípicas* com adjetivos, expressões e características relacionados a Marco Antônio e, também, suas respectivas traduções.

##### 4.1.1. COMPARAÇÕES

Com o objetivo de desprestigiar a imagem e as atitudes de Marco Antônio, Cícero o compara com alguns personagens importantes. Destacamos, então, aqueles que nos forneceram informações relevantes para a construção do *ethos* do adversário: Aníbal, Catilina, César, Cícero, Dolabela,<sup>172</sup> Lúcio Antônio<sup>173</sup> e Públio Clódio.<sup>174</sup>

**Tabela 3 – Alguns personagens com os quais se compara Marco Antônio**

Personagem	Trechos originais	Tradução
Aníbal	1.11. <i>Quoniam utriusque consili causam, patres conscripti, probatam uobis esse confido, priusquam de re</i>	11. Senadores, uma vez que confio ter sido aprovada por vós a causa de uma e outra decisão, antes que eu comece

<sup>172</sup> Públio Cornélio Dolabela foi cônsul romano.

<sup>173</sup> Há referências ao irmão de Antônio, Lúcio Antônio, e outros membros da família, chamados de Antônio.

<sup>174</sup> Públio Clódio foi um político romano que tinha desavenças com Cícero. O conflito entre os dois acirrou-se, e Clódio foi um dos principais instigadores do exílio de Cícero.

	<p><i>publica dicere incipio, pauca querar de hesterna M. Antoni iniuria. Cui sum amicus, idque me nonnullo eius officio debere esse prae me semper tuli. V Quid tandem erat causae cur in senatum hesterno die tam acerbe cogerer? Solusne aberam an non saepe minus frequentes fuistis, an ea res agebatur ut etiam aegrotos deferri oporteret? Hannibal, credo, erat ad portas aut de Pyrrhi pace agebatur, ad quam causam etiam Appium illum et caecum et senem delatum esse memoriae proditum est</i></p> <p>5.25. <i>Ergo Hannibal hostis, cuius Antonius? Quid ille fecit hostiliter, quod hic non aut fecerit aut faciat aut moliatur et cogitet? Totum iter Antoniorum quid habuit nisi depopulationes, uastationes, caedis, rapinas? quas non faciebat Hannibal, quia multa</i></p>	<p>a falar sobre a República, queixar-me-ei um pouco sobre a injúria que ontem me fez Marco Antônio, de quem sou amigo e sempre manifestei que eu devia sê-lo por alguns favores da parte dele. V Finalmente, qual era a razão para que eu fosse tão rispidamente convocado ao senado no dia anterior? Só eu estava ausente ou não frequentemente fostes menos numerosos, ou o assunto de que se tratava era tal que até mesmo os doentes deveriam ser transportados para lá? Aníbal, acredito, estava diante das portas ou se tratava da paz com Pirro; por este motivo, tradicionalmente se diz que até mesmo o célebre Ápio, cego e velho, foi levado.</p> <p>Portanto, Aníbal era um inimigo público, Antônio um cidadão? O que aquele fez de modo hostil que este ou não tenha feito ou esteja fazendo ou trama e planeja? Todo o percurso dos Antônioos o que teve a não ser devastações, destruições, carnificinas,</p>
--	---	--

	<p><i>ad usum suum reseruabat; at hi, qui in horam uiuerent, non modo de fortunis et de bonis ciuium, sed ne de utilitate quidem sua cogitauerunt.</i></p> <p>6.4. <i>Quamquam, Quirites, non est illa legatio, sed denuntiatio belli, nisi paruerit: ita enim est decretum ut si legati ad Hannibalem mitterentur.</i></p> <p>6.6. <i>Non is est Antonius: nam, si esset, non commis[s]isset ut ei senatus, tamquam Hannibali initio belli Punici, denuntiaret ne oppugnaret Saguntum.</i></p> <p>14.9. <i>Qua enim in urbe tam immanis Hannibal capta quam in Parma subrepta Antonius?</i></p>	<p>roubos? Aníbal não fazia isso, visto que ele reservava muitas coisas para seu uso, mas estes, que viviam apenas o momento, não só não pensaram nas fortunas e nos bens dos cidadãos, mas também nem mesmo em seu próprio interesse.</p> <p>Ainda que, homens de Roma, não seja uma embaixada, mas uma declaração de guerra, a não ser que ele tenha obedecido: pois assim é o decreto como se tivéssemos enviado embaixadores a Aníbal.</p> <p>Isso não é como Antônio: pois, se fosse, não teria confrontado o senado, como Aníbal no início das guerras Púnicas, tendo sido advertido a não atacar Sagunto.</p> <p>Pois na conquista de que cidade Aníbal foi tão desumano quanto Antônio depois de tomar Parma?</p>
<b>Catilina</b>	<p>2.1. <i>Tu, ne uerbo quidem uiolatus, ut audacior quam L. Catilina, furiosior quam P.</i></p>	<p>Tu, que nem mesmo por uma palavra foste insultado, para que parecesses ser mais</p>

	<p><i>Clodius uiderere, ultro me maledictis lacessisti tuamque a me alienationem commendationem tibi ad impios ciuis fore putauisti.</i></p> <p><i>4.15. Nam quod se similem esse Catilinae gloriari solet, scelere par est illi, industria inferior. Ille, cum exercitum nullum habuisset, repente conflauit; hic eum exercitum quem accepit amisit. Vt igitur Catilinam diligentia mea, senatus auctoritate, uestro studio et uirtute fregistis, sic Antoni nefarium latrocinium uestra cum senatu concordia tanta quanta numquam fuit, felicitate et uirtute exercituum ducumque uestrorum breui tempore oppressum audietis.</i></p>	<p>audacioso do que Catilina, mais louco do que Públio Clódio, espontaneamente me atacaste com injúrias e pensaste que a tua desavença comigo seria para ti uma recomendação junto aos cidadãos ímpios;</p> <p>Pois, visto que ele costuma se vangloriar de ser semelhante a Catilina, é igual àquele no crime, inferior no trabalho. Aquele, quando não tinha nenhum exército, de repente recrutou um; este perdeu o exército que recebera. Portanto, assim como com a minha diligência, com a autoridade do senado e com a vossa vontade e virtude vós reprimistes Catilina, através da vossa enorme concórdia, como nunca existiu, com o senado, em um breve tempo vós ouvireis que os assaltos ímpios de Antônio foram aniquilados pela felicidade e a bravura dos vossos exércitos e comandantes;</p>
--	---	--

<p><b>César</b></p>	<p>2.71. <i>L. Domitium, clarissimum et nobilissimum uirum, occideras multosque praeterea, qui e proelio effugerant, quos Caesar ut nonnullos fortasse seruasset, crudelissime persecutus trucidaras.</i></p> <p>2.74. <i>Haerebat nebulo; quo se uerteret non habebat. Quin his ipsis temporibus domi Caesaris percussor ab isto missus deprehensus dicebatur esse cum sica; de quo Caesar in senatu aperte in te inuehens questus est.</i></p> <p>2.116-117. <i>Nisi uero aut maioribus habes beneficiis obligatos quam ille quosdam habuit ex iis a quibus est interfectus, aut tu es ulla re cum eo comparandus. Fuit in illo ingenium, ratio, memoria, litterae, cura, cogitatio, diligentia; res bello gesserat, quamuis rei publicae calamitosas, at tamen magnas; multos annos</i></p>	<p>Tu mataras L. Domício, homem dos mais ilustres e nobres e, além disso, perseguiras e assassinaras com a maior crueldade muitos outros que fugiram da batalha, os quais César, como fez com alguns, provavelmente teria salvo.</p> <p>O impostor se deteve; ele não tinha para onde se dirigir. Ainda mais: na mesma ocasião foi dito que um assassino enviado por ele foi preso com um punhal na casa de César; sobre isso, César se queixou no senado, atacando-te diretamente;</p> <p>A não ser que ou tu tens homens obrigados por benefícios maiores do que aqueles que César tinha e pelos quais ele foi morto, ou tu podes ser comparado com ele em algum aspecto. Naquele homem, havia engenho, razão, memória, estudos, cuidado, inteligência, diligência; ele realizara façanhas na guerra, ainda que</p>

	<p><i>regnare meditatus, magno labore, magnis periculis quod cogitarat effecerat; muneribus, monumentis, congiariis, epulis multitudinem imperitam delenierat; suos praemiis, aduersarios clementiae specie deuinxerat; quid multa? Attulerat iam liberae ciuitati partim metu, partim patientia consuetudinem seruiendi. XLVI 117. Cum illo ego te dominandi cupiditate conferre possum, ceteris uero rebus nullo modo comparandus es.</i></p>	<p>calamitosas para a República, mas grandiosas; durante muitos anos, disposto a reinar, fez o que pretendia com grande trabalho, com grande perigo; abrandara a multidão ignorante com presentes, monumentos, donativos de alimentos e banquetes; cativara os seus com recompensas, os adversários com uma aparência de clemência. Para que dizer mais? Ele já havia trazido a uma cidade livre, em parte pelo medo, em parte pela paciência, o hábito da servidão. XLVI 117. Com aquele, eu posso te comparar quanto ao desejo de dominar, mas em relação aos demais aspectos tu não podes, de modo algum, ser-lhe comparado.</p>
<p><b>Cícero</b></p>	<p><i>2.76. Nam quod quaerebas quo modo redissem, primum luce, non tenebris, deinde cum calceis et toga, nullis nec Gallicis nec lacerna. At etiam adspicis me, et quidem, ut uideris, iratus. Ne tu iam mecum in gratiam redeas, si sciam quam me pudeat</i></p>	<p>Já que tu perguntaste de que modo eu havia retornado, em primeiro lugar retornei à luz do dia, não à noite; em segundo, com sapatos e toga, nem com sapato gaulês nem com manto de viagem. Mas ainda tu me olhas, e certamente, como parece,</p>

	<p><i>nequitiae tuae, cuius te ipsum non pudet. Ex omnium omnibus flagitiis nullum turpius uidi, nullum audiui. Qui magister equitum fuisse tibi uiderere, in proximum annum consulatum peteres uel potius rogares, per municipia coloniasque Galliae, a qua nos tum, cum consulatus petebatur, non rogabatur, petere consulatum solebamus, cum Gallicis et lacerna cucurristi.</i></p>	<p>irado. Certamente, tu logo te reconciliarias comigo se soubesses o quanto me envergonha tua perversidade, que não envergonha a ti mesmo. De todas as imoralidades de todos, eu nunca vi, nunca ouvi mais vergonhosas do que as tuas. Tu, que pensaste tu mesmo teres sido mestre da cavalaria, tu aspiravas, ou melhor, tu suplicavas pelo consulado para o próximo ano; com sapato gaulês e com manto de viagem tu correste por municípios e colônias da Gália.</p>
<b>Citério</b>	<p><i>Hic autem noster Cytherius</i><sup>175</sup> (CIC. Att., 15.22)</p>	<p>porém, este nosso Citério”.</p>
<b>Dolabela</b>	<p><i>11.1. Perspeximus enim quanta in iis qui contra patriam scelerata arma ceperunt inesset immanitas. Nam duo haec capita nata sunt post homines natos taeterrima et spurcissima, Dolabella et Antonius; quorum alter effecit quod optarat, de altero patefactum est quid cogitaret.</i></p>	<p>Pois nós percebemos quanta crueldade havia dentro daqueles que tomaram armas criminosas contra a pátria. Pois estes dois, Dolabela e Antônio, são os indivíduos mais sombrios e imundos desde o nascimento da humanidade, dos quais um fez o que desejara, e quanto ao outro foi exposto o que ele</p>

<sup>175</sup> Aqui, Antônio é apelidado de Citério, em referência a Volúmnia Citéris, mas essa questão será tratada em seção especial.

	<p><i>11.2. Ecce tibi geminum in scelere par, inuisitatum, inauditum, ferum, barbarum. Itaque, quorum summum quondam inter ipsos odium bellumque meministis, eosdem postea singulari inter se consensu et amore deuinxit improbissimae naturae et turpissimae uitae similitudo. Ergo id quod fecit Dolabella in quo potuit, multis idem minatur Antonius.</i></p> <p><i>11.6. III. Imaginem M. Antoni crudelitatis in Dolabella cernitis: ex hoc illa efficta est, ab hoc Dolabellae scelerum praecepta sunt tradita. Num leniorem quam in Asia Dolabella fuit, in Italia, si liceat, fore putatis Antonium? Mihi quidem et ille peruenisse uidetur quoad progredi potuerit feri hominis amentia neque Antonius ullius supplicii adhibendi, si potestatem habeat, ullam esse partem relicturus.</i></p>	<p>pensava fazer.</p> <p>Eis que há para ti um bom par no crime, sem precedente, inédito, selvagem, bárbaro. Assim, aqueles cujo extremo ódio e guerra, outrora, entre eles vós lembrais se uniram entre si em singular acordo e amizade pela semelhança da natureza improbíssima e da vida torpíssima. Por isso, o que Dolabela fez na ocasião em que pôde, a mesma coisa Antônio ameaça a muitos;</p> <p>Vedes claramente em Dolabela a imagem da crueldade de M. Antônio; a partir dele ela se modelou, a partir dele as lições do crime foram transmitidas a Dolabela. Pois vós pensais que Antônio seria mais brando na Itália, se for permitido, do que Dolabela foi na Ásia? Parece-me, certamente, que Dolabela tinha chegado até onde a loucura do homem feroz poderia avançar, e Antônio não deixará de aplicar nenhum tipo de suplício, se estiver em seu</p>
--	---	--

	<p><i>11.10. Etenim Dolabella non ita multos secum habuit notos atque insignis latrones. At uidetis quos et quam multos habeat Antonius.</i></p>	<p>poder.</p> <p>Ainda, Dolabela não tinha consigo muitos bandidos conhecidos e ilustres; mas vós vedes quais e quantos Antônio tem.</p>
<b>Espártaco</b>	<p><i>4.15. Est igitur, Quirites, populo Romano, uictori omnium gentium, omne certamen cum percussore, cum latrone, cum Spartaco.</i></p> <p><i>13.22. O Spartace! quem enim te potius appellem, cuius propter nefanda scelera tolerabilis uidetur fuisse Catilina?</i></p>	<p>Portanto, homens de Roma, toda a batalha se dá entre o povo romano, vencedor de todas as nações, e um assassino, um ladrão, um Espártaco.</p> <p>Ó Espártaco! Pois que nome melhor eu poderia te dar? Catilina parece ter sido tolerável perto de teus crimes nefastos.</p>
<b>Helena de Troia</b>	<p><i>Vt Helena Troianis, sic iste huic rei publicae causa belli, causa pestis atque exiti fuit.</i></p>	<p>Assim como Helena foi a causa da calamidade e da ruína para os troianos, esse sujeito foi a causa da guerra para esta República.</p>
<b>Lúcio Antônio</b>	<p><i>12.26. Noui hominis furorem, noui effrenatam uiolentiam; cuius acerbitas morum immanitasque naturae ne uino quidem permixta temperari solet, hic, ira dementiaque inflammatus, adhibito fratre Lucio, taeterrima belua, numquam</i></p>	<p>Eu conheço o furor do homem, eu conheço a violência desenfreada. Ele, cuja dureza de caráter e ferocidade da natureza nem mesmo mescladas ao vinho costumam se moderar, inflamado pela ira e pela loucura, juntando-se ao irmão</p>

	<p><i>profecto a me sacrilegas manus atque impias abstinebit.</i></p> <p><i>13.4. O fidam dexteram Antoni, qua ille plurimos ciuis trucidauit! o ratum religiosumque foedus, quod cum Antoniis fecerimus! Hoc si Marcus uiolare conabitur, Luci eum sanctitas a scelere reuocabit! Illis locus si in hac urbe fuerit, ipsi urbi locus non erit. Ora uobis eorum ponite ante oculos, et maxime Antoniorum, incessum, adspectum, uultum, spiritum, latera tegentis alios, alios praegredientis amicos; quem uini anhelitum, quas contumelias fore censetis minasque uerborum!</i></p> <p><i>13.10. in illis (...) libidines, scelera, ad omne facinus inmanis audacia.</i></p>	<p>Lúcio, animal dos mais hediondos, certamente nunca afastará de mim as mãos sacrílegas e ímpias.</p> <p>Oh, leal mão direita de Antônio, com a qual ele trucidou muitíssimos cidadãos! Oh, tratado ratificado e religioso que fizemos com os Antônioos! Se Marco tentar violá-lo, a santidade de Lúcio o fará recuar do crime! Se houver algum lugar para aqueles homens nesta cidade, não haverá lugar para a própria cidade. Coloquei diante de vossos olhos a face daqueles homens, e sobretudo a dos Antônioos, o andar, o olhar, o rosto, a presunção, alguns amigos que andam a seu lado, outros que caminham adiante deles; que hálito de vinho, que afrontas e ameaças verbais vós julgais que existirão!</p> <p>Naqueles [Antônioos] (...), há desregramentos, crimes e audácia desumana para todo crime.</p>
--	--	--

	<p><i>13.49. Monstra quaedam ista et portenta sunt et prodigia rei publicae.</i></p> <p><i>14.9. Refugit animus, patres conscripti, eaque dicere reformidat quae L. Antonius in Parmensium liberis et coniugibus effecerit. Quas enim turpitudines Antonii libenter cum dedecore subierunt, easdem per uim laetantur aliis se intulisse. Sed uis calamitosa est quam illis obtulerunt, libido flagitiosa qua Antoniorum oblita est uita. Est igitur quisquam qui hostis appellare non audeat, quorum scelere crudelitatem Carthaginiensium uictam esse fateatur?</i></p>	<p>Isso [os Antônios] são uma espécie de monstros, de prodígios e portentos da República.</p> <p>Tenho repugnância, senadores, e minha mente teme ao dizer o que L. Antônio fez aos filhos e às esposas dos habitantes de Parma. Pois as torpezas que os Antônios de bom grado sofreram com desonra, regozijam-se por tê-las infligido aos outros com uso da violência. Mas a violência que infligiram a eles é calamitosa, a libido imoral, da qual a vida inteira dos Antônios está coberta. Portanto, há alguém que não ouse chamá-los de inimigos públicos, a eles, cujos crimes, ele reconhece, são superiores à crueldade dos cartagineses?</p>
<p><b>Públio Clódio</b></p>	<p><i>2.1. Tu, ne uerbo quidem uiolatus, ut audacior quam L. Catilina, furiosior quam P. Clodius uiderere, ultro me maledictis lacessisti tuamque a me alienationem commendationem tibi ad impios ciuis fore putauisti.</i></p>	<p>Tu, que nem mesmo por uma palavra foste insultado, para que parecesses ser mais audacioso do que Lúcio Catilina, mais louco do que Públio Clódio, espontaneamente me atacaste com injúrias e pensaste que a</p>

	<p>2.17. <i>Ad sepulturam corpus uitrisci sui negat a me datum. Hoc uero ne P. quidem Clodius dixit umquam; quem, quia iure ei inimicus fui, doleo a te omnibus uitiis iam esse superatum.</i></p>	<p>tua desavença comigo seria para ti uma recomendação junto aos cidadãos ímpios;</p> <p>Ele nega que eu tenha devolvido o corpo de seu padrasto para a sepultura. Isto, de fato, nem mesmo Públio Clódio disse alguma vez. Visto que, com razão, eu era inimigo dele, lamento que ele já tenha sido superado por ti em todos os vícios.</p>
--	--	--

A partir dos trechos destacados na Tabela 3, depreende-se que Cícero compara o comportamento de Marco Antônio com o de outros homens, como Aníbal, Catilina,<sup>176</sup> César, Dolabela, Lúcio Antônio e Públio Clódio. Alguns deles foram inimigos públicos de Roma, como Aníbal e os cartagineses em geral; há, portanto, inimigos da República estrangeiros e romanos com os quais Antônio é comparado. Dentre os contemporâneos (César, Dolabela, Lúcio e Clódio), de alguma forma, eles tiveram atitudes que desagradaram a Cícero e são, inclusive, criticados por ele. Contudo, as atitudes de Marco Antônio são tão nocivas para o

<sup>176</sup> Cf. SALL. *Cat.* 5: “1. Lúcio Catilina, oriundo de linhagem nobre, tinha grande vigor intelectual e físico, mas uma índole perversa e depravada. 2. Desde a adolescência eram-lhe caras as guerras internas, as matanças, as pilhagens, a discórdia civil, e nisso ocupou sua juventude. 3. Seu corpo suportava, mais do que se pode crer, a fome, o frio, o sono. 4. Seu ânimo era ousado, astuto, versátil, simulador e dissimulador do que quer que fosse; desejoso do alheio, dissipador do que era seu, ardente nas paixões; grande era sua eloquência, sua sabedoria, parca. 5. Seu ânimo insaciável sempre desejava o desmedido, o inacreditável, o inatingível. 6. Depois da tirania de Lúcio Sula, assaltara-o um enorme desejo de tomar a República, não medindo os meios para consegui-lo, contanto que obtivesse a monarquia. 7. Agitava-se mais e mais, com os dias, seu ânimo bravo em virtude do esgotamento do patrimônio familiar e do remorsos dos crimes, alimentados, um e outro, pelas qualidades a que fiz menção anteriormente. 8. Incitavam-no, de resto, os costumes corrompidos da cidade, que eram movidos por males terríveis e opostos, o luxo e a avidez” (tradução de Scatolin) – *1. L. Catilina, nobili genere natus, fuit magna ui et animi et corporis, sed ingenio malo prauoque. 2 Huic ab adulescentia bella intestina, caedes, rapinae, discordia ciuilis grata fuere ibique iuuentutem suam exercuit. 3 Corpus patiens inediae, alioris, uigiliae supra quam cuiquam credibile est. 4 Animus audax, subdolos, uarius, cuius rei lubet simulator ac dissimulator, alieni adpetens, sui profusus, ardens in cupiditatibus; satis eloquentiae, sapientiae parum. 5 Vastus animus inmoderata, incredibilia, nimis alta semper cupiebat. 6 Hunc post dominationem L. Sullae lubido maxima inuaserat rei publicae capiundae; neque id quibus modis adsequeretur, dum sibi regnum pararet, quicquam pensi habebat. 7 Agitabatur magis magisque in dies animus ferox inopia rei familiaris et conscientia scelerum, quae utraque iis artibus auxerat, quas supra memorauí. 8 Incitabant praeterea corrupti civitatis mores, quos pessuma ac diuorsa inter se mala, luxuria atque avaritia, uexabant.*

orador que, em sua opinião, ele supera todos os outros em vícios, crimes e mau comportamento em relação à República. Em 11.10, por exemplo, considera-se Marco Antônio um Dolabela piorado. Observe-se, a esse respeito, que Antônio é retratado como alguém que supera em qualidades negativas ou presença de qualidades positivas a maioria das personalidades com as quais é comparado. Assim:

1. É mais “audacioso” (*audacior*, com o sentido negativo expresso em *OLD* 2) que Catilina e “mais furioso” (*furiosior*) que Clódio (segundo a seção 2.1);
2. É inferior em “energia” (*industria*) a Catilina (4.15);
3. Faz Catilina parecer “tolerável” (*tolerabilis*) (4.15);
4. Promove *depopulationes, uastationes, caedis, rapinas* que Aníbal, providentemente, não fazia. (13.22);
5. Não possui a clemência de César (2.71), entre suas outras qualidades (2.117);
6. Tem muitos conhecidos ladrões/bandidos (*latrones*) consigo, o que Dolabela não tinha (2.17);
7. Supera Clódio em todos os vícios (*a te omnibus uitii iam esse superatum*).

Interessa a Cícero, vê-se, comparar Antônio com cidadãos (romanos ou estrangeiros) que ele caracteriza negativamente, quase sempre destacando alguma qualidade negativa que Antônio teria e o outro não ou alguma qualidade positiva que outro teria, mas de que Antônio careceria.

Por fim, notemos a comparação com Helena de Troia; essa caracterização pode ser associada à ideia da suposta efeminação de Marco Antônio, aspecto de que trataremos mais adiante. Observe-se que, através dessa comparação, Cícero atribui todos os problemas da República a uma causa primordial, Antônio.

#### **4.1.2. CARACTERÍSTICAS ATRIBUÍDAS A MARCO ANTÔNIO**

Em certas passagens, vemos que, para a construção da imagem negativa de Antônio, o orador visa a persuadir o leitor através de uma estratégia retórica mais direta, citando explicitamente quais seriam características negativas de seu adversário.

Extraímos as palavras e expressões que nos pareceram relevantes e que designam aspectos que são atribuídos por Cícero a Marco Antônio. Reproduzimo-las, aqui, na Tabela 4 a seguir, do modo como aparecem nos discursos e, na maioria dos casos, optamos por não

colocar as seções inteiras, a fim de sintetizar o que é relevante ao nosso estudo neste capítulo: expor os adjetivos, expressões e demais características usadas por Cícero para se referir ao adversário.

**Tabela 4 – Trechos extraídos das *Filípicas* com características (expressas em adjetivos, advérbios, etc.) relacionadas diretamente a Marco Antônio**

Trechos originais	Tradução
1.12. <i>Nimis iracunde hoc quidem et ualde intemperanter!</i>	Com demasiada ira, isso certamente foi dito e sem a menor moderação!
1.27. <i>Iracundum, iratum, armatum</i>	Irritado, irado, armado
2.4. <i>O incredibilem audaciam, o impudentiam praedicandam.</i>	Oh incrível audácia, oh atrevimento digno de ser dito!
2.7. <i>Uno gladiatore nequissimo;</i> 2.7. <i>Humanitatis expers et uitae communis ignarus.</i>	Um gladiador inútil; Desprovido de humanidade e ignorante das normas da vida social.
2.8. <i>Inhumanitatis, stultitiam</i>	Falta de civilidade, tolice
2.9. <i>Inhumanitatis, amentiae</i> 2.9. <i>Audaciae tuae</i>	Falta de civilidade, loucura. Tua audácia
2.15. <i>O foeditatem hominis flagitiosam, o impudentiam, nequitiam, libidinem non ferendam.</i>	Oh vergonha imoral do homem! Oh impudência, perversidade, desregramento intolerável!
2.16. <i>O miser</i>	Ó infeliz de ti!
2.18. <i>Tam improbum</i> 2.18. <i>Excors</i>	Tão descarado; Estúpido
2.19. <i>Stultitiae</i>	Tolice
2.24. <i>Tuis flagitiis, egestate, infamia</i>	Tuas torpezas, indigência, infâmia.
2.29. <i>Omnium stultissime</i>	O mais estúpido de todos os homens.
2.30. <i>Sed stuporem hominis, uel dicam pecudis, attendite;</i> 2.30. <i>Esto, sit in uerbis tuis hic stupor; quanto in rebus sentiisque maior.</i>	Contudo, prestai atenção na estupidez desse homem ou, melhor dizendo, desse animal; Assim seja, que esta estupidez esteja nas tuas palavras; quanto maior nas ações e nas

	ideias.
2.42. <i>Homo amentissime</i>	Homem louquíssimo
2.57. <i>Etenim quod umquam in terris tantum flagitium exstitisse auditum est, tantam turpitudinem, tantum dedecus?</i>	Pois alguma vez se ouviu que existisse na terra tamanha infâmia, tamanha vergonha, tamanha desonra?
2.60. <i>Tuas contumelias</i>	Tuas palavras afrontosas
2.64. <i>Tam impius, tam demens, tam dis hominibusque hostis</i>	tão ímpio, tão insensato, tão inimigo dos deuses e dos homens
2.65. <i>Stupor, furor, exsecratum populo Romano, detestabilem, helluo</i>	Inconsequência, loucura, execrado pelo povo romano, detestável, glutão
2.67. <i>Tanta nequitia</i>	Tanta imoralidade
2.67. <i>Quae Charybdis tam uorax?</i>	Qual Caríbdis foi tão voraz?
2.68. <i>O audaciam immanem!</i>	Oh audácia cruel!;
2.68. <i>os importunissimum</i>	Um rosto tão infame
2.68. <i>Sine mente, sine sensu, uiolentus, furens</i>	Privado de sabedoria, de sentimento, violento e furioso
2.70. <i>Impudicissimus, homo nequissimus!</i>	Torpíssimo, homem muito mau
2.71. <i>Timiditatem tuam</i>	Tua covardia
2.74. <i>Timidus</i>	Covarde
2.77. <i>leuitatem;</i>	Frivolidade;
2.77. <i>O hominem nequam!</i>	Oh homem inútil!
2.77. <i>te Catamitum</i>	Tu, catamito <sup>177</sup>
2.80. <i>Iratus;</i>	Irado;
2.80. <i>Stupiditatem hominis</i>	Estupidez do homem
2.81. <i>Imperite, impudentiam;</i>	Ignorante, impudência;
2.81. <i>Inscientia, impudentia</i>	Ignorância, impudência
2.82. <i>Humilis, abiectus</i>	Humilde, desprezível
2.83. <i>O impudentiam singularem!</i>	Oh que rara impudência!
2.84. <i>Adrogantiam, insolentiam, turpitudinis</i>	Arrogância, insolência, torpeza

<sup>177</sup> O termo *catamitum*, nesse caso, tem sentido de imoral e sugere que Fúlvia é o parceiro dominante no casamento. É um uso figurativo em referência a Ganymedes, um príncipe troiano jovem e bonito que foi levado ao Olimpo para se tornar copeiro e amante de Júpiter.

2.90. <i>Improbum, audacia</i>	Mau, audácia
2.101. <i>Medico tria milia iugerum; quid, si te sanasset? Rhetori duo; quid, si te disertum facere potuisset?</i>	Tu deste três mil jeiras a um médico; o que darias, se tivesse te curado? Duas mil jeiras ao rétor; o que darias, se ele pudesse ter te tornado eloquente?
2.102. <i>Insolentia</i>	Insolência
2.104. <i>Impudentia, temeritatis tuae</i>	Impudência, teu desatino
2.110. <i>O detestabilem hominem</i>	Oh homem detestável
3.1. <i>Homine profligato ac perduto</i>	Um homem infame e arruinado
3.2. <i>Hominis amentis, audaciam</i>	Homem insensato, audácia
3.4. <i>Crudelitatis, iratior</i>	Crueldade, mais irado
3.9. <i>Sceleratum, impium</i>	Criminoso, ímpio
3.10. <i>Impudens</i>	Impudente
3.12. <i>Hunc igitur ego consulem, hunc ciuem Romanum, hunc liberum, hunc denique hominem putem (...)?</i>	Portanto, considerá-lo-ei um cônsul, um cidadão romano, um homem livre, um homem, ao menos (...)? <sup>178</sup>
3.13. <i>Antoni scelus audaciamque</i>	Crime e audácia de Antônio
3.15. <i>At quam contumeliosus in edictis, quam barbarus, quam rudis!</i>	E quão insolente nos éditos, quão bárbaro, quão rude!
3.17. <i>Antoni furoris</i>	Furor de Antônio
3.18. <i>Gladiator</i>	Gladiador;
3.18. <i>O admirabilem impudentiam, audaciam, temeritatem</i>	Oh admirável impudência, audácia, desatino
3.22. <i>En, cur magister eius, ex oratore arator factus [sit], possideat in agro publico campi Leontini duo milia iugerum immunia, ut hominem stupidum magis etiam infatuet mercede publica.</i>	Eis por que o professor dele passou de orador a lavrador e possui no campo público do campo Leontino duas mil geiras isentas de impostos, para fazer um homem tolo ainda mais insensato à custa do dinheiro público.
3.23. <i>Illud quaero cur tam mansuetus in senatu fuerit, cum in edictis tam ferus</i>	Eu pergunto agora por que de repente ele se tornou tão gentil no Senado, depois de ter

<sup>178</sup> Pode se tratar, aqui, de uma interrogativa retórica.

<i>fuisset.</i>	sido tão feroz em seus decretos?
3.28. <i>Hanc uero taeterrimam beluam quis ferre potest aut quo modo? Quid est in Antonio praeter libidinem, crudelitatem, petulantiam, audaciam? Ex his totus uitiiis conglutinatus est; nil apparet in eo ingenuum, nil moderatum, nil pudens, nil pudicum.</i>	De fato, de que modo ou quem pode tolerar esta crudelíssima besta? O que há em Antônio além de libido, crueldade, petulância e audácia? Ele é uma mistura de todos estes vícios; nada nele aparenta ser honesto, nada moderado, nada pudente, nada pudico.
3.31. <i>Myrmillone, gladiatore</i>	Mirmilão, gladiador
3.35. <i>Insolentiam</i>	Insolência
4.3. <i>Antonique furorem, crudelissimis consiliis</i>	O furor de Antônio e os crudelíssimos conselhos
4.5. <i>Hostem illum et latronem et parricidam patriae</i>	Aquele inimigo público, ladrão e parricida da pátria
4.11. <i>Iratus</i>	Irado
4.12. <i>Immani taetraque belua</i>	Uma besta sombria e desumana
5.10. <i>Audacia gladiatoris amentis</i>	A audácia do gladiador louco
5.15. <i>Ille demens</i>	Aquele demente
5.18. <i>At hanc pestem agmen armatorum sequebatur</i>	Mas uma coluna de homens armados seguia esta peste.
5.19. <i>Ille homo uehemens et uiolentus</i>	Aquele homem impetuoso e violento
5.24. <i>Impotentem, iracundum, contumeliosum, superbum, semper poscentem, semper rapientem, semper ebrium.</i>	Fraço, irascível, ultrajante, soberbo, sempre exigindo, sempre roubando, sempre bêbado
5.29. <i>Insaniam, adrogantiam</i>	Insanidade, arrogância
5.32. <i>Scelerati gladiatoris amentiam</i>	A loucura do gladiador criminoso
5.37. <i>Homo amentissimus</i>	Homem louquíssimo
5.42. <i>Homo impotentissimus, ardens odio, animo hostili in omnis bonos cum exercitu</i>	Um homem fraquíssimo ardendo em ódio, de ânimo hostil contra bons homens com um exército
5.43. <i>Furori M. Antoni</i>	O furor de M. Antônio

6.3. <i>Hoc gladiatore</i>	Este gladiador
6.6. <i>ui[n]olentiam, impudentiam, audaciam</i>	Violência, impudência, audácia
6.7. <i>Importunissima belua</i>	A besta mais cruel de todas
7.27. <i>taetram et pestiferam beluam</i>	Besta perniciososa e sombria
8.21. <i>audaciam, scelus, insolentiam superbiam</i>	Audácia, crime, insolência, soberba.
9.15. <i>scelerata audacia</i>	Audácia criminosa
10.11. <i>furentis hominis</i>	Homem desvairado
10.22. <i>Quid illa taetrius belua, quid immanius?</i>	O que é mais medonho do que aquela besta, o que é mais desumano?
12.5. <i>Cuiusuis hominis est errare, nullius nisi insipientis perseuerare in errore: posteriores enim cogitationes, ut aiunt, sapientiores solent esse.</i>	Qualquer homem que seja pode errar, ninguém, a não ser um tolo, persiste no erro: pois segundas considerações, como reza o provérbio, costumam ser mais inteligentes. <sup>179</sup>
12.9. <i>crudelitati M. Antoni</i>	Crueldade de M. Antônio
12.13. <i>importuno atque impuro parricidae</i>	Funesto e torpe parricida
13.16. <i>Furiosus gladiator</i>	Um louco gladiador
13.18. <i>tam taeter, tam crudelis tyrannus</i>	Um tirano tão execrável, tão cruel
13.21. <i>barbarus, immanis, feros, parricidae</i>	Bárbaro, execrável, feroz, parricida
13.23. <i>scelerate</i>	Criminoso
13.25. <i>crudelissimi gladiatoris amentiam!</i>	A loucura do cruelíssimo gladiador!
14.33. <i>Furentem Antonium</i>	Antônio furioso

Torna-se evidente aqui a referência aos tópicos mencionados em *Retórica a Herênio* e *De inuentione*, quando se trata de obter a benevolência baseando-se na pessoa do adversário, principalmente ao expor a violência, a fúria, a audácia, insolência, a impudência e a crueldade de Antônio, por exemplo. Os termos negativos relacionados ao adversário cumprem o papel de incitar ódio, indignação e desprezo a tal personagem no público das *Filípicas*.

<sup>179</sup> Cf. expressão proverbial: EUR. *Hipp.* 436.

Portanto, o uso de construções frasais, expressões e adjetivos negativos relacionados a Marco Antônio e as comparações de modo a inferiorizá-lo sugerem a conclusão de que não há pessoa pior para a República. Podemos dizer que Marco Antônio, colocado lado a lado de outros, representa o ápice do despreparo público, quando se trata de medidas tomadas que dizem respeito à República, e privado, tendo em vista os comportamentos que regem sua vida pessoal. Em certa medida, Antônio consegue ser pior do que vários inimigos internos de Roma (segundo Cícero) e, sob certo aspecto, ser pior do que seu inimigo estrangeiro arquetípico, Aníbal.

Sabe-se que Cícero faz uso da caracterização dos seus adversários, identificando-os como bestas ou monstros inumanos.<sup>180</sup> Vê-se nas *Filípicas* esse procedimento retórico. Verifica-se a desumanização de Antônio através de comportamentos e características que não condizem com os de um homem, através do uso das palavras *Charybdis e belua*, por exemplo, e ao se questionar se Antônio ainda pode ser considerado um ser humano. Sua capacidade oratória (tópico de que também trataremos no item relacionado à ironia) é depreciada; também nesse ponto, portanto, Antônio é figurado como a antítese de Cícero, que era reconhecido como o maior orador de sua época.

---

<sup>180</sup> Cf. MAY (1996) e LÉVY (1998).

## 4.2. *HOMO ELOQUENS: O USO DA IRONIA NAS FILÍPICAS*

Aristóteles (*Rh.* II.1379b) afirma que “a ironia é qualquer coisa de desdenhoso”. Esse conceito também é exposto por Cícero, com o termo *dissimulatio*, em *De or.* 2.269, através da fala de Júlio: *Vrbana etiam dissimulatio est, cum alia dicuntur ac sentias* (“Também a ironia é urbana, quando se fala uma coisa e se pensa outra”).<sup>181</sup> Sabemos que a ironia é uma figura retórica que consiste em dizer o contrário daquilo do que se quer fazer o destinatário compreender, sendo, então, um fenômeno essencialmente contextual.

Destaca-se a seguir o que diz Quintiliano:

6.2.15. *εἰρωνεία quae diversum ei quod dicit intellectum petit.*

6.2.15. ironia, que procura dar a entender o contrário daquilo que diz.

6.3.68. *Quid ironia? nonne etiam quae severissime fit ioci paene genus est?*

6.3.68. E quanto à ironia? Não é verdade que mesmo aquela proferida do modo mais sério tem algo de jocoso [*ioci*]?<sup>182</sup>

8.6.54. *In eo vero genere, quo contraria ostenduntur, ironia est; illusionem vocant. Quae aut pronuntiatione intelligitur aut persona aut rei natura; nam, si qua earum verbis dissentit, apparet diversam esse orationi voluntatem.*

8.6.54. Sem dúvida, naquele gênero em que se manifestam coisas contrárias há ironia (chamam-na *illusio* [engano]): ela é compreendida ou pela enunciação, ou pela persona do orador, ou pela natureza do assunto; pois se um destes três itens divergem das palavras, é evidente que a intenção do orador é diferente.

8.6.56. *Aliquando cum in risu quodam contraria dicuntur iis quae intelligi volunt: quale est in Clodium, Integritas tua te purgavit, mihi crede, pudor eripuit, vita anteacta servavit.*

8.6.56. Algumas vezes, com algum riso, diz-se o contrário do que se quer que seja compreendido, como contra Clódio: “Acredita em mim, a tua integridade te purgou, tua modéstia te libertou, teu passado te protegeu”.

Contudo, é importante salientar que só é possível identificar e acusar o uso de ironia em um discurso se a enunciação fornecer indícios da ironia. E isso pode ser feito através do próprio conteúdo do texto e do contexto em que ele está inserido,<sup>183</sup> ou seja, uma expressão pode ser considerada irônica em um discurso se este for capaz de fornecer ao leitor/ouvinte informações suficientes para se chegar a tal conclusão. Além disso, o

<sup>181</sup> Cf. CIC. *De Or.* 2.269, 270, 272, 289, 3.203.

<sup>182</sup> Neste caso em específico, optamos por adotar a tradução presente no estudo de Miotti (2010).

<sup>183</sup> Cf. *ironia* em DICIONÁRIO DE ANÁLISE DO DISCURSO (2012, p. 291).

conhecimento das condições de produção do discurso também pode ser fundamental para reconhecermos a presença ou não de ironia.

É pertinente destacar o que nos diz Reboul (2004, pp. 132-133):

Na ironia, zomba-se dizendo o contrário do que se quer dar a entender. Sua matéria é a antífrase, seu objetivo o sarcasmo. (...) Por que é engraçada? Por certo há sempre uma dose de alegria sádica na ironia, o “prazer maligno” de ver a bola murchar, de ver o esfrangalhamento das pretensões de poder, sabedoria e virtude exatamente porque quem faz a ironia parece levá-las a sério.

Podemos dizer que ela está presente além do que está sendo dito, ou seja, ela é compreendida quando também se compreende o discurso do qual ela faz parte. Segundo Miotti (2010, p. 117), “torna-se fácil compreender por que a ironia, como figura de pensamento, diz respeito à relação entre λόγος (*logos*, discurso, o que é dito) e ἦθος (*ethos*, caráter de quem enuncia [...]) ou πάθος (*pathos*, emoções despertadas, efeito gerado)”.

No que diz respeito às *Filípicas*, são discursos focados em Antônio, considerado por Cícero um parricida e destruidor da República, e recheados de ironia mordaz e sarcasmo.<sup>184</sup> Sabendo que esses discursos têm como objetivo construir uma imagem negativa de Marco Antônio e positiva de Cícero, colocando em evidência os defeitos daquele, por consequência, podemos inferir que “elogios” de Cícero a Marco Antônio, levando em consideração atitudes e características do adversário, aparentemente consideradas boas, nos discursos, podem ser constituídas de ironia por parte do orador.

Em sua primeira *Filípica*, até vemos, em alguns momentos, tentativas de paz do orador com Marco Antônio, com certos conselhos e uma possibilidade de conciliação para o bem da República. Contudo, ao considerarmos os acontecimentos que levaram à escrita das demais *Filípicas* e a crescente hostilidade e divergência entre ambos, devemos partir do pressuposto de que observações positivas sobre Marco Antônio estão carregadas de ironia por parte de Cícero. Então, ao olharmos o teor das *Filípicas* compreendemos que é improvável, de modo geral, qualquer elogio de Cícero a Antônio, uma vez que elas são marcadas por intensas acusações políticas e pessoais que vão traçando um *ethos* totalmente negativo do adversário; caso contrário, seria o mesmo que afirmar que Cícero esteja sendo contraditório. Contudo, são importantes, para a detecção dessa ironia, as “pistas” contextuais, internas a cada discurso.

Consequentemente, também nos parece improvável afirmar que Cícero inferioriza a si mesmo com o objetivo de enaltecer o adversário a quem tanto acusa ao longo dos

---

<sup>184</sup> Cf. HAURY (1955, p. 205).

quatorze discursos, ou até mesmo que aquele por quem tem tanta repulsa possa ter, na caracterização estabelecida pelo orador, boas qualidades, inclusive melhores do que as suas próprias. Essa ideia destoaria de todo o objetivo discursivo e retórico das *Filípicas*.

A maneira como Cícero trabalha com as qualidades irônicas que exporemos a seguir difere do uso dos adjetivos e expressões negativas do item anterior, ou seja, podemos inferir que tudo o que é negativo se relaciona a Antônio com um sentido denotativo, já tudo o que é positivo com o sentido conotativo e, então, irônico.

Sendo assim, primeiramente observamos a ironia quando Cícero se refere a Marco Antônio como um *homo disertus/eloquens* (“homem eloquente”), *homo sapiens/acutus* (“homem sábio/inteligente”) e *homo consideratus* (“homem ponderado”), levando em consideração a *eloquentia* (“eloquência”):

2.8. *Quid habes quod mihi opponas, homo diserte – ut Mustelae tamen Seio et Tironi Numisio uideris?*

2.8. O que tu tens para apresentar contra mim, **homem eloquente** – como parece ao menos para Seio Mustela e Tirão Numísio? (grifos nossos)

2.11. *Vt igitur intellegeretis qualem ipse se consulem profiteretur, obiecit mihi consulatum meum. Qui consulatus uerbo meus, patres conscripti, re uester fuit: quid enim ego constitui, quid gessi, quid egi nisi ex huius ordinis consilio, auctoritate, sententia? Haec tu, homo sapiens, non solum eloquens, apud eos quorum consilio sapientiaque gesta sunt ausus es uituperare?*

2.11. Portanto, para que vós compreendêsseis que tipo de cônsul ele mesmo se declarava, ele criticou meu consulado. Esse consulado era meu no discurso, senadores, e vosso na prática: de fato, o que eu decidi, o que eu empreendi, o que eu fiz senão conforme o conselho, a autoridade, a opinião desta ordem? Eis que tu, **um homem sábio, não apenas eloquente**, ousaste criticar essas ações diante daqueles cujo conselho e sabedoria as inspiraram? (grifos nossos)

Aqui a ironia se demonstra pelo absurdo do raciocínio: não seria sábia, nem eloquente a conduta de criticar alguém junto a interlocutores que se identificassem com a conduta criticada. O mesmo se vê nas passagens seguintes:

2.18. *Homo disertus non intellegit eum quem contra dicit laudari a se, eos apud quos dicit uituperari.*

2.18. **O homem eloquente** não compreende que é elogiado por ele aquele contra o qual ele discursa e que são repreendidos por ele aqueles diante dos quais discursa. (grifos nossos)

2.28. *At quem ad modum me coarguerit **homo acutus** recordamini.*

2.28. Entretanto, recordai de que modo esse **homem inteligente** me acusou. (grifos nossos)

2.31. *Tu, **homo sapiens et considerate**, quid dicis?*

2.31. Tu, **homem sábio e ponderado**, o que dizes? (grifos nossos)

E, por fim, a passagem seguinte alude à falta de eloquência de Antônio, a qual, na verdade, não é notável:

2.86. *O **praeclaram illam eloquentiam tuam**, cum es nudus contionatus!*

2.86. **Oh notável aquela tua eloquência**, uma vez que tu discursaste nu! (grifos nossos)

Ao observarmos a construção das passagens acima, com suas figuras de linguagem, pensamento e contrastes com o contexto, podemos ver que, quando Cícero atribui a Antônio supostas qualidades relacionadas à eloquência, na verdade, ele está questionando os dotes oratórios de seu adversário, o que se confirma em:

2.8. *quo me teste conuincas? an chirographo? in quo habes scientiam quaestuosam. Qui possis? sunt enim librari manu. Iam inuideo magistro tuo, qui te tanta mercede quantam iam proferam nihil sapere doceat.*

2.8. Tu me condenas com base em qual prova? Nos escritos de próprio punho? A respeito disso tu tens um conhecimento lucrativo. Como poderias? Pois são da mão de um copista. Já invejo teu instrutor que, mediante tão alto pagamento, o qual eu logo revelarei, ensina-te a não saber nada.

Abaixo, faz-se menção ao fato de Antônio ter precisado de “aulas” para desenvolver sua eloquência, fato que, aos olhos do orador, não se resolve:

2.101. *Medico tria milia iugerum; quid, si te sanasset? rhetori duo; quid, si te disertum facere potuisset?*

2.101. Tu deste três mil jeiras a um médico; o que darias, se tivesses te curado? Duas mil jeiras ao rétor; o que darias, se ele tivesse podido te fazer eloquente?

Ainda, a (falta de) eloquência de Antônio é comparada com a de seu avô, admirado por Cícero:

2.111. *Expecto enim eloquentiam tuam; disertissimum cognoui auum tuum, at te etiam apertiore in dicendo: ille numquam nudus est*

*contionatus, tuum hominis simplicis pectus uidimus. Respondebisne ad haec aut omnino hiscere audebis?*

2.111. Pois eu estou esperando a tua eloquência; eu conheci o teu avô, um homem muito eloquente, mas também sei que tu falas de peito mais aberto: aquele nunca estava despido em público, nós vimos o teu peito de homem simples. Responderás a estas coisas ou ousarás abrir sequer a boca para falar?

Vê-se, na passagem abaixo, que o orador julga que a eloquência de Antônio provoca risos:

*3.21. At in rebus tristissimis quantos excitat risus! Sententiolas edicti cuiusdam memoriae mandavi, quas uidetur ille peracutas putare; ego autem qui intellexeret quid dicere uellet adhuc neminem inueni.*

3.21. Mas ele excitou quantos risos em situações das mais sérias! Eu memorizei algumas sentenças de um dos éditos, as quais ele parecia pensar que eram muito agudas; mas eu não encontrei ninguém até agora que entendesse o que ele queria dizer. (3.21)

E, novamente, Cícero questiona o fato de Antônio ter tido aulas de eloquência, que, porém, não foram úteis:

*3.22. “Nulla contumelia est quam facit dignus”. – Primum quid est “dignus”? nam etiam malo multi digni, sicut ipse. An “quam facit is, qui cum dignitate est”? quae autem potest esse maior? Quid est porro “facere contumeliam”? quis sic loquitur? – Deinde: “Nec timor quem denuntiat inimicus”. – Quid ergo? ab amico timor denuntiarum solet? Horum similia deinceps. Nonne satius est mutum esse quam quod nemo intellegat dicere? En, cur magister eius, ex oratore arator factus [sit], possideat in agro publico campi Leontini duo milia iugerum immunia, ut hominem stupidum magis etiam infatuet mercede publica.*

3.22. “Não é nenhuma ofensa o que um homem digno faz”. – Primeiro, o que é “digno”? Pois também há muitos homens dignos de castigo, como ele mesmo é. Ou é uma ofensa que um homem, que possui dignidade, faz? Porém, que ofensa pode ser maior? Além disso, o que é “fazer uma ofensa”? Quem fala assim? – Depois: “Não há medo quando um inimigo o aponta”. – Como assim? O medo costuma ser apontado por um amigo? Em seguida, vieram frases semelhantes a essas. Não é preferível ser mudo a dizer o que ninguém entende? Eis porque o professor dele passou de orador a lavrador e possui no campo público do campo Leontino duas mil jeiras isentas de impostos, para fazer um homem tolo ainda mais insensato à custa do dinheiro público.

O orador afirma que Antônio precisa pagar para que seja instruído a ser eloquente, mas, mesmo assim, ele não o é. Cícero o demonstra na prática, destacando partes do discurso do adversário que não fariam sentido para o entendimento da audiência. Além disso, Antônio

é comparado com o seu avô, o qual, segundo Cícero, foi eloquente. Destaca-se o que Cícero diz, em *Brutus*, sobre a eloquência do avô de Antônio:<sup>185</sup> *115. eloquentissimi uiri L. Crassus et M. Antonius consulares* (“eloquentíssimos varões consulares Lúcio Crasso e Marco Antônio”). Questionam-se as atitudes privadas de Antônio e como elas influenciam na sua política. Segundo Haury (1955, p. 208), na terceira *Filípica*, “onde Cícero comenta sobre os éditos de Antônio, há todo o humor e especialmente a ironia violenta deste discurso”.<sup>186</sup>

Na verdade, para o orador, é inadmissível que Antônio faça parte da política, pois ele discursa nu (*Phil.* 2.86),<sup>187</sup> sobre coisas que ninguém entende, tanto em relação ao conteúdo como à estrutura das frases, e ainda precisa ser ensinado, tendo um rétor que, na verdade, não lhe ensina nada. Ele não age e muito menos fala de modo adequado ao cargo que ocupa, limitando-se a ser, basicamente, um *hominem stupidum* (“um homem tolo”, *Phil.* 3.22). Contudo, considerando que, de certo modo, fazia parte da festa das Luperciais<sup>188</sup> que seus sacerdotes (os *luperci*) estivessem quase nus (“naked except for girdles from the skin of sacrificial goats”, nas palavras do *OCD*, p. 892), podemos dizer que há um exagero de Cícero ao citar esse fato e atribuí-lo a Antônio como um comportamento negativo sem que se considere o contexto religioso que reclamava a quase nudez.

Ao fazer isso, também fica evidente o contraste com a eloquência do orador, ou seja, ao zombar dos dotes oratórios de Antônio, podemos entender que Cícero procura enaltecer a sua própria eloquência. Em *Phil.* 2.2., o orador diz: *Non uideo nec in uita nec in gratia nec in rebus gestis nec in hac mea mediocritate ingeni quid despiciere possit Antonius* (“Não vejo nem na minha vida, nem no meu prestígio, nem nos feitos nem nas minhas ações,

<sup>185</sup> Em item posterior, trataremos deste assunto.

<sup>186</sup> “où Cicéron commente les édits d’Antoine, contient tout l’humour et surtout l’ironie violente de ce discours”.

<sup>187</sup> Plutarco, em *César*, 61, diz, a respeito da celebração da festa das Luperciais: “sobre a qual muitos escrevem que era antigamente celebrada pelos pastores e tem mesmo alguma semelhança com a festa do Liceu da Arcádia. 2. Muitos jovens nobres e dos magistrados correm nus, através da cidade, e batem naqueles que encontram no caminho com correias cobertas de lã, provocando diversão e risadas. 3. Muitas mulheres de alta posição vão intencionalmente ao seu encontro e, como crianças na escola, estendem as duas mãos para os golpes, convencidas de que isso é útil às grávidas para terem um bom parto, e às estéreis para ficarem grávidas. 4. César assistia a esse espetáculo, sentado na tribuna em trono de ouro e adornado com sua veste de triunfo. 5. Antônio era um dos corredores na corrida sagrada, pois era cônsul. Quando irrompeu no fórum e a multidão se afastou para sua passagem, como ele trazia um diadema entrelaçado por uma coroa de louro, estendeu-o a César. Houve aplausos não fortes, mas fracos e convencionais. 6. Mas, quando César repeliu o diadema, o povo todo o aplaudiu; e, quando Antônio de novo o ofereceu, poucos lhe deram aplausos; recusando-o César, todos novamente o ovacionaram. 7. Assim, como a prova foi evidente, César levantou-se, após ter ordenado que a coroa fosse levada ao Capitólio; 8. mas viu-se então que as estátuas de César tinham sido coroadas de diademas reais” (tradução de Fonseca). Cf. também Gildenhard (2018, p. 246), o qual afirma que Antônio participava do evento correndo e, portanto, quase totalmente desnudo.

<sup>188</sup> Segundo o Brill’s New Pauly, “*Lupercalia*”, as Lupercálias eram um ritual social realizado em Roma em 15 de fevereiro, começava com o sacrifício de uma cabra nos pés do Monte Palatino, em honra ao deus Fauno; a partir disso, dois jovens eram untados com o sangue da faca e depois lavados com uma lã encharcada de leite. Por fim, eles deveriam rir.

nem **neste meu engenho limitado** o que Antônio possa desprezar”, grifos nossos). Contudo, sabemos que nem seu engenho nem sua eloquência são limitados. A ironia, aqui, é sobre si mesmo, tendo como alvo principal o outro. Por se tratar de uma imagem construída no discurso, pode-se inferir que a referência ao “engenho limitado” constitui um sinal de modéstia, o que também contribui para reforçar a presunção de Antônio ao julgar ser possuidor de boa eloquência.

Também podemos ver que Cícero ironiza as atitudes de Antônio relacionadas ao seu consulado e à República:

*2.15. Tu, cum principem senatorem, ciuem singularem tam propinquum habeas, ad eum de re publica nihil referas, referas ad eos qui suam rem nullam habent, tuam exhauriunt? Tuus uidelicet salutaris consulatus, perniciosus meus.*

2.15. Tu, tendo como parente próximo um líder do senado, um cidadão excepcional, em nada o consultando sobre os assuntos da República, consultarias aqueles que não têm nenhuma riqueza própria e esgotam a tua? **Evidentemente o teu consulado é salutar, o meu, nocivo!** (grifos nossos)

Na seção abaixo, o orador ironiza, através da expressão *magnum beneficium* (“um grande favor”), o fato de Antônio não o ter matado:

*2.59. Victor e Thessalia Brundisium cum legionibus reuertisti. Ibi me non occidisti. Magnum beneficium: potuisse enim fateor. Quamquam nemo erat eorum qui tum tecum fuerunt qui mihi non censeret parci oportere.*

2.59. Vitorioso, tu voltaste da Tessália para Brundísio com as legiões. Ali tu não me mataste. Um grande favor: sem dúvida, eu confesso que tu o poderias ter feito, embora não houvesse nenhum dos que estavam contigo naquele momento que não pensasse que eu deveria ser poupado.

*2.78-79. Habebat hoc omnino Caesar: quem plane perditum aere alieno egentemque, si eundem nequam hominem audacemque cognorat, hunc in familiaritatem libentissime recipiebat. 79. His igitur rebus preclare commendatus, iussus es renuntiari consul, et quidem cum ipso.*

2.78-79. É bem verdade que César tinha esta característica: recebia de muito bom grado em sua intimidade quem estava totalmente perdido em dívidas e necessitado, se reconhecesse que o mesmo homem não valia nada e era audacioso. 79. Portanto, brilhantemente recomendado por causa dessas qualidades, obrigou-te a que fosses eleito cônsul, e junto com ele, ainda por cima.

A referência às Lupercais aparece novamente aqui como uma “ação ilustríssima” (*rem unam pulcherrimam*). Contudo, conforme já citado, Cícero critica a participação de Antônio em tal ocasião:

2.84. *Sed, ne forte ex multis rebus gestis M. Antoni rem unam pulcherrimam transiliat oratio, ad Lupercalia ueniamus. XXXIV Non dissimulat, patres conscripti, adparet esse commotum: sudat, pallet. Quidlibet, modo ne nauseet, faciat quod in porticu Minucia fecit! Quae potest esse turpitudinis tantae defensio? Cupio audire, ut uideam ubi rhetoris sit tanta merces, ubi campus Leontinus appareat.*

2.84. Porém, para que por acaso não despreze o discurso, dentre as muitas coisas feitas por Marco Antônio, a sua única **ação ilustríssima**, vamos às Lupercais. XXXIV Ele não dissimula, senadores, fica evidente que está abalado: ele sua, empalidece. O que lhe agrada, contanto que não tenha náuseas, contanto que não faça o que fez no pórtico Minúcio! Qual pode ser a defesa de tanta torpeza? Desejo ouvir, para que eu veja onde se justifica o salário elevado do rétor, onde o campo Leontino se apresenta. (grifos nossos)

Nas próximas três seções que se seguem, vemos que o orador ironiza as perambulações e as peregrinações de Antônio com as outras cidades:

2.100. *O praeclaram illam percursionem tuam mense Aprili atque Maio, tum cum etiam Capuam coloniam deducere conatus es! Quem ad modum illinc abieris uel potius paene non abieris, scimus.*

2.100. **Oh aquela tua perambulação magnífica** nos meses de abril e maio, quando então tu também tentaste estabelecer uma colônia em Cápuia! Nós sabemos de que modo tu escapaste de lá, ou melhor, como quase não escapaste. (grifos nossos)

2.101. *At quam nobilis est tua illa peregrinatio!*

2.101. Porém, quão célebre foi aquela tua peregrinação!

3.27. *O C. Caesar – adulescentem appello – quam tu salutem rei publicae attulisti, quam improuisam, quam repentnam! Qui enim haec fugiens fecit, quid faceret insequens? Etenim in contione dixerat se custodem fore urbis seque usque ad Kalendas Maias ad urbem exercitum habiturum. O praeclarum custodem ouium, ut aiunt, lupum!*

3.27. Oh Caio César – o jovem, eu digo – tu trouxeste quanta salvação para a República, quão inesperada, quão repentina! Pois o que ele [Antônio] fez fugindo, o que faria perseguindo? Com efeito, ele dissera em uma reunião pública que ele mesmo seria o guarda da cidade e até as calendas de maio colocaria um exército perto da cidade. **Oh magnífico guardião de ovelhas, um lobo, como se diz!** (grifos nossos)

Ao mesmo tempo em que se tem a imagem de Antônio como alguém que não é capaz de proteger a cidade, abaixo vemos que, para o orador, até para propor uma lei judiciária o adversário não age de acordo como cônsul:

*5.12 Legem etiam iudiciariam tulit, homo castus atque integer, iudiciorum et iuris auctor. In quo nos fefellit. Antesignanos et manipulares et Alaudas iudices se constituisse dicebat; at ille legit aleatores, legit exules, legit Graecos – o consessum iudicum praeclarum, o dignitatem consilii admirandam!*

5.12. Ainda, o homem íntegro e virtuoso, fundador de tribunais e da justiça apresentou uma lei judiciária. Nisso ele nos enganou. Dizia que constituía como jurados soldados, soldados rasos e Alaúdes; mas ele escolheu jogadores, escolheu exilados, escolheu gregos – **Oh magnífica reunião de jurados! Oh dignidade do conselho digna de admiração!**

As seções expostas acima reforçam a ideia de que, para Cícero, as ações políticas de Marco Antônio não condizem com o que deve ser feito e são contrárias às suas, ou seja, politicamente, um é o que o outro não é, já que, quando Cícero diz *Tuus uidelicet salutaris consulatus, perniciosus meus!* (“Evidentemente o teu consulado é salutar, o meu nocivo!”), *Phil. 2.15*) e *O praeclarum custodem ouium, ut aiunt, lupum!* (“Oh magnífico guardião de ovelhas, um lobo, como se diz!”), *Phil. 3.27*), também se confronta como é a política de cada um e como agem. E destacamos o quiasmo *Tuus...salutaris...perniciosus meus*, o qual enfatiza a antítese, ressaltando a oposição entre os dois.

Essa ironia em relação ao papel político que cada um desempenha e as más ações de Antônio em relação à República, qualificadas ironicamente como magníficas e ilustres, são indícios de que Cícero se coloca discursivamente como salvador da República e coloca Marco Antônio como destruidor, qualificação que será aprofundada no item 4.7 de nosso trabalho.

Além disso, o orador cita, em *Phil. 2.78-79, 5.12*, seções destacadas anteriormente, o excesso de dívidas de Antônio, característica que também será tratada em item posterior, afirma que ele não vale nada, enfatiza sua audácia e considera ironicamente que essas “qualidades” o fizeram cônsul. Isso novamente mostra que, para o orador, o seu consulado não é nocivo, o de Antônio, sim, circunstância que é reforçada em: *Legem etiam iudiciariam tulit, homo castus atque integer, iudiciorum et iuris auctor. In quo nos fefellit.* (“Ainda, o homem íntegro e virtuoso, fundador de tribunais e da justiça apresentou uma lei judiciária. Nisso ele nos enganou.”), *Phil. 5.12*). Antônio, de fato, do ponto de vista de Cícero, quando toma medidas como cônsul, não sabe o que faz.

A ironia também está presente quando se trata dos relacionamentos amorosos de Antônio. Primeiramente, destacamos abaixo algumas seções em que Cícero se refere a Fúlvia,<sup>189</sup> esposa de Antônio:

*2.113. Sed quoquo modo nobiscum egeris, dum istis consiliis uteris, non potes, mihi crede, esse diuturnus. Etenim ista tua minime auara coniunx, quam ego sine contumelia describo, nimium diu debet populo Romano tertiam pensionem.*

2.113. Porém, seja qual for o modo com que tu ajas conosco, contanto que tu faças uso desses conselhos, tu não podes, acredita em mim, durar muito tempo. Com efeito, **essa tua esposa de modo algum avara**, a qual eu descrevo sem injúria, já faz demasiado tempo que deve ao povo romano o terceiro pagamento.<sup>190</sup> (grifos nossos)

A expressão *minime auara* (“de modo algum avara”) é profundamente sarcástica, pois “Cícero geralmente retrata Fúlvia como gananciosa e cruel, mas aqui ele a descreve como ‘muito generosa’ porque ela já se separou de dois maridos”,<sup>191</sup> o que nos denota a *tertiam pensionem* (“terceiro pagamento”). Esta expressão se refere ao reembolso de parte do dote de Fúlvia, já que seus dois maridos anteriores, Clódio e Curião, sofreram mortes violentas, como se ela trouxesse melhor sorte para si mesma do que para os seus maridos.<sup>192</sup> E isso se reforça em *Phil.* 2.11:

*2.11. Quis autem meum consulatum praeter te ac P. Clodium qui uituperaret inuentus est? Cuius quidem tibi fatum sicut C. Curioni manet, quoniam id domi tuae est quod fuit illorum utriusque fatale.*

2.11. Entretanto, encontrou-se alguém que criticasse meu consulado, exceto tu e Públio Clódio? O destino deste certamente espera por ti, assim como ocorreu a Caio Curião, visto que o que foi fatal a um e a outro, está na tua casa.

Apesar de Clódio e Curião terem sido mortos em contextos políticos, fica evidente que Fúlvia é considerada por Cícero um infortúnio e é inevitável o mesmo destino a Antônio, ou seja, uma morte violenta representando o terceiro pagamento de Fúlvia. E, na seção

<sup>189</sup> Fúlvia, descendente de duas famílias nobres, tornou-se a mais conhecida das mulheres ativas na política na República tardia. Primeiramente, casou-se com Clódio, apoiou sua política e clamou por vingança após seu assassinato. Foi após a morte de seu segundo marido, Curião, que ela se casou com Antônio, tomando uma parte ativa em sua gestão política depois da morte de César. Cf. “Fúlvia”, *OCD*.

<sup>190</sup> A expressão *tertiam pensionem* se refere ao reembolso de parte do dote de Fúlvia, já que seus dois maridos anteriores, Clódio e Curião, sofreram mortes violentas.

<sup>191</sup> “C. usually portrays Fulvia as grasping and cruel, but here he describes her as ‘most generous’ because she has already parted with two husbands” (RAMSEY, 2003, p. 327).

<sup>192</sup> Cf. *CIC. Phil.* 5.11: *sibi felicior quam uiris*.

abaixo, há a expressão *Tusculanam* (“Tusculana”) como uma referência a Fúlvia, já que Túsculo é sua cidade natal:

3.16. *Sed, si Aricinam uxorem non probas, cur probas Tusculanam? Quamquam huius sanctissimae feminae atque optimae pater M. At[t]ius Balbus, in primis honestus, praetorius fuit; tuae coniugis, bonae feminae, locupletis quidem certe, Bambalio quidam pater, homo nullo numero. (...) – “At auus nobilis”. – Tuditanus nempe ille, qui cum palla et cothurnis nummos populo de rostris spargere solebat. (...) Habetis nobilitatem generis gloriosam.*

3.16. Mas, se tu não aprovas uma esposa de Aricina, por que aprovas uma **Tusculana**? Posto que o pai desta santíssima e ótima mulher, M. Átio Balbo, foi um dos pretores mais honestos; um certo Bambálio, homem de nenhum valor, é o pai da tua esposa, uma boa mulher, verdadeiramente rica. (...) “Mas o avô era nobre”. Certamente aquele Tuditano, que costumava lançar dos Rostros, com manto de ator e coturnos, moedas ao povo. (...) Vós tendes uma notoriedade gloriosa<sup>193</sup> em relação à família. (grifos nossos)

Critica-se, então, a escolha de Antônio por uma mulher cuja família é de nenhum valor e sem glória, e que traz má sorte a seus maridos. Note-se a ironia de *Etenim ista tua minime auara coniunx, quam ego sine contumelia describo* (“Com efeito, essa tua esposa de modo algum avara, a qual eu descrevo sem injúria”).

Já em *Phil.* 2.69 Cícero se refere ironicamente à atriz de mimo Volúmnia Citéris – cujo papel na vida de Antônio constitui uma seção deste trabalho –, como uma esposa legítima:

2.69. *Nolite quaerere: frugi factus est; illam suam<sup>194</sup> suas res sibi habere iussit; ex duodecim tabulis clavis ademit, exegit. Quam porro spectatus ciuis, quam probatus, cuius ex omni uita nihil est honestius quam quod cum mima fecit diuortium.*

2.69. Não queirais fazer perguntas; tornou-se um homem honrado: ele ordenou que aquela sua atrizinha de mimo recolhesse todas as suas coisas, segundo exigiam as Doze Tábuas, tomou a chave. Além disso, quão notável cidadão, quão prezado aquele em cuja vida toda nada há de mais honroso do que o divórcio de uma atriz de mimo.

O orador descreve Antônio como um homem que trata sua amante, a atriz de mimo Volúmnia Citéris, como esposa legítima e que se tornou honrado uma única vez na vida ao romper esse caso de longa data. Todas essas atitudes formais tomadas por Antônio,

<sup>193</sup> O termo *gloriosam* pode ser interpretado como ambíguo: cheio de glória, mas também presunçoso (cf. **Miles gloriosus**, de Plauto).

<sup>194</sup> Consideramos aqui *illam suam* como “aquela sua atrizinha de mimo”, tendo como referência o aparato crítico das edições Les Belles Lettres e Loeb Classical Library, ou seja, *illam* equivale a *mimam*, Volúmnia Citéris. Em item posterior esse mesmo trecho será estudado.

supostamente agindo de acordo com a lei, são retratadas de modo irônico, pois, para o orador, não há nada de honroso em se relacionar com uma atriz de mimo e tratá-la como esposa legítima, separando-se, posteriormente, dela.

Destacamos o termo *concupina dotata*, o qual aparece em *Estico*, de Plauto, vv. 57-58: *Hercle ille quidem certo adulescens docte vorsutus fuit, qui seni illi concubinam dare dotatam noluit* (“Por Hércules, certamente o tal rapaz se esquivou sabidamente, não querendo dar ao velho uma amante com dote”<sup>195</sup>). Uma *concupina dotata* seria um absurdo jurídico, pois o dote diferenciava o casamento do concubinato. E, em *Trinumo*, de Plauto, vv. 689-91, um casamento sem dote, ou seja, um concubinato seria algo socialmente reprovável.<sup>196</sup>

Portanto, devido à característica de invectiva das *Filípicas* e o objetivo de difamar o adversário, é compreensível que o orador faça uso de adjetivos e expressões negativas para se referir a Antônio. Do mesmo modo, o uso da ironia, sobre sua eloquência e suas atitudes políticas e privadas, também é compreensível. Nesse caso, vemos que Cícero explora essa figura retórica para ridicularizar tudo o que envolve a imagem de Antônio.

De fato, algumas afirmações ao longo dos discursos apresentam um significado claro e direto, mas, ao afirmar algo querendo dizer o contrário, o orador maximiza o tom de deboche para com o adversário. Além disso, podemos perceber que a ironia também cumpre um papel na sua própria caracterização, ou seja, o que ele critica em Antônio diz muito sobre si mesmo: dizer, por exemplo, que Antônio é um *homo eloquens*, afirmação que, tomada literalmente, contradiz as *Filípicas* e o *ethos* negativo construído por Cícero, além de sarcasticamente atacar os dotes oratórios de Antônio, evoca a eloquência do próprio orador e todo o entorno do *ethos* positivo relacionado a ele. No contexto da Roma republicana e do *ethos* pré-discursivo do próprio Cícero, o maior orador de seu tempo, desconstruir com ironia a suposta eloquência de Antônio é um procedimento retórico que não causa nenhuma estranheza. Por fim, contrapor, sob esse aspecto, Antônio a seu antepassado ilustre na eloquência, contribui para construir a imagem de alguém que não honrou a nobreza da família.

<sup>195</sup> Tradução de Isabella Tardin Cardoso (2006, p. 162).

<sup>196</sup> Cf. ROCHA (2015, p. 86).

### 4.3. ANTÔNIO COMO UM PERSONAGEM CÔMICO: AS REFERÊNCIAS AO TEATRO E À ATRIZ DE MIMO VOLÚMNA CITÉRIS

Nosso principal objetivo, aqui, é expor e analisar como as referências à atriz de mimo Volúmnia Citéris e ao teatro em geral aparecem e de que modo colaboram para a construção da imagem de Marco Antônio como um personagem cômico ele próprio.

Como ponto de partida, é preciso dizer que a temática do teatro nos discursos de Cícero vai além de sua amizade com os atores Q. Róscio Galo e Clódio Esopo, e mesmo além dos discursos *Pro Roscio Comoedo* e *Pro Sestio*, em que respectivamente são evocados. Sobre isso, destacamos o que nos diz Fantham (2008, p. 427-428):

A juventude de Cícero, quando o drama romano estava já em declínio, coincide com o grande período dos astros, na comédia e na tragédia. Ele estabeleceu uma íntima amizade com o importante *comoedus* Q. Róscio Galo, assim como conheceu o ator trágico ligeiramente mais jovem Clódio Esopo. Sua intimidade com Róscio é confirmada pelo discurso *Pro Roscio Comoedo* – defendendo-o de uma acusação de negócios fraudulentos em 66 a.C. –, bem como por suas muitas alusões a conversas pessoais com Róscio e ainda por seus relatos acerca do desempenho de ambos os atores.<sup>197</sup>

O *Pro Roscio Comoedo* constitui, então, a defesa<sup>198</sup> de um ator de comédia por parte de Cícero: “O *Pro Roscio* de Cícero, um discurso em defesa de Róscio, atribui todas as qualidades estereotipadas dos atores ao oponente de Róscio para livrar Róscio de uma acusação de fraude”.<sup>199</sup> Constitui-se um fato interessante a relação amigável entre Cícero e os atores Róscio e Esopo, uma vez que em *De oratore*<sup>200</sup> o orador associa alguns elementos do teatro ao exercício de uma boa oratória. Marshall (2006, p. 128) afirma que em *De oratore* “Cícero prossegue citando as passagens que ele achou particularmente comoventes no teatro e especula sobre seu impacto emocional no ator”.<sup>201</sup>

Mencionemos ainda Plutarco, *Cic. 5*, sobre o arpinate:

Diz-se que sua dicção não era menos defeituosa que a de Demóstenes, razão pela qual escutava atentamente o comediante Róscio e o trágico Esopo. A propósito de Esopo, conta-se que o ator, desempenhando no

<sup>197</sup> Tradução de Raul Fiker. Não pudemos inserir o original em inglês aqui devido à falta de acesso à biblioteca em período de pandemia.

<sup>198</sup> Cf. LINTOTT (2008, p. 60-67).

<sup>199</sup> “Cicero’s *Pro Roscio*, a speech in defense of Roscius, attributes all of the stereotypical qualities of actors to Roscius’ opponent in order to clear Roscius of a charge of fraud” (DUNCAN, 2006, p. 161).

<sup>200</sup> Para algumas referências às características do teatro referidas em *De oratore*, cf.: CIC. *De or.* 1.142-143; 2.34; 2.115-116; 2.182; 2.193-194; 3.213-214; 3.216; 3.220; 3.222-223.

<sup>201</sup> “Cicero proceeds to quote passages he has found particularly moving in the theatre, and speculates on their emotional impact on the actor”.

teatro o papel de Atreu, no momento em que este medita sua vingança viu um servidor passar correndo diante dele: como se houvesse perdido o controle sob o império da paixão, golpeou-o com o cetro e matou-o. O vigor de Cícero contribuiu grandemente para a sua facilidade de persuasão.

Sobre a influência da arte da representação na capacidade persuasiva de Cícero, pode-se afirmar que “Róscio costumava competir com Cícero para descobrir qual deles expressaria melhor uma emoção ou uma ideia, Róscio em gestos, Cícero em palavras eloquentes”<sup>202</sup> (DUNCAN, 2006, p.174). Contudo, a influência da arte na oratória e da oratória na arte era recíproca, já que Róscio e Esopo costumavam frequentar o tribunal para levar gestos forenses ao palco.<sup>203</sup>

Portanto, tomando como exemplo a relação entre Cícero e Róscio, é possível dizer que há muitas referências<sup>204</sup> positivas ao teatro em Cícero, em relação tanto a atores quanto à própria arte em si, como é o caso da obra *De oratore*. De fato, podemos dizer que Cícero une o teatro à oratória no âmbito de sua vida pessoal e profissional. É interessante citar algumas passagens em que Cícero trata da relação entre o orador e o ator:

*142. Habebat enim flebile quiddam in questionibus aptumque cum ad fidem faciendam tum ad misericordiam commouendam; ut uerum uideretur in hoc illud, quod Demosthenem ferunt ei qui quaesiuisset, quid primum esset in dicendo, actionem, quid secundum idem et idem tertium respondisse. Nulla res magis penetrat in animos eosque fingit, format, flectit talesque oratores uideri facit quales ipsi se uideri uolunt.*

142. Pois a voz lhe dava nas queixas alguma coisa de tocante e apropriada tanto para inspirar confiança como para excitar a compaixão, de sorte que parecesse verdadeiro nele aquilo que dizem de Demóstenes, a alguém que lhe tivesse perguntado que coisa fosse a primeira no discurso, ter respondido “a ação”; que coisa a segunda, “a ação”; que coisa a terceira, “a ação”. Nenhuma qualidade penetra mais os ânimos e os molda, forma, flexiona, e faz os oradores parecer tais quais eles mesmo querem parecer.<sup>205</sup>

Assim como foi exposto anteriormente, o orador também relaciona, em *De oratore*, a atuação com o orador:

<sup>202</sup> “Roscius used to compete with Cicero to see which one of them could express an emotion or idea better, Roscius in gestures, Cicero in eloquent words”.

<sup>203</sup> Cf. FANTHAM (2008, p. 428).

<sup>204</sup> Para mais informações sobre a relação entre Cícero e o teatro, cf. MANUWALD, G. *Roman Republican Theatre*. NY: Cambridge University Press, 2011.

<sup>205</sup> Cf. CIC. *Brut.* 142.

*1.128. In oratore autem acumen dialecticorum, sententiae philosophorum, uerba prope poetarum, memoria iuris consultorum, uox tragoedorum, gestus paene summorum actorum est requirendus. Quam ob rem nihil in hominum genere rarius perfecto oratore inueniri potest.*

1.128. já no orador, deve-se exigir a agudeza dos dialéticos, as máximas dos filósofos, as palavras, praticamente, dos poetas, a memória dos juristas, a voz dos atores trágicos, os gestos, quase, dos grandes atores; por essa razão, nada é mais raro, no gênero humano, do que encontrar um orador perfeito,<sup>206</sup>

Cita-se Róscio como uma referência ao movimento e à postura oratória da qual um orador poderia precisar:

*1.251. Quis neget opus esse oratori in hoc oratorio motu statuque Rosci gestum et uenustatem?*

1.251. Quem poderia negar que o orador precisa da gesticulação e da graciosidade de um Róscio neste movimento e nesta postura oratórios?<sup>207</sup>

E o orador relaciona a atuação do orador e sua oratória com o discurso:

*3.213. Sed haec omnia perinde sunt ut aguntur. Actio, inquam, in dicendo una dominatur. Sine hac summus orator esse in numero nullo potest, mediocris hac instructus summos saepe superare. Huic primas dedisse Demosthenes dicitur, cum rogaretur quid in dicendo esset primum, huic secundas, huic tertias.*

3.213. Mas tudo isso depende da atuação do orador. A atuação, ênfase, reina sozinha no discurso. Sem ela, o orador mais perfeito pode não ter importância, um orador mediano, instruído nela, muitas vezes supera os mais perfeitos. Conta-se que Demóstenes, quando lhe perguntaram qual o elemento mais importante na oratória, deu a ela o primeiro, o segundo e o terceiro lugares.<sup>208</sup>

Em *Orator*, conforme é possível ver a seguir, estabelece-se a relação entre a atuação e a eloquência:

*17.56. nam et infantes actionis dignitate eloquentiae saepe fructum tulerunt et disertis deformitate agendi multi infantes putati sunt; ut iam non sine causa Demosthenes tribuerit et primas et secundas et tertias actioni; si enim eloquentia nulla sine hac, haec autem sine eloquentia tanta est, certe plurimum in dicendo potest.*

17.56. Pois os incapazes de falar colheram a miúde da dignidade da atuação o fruto da eloquência, e muitos disertos foram considerados

<sup>206</sup> Cf. CIC. *De or.* 1.128.

<sup>207</sup> Cf. CIC. *De or.* 1.251.

<sup>208</sup> Cf. CIC. *De or.* 3.213.

incapazes de falar por causa da deformidade do seu atuar; de modo que não sem motivo já Demóstenes atribuiu o primeiro, e o segundo, e o terceiro, à atuação; pois, se não há eloquência alguma sem ela, mas ela, sem a eloquência, é tão grande, certamente ela é a que mais pode no discursar.<sup>209</sup>

Na obra retórica de Cícero, vemos, portanto, que o orador pode aprender com os atores e deve ter qualidades que os bons atores têm: o trabalho do ator com a voz e os gestos é conotado positivamente. Segundo Cardoso (2018, p. 56), “na oratória, mais especificamente, teatralizam-se aspectos da vida a serem julgados no processo – quer a experiência pessoal, a vida privada, das partes ou demais membros envolvidos; quer da situação política de Roma”.

É importante citar o que nos diz Griffith (2007, p. 32):

Mesmo na época de Cícero, o ator Róscio era conhecido em toda a cidade por (principalmente) seus papéis cômicos de Plauto; e no primeiro Principado (sob Augusto, Tibério, Nero e outros), os atores profissionais eram atraentes, equivalentes, em apelo popular, a estrelas do cinema moderno ou ícones do esporte. O resultado em círculos de elite foi uma curiosa ambivalência sobre a importância da performance teatral: por um lado, todo romano bem-educado conhecia intimamente as peças de Eurípides e Pacúvio, Menandro, Plauto e Terêncio, tanto lendo-os quanto vendo suas performances; no entanto, ao mesmo tempo, havia o preconceito forte entre os moralistas e esnobes de que a natureza sensacionalista e superemocional da performance trágica e a atitude indecente e desenfreada, características de escravos cômicos e parasitas, apelavam para os instintos humanos “inferiores” que era melhor reprimir.<sup>210</sup>

Contudo, não vemos essa referência positiva<sup>211</sup> ao teatro ou aos atores nas quatorze *Filípicas* de Cícero. Ao longo desses discursos, quando o orador critica os hábitos da vida pessoal de Marco Antônio, há trechos em que considera seus amigos e companheiros

<sup>209</sup> Tradução de Vicini (2018). Cf. CIC. *Orat.* 17.56.

<sup>210</sup> “Even in Cicero’s day, the actor Roscius was renowned throughout the city for (mainly) his comic roles from Plautus; and by the early Principate (under Augustus, Tiberius, Nero and others) professional actors were pinups equivalent in popular appeal to modern film-stars or Sporting icons. The result in elite circles was a curious ambivalence about the value of theatrical performance: on the one hand, every well-educated Roman knew intimately the plays of Euripides and Pacuvius, Menander, Plautus and Terence, both from reading and from seeing them performed; yet at the same time there was a strong prejudice among moralists and snobs that the sensational and overemotional nature of tragic performance, and the scurrilous and unrestrained behaviour characteristic of comic slaves and parasites, appealed to ‘lower’ human instincts that were better suppressed”.

<sup>211</sup> Contudo, é relevante mencionar o que nos diz Cardoso (2018, p. 125): “O paradoxal estatuto do ator em Roma antiga faria, segundo Jones, essa diferenciação entre o profissional das artes cênicas e o cidadão necessária para se sustentar a credibilidade do réu. De fato, é notório que Cícero compartilha da postura ambivalente em relação aos atores e o palco em geral, ora os louvando (como nas várias menções à arte de Róscio nesse discurso), ora deles suspeitando”.

uma má companhia, dentre eles: atores e autores de mimo, cafetões, dançarinos, tocadores de cítara, jogadores, alcoviteiros, ou seja, todos aqueles que supostamente o acompanhavam em orgias, comilanças, jogos de azar e vinho.<sup>212</sup> Além disso, conforme anteriormente aludimos, são de grande importância nas *Filípicas* as menções de Cícero à atriz de mimo Volúmnia Citéris e a crítica ao fato de ela ser companheira e amante de Marco Antônio.

Uma vez que Cícero se coloca como um perpétuo defensor da República e não aprova muitas das atitudes políticas de Marco Antônio, um dos principais objetivos invectivos do orador nas *Filípicas* é enfraquecer a imagem de seu adversário, que, como temos visto, é confrontada com a própria imagem do orador. Ao fazer uso da estratégia retórica<sup>213</sup> de expor e criticar aspectos da vida pessoal/privada de seu adversário a fim de persuadir seu “público”, a menção às más companhias e à sua amante atriz de mimo corrobora para a construção de um *ethos* negativo de Marco Antônio do ponto de vista de Cícero.

Desse modo, vamos nos ater à representação da atriz de mimo Volúmnia Citéris e expor alguns trechos das quatorze *Filípicas* em que há menção a ela. O objetivo, então, é verificar como essas referências à atriz aparecem e de que modo colaboram para a construção da imagem de Marco Antônio.

#### 4.3.1. SOBRE A ATRIZ VOLÚMNIA CITÉRIS

Antes de examinarmos os trechos das *Filípicas* em que a atriz de mimo Volúmnia Citéris é citada, é de fundamental importância que levantemos considerações biográficas sobre ela. Podemos afirmar, segundo o Brill’s New Pauly, que Citéris é

O nome artístico descritivo (“pertencente a Afrodite”) de uma atriz de mimo romana (*mima*) do 1º século a.C.; comprada da escravidão por *Volumnius Eutrapelus*, seu nome oficial era *Volumnia* (Cic. *Phil.* 2.58). Não se sabe nada sobre suas performances no palco, mas, sobretudo, sobre suas qualidades eróticas. Ela alcançou a notoriedade como amante de Antônio: antes de seu casamento com Fúlvia em 47, ela o acompanhou em suas aparições públicas em uma liteira aberta.<sup>214</sup>

<sup>212</sup> Cf. CIC. *Phil.*: 2.15, 2.20, 2.58, 2.61-63, 2.67, 2.69, 2.101, 5.15, 8.26, 11.13, 13.24.

<sup>213</sup> Sobre a *captatio benevolentiae* com base na pessoa do adversário, cf. CIC. *Inv.* 1.20; 1.22; e *Rhet. Her.* 1.7-8.

<sup>214</sup> “Descriptive artist’s name (‘belonging to Aphrodite’) of a Roman mime actress (*mima*) of the 1st cent. BC; bought out of slavery by *Volumnius Eutrapelus*, her official name was *Volumnia* (Cic. *Phil.* 2,58). Nothing is known about her stage performances, but all the more about her erotic qualities. She attained notoriety as mistress of Antonius: before his marriage to Fulvia in 47 she accompanied him on his public appearances in an open litter”.

Segundo Rehm (2007, p. 195),

Algo excepcional em Roma, o mimo ofereceu às mulheres a chance de atuar em público e elas estrelaram mimos populares de “adulterio”, que exerceram uma influência surpreendente na “alta” arte da poesia elegíaca augustana. “Citéris”, o nome artístico de Volúmnia, a atriz de mimo feminina mais proeminente do primeiro século, também desempenhou seu papel nos corredores do poder como a amante de Marco Antônio. O sofisticado público romano ficou encantado ao vê-la sintetizar o adultério de forma tão completa, trazendo ao palco uma versão do que ela havia vivido na vida privada.<sup>215</sup>

A menção à atriz de mimo Volúmnia Citéris também aparece em Plutarco, *Ant.* 9:

Havia também o mímico Sérgio, muito prestigiado por ele, e uma mulher que amava, Citéris, integrante da mesma companhia de atores. Para onde quer que fosse levava-a numa liteira, acompanhada pelo mesmo número de criados que a da mãe de Antônio.

O próprio Cícero, em *Att.*, também menciona Volúmnia Citéris em duas passagens:

“Contudo, este [Antônio] carrega consigo em uma liteira aberta Citéris, a outra esposa”. (CIC. *Att.* 10.10.5)<sup>216</sup>

“Certamente, isto é melhor do que nosso colega Antônio, cuja atriz de mimo é carregada em um liteira entre lictores”. (CIC. *Att.* 10.16.5)<sup>217</sup>

Na passagem abaixo, Marco Antônio é designado como Citério, um índice de sua submissão à atriz:

“porém, este nosso Citério”. (CIC. *Att.* 15.22)<sup>218</sup>

É pertinente mencionar o que nos diz Panayotakis (2006, p. 133):

<sup>215</sup> “Uniquely for Rome, the mime offered women the chance to perform in public and they starred in popular ‘adultery’ mimes, which exerted a surprising influence on the ‘high’ art of Augustan elegiac poetry. ‘Cytheris’, the stage name of Volumnia, the most prominent female mime in the first century, also played her role in the corridors of power as the mistress of Mark Antony. The sophisticated Roman audience delighted at seeing her epitomize adultery so fully, bringing to the stage a version of what she had experienced in private”.

<sup>216</sup> *Hic tamen Cytherida secum lectica aperta portat, alteram uxorem.*

<sup>217</sup> *Hoc quidem melius quam collega noster Antonius, cuius inter lictores lectica mima portatur.*

<sup>218</sup> *Hic autem noster Cytherius.*

O adjetivo *mima* (junto com o diminutivo pejorativo *mimula*) e o nome próprio Citéris que Cícero geralmente emprega para se referir a essa mulher (...) claramente fizeram parte de sua venenosa invectiva contra seu inimigo político Marco Antônio, que se tornou o amante de Citéris, e era sarcasticamente chamado por Cícero de *Cytherius*.<sup>219</sup>

Além disso, em *Fam.* 9.26.1-2, Cícero diz:

9.26.1-2. *Accubueram hora nona, cum ad te harum exemplum in codicillis exaravi. Dices, ubi? apud Volumnium Eutrapelum, et quidem supra me Atticus, infra Verrius, familiares tui. (...) Audi reliqua. Infra Eutrapelum Cytheris accubuit. (...) Non, mehercule, suspicatus sum illam adfore.*

9.26.1-2. Eu tinha me acomodado à mesa às três horas da tarde, quando escrevi nas minhas tabuinhas uma cópia desta carta para ti. “Onde?”, tu dirás. Na casa de Volúmnio Eutrápelo, e precisamente Ático estava à mesa acima de mim, e Vérrio abaixo, teus amigos. (...) Ouve o restante. Citéris se acomodou à mesa abaixo de Eutrápelo. (...) Sob palavra de honra, eu não suspeitei que ela estaria presente.

Assim, vemos Cícero comentar a aparição de Citéris em um espetáculo público, considerando-a uma mulher que circula entre homens.<sup>220</sup> Para o orador, portanto, segundo Keith, “ela é a atriz de mimo Citéris, uma mulher liberta de nome grego e moral duvidosa que é apropriadamente comercializada entre homens”.<sup>221</sup>

Contudo, outro dado importante a ser considerado é que Volúmnia Citéris seria, segundo Sérvio,<sup>222</sup> a *Lycoris* de Cornélio Galo, pai da elegia erótica romana. Em comentário à décima *Écloga*<sup>223</sup> de Virgílio, Sérvio afirma que Cornélio Galo “escreveu quatro livros de amor sobre sua Citéris” (*amorum suorum de Cytheride scripsit libros quattuor, ad Buc.10.1*), “a quem chamou de *Lycoris*” (*quam Lycorin uocat, ad Buc.10.6*). Sérvio também nos diz que devemos subentender “*Lycoris* por ‘*Citéris*’; pois é permitido aos poetas substituir os nomes

<sup>219</sup> “The adjective *mima* (along with the pejorative diminutive *mimula*) and the proper name *Cytheris* that Cicero usually employs when referring to this woman (...) clearly formed part of his venomous invective against his political enemy Mark Antony, who became Cytheris’ lover, and was sarcastically called by Cicero *Cytherius*”.

<sup>220</sup> “As in his later invective, moreover, he comments on Cytheris’ appearance in a public spectacle and thus characterizes her as a woman who circulates among men” (KEITH, 2011, p. 44).

<sup>221</sup> “She is Cytheris the mime-actress, a freedwoman of Greek name and dubious morals who is appropriately trafficked between men” (KEITH, 2011, p. 44).

<sup>222</sup> Cf. *Enciclopedia Virgiliana*, p. 216.

<sup>223</sup> Cf. VERG. *Ecl.*10.1-3:

*Extremum hunc, Arethusa, mihi concede laborem:  
pauca meo Gallo, sed quae legat ipsa Lycoris,  
carmina sunt dicenda: neget quis carmina Gallo?*

por outros” (*Lycoris pro ‘Cytheris’; licet enim poetis alia nomina pro aliis ponere, ad Buc.10.2*).

Em outras fontes podemos encontrar outras referências a esse suposto relacionamento entre *Lycoris* e Cornélio Galo:

“e quantas chagas por Licóris bela Galo  
Lavou há pouco em águas infernais!”  
(PROP. 2.34.91-92)<sup>224</sup>

“e Galo, Galo pelos hespérios e pelos orientais será conhecido  
e com Galo será conhecida a sua Licóride”  
(OV. *Am.* 1.15.29-30)<sup>225</sup>

“Não foi vergonhoso a Galo ter celebrado Licóride,  
Mas não ter freado a língua por excesso de vinho”  
(OV. *Tr.* 2.445-446)<sup>226</sup>

“a bela Licóris era o engenho de Galo”  
(MART. 8.73.6)<sup>227</sup>

Vemos que essas fontes relacionam Cornélio Galo a *Lycoris*,<sup>228</sup> que, considerando os comentários de Sêrvio, corresponderia à amante de Marco Antônio, Volúmnia Citéris: “Este Galo, porém, amou a meretriz Citéris, liberta de Volúmnio, a qual, desprezando-o, acompanhou Antônio em sua ida às Gálias” (*hic autem Gallus amavit Cytheridem meretricem, libertam Volumnii, quae, eo spreto, Antonium euntem ad Gallias est secuta, ad Buc.10.1*). Assim, é possível afirmar que, na leitura biografista de Sêrvio, na décima bucólica Virgílio estaria aludindo ao fato de Volúmnia Citéris ter abandonado Cornélio Galo para acompanhar, “entre neves e hórridos acampamentos” (*perque niues...perque horrida castra, v. 23*), Antônio, o “outro” (*alium*) mencionado no poema (v.23). Também é interessante mencionar que Sêrvio a considera uma *meretrix*. De resto, essa identificação feita por Sêrvio é

<sup>224</sup> *et modo formosa quam multa Lycoride Gallus  
mortuus inferna uulnera lauit aqua!* (trad. Guilherme Gontijo Flores, 2014).

<sup>225</sup> *Gallus et Hesperii et Gallus notus Eois,  
et sua cum Gallo nota Lycoris erit* (trad. Lucy Ana de Bem).

<sup>226</sup> *Non fuit opprobrio celebrasse Lycorida Gallo,  
sed linguam nimio non tenuisse mero* (trad. Patrícia Prata).

<sup>227</sup> *ingenium Galli pulchra Lycoris erat* (tradução nossa).

<sup>228</sup> Observa-se aqui a correspondência métrica entre o pseudônimo e o nome real: *Cythēris/Lycōris*, que parece ser tradicional na poesia amorosa se aceitamos o testemunho de Apuleio, *Apologia* 10: *Eadem igitur opera accusent C. Catul<l>um, quod Lesbiam pro Clodia nominarit, et Tigidam similiter, quod quae Metella erat Perillam scripserit, et Propertium, qui Cynthiam dicat, Hostiam dissimulet, et Tibullum, quod ei sit Plania in animo, Delia in uersu*. “Da mesma forma, então, acusem C. Catulo, que nomeou Lésbia no lugar de Clódia; semelhantemente, a Tícidas, que escreveu como sendo Perila a que era Metela; a Propércio, que diz Cíntia escondendo Hóstia; e a Tibulo, porque tem Plânia na mente e Délia no verso”. Confrontem-se: *Lesbia/Clodia; Perilla/Metella; Hostia/Cynthia*.

descartada por um dos comentadores mais recentes das *Bucólicas*, Andrea Cucchiarelli (2012, p. 494): “é bastante improvável que ele possa ser identificado com Marco Antônio, segundo se lê em Sêrvio, já que a relação com o triúnviro remontava a muitos anos antes...o novo amante será talvez algum oficial sob o comando de Agripa, que liderou uma expedição na Gália transalpina e, portanto, atravessou o Reno em 38 a.C.”<sup>229</sup>

Apesar de, se nos fiarmos em Sêrvio, seu relacionamento com Cornélio Galo constituir um dado pertinente para a *persona* da atriz de mimo, todavia o que nos interessa aqui é o seu relacionamento pessoal com Marco Antônio e o modo como ele é exposto nas *Filípicas* de Cícero.

Um dado interessante é que, em *Pro Caelio*, discurso anterior às *Filípicas*, Cícero já faz uso da palavra *meretrix*<sup>230</sup> atribuída à Clódia. Veja-se:

*1. oppugnari autem opibus meretriciis*

1. além disso atacado por obra de uma **meretriz**

*37. Cur te in istam uicinitatem meretriciam contulisti?*

38. Por que te instalaste na vizinhança dessa **meretriz**?

*48. Verum si quis est, qui etiam meretriciis amoribus interdictum iuuentuti putet, est ille quidem ualde seuerus (negare non possum), sed abhorret non modo ab huius saeculi licentia, uerum etiam a maiorum consuetudine atque concessis.*

48. Com efeito, se há alguém que considere que até se devem interditar à juventude os amores com **meretrizes**, essa pessoa é decerto muito severa – não posso negá-lo –, mas é contrária não só à tolerância do nosso tempo como também ao que era um costume e uma concessão dos antepassados.

*49. Si quae non nupta mulier domum suam patefecerit omnium cupiditati palamque sese in meretricia uita collocarit, uirorum alienissimorum conviviis uti instituerit, si hoc in urbe, si in hortis, si in Baiarum illa celebritate faciat, si denique ita sese gerat non incessu solum, sed ornatu atque comitatu, non flagrantia oculorum, non libertate sermonum, sed etiam complexu, osculatione, actis, nauigatione, conuiuiis, ut non solum meretrix, sed etiam proterua meretrix procaxque uideatur: cum hac si qui adulescens forte fuerit, utrum hic tibi, L. Herenni, adulter an amator, expugnare pudicitiam an explere libidinem uoluisse uideatur?*

49. Se uma mulher que não fosse casada escancarasse a sua casa à luxúria de todos, se levasse abertamente uma vida de **meretriz**, se

<sup>229</sup> “è assai improbabile che egli possa essere identificato con M. Antonio, secondo quanto si legge in Servio, dal momento che la relazione con il triumviro risaliva a molti anni addietro [...]; il nuovo amante sarà forse qualche ufficiale al seguito di Agripa, il quale condusse una spedizione nella Gallia Transalpina e attraversò quindi il Reno nel 38 a.C.”.

<sup>230</sup> Cf. CIC. *Cael.* 1, 38, 48, 49, 50 e 57. Tradução de Maurício (2013), grifos nossos.

decidisse ir a banquetes de homens sem qualquer relação com ela, se o fizesse na cidade, se o fizesse nos jardins, se o fizesse com a maior assistência de Baías, se, finalmente, se comportasse – não só pela sua maneira de andar mas também pela maneira de se vestir e pelas suas companhias, não só pelo fogo dos seus olhares, não só pela liberdade das suas palavras, mas também pelos abraços, pelos beijos, pelas suas atitudes, pelos passeios de barco, pelos banquetes – de tal forma que parecesse não apenas uma **meretriz** mas uma **meretriz** desavergonhada e descarada, se por acaso um jovem estivesse com ela, chamar-lhe-ias tu, Lúcio Herénio, adúltero ou amante? Pareceria querer ofender o pudor dela ou satisfazer os seus desejos libidinosos?

*50. Obluiscor iam iniurias tuas, Clodia, depono memoriam doloris mei; quae abs te crudeliter in meos me absente facta sunt, neglego; ne sint haec in te dicta, quae dixi. Sed ex te ipsa requiro, quoniam et crimen accusatores abs te et testem eius criminis te ipsam dicunt se habere. Si quae mulier sit eius modi, qualem ego paulo ante descripsi, tui dissimilis, uita institutoque meretricio, cum hac aliquid adulescentem hominem habuisse rationis num tibi perturpe aut perflagitiosum esse uideatur? Ea si tu non es, sicut ego malo, quid est, quod obiciant Caelio? Sin eam te uolunt esse, quid est, cur nos crimen hoc, si tu contemnis, pertimescamus? Quare nobis da uiam rationemque defensionis. Aut enim pudor tuus defendet nihil a M. Caelio petulantius esse factum, aut impudentia et huic et ceteris magnam ad se defendendum facultatem dabit.*

50. Esqueço, por agora, as tuas ofensas, Clódia, ponho de lado a memória do meu sofrimento; não levo em conta as crueldades que fizeste aos meus na minha ausência; não tomes como sendo contra ti o que acabo de dizer. Mas, como os acusadores dizem que foste tu que lhes forneceste a acusação e te apresentam a ti mesma como testemunha dessa acusação, pergunto-te a ti: se houvesse uma mulher do género da que há pouco descrevi, diferente de ti, que tivesse uma vida e um comportamento de **meretriz**, se um homem ainda jovem tivesse tido uma relação com ela, isso parecer-te-ia indecente e escandaloso? Se tu não és essa mulher, como eu prefiro, de que é que acusam Célio? Se pretendem que sejas essa mulher, que razão há para recearmos esta acusação, se tu a menosprezas? Por isso, dá-nos um caminho e um meio de defesa. Na verdade, ou o teu pudor impede Célio de ter feito alguma coisa mais atrevida, ou a tua impudência dá a este homem e aos outros uma grande possibilidade de se defenderem.

*57. Cui denique commisit, quo adiutore usus est, quo socio, quo conscio, cui tantum facinus, cui se, cui salutem suam credidit? Seruisne mulieris? Sic enim obiectum est. Et erat tam demens hic, cui uos ingenium certe tribuitis, etiamsi cetera inimica oratione detrahitis, ut omnes suas fortunas alienis seruis committeret? At quibus seruis? Refert enim magnopere id ipsum. Iisne, quos intellegebat non communi condicione seruitutis uti, sed licentius, liberius, familiarius cum domina uiuere? Quis enim hoc non uidet, iudices, aut quis ignorat, in eius modi domo, in qua mater familias*

*meretricio* more uiuat, in qua nihil geratur, quod foras proferendum sit, in qua inusitatae, libidines, luxuries, omnia denique inaudita uitia ac flagitia uersentur, hic seruos non esse seruos, quibus omnia committantur, per quos gerantur, qui uersentur isdem in uoluptatibus, quibus occulta credantur, ad quos aliquantum etiam ex cotidianis sumptibus ac luxurie redundet? Id igitur Caelius non uidebat?

57. A quem, finalmente, se associou ele, quem teve como auxiliar, como parceiro, como cúmplice, a quem confiou um tal crime, a sua pessoa, a sua salvação? Aos escravos dessa mulher, por acaso? De facto, é disso que o acusa. E seria tão louco esse a quem vós atribuíis pelo menos algum talento, ainda que no resto o desacrediteis no vosso discurso hostil, que fosse deixar a sua fortuna nas mãos de escravos alheios? Mas a que tipo de escravos? Isto tem grande importância: àqueles que sabia não serem tratados segundo a condição comum de escravatura, mas viverem com demasiada licença, demasiada liberdade, demasiada intimidade com a sua senhora? Pois quem não vê isso, juízes, ou quem ignora que, numa casa assim, em que uma mãe de família vive como uma *meretriz*, em que nada acontece que possa ser conhecido no exterior, em que dominam prazeres inusitados, devassidão e finalmente todos os vícios e escândalos inauditos, aqui os escravos não são escravos, eles a quem tudo é confiado, por quem tudo é administrado, que se entregam aos mesmíssimos prazeres, a quem são confiados segredos, a favor de quem reverte boa parte dos gastos quotidianos e do excesso? E Célio também não via isso?

Vemos que, ao caracterizá-la dessa forma, o orador faz referência ao mimo, único espetáculo teatral em que as mulheres podiam atuar.<sup>231</sup> Segundo Maurício (2013, p. 36-37),

na exploração de aspetos teatrais na forma como o caso vai sendo apresentado, à descida do género dramático mais nobre – a tragédia – a outro menos elevado – a comédia –, seguir-se-á o rebaixamento àquele que era considerado o mais reles – o mimo. Será sobretudo a narrativa da história dos banhos, uma verdadeira farsa, recheada de ironia e sarcasmo, a recriar uma representação desse género, cuja invenção o orador atribui a Clódia (*haec tota fabella ueteris et plurimarum fabularum poetria*), reduzindo-a assim a escritora de mimos – e mimos de má qualidade (e o facto de os mimos contarem com a participação frequente de prostitutas também remete para a sua caracterização como *meretrix*).

E, ainda, conforme nos diz Nótari (2013, p. 211),

Cícero “frequentemente produzia um impacto expresso no *risus mimicus* através da obscenidade. (...) A caracterização de Clódia como *meretrix* constitui o contraste perfeito com a imagem da obediente *matrona* que cuida da pureza da sua casa. O comportamento e a

---

<sup>231</sup> Cf. *OCD*, “mime”.

aparência de Clodia condizem com os de uma *meretrix* e não com os de uma *mater familias*”.<sup>232</sup>

Contudo, as referências de Cícero a Volúmnia Citéris nos trechos das cartas a Ático citadas anteriormente “antecipam, então, aquelas em suas invectivas *Filípicas* não apenas na sua apresentação dos ‘fatos’, mas também na sua estratégica representação das relações de Antônio com Citéris para simbolizar a perversão de seus vínculos políticos e sociais com outros homens”.<sup>233</sup> De fato, o que Cícero diz em cartas a Ático sobre a atriz de mimo e Marco Antônio é estrategicamente reforçado e desenvolvido em suas *Filípicas*.

Desse modo, a atriz tem um papel importante nas *Filípicas* e sua imagem é traçada de modo a difamar Antônio, “que tinha a mesma afinidade que Sila com os profissionais de entretenimento”.<sup>234</sup> As *Filípicas*, de característica invectiva, impugnaram a reputação de Antônio<sup>235</sup> e as menções à atriz de mimo se constituíram como um dos elementos bem-sucedidos desse ataque.

#### 4.3.2. A PRESENÇA DA ATRIZ NAS *FILÍPICAS*

Nas *Filípicas*, a atriz de mimo aparece primeiramente em 2.20:

2.20. *At etiam quodam loco facetus esse uoluisti. Quam id te, di boni, non decebat! In quo est tua culpa nonnulla: aliquid enim salis a mima uxore trahere potuisti.*

2.20. Mas ainda quiseste parecer espirituoso em alguma ocasião. Como isso, bons deuses, não convinha a ti! Nisso, há alguma culpa tua. De fato, tu poderias ter tomado algum gracejo da **atriz de mimo**, tua esposa. (grifos nossos)

O orador sarcasticamente se refere à atriz de mimo, *mima*, Citéris como uma *altera uxor* de Antônio. A crítica, aqui, consiste no fato de Antônio exibir sua amante, expondo, assim, sua depravação (*flagitiose*) como se ela fosse sua outra esposa; Antônio,

<sup>232</sup> “frecuentemente producía un impacto expresado en la *risus mimicus* a través de la obscenidade. (...) La caracterización de Clodia como *meretrix* constituye el contraste perfecto con la imagen de la obediente *matrona* que cuida la pureza de su hogar. La conducta y apariencia de Clodia encaja con el de una *meretrix* y no con el de una *mater familias*” (NOTARI, 2013, p. 211).

<sup>233</sup> “Cicero’s references to Cytheris in these letters to Atticus thus anticipate those in his invective *Philippics* not only in their presentation of the ‘facts’, but also in their strategic representation of Antony’s relations with Cytheris to figure the perversion of his political and social bonds with other men” (KEITH, 2011, p. 44).

<sup>234</sup> “Antony, who had the same affinity as Sulla with professional entertainers, engaged in a long standing and much publicized affair with the famous mime actress Volumnia Cytheris” (JORY, 1988, p. 78).

<sup>235</sup> Cf. KEITH (2011, p. 42).

então, seria bigamo, algo vedado na lei romana. Desnecessário dizer também que a atriz não era, legalmente, *uxor*; Cícero sugere que Antônio trata como esposa legítima uma mulher cujo estatuto na sociedade romana era baixo. Assim, segundo Keith (2011, p. 44), quando Cícero a designa “a outra esposa”, subentende-se, pois, em mais de um aspecto, a ilegitimidade moral de Antônio.

Nas seções 58, 61 e 62 da segunda *Filípica*, Cícero menciona novamente Citéris:

2.58. *Vehebatur in essedo tribunus plebi; lictores laureati antecedeabant, inter quos aperta lectica mima portabatur, quam ex oppidis municipales homines honesti, obuiam necessario prodeuntes, non noto illo et mimico nomine, sed Volumniam consalutabant. Sequebatur raeda cum lenonibus, comites nequissimi. Reiecta mater amicam impuri filii tamquam nurum sequebatur. O miserae mulieris fecunditatem calamitosam!*

2.58. O tribuno da plebe era transportado numa carruagem; os litores laureados o precediam; entre eles, em uma liteira descoberta, era levada uma **atriz de mimo**, a quem homens honrados, cidadãos de diferentes municípios, que saíam das cidades e vinham a seu encontro forçosamente, saudavam não por aquele nome conhecido e empregado nos mimos, mas por **Volúmnia**. Uma carruagem com cafetões seguia, comitiva de homens imprestáveis. A mãe, atrás, seguia a **amante** do filho impuro como se esta fosse a nora. Oh fecundidade calamitosa da miserável mulher! (grifos nossos)

2.61. *Venisti Brundisium, in sinum quidem et in complexum tuae mimulae. Quid est? num mentior? Quam miserum est id negare non posse, quod sit turpissimum confiteri! Si te municipiorum non pudebat, ne ueterani quidem exercitus? Quis enim miles fuit, qui Brundisii illam non uiderit? Quis, qui nescierit uenisse eam tibi tot dierum uiam gratulatum? quis, qui non indoluerit tam sero se quam nequam hominem secutus esset cognoscere?*

2.61. Tu vieste a Brundísio, certamente para o regaço e para o abraço da **tua atrizinha de mimo**.<sup>236</sup> O que há? Por acaso eu minto? Quão infeliz é não poder negar o que é muito vergonhoso confessar! Se tu não te envergonhavas diante dos municípios, nem mesmo diante do exército de veteranos? Pois qual é o soldado que não a tenha visto em Brundísio? Quem não sabia que ela tinha vindo em uma jornada de tantos dias para te felicitar? Quem não sofria por tão tarde ele mesmo descobrir que não vale coisa alguma o homem que havia seguido? (grifos nossos)

2.62. *Italiae rursus percursatio eadem comite mima*

2.62. Outra vez houve uma perambulação pela Itália com a mesma **atriz de mimo** como companheira de viagem. (grifos nossos)

<sup>236</sup> Chamamos a atenção, aqui, para a posição enfática do pronome possessivo *tuae* (“tua”) no trecho *tuae mimulae* (“tua atrizinha de mimo”).

Vemos que há a referência ao fato de a atriz acompanhar Antônio como se fosse sua companheira oficial, isto é, membro da comitiva (*comes*) e ao transporte, numa liteira, da atriz de mimo cuja imagem, segundo Ramsey (2003, p. 245-246), era maculada pela infâmia associada a suas performances no palco. As pessoas a cumprimentavam pelo nome *Volumnia* por este ser mais respeitável.<sup>237</sup> É evidente que Cícero expõe, indiretamente, a infâmia (*flagitium*), a vergonha (*turpitudinem*) e a desonra (*dedecus*) de Antônio. Pode-se dizer que a infâmia de Citéris também afeta a imagem de Antônio – aqui, Cícero questiona quem o cerca. Keith (2011, p. 42) nos diz:

Nesta imagem intencionalmente prejudicial do desempenho de Marco Antônio em relação aos seus deveres administrativos, Cícero descreve Antônio aparecendo em público em negócios oficiais e flanqueado por veículos de luxo (o *essedus* e *raeda*) associados a mulheres e aos soldados; acompanhado por sua namorada, uma atriz de mimo manchada com a desvantagem legal (*infamia*) conferida pela associação com o palco, e alcoviteiros, que eram considerados como uma companhia ainda menos respeitável que as atrizes; e deixando de mostrar à sua mãe e, por implicação, à sua esposa (Antônia) o devido respeito.<sup>238</sup>

Destacamos a seção 67 da segunda *Filípica*:

2.67. *Quae Charybdis tam uorax? Charybdim dico; quae si fuit, animal unum fuit; oceanus, medius fidius, uix uidetur tot res tam dissipatas, tam distantibus in locis positas, tam cito absorbere potuisse. Nihil erat clausum, nihil obsignatum, nihil scriptum; apothecae totae nequissimis hominibus condonabantur; alia mimi rapiebant, alia mimae; domus erat aleatoribus referta, plena ebriorum; totos dies potabatur, atque id locis pluribus; suggerabantur etiam saepe – non enim semper iste felix – damna aleatoria; conchylitatis Cn. Pompei peristromatis seruorum in cellis lectos stratos uideres. Quam ob rem desinite mirari haec tam celeriter esse consumpta. Non modo unius patrimonium quamuis amplum, ut illud fuit, sed urbes et regna celeriter tanta nequitia deuorare potuisset. At idem aedis etiam et hortos.*

<sup>237</sup> Cf. também SUSSMAN (1994, p. 78).

<sup>238</sup> “In this designedly prejudicial picture of Marc Antony’s performance of his administrative duties, Cicero describes Antony appearing in public on official business in, and flanked by, luxury vehicles (the *essedus* and *raeda*) associated with women and wastrels; accompanied by his girlfriend, a mime-actress tainted with the legal disadvantage (*infamia*) conferred by association with the stage, and pimps, who were regarded as even less respectable company than actresses; and disdaining to show his mother and, by implication, his then wife (Antonia), due respect”.

2.67. Qual Caríbdis foi tão voraz? Caríbdis, eu digo; que, se existisse, seria um animal único; o oceano, por Júpiter, dificilmente poderia ter engolido em tão pouco tempo todas as coisas tão dispersas e distribuídas em lugares tão distantes. Nada estava fechado, nada selado, nada mencionado por escrito; todas as adegas eram entregues aos homens mais inúteis; os **atores de mimo** apoderavam-se de algumas coisas, as **atrizes** de outras; a casa estava cheia de jogadores, cheia de bêbados; estava-se a beber dias inteiros, e isso em muitíssimos lugares; além disso, frequentemente sofriam-se – pois nem sempre ele tinha sorte – prejuízos nos jogos de azar; podia-se ver nas celas dos escravos as camas preparadas com as guarnições de leito de Gneu Pompeu tingidas de púrpura. Por conta disso, cessai de admirar-vos por tudo ter sido consumido tão rapidamente. Tanta imoralidade poderia ter consumido rapidamente não só o patrimônio, embora grande, como aquele era, de uma pessoa, mas também cidades e reinos. Mas esse mesmo homem consumiu ainda casas e jardins! (grifos nossos)

Cícero critica o desperdício de dinheiro por parte de Antônio com o grande volume de vinho, ótima prata, vestes caras e esplêndida mobília, uma vez que dissipou os bens de Pompeu em poucos dias. Considera-o, comparativamente, mais destruidor que Caríbdis, que, segundo a mitologia, era um monstro marinho que engolia tudo o que passava à sua frente;<sup>239</sup> e expõe as imoralidades (*nequitia*) de Antônio em relação, por exemplo, à bebedeira, à companhia de atores e atrizes de mimo e ao vício nos jogos de azar. Para Cícero, é evidente que Antônio não se comporta como deveria e dá seus bens a atores e atrizes de mimo.

Na seção 69, ainda da segunda *Filípica*, temos:

2.69. *Nolite quaerere: frugi factus est; illam suam<sup>240</sup> suas res sibi habere iussit; ex duodecim tabulis clavis ademit, exegit. Quam porro spectatus ciuis, quam probatus, cuius ex omni uita nihil est honestius quam quod cum mima fecit diuortium.*

2.69. Não queirais fazer perguntas; tornou-se um homem honrado: ele ordenou que aquela **sua atrizinha de mimo** recolhesse todas as suas coisas, segundo exigiam as Doze Tábuas, tomou a chave. Além disso, quão notável cidadão, quão prezado aquele em cuja vida toda nada há de mais honroso do que o divórcio de uma **atriz de mimo**. (grifos nossos)

<sup>239</sup> Caríbdis pode ser considerado uma espécie de redemoinho de água ou um redemoinho em um canal estreito do mar. Na mitologia, era um monstro disforme, espécie de redemoinho marinho que engolia tudo o que passava pelo estreito de Messina. Cf. *OCD*, “Charybdis”.

<sup>240</sup> Como dito anteriormente, consideramos aqui *illam suam* como “aquela sua atrizinha de mimo”, tendo como referência o aparato crítico das edições da Les Belles Lettres e da Loeb Classical Library, ou seja, *illam* equivale a *mimam*.

De modo irônico, com a menção ao divórcio, o orador trata a atriz de mimo como se fosse realmente uma esposa infame de Antônio. Ainda é possível inferir que Antônio trata como esposa legítima quem não o era e temos, então, uma espécie de simulacro de divórcio legal, que, na verdade, não possuía nenhum valor legal. E a ironia continua na seção 77:

*2.77. At uidete leuitatem hominis. Cum hora diei decima fere ad Saxa rubra uenisset, delituit in quadam cauponula atque ibi se occultans perpotauit ad uesperam. Inde cisio celeriter ad urbem aduectus, domum uenit capite obuoluto. Ianitor: “Quis tu?” – “A Marco tabellarius.” Confestim ad eam cuius causa uenerat deducitur eique epistulam tradidit. Quam cum illa legeret flens – erat enim scripta amatorie; caput autem litterarum sibi cum illa **mima** posthac nihil futurum, omnem se amorem abiēcisse illim atque in hanc transfudisse – cum mulier fleret uberius, homo misericors ferre non potuit, caput aperuit, in collum inuasit.*

2.77. Mas vede a frivolidade do homem. Quando quase na décima hora do dia ele havia chegado até Saxa Rubra, escondeu-se em certa taverninha e aí, ocultando-se, embebedou-se até ao cair da noite. De lá, na sege de duas rodas, rapidamente foi trazido até a cidade e chegou a casa com a cabeça coberta. O porteiro diz: “Quem és tu?” – “Um mensageiro de Marco”. Imediatamente ele é conduzido até a mulher que é o motivo pelo qual viera e lhe entregou uma carta. Quando ela a leu, chorando – pois fora escrita de modo a inspirar amor; mas a essência da carta era que dali em diante ele nada teria a ver com aquela **atriz de mimo**, ele tinha descartado todo o seu amor por ela e o transferido para esta – quando a mulher chorou mais copiosamente, o homem compassivo não pôde suportar, descobriu a cabeça e se atirou ao pescoço dela. (grifos nossos)

A cena acima descrita por Cícero, uma reconciliação entre Antônio e Fúlvia, contém certa comicidade que pode ser associada ao teatro. Segundo Sussman (1994, p. 55-56),

Esta seção em particular rigorosamente se assemelha a *paraklausithyron* e narra a viagem de Antônio da Gália para casa, vestido com roupas incomuns, para realizar, dentre outros objetivos, uma reconciliação com sua esposa Fúlvia (...). Exclusivamente nesta breve passagem, encontramos Antônio em muitas das *personae* e situações de comédia. Ele é um bêbado em uma roupa ridícula, um jovem apaixonado por uma *meretrix*, um marido arrependido e galanteador, um *seruus currens*. Nós encontramos os ingredientes cômicos de uma taverna comum, uma paixão erótica, um amor frustrado, uma identidade escondida, uma cena de reconhecimento

(*anagnorisis*), que resolve a complicação cômica, e um final feliz com reconciliação.<sup>241</sup>

Antônio parece retratado, sobretudo, como um estouvado *adulescens* de comédia. Mencionamos, aqui, o que nos diz Rocha (2015, p. 96):

“O típico *adulescens* das comédias plautinas – jovem abastado, em idade de casar, mas, em geral, ainda não casado – é representado na maior parte das vezes como um desvairado apaixonado. (...) O amor juvenil encontra frequentemente um impedimento: não raro, a moça está impossibilitada legalmente de se casar, muitas das vezes por ser uma meretriz/prostituta ou ainda uma escrava”.

Reforçam-se, portanto, alguns pontos importantes sobre a imagem de Antônio construída por Cícero nas *Filípicas*: ele é considerado um *adulescens*, alguém sem maturidade e que se envolve com mulheres que não poderiam lhe dar um casamento decente, no caso, uma referência à atriz de mimo Volúmnia; além disso, por si só, ele é capaz de promover um momento cômico de reconciliação com sua verdadeira esposa, Fúlvia.

E em outras duas seções das *Filípicas*, temos:

2.101. *Mimos dico et mimas, patres conscripti, in agro Campano collocatos.*

2.101. eu digo, senadores, que **atores e atrizes de mimo** foram estabelecidos no território da Campânia. (grifos nossos)

13.24. *In lustris, popinis, alea, uino tempus aetatis omne consumpsisses, ut faciebas, cum in gremiis mimarum mentum mentemque deponeres.*

13.24. Tu desperdiçaste todo o teu tempo de vida em orgias, comilanças, jogos de azar e vinho, como fazias quando colocavas o queixo e a mente no colo das **atrizes de mimo**. (grifos nossos)

Vemos que, não só nessas duas passagens, mas também em outras citadas anteriormente, há referência a atores de mimo e a outras atrizes de mimo, o que pode sugerir que Antônio mantinha, segundo Cícero, relacionamentos com várias atrizes além de Citéris. Contudo, de acordo com o que expusemos através de alguns trechos das *Filípicas*, vemos

---

<sup>241</sup> “This particular piece closely resembles a *paraklausithyron* and narrates Antony’s trip home from Gaul, dressed in unusual clothing, to effect, among other objectives, a reconciliation with his wife Fulvia (...). In this brief passage alone we find Antony in many of the *personae* and situations of comedy. He is a drunk in foolish costume, a young men in love with a *meretrix*, a repentant philandering husband, and a running slave. We find the comic ingredients of a common taverna, amatory passion, thwarted love, concealed identity, a recognition scene (*anagnorisis*) which resolves the comic complication, and a happy ending with reconciliation”.

Cícero dando ênfase a Citéris como amante de Marco Antônio e, para Panayotakis (2006, p. 133),

Nós temos uma atriz que se diz ter desfrutado de grande poder ao lado de Antônio (...). Entretanto, o retrato desfavorável de Citéris também deveria refletir igualmente mal em Antônio, e visava tanto destruir qualquer crença de que ele se importava com princípios morais de qualquer tipo e demonstrar que ele não era digno de permanecer na arena política.<sup>242</sup>

Podemos dizer, em resumo, conforme já assinalamos, que a atriz de mimo Volúmnia Citéris é exposta por Cícero com o objetivo de difamar a imagem de seu adversário. Ao atribuir à atriz uma imagem negativa e infame, o *ethos* de Marco Antônio também é prejudicado, levando-se em consideração aqueles que o cercam e o influenciam. Além da atriz de mimo, é interessante citar que Pompeu, litores e a comitiva oficial de magistrados são elementos significativos da vida republicana que aparecem contrastados com a degradação moral de Antônio. Para o orador, então, a vida privada de Marco Antônio é infame e, por isso, a imagem da sua vida política/pública também, ou seja, o privado faz com que ele não seja digno de permanecer na política.

### 4.3.3. OUTRAS REFERÊNCIAS AO TEATRO

Além da referência a Volúmnia Citéris, nas *Filípicas* também encontramos outras menções ao ambiente do teatro. Elas são expostas por Cícero para evidenciar a má conduta privada de Marco Antônio e suas más companhias e estão diretamente relacionadas com o que nos diz Sussman (1994, p. 75-76):

De fato, Antônio constantemente esgotava seus fundos, principalmente e comicamente, de acordo com Cícero, em suntuosas festas e entretenimentos, geralmente vulgares, com quantidades abundantes de comida, vinho, bons companheiros, jogos de azar e sexo; ele parece ter sido especialmente extravagante durante seus luxuosos passeios pela Itália. Através dessa generosidade e extravagância, ele compreensivelmente atraía uma comitiva de adúladores, amigos, aproveitadores e parasitas.<sup>243</sup>

<sup>242</sup> “We have an actress who is said to have enjoyed great power at Antony’s side (...). However, Cytheris’ unfavorable portrayal was also meant to reflect equally badly on Antony, and aimed both at demolishing any belief that he cared for moral principles of any kind, and at demonstrating that he was unfit to remain in the political arena”.

<sup>243</sup> “In fact, Antony constantly exhausted his funds, primarily and comedically according to Cicero on sumptuous parties and entertainments, usually coarse, featuring copious amount food, wine, good fellowship, gambling, and sex: he seems to have been especially extravagant during his luxurious tours through Italy. Through this

Podemos verificar esse fato na seção 15 da segunda *Filípica*:

2.15. *Hodie non descendit Antonius. Cur? Dat natalicium in hortis. Cui? Neminem nominabo; putate tum Phormioni alicui, tum Gnathoni, tum etiam Ballioni.*

2.15. Hoje Antônio não aparece em público. Por quê? Oferece em sua propriedade suburbana um jantar de aniversário. A quem? Não citarei ninguém; pensai ou em algum **Formião**, ou em algum **Gnáton**, ou ainda em algum **Balião**. (grifos nossos)

Formião, Gnáton e Balião são três personagens presentes em comédias romanas, os quais Cícero relaciona a Antônio. Os dois primeiros são parasitas em peças de Terêncio, *Formião* (*Phormio*) e *Eunuco* (*Eunucus*). O terceiro é um alcoviteiro na peça *Psêdolo* (*Pseudolus*) de Plauto. Em *Caecin.* 27, Cícero descreve um Formião como “perverso” (*niger*) e “insolente” (*confidens*); em *CIC. Amic.* 93-94, há a seguinte passagem a respeito da *persona* de um Gnáton:

93. *quid enim potest esse tam flexibile, tam devium, quam animus eius, qui ad alterius non modo sensum ac voluntatem, sed etiam voltum atque nutum convertitur?*

*Negat quis, nego; ait, aio; postremo imperavi egomet mihi.*

*Omnia adsentari, ut ait idem Terentius, sed ille in Gnathonis persona, quod amici genus adhibere omnino levitatis est.*

94. *Multi autem Gnathonum similes cum sint loco, fortuna, fama superiores, horum est adsentatio molesta, cum ad vanitatem accessit auctoritas.*

93. Com efeito, que pode haver de tão variável e tão inconstante como o coração de uma pessoa a quem as opiniões e a vontade alheias ou, simplesmente, a expressão de um rosto e um sinal de cabeça fazem dar meia-volta?

“Dizem não, eu, também, digo não; dizem sim, eu digo sim. Em resumo, eu impus a mim mesmo a obrigação de estar sempre de acordo com tudo”, como diz, ainda, Terêncio, mas, agora, pela boca da personagem Gnáton, um gênero de amigos cuja convivência é sinal de leviandade.

94. Ora, muitas pessoas são parecidas com Gnáton, e se os outros são superiores a elas, em situação, em fortuna, em fama, sua complacência é incômoda, porque, à vaidade de sua linguagem, junta-se a consideração que devem ter.<sup>244</sup>

---

generosity and extravagance he understandably attracted an entourage of flatterers, friends, hangers-on, and parasites”.

<sup>244</sup> Tradução de João Teodoro D’Olim Marote (2006).

E em *QRosc.*20 descreve-se um Balião como pessoa das mais desonestas e perjuras (*improbissimum et periurissimum*). Cardoso (2018, p. 123) afirma que:

“É verdade que o mesmo rufião de Psêudolo aparecerá de novo, e igualmente com função humorística e invectiva, na oratória ciceroniana: por exemplo, o político Marco Antônio será descrito como amigo do mesmo Balião nas *Filípicas*, última obra da oratória de Cícero (Phil. 2.15), em mais um exemplo de jocosidade somada à difamação do adversário”.

Destacamos a seguir a seção 62 também da segunda *Filípica*:

2.62. *Tum existimavit se suo iure cum **Hippia** uiuere et equos uectigalis **Sergio mimo** tradere.*

2.62. Então ele pensou que por direito poderia viver com **Hípias** e dar cavalos do Estado ao **ator de mimo Sérgio**. (grifos nossos)

Plutarco, *Ant.*, 9, trata de Hípias e Sérgio:

A massa encolerizou-se e os homens de bem, como diz Cícero, não aprovaram o resto de sua conduta: detestavam-no, viam com horror suas bebedeiras em horas indevidas, suas despesas escandalosas, sua queda pelas moças, seu hábito de dormir de dia ou de passar para curar a ressaca; e, à noite, aquelas barulhentas partidas de prazer, aquela presença constante nos teatros, nas festas de casamento de artistas e bufões. Conta-se mesmo que, tendo bebido a noite inteira no casamento do mímico Hípias, ao ser chamado na manhã seguinte ao Fórum apresentou-se tão abarrotado de comida que vomitou sobre um manto que um de seus amigos lhe estendeu. Havia também o mímico Sérgio, muito prestigiado por ele (...).

Novamente, Cícero atribui o que considera más companhias a Antônio, como os mímicos Hípias e Sérgio. E isso também ocorre na seção 13 na décima primeira *Filípica*, na qual o orador cita Núcula e Lentão, o primeiro um autor de mimos e o segundo um ator de tragédia:

11.13. *Quid? illa castrorum M. Antoni lumina nonne ante oculos proponitis? Primum duos collegas Antoniorum et Dolabellae, **Nuculam** et **Lentonem**, Italiae diuisores lege ea quam senatus per uim latam iudicauit; **quorum alter commentatus est mimos, alter egit tragoediam.***

11.13. O quê? Por acaso, vós não vedes por vós mesmos aqueles luminares do acampamento de M. Antônio? Primeiro, dois colegas dos Antônio e de Dolabela, **Núcula** e **Lentão**, os divisores da Itália de acordo com a lei, que o senado julgou ter sido promulgada com uso da violência; **um deles escreveu mimos, o outro atuava em tragédias**. (grifos nossos)

Destacamos também a seção 65 da segunda *Filípica*:

2.65. *In eius igitur uiri copias cum se subito ingurgitasset, exultabat gaudio **persona de mimo**, modo egens, repente diues. Sed, ut est apud **poetam** nescioquem, “Male parta male dilabuntur”.*

2.65. Por consequência, depois de ele subitamente ter mergulhado nas riquezas do homem, estava cheio de alegria **como personagem de mimo**, “há pouco pobre, de repente rico”. Porém, como diz não sei qual **poeta**, “As coisas mal adquiridas acabam mal”. (grifos nossos)

Primeiramente, Cícero atribui a palavra *gaudium* (no ablativo, *gaudio*), i.e. “alegria”, a Marco Antônio e o compara diretamente com um personagem de mimo. Também temos, aqui, a referência indireta a um poeta: Cneu Névio. Nos seus discursos, Cícero frequentemente atribui uma citação a um autor de maneira vaga, provavelmente para evitar parecer pedante.<sup>245</sup> Essa estratégia também aparece em *Phil.* 13.49: “*Prius undis flamma[m]*”, *ut ait poeta nescio quis* (“‘Mais cedo, o fogo e a água se misturam’, como diz não sei qual poeta”).

Por fim, destacamos mais duas seções:

5.15. *saltatores, citharistas, totum denique comissionis Antonianae **chorum** in tertiam decuriam iudicum scitote esse coniectum.*

5.15. Sabei que **dançarinos, tocadores de cítara**, por fim, toda a **trupe** de crápulas de Antônio foi lançada na terceira decúria de jurados. (grifos nossos)

8.26. *Cauet **mimis[e]**, aleatoribus, lenonibus, Cafoni etim et Saxae cauet, quos centuriones pugnaces et lacertosos inter **mimorum et mimarum** greges collocauit.*

8.26. Ocupa-se com os interesses dos **atores de mimo, dos jogadores, dos alcoviteiros**, também se ocupa com os interesses de Cafo e Saxa, aqueles centuriões belicosos e musculosos que ele estabeleceu entre trupes de **atores e atrizes de mimo**. (grifos nossos)

Em ambos os trechos, Cícero novamente nos dá um panorama dos tipos de pessoas que cercam Marco Antônio e que são consideradas, pelo orador, más companhias: *mimi et mimae* (atores e atrizes de mimo), *saltatores* (dançarinos), *citharistae* (tocadores de cítara), *lenones* (alcoviteiros). Todos eles fazem parte do *chorus* de Marco Antônio e a presença dessa palavra reforça a ideia cômica daqueles que estão à sua volta, já que *chorus* pode designar um grupo de atores e/ou aqueles que estão envolvidos em uma peça.<sup>246</sup> Assim, podemos direta e comicamente associar a imagem de Marco Antônio ao teatro e a um político

<sup>245</sup> Cf. Ramsey in CICERO (2003, p. 255).

<sup>246</sup> Cf. OLD, “chorus”.

que não é digno do cargo que ocupa, de acordo com Cícero, porque possui em sua vida privada, como *comites*, um *chorus* de companheiros e amigos de reputação duvidosa. Além disso, o círculo social cômico de Antônio contém “jogadores, um médico, bêbados, escravos comemorando, alcoviteiros, prostitutas, ladrões, gregos, uma atriz-amante e outros personagens desagradáveis”.<sup>247</sup>

Assim, para o orador, Marco Antônio está cercado pelo seu *chorus* de amigos que impedem que ele seja digno da política e muito menos da República. Mais do que isso, ele próprio chega a se comportar, na visão de Cícero, como um caricato personagem cômico, revelando-se, assim, perfeitamente integrado no círculo de atores em que transita.

---

<sup>247</sup> “gamblers, a doctor, drunkards, celebrating slaves, pimps, whores, thieves, Greeks, an actress-mistress, and Other unsavory characters” (SUSSMAN, 1994, p. 80).

#### 4.4. OUTROS (MAUS) COSTUMES DE ANTÔNIO: EMBRIAGUEZ, DESREGRAMENTOS FINANCEIROS E JOGOS DE AZAR

Ao longo de suas *Filípicas*, podemos verificar que o orador cita os (maus) costumes de Marco Antônio para acusá-lo de má conduta e combatê-lo. Assim, para Cícero, os próprios costumes intrínsecos do seu adversário são um instrumento de injúria, conforme verificamos na seção 43 da segunda *Filípica*:

2.43. *Iam enim, quoniam criminibus eius satis respondi, de ipso emendatore et correctore nostro quaedam dicenda sunt. Nec enim omnia effundam, ut, si saepius decertandum sit, ut erit, semper nouus ueniam; quam facultatem mihi **multitudo istius uitiorum peccatorumque** largitur.*

2.43. Sem dúvida, visto que respondi o suficiente sobre suas acusações, agora devo falar um pouco sobre o nosso próprio reformador e censor. De fato, eu não direi tudo, a fim de que eu venha sempre com assunto novo, se for necessário combatê-lo mais vezes, como será: **a multidão dos vícios e delitos desse homem** me concede essa facilidade. (grifos nossos)

O orador ainda julga os hábitos de vida de seu adversário na seção 24 da décima terceira *Filípica*:

13.24. *In lustris, **popinis, alea, uino** tempus aetatis omne consumpsisses, ut faciebas, cum in gremiis mimarum mentum mentemque deponeres.*

13.24. Tu desperdiçaste todo o teu tempo de vida em **orgias, comilanças, jogos de azar e vinho**, como fazias quando colocavas o queixo e a mente no colo das atrizes de mimo. (grifos nossos)

Vemos que foram enumerados alguns costumes da vida privada de Antônio, e a seção 67 da segunda *Filípica* constrói um retrato detalhado dos tipos de vícios e costumes que, de acordo com Cícero, seriam colocados em prática por Antônio:

2.67. *Quae Charybdis tam uorax? Charybdim dico; quae si fuit, animal unum fuit; oceanus medius fidius, uix uidetur tot res tam dissipatas, tam distantibus in locis positas, tam cito absorbere potuisse. Nihil erat clausum, nihil obsignatum, nihil scriptum; apothecae totae nequissimis hominibus condonabantur; alia mimi rapiebant, alia mimae; domus erat aleatoribus referta, plena ebriorum; totos dies potabatur, atque id locis pluribus; suggerabantur etiam saepe – non enim semper iste felix – damna aleatoria; conchyliatis Cn. Pompei peristromatis seruorum in cellis lectos*

*stratos uideres. Quam ob rem desinite mirari haec tam celeriter esse consumpta. Non modo unius patrimonium quamuis amplum, ut illud fuit, sed urbis et regna celeriter tanta nequitia deuorare potuisset. At idem aedis etiam et hortos.*

2.67. Qual Caríbdis foi tão voraz? Caríbdis, eu digo; que, se existisse, seria um animal único; o oceano, por Júpiter, dificilmente poderia ter engolido em tão pouco tempo todas as coisas tão dispersas e distribuídas em lugares tão distantes. Nada estava fechado, nada selado, nada mencionado por escrito; todas as adegas eram entregues aos homens mais inúteis; os atores de mimo apoderavam-se de algumas coisas, as atrizes de outras; a casa estava cheia de jogadores, cheia de bêbados; estava-se a beber dias inteiros, e isso em muitíssimos lugares; além disso, frequentemente sofriam-se – pois nem sempre ele tinha sorte – prejuízos nos jogos de azar; podia-se ver nas celas dos escravos as camas preparadas com as guarnições de leito de Caio Pompeu tingidas de púrpura. Por conta disso, cessai de admirar-vos por tudo ter sido consumido tão rapidamente. Tanta imoralidade teria podido destruir rapidamente não só o patrimônio, embora amplo, como aquele era, de uma pessoa, mas também cidades e reinos. Mas esse mesmo homem ocupou ainda casas e jardins! (2.67)

De modo geral, associa-se a imagem de Antônio à escória da sociedade, gastos excessivos, festas, embriaguez pública, comportamento inadequado, jogos de azar e desonestidade. E, a fim de ilustrar essa imagem construída por Cícero, a seguir destacaremos alguns trechos das *Filípicas* em que são expostos a embriaguez, os desregramentos financeiros e os jogos de azar.

Contudo, vale mencionar que esses costumes estão intrinsecamente relacionados uns com os outros – são considerados causas e consequências –, como também nos expõe Sussman (1994, p. 75): “De fato, Antônio constantemente esgotava seus fundos, principalmente e comicamente, de acordo com Cícero, com festas e espetáculos suntuosos, geralmente grosseiros, apresentando quantidades copiosas de comida, vinho, sociabilidade, jogos de azar e sexo”.<sup>248</sup> O próprio orador diz que “o roubo de ouro, de prata e principalmente de vinho na Cidade era vergonhoso” (*Phil. 2.62: in urbe auri, argenti maximeque uini foeda direptio*). Portanto, o vício por bebidas, comidas, festas e jogos, por exemplo, acarreta certo desregramento financeiro. Em todos esses aspectos do comportamento, vê-se um ponto comum: ausência de controle; como vimos, a conclusão é que alguém tão desregrado na vida privada não pode se comportar de forma digna na esfera pública.

---

<sup>248</sup> “In fact, Antony constantly exhausted his funds, primarily and comedically according to Cicero on sumptuous parties and entertainments, usually coarse, featuring copious amounts of food, wine, good fellowship, gambling, and sex”.

#### 4.4.1. A EMBRIAGUEZ DE ANTÔNIO

Encontramos na segunda *Filípica* mais seções dedicadas à exposição da embriaguez de Antônio. O orador considera seu adversário um *homine numquam sobrio* (“um homem que nunca está sóbrio”, *Phil.* 2.81) e destaca a *furiosam uinulentiam tuam* (“tua embriaguez desvairada”, *Phil.* 2.101). Seleccionamos, primeiramente,<sup>249</sup> as seções 2.6,30-31 e 42:

2.6. *Quod quidem cuius temperantiae fuit, de M. Antonio querentem abstinere maledicto, praesertim cum tu reliquias rei publicae dissipauisses, cum domi tuae turpissimo mercatu omnia essent uenalia, cum leges eas quae numquam promulgatae essent et de te et a te latas confiterere, cum auspicia augur, intercessionem consul sustulisses, cum esses foedissime stipatus armatis, cum omnis impuritates inpudica in domo cotidie susciperes, uino lustrisque confectus.* (grifos nossos)

2.6. Realmente, que moderação foi, queixando-se de Marco Antônio, abster-se de um insulto, sobretudo quando tu destruístes os vestígios da República, quando na tua casa tudo estava à venda no mais torpe tráfico, quando reconheceste que aquelas leis, que nunca foram promulgadas, foram aprovadas por e para ti, quando tu suprimiste os auspícios, enquanto áugure, e a interposição, enquanto cônsul, quando tu foste indignamente escoltado por homens armados, quando, **consumido pelo vinho e pelos excessos**, sustentaste diariamente todas as impurezas naquela casa imoral. (grifos nossos)

2.30-31. *Edormi crapulam, inquam, et exhala. (...) 31. Attende enim paulisper cogitationemque sobrii hominis punctum temporis suscipe.*

2.30-31. Cura a ressaca, digo, e exala o vinho. (...) 31. Considera, pois, durante algum tempo, e pensa, por um instante, como um homem sóbrio.

2.42. *Quamquam tu quidem, ut tui familiarissimi dictitant, uini exhalandi, non ingeni acuendi causa declamitas.*

2.42. Se bem que tu certamente, como repetem teus amigos íntimos, declames para exalar o vinho, não para aguçar o engenho.

É possível perceber que Cícero acusa o consumo excessivo de vinho e a falta de sobriedade, ou seja, vemos que a Antônio se atribui a imagem de alguém que nunca está sóbrio e, assim, não age de forma correta. E esse hábito se agrava ainda mais do ponto de vista de Cícero, pois ele interfere e se estende à vida pública de Antônio. Na verdade, a bebida

<sup>249</sup> Para mais referências à embriaguez de Antônio nas *Filípicas*, cf.: CIC. *Phil.* 2.77, 2.84, 2.87, 2.105, 3.12, 3.20, 3.31 e 13.4.

é tão excessiva que se chega ao ponto de vomitar em público, conduta que não condiz com a importância pública de Antônio, conforme vemos nas seções 2.63, 76 e 104:

*2.63. Sed haec quae robustioris improbitatis sunt omittamus; loquamur potius de nequissimo genere leuitatis. Tu, istis faucibus, istis lateribus, ista gladiatoria totius corporis firmitate, tantum uini in Hippiae nuptiis exhauseras ut tibi necesse esset in populi Romani conspectu uomere postridie. O rem non modo uisu foedam, sed etiam auditu! Si inter cenam in ipsis tuis immanibus illis poculis hoc tibi accidisset, quis non turpe duceret? In coetu uero populi Romani, negotium publicum gerens, magister equitum, cui ructare turpe esset, is uomens frustis esculentis uinum redolentibus gremium suum et totum tribunal impleuit. Sed haec ipse fatetur esse in suis sordibus;*

2.63. Mas omitamos essas coisas que são da mais elevada perversidade; falemos de preferência sobre a pior espécie de leviandade. Tu, com essa garganta, com esses flancos, com essa força de todo o corpo própria de um gladiador, beberas tanto vinho no casamento de Hípia que no dia seguinte tiveste de vomitar à vista do povo romano. Oh situação vergonhosa não só de ver, mas também de ouvir! Se isso tivesse acontecido contigo durante o jantar em meio às tuas prodigiosas bebedeiras, quem não consideraria vergonhoso? Em uma legítima assembleia do povo romano, porém, exercendo um cargo público, um comandante de cavalaria, a quem teria sido vergonhoso arrotar, encheu com vômitos seu colo e todo o tribunal com pedaços do que tinha comido, cheirando a vinho. Mas ele mesmo confessa que isso tudo faz parte de seus atos sórdidos.

*2.76. An, cum tu Narbone mensas hospitem conuomeres, Dolabella pro te in Hispania dimicaret?*

2.76. Por acaso, quando tu estavas em Narbona vomitando em cima das mesas dos hóspedes, Dolabela combatia na Hispânia em teu lugar?

*2.104. At quam multos dies in ea uilla turpissime es perbacchatus! Ab hora tertia bibebatur, ludebatur, uomebatur.*

2.104. Mas quão numerosos dias tu fizeste orgias torpíssimas naquela casa de campo! Desde a terceira hora, bebia-se, jogava-se, vomitava-se.

Como vimos, em *Phil.* 2.63, é exposto que Antônio ingere tanto vinho que seu corpo não suporta, chegando a vomitar na frente do povo romano, em público. Então, novamente, “ao projetar Antônio no mundo da comédia, Cícero estabelece firmemente sua *leuitas*: o adversário é um personagem cômico e um ator que interpreta o guerreiro fanfarrão,

juntamente com outros papéis ridiculamente semelhantes, e, portanto, carece dos requisitos *grauitas* e *auctoritas* para ocupar altos cargos políticos”.<sup>250</sup>

Assim, as seções acima evidenciam o hábito de Antônio de beber em excesso, a característica de estar *semper ebrius* (“sempre bêbado”, *Phil.* 5.24). E, no geral, o agravante se relaciona ao fato de Antônio expor sua embriaguez (com consequências extremas e vergonhosas, como os vômitos) em público, o que faz com que suas atitudes privadas degradem sua imagem pública, tornando-o indigno do cargo público que exercia.

#### 4.4.2. DESREGRAMENTOS FINANCEIROS

Ao mesmo tempo em que Antônio está *semper ebrius*, como vimos anteriormente, Cícero também nos mostra que seu adversário está *semper rapientem* (“sempre roubando”, *Phil.* 5.24), *perditum aere alieno egentemque* (“perdido em dívidas e necessitado”, *Phil.* 2.78) e parece não possuir controle de suas finanças. Seu desregramento financeiro era tamanho que prejudicava até mesmo a própria República: *tu nec soluendo eras nec te ullo modo nisi euersa re publica fore incolumem putabas* (“nem eras capaz de pagar tuas dívidas nem pensavas que poderias ficar são e salvo de modo algum senão pela destruição da República”, *Phil.* 2.4).

Na seção 50 da segunda *Filípica*, o orador enfatiza que a indigência e a dívida e a imoralidade de Antônio eram tamanhas que ele precisava se apoiar em César para superá-las: *Id enim unum in terris egestatis, aeris alieni, nequitiae, perditis uitae rationibus, perfugium esse ducebas* (“Tu pensavas, pois, que aquele [César] era, na terra, o único refúgio da indigência, da dívida, da imoralidade, uma vez que tu desperdiçaste teu meio de subsistência”, *Phil.* 2.50).<sup>251</sup>

Podemos dizer também que às atitudes de Antônio associa-se um descontrole financeiro tão grande que chega a torná-lo um ladrão, pois há referências a roubos e apropriações indevidas relacionados a ele:

2.50. *tuis rapinis*

2.50. teus roubos

2.62. *in urbe auri, argenti maximeque uini foeda direptio*

<sup>250</sup> “By projecting Antony into the world of comedy Cicero firmly establishes his *levitas*: he is a comic character and an actor playing the braggart warrior along with other similarly ridiculous roles, and therefore lacks the requisite *gravitas* and *auctoritas* to occupy high political office” (SUSSMAN, 1994, p. 58).

<sup>251</sup> Cf. também CIC. *Phil.* 2.15 e 97.

2.62. o roubo de ouro, de prata e principalmente de vinho na cidade era vergonhoso.

2.62. *Quid ego istius decreta, quid rapinas, quid hereditatum possessiones datas, quid ereptas proferam? Cogebat egestas; quo se uerteret non habebat; (...) Erat ei uiuendum latronum ritu, ut tantum haberet quantum rapere potuisset.*

2.62. Por que eu mencionarei os decretos desse homem, os roubos, as posses de heranças dadas, as obtidas à força? A indigência obrigava; não sabia o que havia de fazer. (...) Devia-se viver à maneira dos ladrões, possuindo tanto quanto pudesse roubar.

2.73. *tantam esse tabulam, tam uarias, tam multas possessiones, ex quibus praeter partem Miseni nihil erat quod qui auctionaretur posset suum dicere!*

2.73. Era tão grande o aviso de hasta pública, tão diversas, tão numerosas posses, das quais, exceto uma parte em Miseno, não havia nada que o homem que fazia a venda no leilão pudesse chamar de seu!

2.75. *Cn. Pompei liberi tum primum patriam repetebant. Esto, fuerit haec partium causa communis. Repetebant praeterea deos patrios, aras, focos, larem suum familiarem, in quae tu inuaseras.*

2.75. Primeiro, os filhos de Pompeu então procuravam voltar para a pátria. Seja assim, esta foi a causa comum do grupo. Além disso, procuravam recuperar os deuses pátrios, os altares, os lares, os deuses domésticos da sua família, dos quais tu te apoderaras.

É interessante mencionar que, nas seções 73 e 75 da segunda *Filípica* citadas acima, são expostas situações em que Antônio se apropria de bens que não eram seus e se endivida mesmo com eles. Na seção abaixo, verificamos o desregramento e a falta de controle financeiro de Antônio:

2.66. *Incredibile ac simile portenti est quonam modo illa tam multa quam paucis non dico mensibus, sed diebus effuderit. Maximus uini numerus fuit, permagnum optimi pondus argenti, pretiosa uestis, multa et lauta supellex et magnifica multis locis, non illa quidem luxuriosi hominis, sed tamen abundantes; horum paucis diebus nihil erat.*

2.66. É incrível e semelhante a um milagre como e em quão poucos, não digo meses, mas dias, ele tinha dissipado aqueles bens tão numerosos. O volume de vinho era enorme, muito grande o peso da ótima prata, vestes caras, muita e esplêndida mobília e outras coisas magníficas em muitos lugares, aquelas certamente não de um amante do luxo, mas abundantes; de todas essas coisas, em poucos dias não havia nada.

Subentende-se que Antônio possuía muitos bens, roubados ou próprios, mas sua falta de controle era tão excessiva que nada durava muito tempo em suas mãos, o que justifica a comparação com Caríbdis na seção citada no início deste item. Retrata-se Antônio como um descontrolado que não sabe nem gerenciar sua própria vida financeira (vida privada) nem é capaz de conduzir de modo adequado os assuntos da República.

#### 4.4.3. JOGOS DE AZAR

Em quatro seções da segunda *Filípica* e em uma seção da quinta *Filípica*, para citar o vício de Antônio em jogos de azar, Cícero menciona mais uma vez as suas más companhias:

2.56. *Licinium Denticulum, de alea condemnatum, collusorem suum, restituit;*

2.56. Ele fez voltar do exílio Licínio Dentículo, **seu companheiro de jogo**, condenado por praticar o jogo de azar. (grifos nossos)

2.56. *Hominem omnium nequissimum, qui non dubitaret uel in foro alea ludere, lege quae est de alea condemnatum, qui in integrum restituit, is non apertissime studium suum ipse profitetur?*

2.56. Quem restabeleceu em seus plenos direitos o homem mais inútil de todos, que não hesitaria em praticar jogo de azar até mesmo no fórum, condenado sob uma lei que existe sobre o jogo, ele mesmo não declara muito abertamente seu vício?

2.101. *hunc tu compransoribus tuis et collusoribus diuidebas;*

2.101. Tu o dividias entre os teus companheiros de mesa e os de jogo.

2.106. *Incredibile dictu, sed comminus inter omnis constabat neminem esse resalutatum, praesertim cum duos secum Anagninos haberet, Mustelam et Laconem, quorum alter gladiatorum est princeps, alter poculorum.*

2.106. É incrível dizer, mas era muito notório entre todos que não respondeu à saudação de ninguém, embora tivesse consigo dois anagninos, Mustela e Lácon, dos quais um é primeiro no gládio; o outro, no copo.

5.13. *homo praeterea festiuus, ut ei cum Curio consessore eodemque collusore facillime possit conuenire.*

5.13. Além disso, é um homem alegre, que pode facilmente se juntar a Curião, seu assessor e mesmo companheiro de jogo.

Vemos que, semelhantemente ao que acontece com a companhia da atriz de mimo Volúmnia Citéris, Antônio possui companheiros de jogos de azar, e esse círculo de amizade contribui para relacionarmos tais vícios à sua imagem. Portanto, unem-se aos jogos de azar a sua embriaguez e seus desregramentos financeiros: suas más condutas funcionam como um círculo vicioso em sua vida, pois os vícios em bebida e em jogos fazem com que ele gaste seus bens materiais e tais bens permitem que ele mantenha seus vícios.

#### 4.5. O HOMOEROTISMO DE MARCO ANTÔNIO NA SEGUNDA *FILÍPICA*

Neste item, temos o objetivo de abordar trechos relacionados à vida pessoal de Marco Antônio, procurando analisar o modo como Cícero expõe o suposto “homoerotismo” do adversário em alguns trechos da sua segunda *Filípica*. Entende-se que expor a passividade de Marco Antônio nas relações sexuais pode ser considerado um dos meios de Cícero difamar a imagem de seu adversário.

O conceito moderno de homossexualidade não pode ser aplicado sem mais à Roma antiga, como vêm demonstrando vários estudiosos.<sup>252</sup> Os sentidos usuais dos termos homossexualidade/heterossexualidade não se aplicam à sociedade greco-romana; parece mais adequado substituir esse conceito pelo de homoerotismo e analisar como os Romanos viam as relações entre pessoas do mesmo sexo.<sup>253</sup> Segundo a maioria dos estudiosos desse tema, o sistema de relações sexuais romano correspondia a padrões sociais de dominância e de submissão. Valorizava-se o fato de o homem<sup>254</sup> ser ativo em uma relação sexual, ou seja, “a relação sexual era interpretada unicamente como penetração corporal de um inferior, um cenário que reduzia automaticamente o indivíduo penetrado – mulher, menino ou até mesmo um homem adulto – a um estado ‘feminilizado’”.<sup>255</sup>

Para os homens romanos, contanto que fossem o parceiro ativo na relação sexual, o gênero do outro não importava: no comportamento do homem em relação ao sexo, não importava o amor pelas mulheres ou pelos mancebos, mas sim sua atividade ou sua passividade no ato sexual: “Ser ativo é ser másculo, qualquer que seja o sexo do parceiro chamado passivo”.<sup>256</sup> Parece ter sido uma prática não incomum na elite romana sodomizar seu próprio escravo, sobretudo seu mancebo favorito, já que os antigos romanos viviam em um contexto cultural no qual homens casados poderiam desfrutar de relações sexuais com seus escravos sem medo de críticas,<sup>257</sup> sempre que, obviamente, exercessem um papel ativo nas relações.

A valorização por ser ativo no ato sexual e, conseqüentemente, o menosprezo pela passividade reforçam a imagem da mulher na Roma antiga como sendo inferior ao homem,

<sup>252</sup> Cf. HUBBARD (2003); WILLIAMS (1999).

<sup>253</sup> Cf. CANDIDO (2014, p. 45).

<sup>254</sup> Neste artigo, trataremos mais enfaticamente da figura sexual do homem romano devido ao fato de termos escolhido para análise a imagem de Marco Antônio na segunda *Filípica* de Cícero, texto do período de 44 a.C.

<sup>255</sup> “Intercourse was construed solely as bodily penetration of an inferior, a scenario that automatically reduced the penetrated individual – woman, boy, or even adult male – to a ‘feminized’ state” (Skinner, 1997, p.3).

<sup>256</sup> Cf. VEYNE (1992, pp.62-63).

<sup>257</sup> Cf. WILLIAMS (1999, p. 3).

uma vez que era cabia à mulher apenas a passividade.<sup>258</sup> A dicotomia “atividade-passividade” pode resultar em “homem-mulher” ou “masculinidade-feminilidade”, sendo que aos termos “passividade”, “mulher” e “feminilidade” são atribuídas conotações negativas naquele momento cultural. Assim, a atividade no ato sexual também enfatiza a relação entre a sexualidade e a virilidade do homem.

É possível dizer que “a homossexualidade, em suma, era ao mesmo tempo uma manifestação social do poder pessoal do cidadão sobre os escravos e uma reafirmação, para si mesmo, do seu poder viril”.<sup>259</sup> Segundo Feitosa (2014, p. 139-140), “o homem aristocrático e cidadão exerce a função ativa, tanto no campo sexual como social. Ou seja, um modelo de virilidade definido pela consonância entre o papel de comando social e de autocontrole emocional e sexual, que garantiria ao aristocrata a ação de penetrar, independente do gênero sexual do penetrado”.

Dessa forma, é evidente que, se pensarmos no conceito de homossexualidade com o qual nos deparamos nos dias de hoje, seria anacrônico usá-lo no contexto da Roma antiga. Modernamente, homossexual forma um par contrastante com heterossexual. Na antiga Roma, contudo, o importante a considerar era a nuance da atividade e da passividade do romano no ato sexual com outros homens e/ou escravos. Como referimos, o fato de um homem se relacionar sexualmente com outro homem não é a problemática aqui, mas sim a sua passividade no ato sexual.

Como nos diz Williams (1999, p. 17), “o comportamento homossexual por si só não era condenado, e um cidadão masculino poderia admitir a experiência sexual com homens em certos contextos e configurações sem medo do ridículo ou de represálias, sem sequer o perigo de causar desaprovação”.<sup>260</sup> E Feitosa (2014, p. 139) afirma:

Os conceitos de “homossexual” e “heterossexual” são categorias analíticas inapropriadas para compreender a experiência sexual no mundo antigo. Nesse universo, o fato de um “homem” fazer sexo com outro “homem” ou “mulher” não era suficiente para identificar a sua categoria sexual (...). Longe de fundar uma espécie, o “homossexual”, a relação entre dois homens era considerada uma prática erótica,

---

<sup>258</sup> É pertinente destacar o que nos diz Salústio a respeito de Semprônia, que “mais procurava os homens do que era por eles procurada”, em *Cat. 25: libido sic accensa, ut saepius peteret uiros quam peteretur* (“sua libido era de tal modo inflamada que mais vezes procurava os homens do que estes a procuravam”, tradução de Scatolin). O papel ativo de Semprônia quebra o protocolo da moral romana tradicional. Como Cícero, Salústio associa conduta sexual imprópria a atuação política imprópria.

<sup>259</sup> “L'omosessualità, insomma, era al tempo stesso una manifestazione sociale del potere personale del cittadino sugli schiavi e una riconferma, per lui, della sua potenza virile” (CANTARELLA, 2008, p. 132).

<sup>260</sup> “Homosexual behavior was not condemned per se, and a citizen male could admit to sexual experience with males in certain contexts and configurations without fear of ridicule or reprisal, without the threat even of a raised eyebrow”.

compatível com o casamento com o sexo oposto, não excludente, pois, da relação com as mulheres. (...) A posição do sujeito como ativo ou passivo é defendida por parte da historiografia como a grande fronteira moral que demarcava os indivíduos e não a preferência hetero ou homossexual.

Devemos sempre ter em mente que nenhuma palavra grega ou latina corresponde efetivamente ao nosso termo moderno “homossexualidade”. A passividade nas relações sexuais, conotada negativamente, pode ser considerada um dos *topoi* presentes na segunda *Filípica* de Cícero de modo mais evidente, sendo esta fortemente marcada, como temos visto, pela defesa da República e por críticas à vida política e, principalmente, privada de Marco Antônio.

Ao mencionar os supostos relacionamentos homoeróticos de Marco Antônio, Cícero, na verdade, visa expor a passividade sexual de seu adversário. Isso também fica evidente quando o orador compara, principalmente, o comportamento sexual de Marco Antônio com o das mulheres para difamá-lo. Sussman (1994, p. 53-56) afirma, dentre outras coisas, que “nós, portanto, encontramos o discurso salpicado de relatos vigorosos de sua má conduta sexual (...). Em outro lugar na *segunda Filípica*, Cícero retrata Antônio como um jovem em dívidas, uma prostituta avara (...), um *adulescens* apaixonado”.<sup>261</sup> Assim, essa “má conduta” sexual de Marco Antônio pode indicar que ele não se comporta de acordo com as normas aceitáveis em seu contexto social para alguém de sua posição e as expressões “prostituta avara” e “travesti”<sup>262</sup> utilizadas por Sussman podem representar a posição a que a mulher se submetia sexualmente, sendo um indício de passividade sexual, uma vez que “penetração é subjugação (...) e masculinidade é dominação”.<sup>263</sup>

Portanto, o que nos interessa, aqui, são alguns trechos nos quais estão expostas as invectivas de Cícero em relação à vida sexual de Marco Antônio e as considerações a respeito de seus relacionamentos homoeróticos, lembrando que o uso da acusação de “homossexualidade” (mais precisamente, passividade sexual) nas suas invectivas é comum quando Cícero pretende difamar seus inimigos políticos.<sup>264</sup> Apresentaremos a seguir algumas partes das seções 3, 34, 44, 45, 46, 50, 55 e 86 da segunda *Filípica*.

Primeiramente, destacamos uma parte da seção 3 da segunda *Filípica*:

<sup>261</sup> “We therefore find the speech peppered with lively accounts of his sexual misconduct (...). Elsewhere in the *Second Philippic* Cicero portrays Antony as a young man in debt, an avaricious prostitute (...), a love-sick *adulescens*”.

<sup>262</sup> As seções 44-46 da segunda *Filípica* serão tratadas a seguir.

<sup>263</sup> Cf. WILLIAMS (1999, p. 18): “penetration is subjugation (...) and masculinity is domination”.

<sup>264</sup> Cf. GONFROY (1978, p. 219).

2.3. (...) *Contra rem suam me nescioquando uenisse questus est. An ego non uenirem contra alienum pro familiari et necessario, non uenirem contra gratiam non uirtutis spe, sed aetatis flore collectam, non uenirem contra iniuriam, quam iste intercessoris iniquissimi beneficio obtinuit, non iure pretorio?* (grifos nossos)

2.3. (...) Ele se queixou de eu ter intervindo, não sei quando, contra os seus interesses. Por acaso não é necessário que eu intervenha contra um estranho em defesa de um familiar e amigo íntimo, que eu intervenha contra o reconhecimento adquirido não pela esperança da virtude, e sim pela *flor da idade*, que eu intervenha contra a injustiça, que ele sustentou com grande ajuda de um intercessor dos mais iníquos, não sob a justiça feita por um pretor? (grifos nossos)

Vemos que Cícero valoriza, nesse momento, a *uirtus* (“virtude”) e atribui a si mesmo essa qualidade. Marco Antônio, por sua vez, age, na flor da idade, de modo contrário, em favor de estranhos e da injustiça. É importante destacarmos a expressão *aetatis flore* (“flor da idade”). *Flos aetatis* se refere à fase em que os meninos não são mais crianças pré-púberes, mas também não são homens. Eles estavam no auge do desejo físico e sexual e, assim, da vulnerabilidade, e “enquanto os jovens desfrutassem da flor da juventude, eles eram os mais vulneráveis, até suscetíveis, aos avanços sexuais masculinos”.<sup>265</sup>

Entre os homens romanos, era normal que desejassem e procurassem meninos, idealmente de nascimento não livre, para se satisfazerem sexualmente. Os meninos que despertavam desejo sexual nos homens eram passivos durante o ato. Quando Cícero emprega a expressão *aetatis flore*, ele pode estar se referindo ao fato de a *gratia* (“reconhecimento”) de Antônio ter sido obtida não a partir de sua virtude, mas de concessões de favores sexuais quando jovem, uma espécie de prostituição masculina. É possível que seja uma insinuação que leva à ideia de que Marco Antonio teria sido penetrado, ou seja, ter desempenhado um papel passivo, em sua juventude, no ato sexual com outros homens.

Na seção 14.9, temos: *Quas enim turpitudines Antonii libenter cum dedecore subierunt, easdem per uim laetantur aliis se intulisse* (“Pois as torpezas que os Antônio de bom grado sofreram com desonra, regozijam-se por tê-las infligido aos outros com uso da violência”). Podemos inferir que, uma vez adulto, Antônio submete, à força, os inimigos a atos sexuais que ele mesmo um dia sofreu.

Além disso, Williams (1999, p. 173) nos diz que “os ataques notoriamente maliciosos de Cícero a Marco Antônio nas *Filípicas* incluem vários insultos sexuais, entre

---

<sup>265</sup> “as long as young men enjoyed the flower of youth they were the most vulnerable, even susceptible, to men's sexual advances” (WILLIAMS, 1999, pp. 73-74).

eles a acusação de que em sua adolescência Antônio agiu como ‘mulher’ do jovem Curião”,<sup>266</sup> e há referências à dominação de Curião sobre Antônio, como se este fosse um escravo e Curião seu dono. A referência ao comportamento feminino e o “agir como mulher” implicam na passividade de Antônio durante o ato sexual.

Podemos ver essa referência em outra parte da seção 3:

2.3. (...) *At enim te in disciplinam meam tradideras – nam ita dixisti –, domum meam uentitaras. – Ne tu si id fecisses, melius famae, melius pudicitiae tuae consuluisses. Sed neque fecisti nec, si cuperes, tibi id per C. Curionem facere licuisset.* (grifos nossos)

2.3. (...) Contudo, tu te confiarias à minha educação – pois assim disseste –, frequentaras a minha casa. – Certamente, se tu tivesses feito isso, terias cuidado melhor da tua reputação, da tua honra. Mas tu não o fizeste e, se tu o desejassemos, **Caio Curião não teria permitido que o fizesses.** (grifos nossos)

A partir da frase destacada acima, *tibi id per C. Curionem facere licuisset* (“Caio Curião não teria permitido que o fizesses”), é pertinente destacar o verbo *licet* utilizado por Cícero. Na frase em questão, esse verbo tem o sentido de “ser permitido (a X, no caso dativo, fazer Y, no verbo no infinitivo)”. Também temos o dativo *tibi*, referindo-se a Marco Antônio, o verbo *facere* e *per C. Curionem*, expressão que indica “por quem” é permitido. Assim, literalmente temos: “não teria sido permitido a ti, por Caio Curião, fazer isso”. Assim, vemos que Curião é quem teria que dar permissão a Marco Antônio para estudar com Cícero, o que implica na imagem de Marco Antônio como submisso ou inferior a Curião, socialmente, como uma mulher ou um escravo que precisa da autorização do *dominus*. Considerando o objetivo invectivo do discurso em questão, a submissão de Marco Antônio a Curião também está relacionada com sua passividade sexual. Note-se *pudicitia*; um *impudicus* significa, para um romano, um homem que se deixa penetrar por outro.<sup>267</sup> Antônio se submete sexualmente a um outro homem, ao mesmo tempo que se submete a seu arbítrio: não é dono de seu corpo e de sua vontade. Observe-se também *famae*: vimos que um dos modos de atacar o *ethos* do adversário é através da exposição de sua (má) reputação (*existumatio uitae*): a juventude de Antônio fora conspirada por seu comportamento indecoroso, que lhe trouxe má fama.

Essa passagem da seção 3 é a primeira menção de Cícero em relação a Curião, Marco Antônio e sua submissão. Contudo, na seção 44, o orador volta a esse tópico:

<sup>266</sup> “Cicero’s notoriously malicious attacks on Mark Antony in the *Philippics* include various sexual slurs, among them the accusation that in his adolescence Antony acted as ‘wife’ to the younger Curio”.

<sup>267</sup> Cf. WILLIAMS (1999, pp. 97-99).

2.44. (...) *Sumpsisti uirilem, quam statim muliebrem togam reddidisti. Primo uulgare scortum, certa flagiti merces, nec ea parua. Sed cito Curio interuenit, qui te a meretricio quaestu abduxit et, tamquam stolam dedisset, in matrimonio stabili et certo collocauit.* (grifos nossos)

2.44. (...) Tu te revestiste da toga viril, que logo transformaste em **toga mulheril**. Primeiro, **uma meretriz pública**, com um preço certo para a depravação, e não baixo. Mas logo veio Curião, que te afastou **da profissão de meretriz** e, como se ele **te tivesse dado um vestido de matrona**, te **estabeleceu num matrimônio estável e fixo**. (grifos nossos)

Há várias expressões no trecho supracitado que são de fundamental importância para a construção da imagem de Marco Antônio como passivo nas suas relações homoeróticas, até mesmo atribuindo-lhe um papel feminino. Uma delas é *muliebrem togam* (“toga mulheril”), da qual Cícero faz uso para retratar Marco Antônio como uma mulher. Ao afirmar que Marco Antônio, em sua juventude, passou da *togam uirilem* (“toga viril”), usada por homens adultos, para a *togam muliebrem*, o orador alude à mudança de homem para mulher, no que diz respeito ao relacionamento sexual, ou seja, de ativo para passivo.

Contudo, é importante mencionar que o orador primeiramente retrata Marco Antônio como uma meretriz pública e, depois, como esposa de Curião. Assim, *muliebrem togam* pode estar se referindo à vestimenta das prostitutas, que eram proibidas de vestir a *stola*, reservada às *matronae* romanas, às mulheres casadas.<sup>268</sup> A imagem de Marco Antônio como sendo, inicialmente, uma meretriz se reforça com *uulgare scortum* (“meretriz pública”), sendo que “uma das mais comuns (e pejorativas) palavras para caracterizar uma prostituta era *scortum*, um substantivo neutro que poderia ser usado tanto para homens quanto para mulheres”.<sup>269</sup>

Considerando que, na Roma antiga, as prostitutas eram exemplos de vergonha e de *infamia*, sendo a *infamia* “falta de honra pública”, uma torpeza moral, e o oposto de *existumatio* e *dignitas*,<sup>270</sup> em *meretricio quaestu* (“profissão de meretriz”) Cícero enfatiza a falta de moral de Marco Antônio, já que, além de sua passividade nas relações homossexuais, ele se prostituiria, fazendo-se pagar por serviços sexuais; insinuação semelhante já apareceu num trecho que transcrevemos mais acima. Neste caso, Marco Antônio é associado ao papel

<sup>268</sup> Cf. Ramsey (p. 227) in CICERO (2003). Veja-se a acepção 2c do verbete *toga* do OLD: “(worn by prostitutes and other *infames* to whom the *stola* was denied)”.

<sup>269</sup> “Indeed, one of the most common (and pejorative) words denoting a prostitute was *scortum*, a neuter noun that could be used of both males and females” (WILLIAMS, 1999, p. 39).

<sup>270</sup> Cf. EDWARDS (1997, p. 69).

de uma mulher, metaforizando sua passividade sexual, mas há o agravante moral de suma importância determinado pela sua caracterização como uma mulher prostituta.

Em seguida, temos a imagem de Marco Antônio como sendo a mulher de Curião: *tanquam stolam dedisset, in matrimonio stabili et certo collocavit* (“como se ele te tivesse dado um vestido de matrona, te estabeleceu num matrimônio estável e fixo”). Essa ideia é retomada com a palavra *stola* e com o fato de Curião estabelecer um matrimônio estável e fixo com Marco Antônio. Podemos dizer que Cícero novamente expõe a passividade sexual de Marco Antônio. É desnecessário ressaltar, aqui, o sarcasmo de Cícero.

Também destacamos o que nos diz Williams (1999, pp. 245-246) sobre a seção 44 da segunda *Filípica*:

Estas são palavras provocadoras e a retórica enfatiza que Curião e Antônio estavam envolvidos em um relacionamento sexual no qual Antônio, o parceiro mais jovem, desempenhava o papel receptivo; a linguagem do casamento é invocada de modo a incitar ainda mais o desprezo a Antônio. Ele não só interpretou o “papel da mulher” no relacionamento sexual, mas estava tão sob o controle de Curião quanto a esposa está sob a autoridade do marido.<sup>271</sup>

Em um trecho da seção 45, *Nemo umquam puer emptus libidinis causa tam fuit in domini potestate quam tu in Curionis* (“Nenhum **menino** comprado por causa da luxúria alguma vez esteve tão **em poder do dono** como tu em poder de Curião”), temos as expressões *puer* (“menino”) e *in domini potestate* (em poder do dono). Há uma comparação entre Marco Antônio e um *puer delicatus*, ou jovem escravo destinado a saciar a luxúria de um *dominus*, sendo este, no caso, Curião. E essa ideia de “relacionamento” se reforça na seção 46:

2.46. *Quo tempore ego quanta mala florentissimae familiae sedavi uel potius sustuli! Patri persuasi ut aes alienum fili dissolveret, redimeret adulescentem, summa spe et animi et ingeni praeditum, rei familiaris facultatibus eumque non modo tua familiaritate, sed etiam congressione patrio iure et potestate prohiberet.*

2.46. Naquele tempo, quantos males daquela próspera família eu suavizei, ou melhor, removi! Eu persuadi o pai a pagar a dívida do filho, a libertar o jovem, dotado de grande promessa de coragem e engenho, e, empregando os recursos da família, a proibir, com seu direito e sua força de pai, não só a tua amizade, mas também um encontro contigo.

<sup>271</sup> “These are fighting words, and the rhetoric makes the point that Curio and Antony were involved in a sexual relationship in which Antony, the younger partner, played the receptive role; the language of marriage is invoked so as to heap further scorn on Antony. Not only had he played the ‘woman’s role’ in the sexual relationship, but he was as much under Curio’s control as a wife is under her husband’s authority”.

A respeito da palavra *puer*, ainda é importante mencionar que

o vocábulo latino *uir* caracterizaria um aristocrático como homem em sua plenitude, diferente de outros termos usados para apresentar indivíduos do mesmo sexo, mas de idades e categorias sociais diferentes como, por exemplo, *puer* ou *juvenis* para os filhos da aristocracia ainda menores e *homines* ou *puer* para adultos escravos, libertos, não cidadãos e mesmo cidadãos de classes mais baixas (FEITOSA, 2014, p. 142)

A escolha de Cícero pela palavra *puer* e de associá-la a Marco Antônio não é aleatória, já que ela implica, neste contexto, tanto na passividade sexual de Marco Antônio quanto na construção da imagem de Curião como o ativo no relacionamento sexual. Nesse caso, entende-se que Curião é o *dominus* de Marco Antônio e o *uir* do relacionamento, o ativo, e Marco Antônio o *puer*, um escravo e passivo cuja função é satisfazer a luxúria do dono, a ponto de se associá-lo a uma esposa numa relação juridicamente impossível.

É importante destacar um trecho da seção 45 no qual pode haver uma nova associação com prostituição: *Quotiens te pater eius domu sua eiecit, quotiens custodes posuit, ne limen intrares? cum tu tamen nocte socia, hortante libidine, cogente mercede, per tegulas demitterere* (“Quantas vezes o pai dele te expulsou de sua casa, quantas vezes ele posicionou guardas para que tu não entrasses? Contudo, com a cumplicidade da noite, com o incitamento da libido, com o estímulo do pagamento, tu desceste pelo telhado”). Com a expressão *hortante libidine* (“com o incitamento da libido”), é possível dizer que, em suas relações eróticas passivas, o desejo leva Antônio a chegar ao ponto de agir de modo que não condizia com sua posição social. E em *cogente mercede* (“com o estímulo do pagamento”), podemos verificar uma nova associação da imagem e atitudes de Marco Antônio com a prostituição, ou seja, com a profissão de meretriz, ideia que já fora exposta na seção 44.

Temos, também, na seção 86: *Tibi uni peteres, qui ita a puero uixeras ut omnia paterere, ut facile seruires* (“Tu deverias ter suplicado por ti, apenas, uma vez que tu viveras desde menino de tal forma que **tu te submetias a tudo**, que facilmente **serias um escravo**”). Aqui, é importante destacar os verbos *patior* e *seruio*. *Patior*, segundo o *OLD*, pode significar tanto “suportar, tolerar” quanto “submeter-se ou ter relações sexuais com alguém”, enquanto *seruio* pode significar “ser escravo, ter a condição de escravo” e, ainda de acordo com o *OLD*, esse verbo também pode ser aplicado em esfera amorosa: “in transferred sense of a lover”, ou seja, “no sentido, transferido, de um amante”. Quando analisamos os dois verbos juntos, entendemos o jovem Marco Antônio como o passivo nas relações sexuais e como um cidadão

que voluntariamente se comporta como escravo novamente, sendo importante notar a força do objeto *omnia*.

Já a imagem de Marco Antônio como esposa de Curião se repete na seção 50: *aduolasti egens ad tribunatum, ut in eo magistratu, si posses, uiri tui similis esses* (“tu, indigente, foste às pressas até o tribunado, para que nessa magistratura, se pudesses, tu fosses semelhante ao **teu marido**”). Aqui, temos o uso da expressão *uiri tui* (teu marido) relacionada à imagem de Curião, sendo possível dizer que Marco Antônio se comporta como mulher no relacionamento sexual por ter um *uir*, uma espécie de “marido”, com quem se teria casado em “matrimônio estável”, como dissera Cícero. Inclusive, na seção 34, Cícero nega que Marco Antônio seja um *uir*: *uirum res illa quaerebat* (“aquela situação requeria um **homem**”).

Na seção 55, há uma clara “efeminização” de Marco Antônio, e Cícero o compara a uma mulher, Helena de Troia: *Vt Helena Troianis, sic iste huic rei publicae causa belli, causa pestis atque exiti fuit* (“Assim como **Helena** foi a causa da calamidade e da ruína para os troianos, esse sujeito foi a causa da guerra para esta República”). A comparação entre Helena, que levou a calamidade e a ruína a Troia, e Antônio, que levou a guerra à República, faz com que se atribuam a Marco Antônio todos os infortúnios que acompanharam a República com a guerra civil.<sup>272</sup> Cícero questiona novamente a virilidade de Marco Antônio – o fato de não ser o *uir* – e, conforme Myers (2003, p. 346-347) afirma:

Antônio, já uma mulher vil, torna-se agora a mais notória e politicamente destrutiva Helena de Troia. Cícero compara a carreira militar de Antônio e os seus sucessos com ela (...). Em sua forma emasculada, Antônio violou o compromisso com o trabalho público e não exhibe nenhum sinal de *dignitas*, assim não deveria impor *auctoritas* ou autoridade pessoal.<sup>273</sup>

Por fim, em 2.77 e, excepcionalmente na sexta *Filípica*, seção 4, há referências ao casamento de Antônio e Fúlvia:

2.77. *te Catamitum*  
2.77. homem devasso<sup>274</sup>

<sup>272</sup> Cf. PLUT. *Ant.* 6.

<sup>273</sup> “Antony, already a base woman, becomes now the most notorious and politically destructive Helen of Troy. Cicero likens Antony’s military career and successes to her (...). In his emasculated form, Antony has violated the commitment to public office and exhibits no signs of *dignitas* so should not command *auctoritas* or personal authority”.

<sup>274</sup> Este epíteto traz a ideia de passividade: veja-se a acepção 2 do verbete no *OLD*, “Catamitus”.

6.4. *semper eum duo dissimilia genera tenuerunt lenonum et latronum; ita domesticis stupris, forensibus parricidiis delectatur ut mulieri citius auarissimae paruerit quam senatui populoque Romano.*  
 6.4. sempre duas classes diversas o possuíram, cafetões e ladrões; diverte-se tanto com adultérios domésticos e parricídios públicos que obedeceria à avaríssima mulher mais rapidamente do que ao senado e ao povo romano.

Podemos inferir na passagem acima um outro indício da efeminação de Antônio: é como se, nesse casamento, também Antônio fosse passivo e, portanto, não masculino, principalmente se levarmos em consideração o verbo *parere* (“obedecer”): *auarissimae paruerit* (“obedeceria à avaríssima mulher”). Conforme citado anteriormente, o termo *catamitum* (“catamito”), nesse caso, sugere que Fúlvia é o parceiro dominante no casamento, como se Antônio fosse passivo na relação e subordinado a ela.

Com os trechos expostos, procuramos apresentar um dos meios através dos quais Cícero coloca em prática um de seus objetivos ao longo dos discursos, que consistia na difamação pública e privada de seu adversário, Marco Antônio, conforme temos insistido. Para a sua finalidade retórica, o orador menciona os relacionamentos homoeróticos de Marco Antônio, principalmente com Curião, porém intencionando acusar sua passividade no ato sexual; na vida privada, ele é passivo sempre, tanto nas relações com Curião, quanto na submissão à esposa Fúlvia.

Cícero procura depreciar a imagem de Marco Antônio no que diz respeito a seu cargo político e sua posição social. Para tal, o orador atribui a Marco Antônio a imagem de um menino que satisfaz homens adultos (*uir e patior*), um escravo (*puer e serui*) que possui um dono (*dominus*), uma mulher/prostituta (com as palavras *stola, toga, scortum, uiri tui* e *Helena*, por exemplo) submissa a um homem e, por fim, um marido submisso à esposa.

#### 4.6. REPRESENTAÇÃO CICERONIANA DA GENS DE MARCO ANTÔNIO

Paralelamente ao que se viu sobre a presença de atores e atrizes ao lado de Antônio, Cícero também critica outras companhias e faz referências a sua esposa Fúlvia, ao seu irmão e demais familiares e antepassados. É importante citar que essas referências são tanto positivas quanto negativas, mas têm invariavelmente a função de menosprezar os feitos e o comportamento de Antônio.

Primeiramente, vemos referência à sua esposa Fúlvia, nas passagens a seguir:

2.11. *Quis autem meum consulatum praeter te ac P. Clodium qui uituperaret inuentus est? Cuius quidem tibi fatum sicut C. Curioni manet, quoniam id domi tuae est quod fuit illorum utriusque fatale.*

2.11. Entretanto, encontrou-se alguém que criticasse meu consulado, exceto tu e Públio Clódio? O destino deste certamente espera por ti, assim como ocorreu a Caio Curião, visto que o que foi fatal a um e a outro, está na tua casa.

5.11. *mulier, sibi felicior quam uiris, auctionem prouinciarum regnorumque faciebat;*

5.11. A mulher, mais feliz para si do que para os homens, fazia leilão de províncias e reinos;

6.4. *semper eum duo dissimilia genera tenuerunt lenonum et latronum; ita domesticis stupris, forensibus parricidiis delectatur ut mulieri citius auarissimae paruerit quam senatui populoque Romano.*

6.4. Sempre duas classes diversas o possuíram, cafetões e ladrões; diverte-se tanto com adultérios domésticos e parricídios públicos que obedecia à avaríssima mulher mais prontamente do que ao senado e ao povo romano.

Fúlvia se tornou bastante conhecida por ser muito ativa na política. Casou-se com Públio Clódio e, após seu assassinato, com Caio Curião. Após sua morte, casou-se com Marco Antônio e participou ativamente na sua gestão política depois do assassinato de César.<sup>275</sup> O pronome *id*, em 2.11, refere-se a Fúlvia<sup>276</sup> e, ao atribuir o adjetivo *fatale* (“fatal”) a ela, podemos dizer que Cícero a considera um mau agouro: tê-la dentro de sua casa é um sinal de que nada de bom poderia vir de/para Antônio.

Outro ponto importante a destacar é o uso do verbo *parere* (“obedecer”) em “obedecia à avaríssima mulher mais rapidamente do que ao senado e ao povo romano”. Infere-se que Antônio não governa ou não é capaz de tomar suas próprias decisões sozinho, ou seja, por trás de suas (más) atitudes há, também, uma mulher, Fúlvia. Talvez seja um dos

<sup>275</sup> Cf. *OCD*, “Fúlvia”.

<sup>276</sup> Ramsey (2003, p. 177).

indícios da imagem de Antônio como uma pessoa influenciável, submisso, aqui, a uma mulher: de novo, Cícero explora as noções de decoro de seu público, que julgaria inaceitável que um homem, tanto mais um político, se deixasse guiar dessa forma. Antônio não tem autocontrole e autonomia.

E essa ideia pode ser reforçada na seção 5.29: *Noui hominis insaniam, adrogantiam, noui perdita consilia amicorum, quibus ille est deditus* (“Eu conheço a insanidade do homem, a arrogância; eu conheço os destruidores conselhos dos amigos, aos quais ele se entrega”). Vemos, aqui, *perdita concilia amicorum*, “os destruidores conselhos dos amigos”, e novamente a má influência externa. Portanto, não é impossível pensar que, nessa estratégia retórica de construir Antônio como uma pessoa influenciável, Cícero, ao mesmo tempo e indiretamente, agudiza as responsabilidades individuais de Antônio, como se os males vindos dele também tivessem como origem as pessoas que o cercam. Vemos uma situação parecida acontecendo quando se trata da presença da atriz de mimo Volúmnia Citéris e demais atores, conteúdo já exposto anteriormente, uma vez que os relacionamentos privados de Antônio – amigadas, amante e esposa – são determinantes para o seu comportamento e para a sua imagem pública.

Além disso, como vimos, ao longo das *Filípicas*, encontramos referência a duas mulheres que fazem parte da vida privada e pública de Antônio: Fúlvia e Volúmnia Citéris. Conforme já se disse em outro momento, a presença da atriz de mimo ao lado de Antônio como sua amante prejudica sua credibilidade pública quanto à capacidade de estar no cargo que ocupa, uma vez que, para Cícero, é inaceitável social e legalmente que ele a tenha consigo e a exiba publicamente. Ainda que, no caso da atriz, em nenhum momento, nas *Filípicas*, haja menção a sua influência direta nas decisões políticas de Antônio, o papel que, segundo Cícero, ela ocupa na vida privada e pública de Antônio atesta o comportamento indecoroso desse adversário.

Em contrapartida, em relação a Fúlvia, não há irregularidade social na vida privada, sendo ela sua esposa legítima, mas Cícero não a considera uma boa pessoa, ou seja, é uma má influência e isso se reflete no fato de ela exercer um papel deletério significativo nas decisões políticas de Antônio. Vemos, aqui, que Fúlvia influencia diretamente na política de Antônio e sua participação negativa na política em geral vem desde Públio Clódio e Caio Curião, o que a torna uma figura de grande importância, contrapondo-se a tudo o que Cícero prega no que diz respeito à República.<sup>277</sup>

---

<sup>277</sup> Fúlvia também teve grande influência política durante a conjuração de Catilina. Cf. SALL. *Cat.* 23, 26 e 28.

Entretanto, não são só essas duas mulheres que representam uma má influência para Antônio. Destacamos como seu irmão, Lúcio Antônio, é retratado por Cícero nas passagens a seguir. É interessante mencionar que, como vimos no capítulo em que tratamos de ironia, Cícero já mencionara os percursos e as peregrinações de Antônio, e podemos relacionar suas palavras com o que se diz nas seções abaixo, com campos devastados e saqueados, destruições, carnificinas e roubos, falta de controle e administração das propriedades e das fortunas:

*3.31. ipse autem se, ut fratrem imitetur, obruit uino; uastantur agri, diripiuntur uillae; matres familiae, uirgines, pueri ingenui abripiuntur, militibus traduntur.*

3.31. Mas ele mesmo, para imitar seu irmão, mergulhava no vinho; campos foram devastados, casas de campo foram saqueadas; mães de família, virgens e meninos livres foram arrastados e entregues aos soldados.

*5.25. Totum iter Antoniorum quid habuit nisi **depopulationes, uastationes, caedes, rapinas?***

5.25. Todo o percurso dos Antônios o que teve a não ser **devastações, destruições, carnificinas, roubos?**

*11.10. Primum Lucium fratrem: quam facem, di immortales, quod facinus, quod scelus, quem gurgitem, quam uoraginem! Quid eum non sorbere animo, quid non haurire cogitatione, cuius sanguinem non bibere censetis, in cuius possessiones atque fortunas non impudentissimos oculos spe et mente defigere?*

11.10. Primeiro, seu irmão Lúcio, que flagelo, deuses imortais, que crime, que calamidade, que glutão, que voragem! O que ele, em seu íntimo, não está devorando, o que, em pensamento, esgotando, o sangue de quem ele não está bebendo, nas propriedades e na fortuna de quem ele não está fixando os olhos impudentíssimos com esperança e com a mente?

Abaixo, o orador afirma que fora ameaçado por Lúcio Antônio, assim como seu irmão já fizera. Além disso, destacamos a expressão “mirmilão” (*myrmillo*) usada para se referir ao irmão de Antônio:

*12.20. An L. Antonium aspicere potero, cuius ego crudelitatem effugere non potuissem, nisi me moenibus et portis et studio municipi mei defendissem? Atque idem hic **myrmillo** Asiaticus, latro Italiae, collega Lentonis et Nuculae, cum Aquilae primipilo nummos aureos daret, de meis bonis se dare dixit: si enim de suis dixisset, ne Aquilam quidem ipsum crediturum putauit.*

12.20. Por acaso, poderei encarar L. Antônio, de cuja crueldade eu não teria podido escapar, se eu não tivesse me defendido com os muros, as portas e a afeição do meu município? E este mesmo **mirmilão**

asiático, ladrão da Itália, colega de Lento e Núcula, quando estava dando algumas moedas de ouro a Áquila, primeiro centurião, disse que estava dando dos meus bens: pois se dissesse que estava dando dos seus bens, pensou que nem mesmo o próprio Áquila acreditaria.

É possível verificar que, na seção a seguir, Cícero destaca algumas características de Antônio já mencionadas, como seu furor, sua violência, sua ira, sua loucura e sua embriaguez, atribuindo ao seu irmão a expressão “animal dos mais hediondos” (*taeterrima belua*). Pertinente dizer que as expressões *belua* e *taeter* já apareceram em nosso trabalho, nas seções 3.28 (*taeterrimam beluam*, “crudelíssima besta”), 4.12 (*immani taetraque belua*, “uma besta sombria e desumana”), 6.7 (*importunissima belua*, “a besta mais cruel de todas”), 7.27 (*taetram et pestiferam beluam*, “besta perniciososa e sombria”), 10.22 (*quid illa taetrius belua*, “o que é mais medonho do que aquela besta”) e 13.18 (*tam taeter, tam crudelis tyrannus*, “um tirano tão execrável, tão cruel”), no capítulo destinado às características atribuídas a Marco Antônio. E aparecerão posteriormente, quando tratarmos de Antônio como *inimicus* e *hostis rei publicae*, nas seções 5.21 (*taeterrimum et crudelissimum hostem*, “um inimigo público perniciosíssimo e crudelíssimo”) e 13.21 (*hostis taeterrimus*, “um inimigo público execrável”).

12.26. *Noui hominis furorem, noui effrenatam uiolentiam; cuius acerbitas morum immanitasque naturae ne uino quidem permixta temperari solet, hic, ira dementiaque inflammatus, adhibito fratre Lucio, taeterrima belua, numquam profecto a me sacrilegas manus atque impias abstinebit.*

12.26. Eu conheço o furor do homem, eu conheço a violência desenfreada. Ele, cuja dureza de caráter e ferocidade da natureza nem mesmo mescladas ao vinho costumam se moderar, inflamado pela ira e pela loucura, juntando-se ao irmão Lúcio, animal dos mais hediondos, certamente nunca afastará de mim as mãos sacrílegas e ímpias.

O orador também faz uso da expressão *immanitatem*, como veremos na seção 13.2, algo que já foi relacionado a Antônio nas seções 2.63 (*Si inter cenam in ipsis tuis immanibus illis poculis hoc tibi accidisset, quis non turpe duceret?*, “Se isso tivesse acontecido contigo durante o jantar em meio às tuas prodigiosas bebedeiras, quem não consideraria vergonhoso?”), 4.12, 10.22 e 13.21, expostas anteriormente sobre *belua* e *taeter*.

13.2. *cum Antoniis pax potest esse, cum Censorino, Ventidio, Trebellio, Bestia, Nucula, Munatio, Lentone, Saxa? Exempli causa paucos nominaui; genus infinitum immanitatemque ipsi cernitis reliquorum.*

13.2. É possível haver paz com os Antônios, com Censorino, Ventídio, Trebélio, Béstia, Núcula, Munácio, Lento, Saxa? Eu nomeei poucos para exemplificar; vós mesmos reconheceis o número infinito e a **selvageria** dos demais.

Cícero, novamente, faz menção a Parma e ao comportamento inadequado, tanto de Lúcio Antônio quanto de Marco Antônio, nas cidades tomadas:

*14.9. Refugit animus, patres conscripti, eaque dicere reformidat quae L. Antonius in Parmensium liberis et coniugibus effecerit. Quas enim turpitudines Antonii libenter cum dedecore subierunt, easdem per uim laetantur aliis se intulisse. Sed uis calamitosa est quam illis obtulerunt, libido flagitiosa qua Antoniorum oblita est uita. Est igitur quisquam qui hostis appellare non audeat, quorum scelere crudelitatem Carthaginensium uictam esse fateatur?*

14.9. Tenho repugnância, senadores, e minha mente teme ao dizer o que L. Antônio fez aos filhos e às esposas dos habitantes de Parma. Pois as torpezas que os Antônios de bom grado sofreram com desonra, regozijam-se por tê-las infligido aos outros com uso da violência. Mas a violência que infligiram a eles é calamitosa, a libido imoral, da qual a vida inteira dos Antônios está coberta. Portanto, há alguém que não ouse chamá-los de inimigos públicos, a eles, cujos crimes, ele reconhece, são superiores à crueldade dos cartagineses?

Lúcio Antônio, irmão de Marco Antônio, foi questor na Ásia em 50 a.C., tribuno em 44 e cônsul em 41. Serviu ao lado de seu irmão na batalha de Mútina e agiu contra Otaviano.<sup>278</sup> Nas passagens supracitadas, pode-se entender que Cícero condena as ações de Lúcio Antônio e acusa Marco Antônio de seguir, *ut fratrem imitetur* (“para imitar seu irmão”), os passos do irmão. Contudo, as atitudes não são louváveis, atribuindo-se aos dois irmãos destruições, carnificinas, roubos, o vício no vinho, novamente, apropriação de bens e propriedades alheias, violência, crueldade, ira, loucura, torpezas e libido imoral.

É importante mencionar que todas essas características negativas e as más atitudes em relação à vida pública e privada, no modo como conduz a República, já apareceram anteriormente como determinantes para a construção da imagem de Marco Antônio e, agora, são reforçadas e espelhadas à imagem de Lúcio Antônio. Entendemos que usar a imagem e as atitudes de um irmão pode caracterizar uma estratégia para explicar as do outro irmão. Afinal, se Lúcio Antônio age de tal modo e o irmão o imita, como esperar que Marco Antônio seja diferente? Conhecendo-se um, conhece-se, então, o outro.

<sup>278</sup> Cf. *OCD*, “Antonius” (*RE* 30).

Contudo, podemos perceber que a questão maior não é o fato de Antônio receber influência externa, mas, sim, qual é essa influência. Entende-se que é condenável, para Cícero, que Marco Antônio opte por dar ouvidos a Fúlvia e por imitar seu irmão, colocando, inclusive, a República em risco. E essa questão é muito importante, pois, como vamos ver mais abaixo, Marco Antônio teria a opção de seguir o exemplo de outros membros de sua família e antepassados, considerados possíveis boas influências por Cícero.

Desse modo, o fato de Marco Antônio possuir, aos olhos de Cícero, bons exemplos em sua família, os quais, sim, poderia “imitar”, faz com que se questione ainda mais sua imagem: podendo seguir pelo “bom caminho” dos antepassados ilustres, por que optou pelo “mau caminho”? Por que aceitar a influência de Fúlvia e de Lúcio Antônio e não a de outros? São questionamentos que surgem, principalmente, tendo em vista a excelência de alguns de seus antepassados, conforme destacamos abaixo, em algumas seções das *Filípicas*.

Primeiramente, o orador menciona o consulado dos avós e do tio paterno de Marco Antônio:

*1.27. mihi, ne grauius quippiam dicam, auorum et auunculi sui consulatum si imitaretur, fortunatior uideretur.*

1.27. A mim, para não dizer algo mais grave, se imitasse o **consulado dos avós e do seu tio materno**, pareceria mais afortunado.

Em seguida, cita-se o avô paterno de Marco Antônio:

*1.34. Vtinam, M. Antoni, auum tuum meminisses! De quo tamen audisti multa ex me eaque saepissime. Putasne illum immortalitatem mereri uoluisse, ut propter armorum habendorum licentiam metueretur? Illa erat uita, illa secunda fortuna, libertate esse parem ceteris, principem dignitate. Itaque, ut omittam res **aut tui prosperas**, acerbissimum eius supremum diem malim quam L. Cinnae dominatum, a quo ille crudelissime est interfectus.*

1.34. Quem dera, Marco Antônio, tu te lembrasses do **teu avô**, sobre o qual, contudo, tu ouviste muitas coisas vindas de mim e, além disso, muito frequentemente. Por acaso tu pensas ter ele desejado ser merecedor daquela imortalidade a fim de ser temido por causa da ousadia de ter armas? Esta era a vida, esta a fortuna favorável: na liberdade ser igual em força aos demais; na posição social, líder. E assim, para omitir a **prosperidade do teu avô**, eu preferiria o seu crudelíssimo supremo dia ao domínio de Lúcio Cornélio Cina, pelo qual aquele foi morto cruelmente.

Reforça-se a referência positiva aos antepassados considerados ilustres de Marco Antônio:

1.35. *Quare flecte te, quaeso, et maiores tuos respice atque ita gubernas rem publicam ut natum esse te civis tui gaudeant*

1.35. Por isso, dobra-te, peço, e volta o olhar para os **teus antepassados** e assim governa a República de tal forma que os teus concidadãos se regozijem por tu teres nascido.

Há referência positiva à eloquência, à constância e à seriedade de Lúcio César, tio materno de Antônio:

2.14. *L. Caesar, auunculus tuus, qua oratione, qua constantia, qua gravitate sententiam dixit in sororis suae uirum, uitricum tuum. Hunc tu cum auctorem et praeceptorem omnium consiliorum totiusque uitae debuisses habere, uitrici te similem quam auunculi maluisti. Huius ego, alienus, consiliis consul usus sum, tu, sororis filius, ecquid ad eum umquam de re publica rettulisti? At ad quos refert? di immortales, ad eos scilicet quorum nobis etiam dies natales audiendi sunt.*

2.14. **Lúcio César, teu tio materno**, com que eloquência, com que constância, com que seriedade, expressou seu parecer contra o marido da irmã dele, teu padrasto. Este é quem tu deverias ter tomado como exemplo de mestre e preceptor para todas as deliberações e para toda a vida; tu preferiste ser semelhante ao teu padrasto a ser semelhante ao teu tio materno. Enquanto cônsul, eu me servi dos conselhos deste, embora não membro desta família; tu, filho da irmã dele, em nada o consultaste sobre os assuntos da República? Mas quem ele consulta? Sem dúvida, deuses imortais, aqueles cujo dia do nascimento ainda está por ser ouvido por nós.

Nas seções 2.42, 2.70 e 2.111, o avô paterno de Marco Antônio e sua eloquência são citados novamente e, dessa vez, comparado com Antônio:

2.42. *Vide autem quid intersit inter te et auum tuum: ille sensim dicebat quod causae prodesset; tu cursim dicis aliena.*

2.42. Vê, porém, a diferença entre ti e **teu avô**: este sensatamente dizia o que seria útil à causa; tu dizes rapidamente o que é alheio à causa.

2.70. *At quam crebro usurpat: “Et consul et Antonius”! Hoc est dicere: et consul et impudicissimus, et consul et homo nequissimus! Quid est enim aliud Antonius? Nam, si dignitas significaretur in nomine, dixisset, credo, aliquando auus tuus se et consulem et Antonium. Numquam dixit. Dixisset etiam collega meus, patruus tuus, nisi si tu es solus Antonius.*

2.70. Mas o quão repetidamente ele profere estas palavras: “Não só o cônsul, mas também Antônio!”. Isto é dizer: não só cônsul e torpíssimo, não só cônsul mas também um homem muito mau! Pois que outra coisa é Antônio? Porque, se a dignidade se exprimisse no nome, outrora o **teu avô**, creio, se teria nomeado “não só cônsul, mas

também Antônio”. Ele nunca o disse. O meu colega, teu tio paterno, também se teria nomeado assim, a não ser que tu sejas o único Antônio.

*2.111. Expecto enim eloquentiam tuam; disertissimum cognoui auum tuum, at te etiam apertiore in dicendo: ille numquam nudus est contionatus, tuum hominis simplicis pectus uidimus. Respondebisne ad haec aut omnino hiscere audebis?*

2.111. Pois eu estou esperando a tua eloquência; **eu conheci o teu avô, um homem muito eloquente**: mas também sei que tu falas de peito mais aberto, aquele nunca estava despido em público, nós vimos o teu peito de homem simples. Responderás a estas coisas ou ousarás abrir sequer a boca para falar?

É interessante o fato de Cícero, na seção 2.118 a seguir, questionar as más companhias de Antônio, pelas quais ele é rodeado, tópico já tratado anteriormente em nosso trabalho. Podemos ver que há boas referências na família de Antônio, as quais ele não segue como exemplo:

*2.118. Respice, quaeso, aliquando rem publicam, M. Antoni; a quibus ortus sis, non quibuscum uiuas, considera;*

2.118. Volta o olhar, eu imploro, Marco Antônio, para a República, finalmente; pensa naqueles dos quais tu nasceste, não naqueles com os quais tu estás vivendo;

E, por fim, elogia-se o tio materno de Antônio:

*8.1. L. Caesaris,<sup>279</sup> amplissimi uiri*

8.1. Lúcio César, um homem notabilíssimo

Através destas passagens, vemos que Cícero enaltece alguns antepassados da família de Antônio. Cita o avô paterno Marco Antônio, o avô materno Lúcio Júlio César, o tio materno Lúcio Júlio César e o tio paterno Caio Antônio Híbrida. Segundo o *OCD*, sabemos que o tio paterno de Marco Antônio, Caio Antônio Híbrida, se tornou pretor em 66 a.C. com a ajuda de Cícero, mas em 64 fez uma união eleitoral com Catilina e foi muito criticado pelo orador. Como cônsul em 63, foi subornado por Cícero a se posicionar contra Catilina em troca da província da Macedônia, onde foi opressivo e malsucedido, tendo sido condenado ao exílio, apesar de defendido por Cícero.<sup>280</sup>

<sup>279</sup> Aqui há uma referência ao tio materno de Marco Antônio.

<sup>280</sup> Cf. *OCD*, “Antonius” (*RE* 19).

Seu avô materno, Lúcio Júlio César, foi cônsul em 90 a.C. e encarregado da frente sul na Guerra Social e foi censor em 89.<sup>281</sup> Seu tio materno, Lúcio Júlio César, foi questor na Ásia em 77 a.C., cônsul em 64 e censor em 61. Ele serviu a Júlio César na Gália, mas não tomou partido durante a Guerra Civil. Após a morte de César, ele se opôs ao seu sobrinho, Marco Antônio, e foi proscrito, mas salvo devido à interferência de sua irmã Júlia, mãe de Marco Antônio.<sup>282</sup> Vê-se a atuação política preeminente da *gens* de Antônio na vida romana.

Um dos antepassados mais ilustres citados por Cícero é Marco Antônio, o avô paterno de Antônio. Pretor em 102 a.C. e cônsul em 99, foi um ilustre orador romano, segundo Cícero, teria sido o mais prestigiado em sua época. Sua oratória era simples e efetiva e foi muito apreciada por Cícero, o qual o descreveu em suas obras *De oratore* e *Brutus*.<sup>283</sup> O avô de Marco Antônio é um interlocutor em *De oratore* e destacamos abaixo dois trechos pertinentes dessa obra em que se faz menção a tal orador, através das falas de Júlio e Crasso, respectivamente:

2.296. *Tum Iulius: Ego mehercule, inquit, Antoni, semper is fui qui de te oratore sic praedicarem, unum te in dicendo mihi uideri tectissimum propriumque hoc esse laudis tuae, nihil a te umquam esse dictum, quod obsesset ei pro quo diceres. Idque memoria teneo, cum mihi sermo cum hoc ipso Crasso multis audientibus esset institutus Crassusque plurimis uerbis eloquentiam laudaret tuam, dixisse me cum ceteris tuis laudibus hanc esse uel maximam, quod non solum quod opus esset diceres, sed etiam quod non opus esset non diceres.*

2.296. Disse então Júlio: - No que me diz respeito, Antônio, por Hércules, sempre estive entre aqueles que diziam a teu respeito, como orador, que eras o único a me parecer, em teus discursos, bastante velado, e que era uma qualidade particular tua jamais ter falado alguma coisa que prejudicasse aquele que defendias. E guardo em minha memória o dia em que, na presença de muitos, numa conversa a teu respeito com este mesmo Crasso, na qual ele cobria tua eloquência de elogios, eu disse que, juntamente com as tuas demais qualidades, estava a maior delas: o fato de não apenas dizeres o que era necessário, mas também não dizeres o que não era necessário.

3.32. *Ad nosmet ipsos iam reuertor, quoniam sic fuimus semper comparati, ut hominum sermonibus quasi in aliquod contentionis iudicium uocaremur. Quid tam dissimile quam ego in dicendo et Antonius, cum ille is sit orator, ut nihil eo possit esse praestantius, ego autem, quamquam memet mei paenitet, cum hoc maxime tamen in comparatione coniungar? Videtisne genus hoc quod sit Antoni? forte,*

<sup>281</sup> Cf. *OCD*, “Iulius” (*RE* 142).

<sup>282</sup> Cf. *OCD*, “Iulius” (*RE* 143).

<sup>283</sup> Cf. *OCD*, “Antonius” (*RE* 28).

*uehemens, commotum in agendo, praemunitum et ex omni parte causae saeptum, acre, acutum, enucleatum, in sua quaque re commorans, honeste cedens, acriter insequens, terrenus, supplicans; summa orationis uarietate, nulla nostrarum aurium satietate.*

3.32. Volto-me agora a nós mesmos, uma vez que sempre fomos comparados como se as conversas dos homens nos lançassem uma acusação de rivalidade. O que há de mais diferente do que eu e Antônio quando discursamos? Embora seja um orador tal que nenhuma de suas qualidades possa ser mais notável, eu, apesar de não estar satisfeito comigo mesmo, sou colocado em comparação sobretudo com ele. Percebeis qual é o gênero de Antônio? Forte, veemente, comovido em sua defesa, protegido e defendido em todas as partes da causa, penetrante, agudo, preciso; demora-se em cada uma das questões, cede de maneira honrosa, persegue energicamente, aterroriza, suplica. É dotado de extrema variedade oratória, nunca cansa nossos ouvidos.

Em *Brutus*, Cícero também cita o avô paterno de Marco Antônio:

*138. (...) sic nunc ad Antonium Crassumque peruenimus. Nam ego sic existimo hos oratores fuisse maximos et in his primum cum Graecorum gloria Latine dicendi copiam aequatam.*

138. (...) assim agora a Antônio e a Crasso chegamos. Pois eu assim estimo esses dois romanos terem sido os maiores dos oradores e neles por primeiro ter sido igualada com a glória dos gregos a abundância da eloquência em latim.

*139. Omnia ueniebant Antonio in mentem; eaque suo quaeque loco, ubi plurimum proficere et ualere possent, ut ab imperatore equites, pedites, leuis armatura, sic ab illo in maxime opportunis orationis partibus collocabantur. Erat memoria summa, nulla meditationis suspicio; imparatus semper aggredi ad dicendum uidebatur, sed ita erat paratus, ut iudices illo dicente nonnumquam uiderentur non satis parati ad cauendum fuisse.*

139. Para Antônio todas as ideias vinham em mente, e essa cada qual em seu lugar, onde mais pudessem produzir efeito e ter valor; assim como por um general a cavalaria, a infantaria, a tropa ligeira, assim por ele nos pontos mais favoráveis do discurso elas eram colocadas. Muito grande lhe era a memória, nenhuma suspeita de trabalho preparatório; ele parecia sempre começar sem preparação um discurso; mas estava preparado de tal maneira que os juízes, falando ele, por vezes parecessem não ter sido suficientemente preparados para acautelarem-se.

Através dessas passagens de *De oratore* e *Brutus*, vemos que o avô paterno de Marco Antônio, devido a sua oratória, é admirado por Cícero. Anteriormente, já vimos que um dos modos de Cícero construir uma imagem negativa de Marco Antônio é menosprezar seus dotes oratórios. Portanto, ao enaltecer a grandiosidade oratória de seu avô, Cícero

novamente coloca em dúvida a oratória de Antônio e reforça a ideia de que ele não se assemelha aos seus ilustres antepassados, mesmo tendo tido a oportunidade de seguir por esses caminhos.

Desse modo, é possível dizer que Cícero valoriza o passado da família de Antônio, mas não o presente, aqueles com os quais ele convive. Esse ponto pode ser observado nas seções, já citadas, 2.14 e 2.118, respectivamente: *At ad quos refert? di immortales, ad eos scilicet quorum nobis etiam dies natales audiendi sunt* (“Mas quem ele consulta? Sem dúvida, deuses imortais, aqueles cujo dia do nascimento ainda está por ser ouvido por nós”) e *Respice, quaeso, aliquando rem publicam, M. Antoni; a quibus ortus sis, non quibuscum uiuas, considera* (“Volta o olhar, eu imploro, Marco Antônio, para a República, finalmente; pensa naqueles dos quais tu nasceste, não naqueles com os quais tu estás vivendo”).

Portanto, como se desse ao adversário um conselho, essas seções da segunda *Filípica* resumem e advertem sobre o caminho pelo qual Antônio está seguindo e suas atitudes, dando ouvidos a sua esposa, Fúlvia, a seu irmão, Lúcio Antônio, e a todas as outras más companhias que o rodeiam (do ponto de vista de Cícero, obviamente). Tudo isso em oposição à possibilidade de se espelhar em seus ilustres antepassados, como seus avôs e seus tios, notabilizados por sua ação meritória em prol da República ou seus dotes oratórios. Há vestígios de bons exemplos em sua família, mas as atitudes de Antônio não permitem que sua imagem sequer se aproxime da deles, como se Antônio e irmão fossem membros degenerados de uma *gens* outrora positivamente ilustre.

#### 4.7. MARCO ANTÔNIO: *INIMICUS CICERONI E HOSTIS REI PUBLICAE*

É evidente que nas quatorze *Filípicas* há uma dicotomia fundamental na caracterização do *ethos* de Cícero e de Marco Antônio. Consiste no fato de Cícero se retratar como um perpétuo defensor da República e a Marco Antônio como um destruidor, um *hostis* da República, além de considerá-lo seu *inimicus*: inimigo público e pessoal, portanto. Neste capítulo, vamos tratar de trechos em que a palavra *hostis* é utilizada por Cícero para se referir a Marco Antônio. Primeiramente, é importante enfatizar que uma das características das *Filípicas* é a autodeclaração de Cícero como defensor da República. Destacamos, por isso, os três trechos a seguir da primeira *Filípica*, os quais expõem um grande zelo pela República.

*1.1. Ego cum sperarem aliquando ad uestrum consilium auctoritatemque rem publicam esse reuocatam, manendum mihi statuebam quasi in uigilia quadam consulari ac senatoria. Nec uero usquam discedebam nec a re publica deiciebam oculos ex eo die quo in aedem Telluris conuocati sumus. In quo templo, quantum in me fuit, ieci fundamenta pacis Atheniensiumque renouaui uetus exemplum; Graecum etiam uerbum usurpauit, quo tum in sedandis discordiis usa erat ciuitas illa, atque omnem memoriam discordiarum obliuione sempiterna delendam censui.*

1.1. Como eu tivesse esperança de que, finalmente, a República tinha voltado para as mãos do vosso conselho e autoridade, decidi que devia permanecer numa espécie de vigília como cônsul e senador. Nem, de fato, partia para lugar nenhum nem tirava os olhos da República desde o dia em que fomos convocados para o templo de Telo. Naquele templo, o quanto me foi possível, lancei os fundamentos da paz e renovei um antigo exemplo dos atenienses; usei, além disso, a palavra grega de que aquela cidade tinha feito uso para apaziguar as discórdias e emiti a opinião de que toda lembrança das discórdias deveria ser apagada por um esquecimento eterno.

Na seção acima, Cícero se coloca como um vigilante da República, cumprindo seu papel como cônsul e senador. E isso se reforça na seção abaixo, com a expressão “minha perpétua disposição para com ela”, a República:

*1.10. Hunc igitur ut sequerer properaui, quem praesentes non sunt secuti, non ut proficerem aliquid – nec enim sperabam id nec praestare poteram – sed ut, si quid mihi humanitus accidisset – multa autem impendere uidentur praeter naturam etiam praeterque fatum – huius tamen diei uocem testem rei publicae relinquerem meae perpetuae erga se uoluntatis.*

1.10. Portanto, apressei-me para seguir a quem os presentes não seguiram, não para obter alguma vantagem – pois nem esperava isso

nem podia garantir – mas para que, se alguma coisa me tivesse acontecido de acordo com a condição humana – porém muitas coisas parecem pairar além da natureza e também além do destino –, eu pelo menos deixasse para a República a voz deste dia como testemunha da minha perpétua disposição para com ela.

Em seguida, é interessante mencionar como Cícero se representa como alguém que coloca a República acima de si mesmo:

*1.38. Cepi fructum, patres conscripti, reuersionis meae, quoniam et ea dixi ut, quicumque casus consecutus esset, exstaret constantiae meae testimonium, et sum a uobis benigne ac diligenter auditus. Quae potestas si mihi saepius sine meo uestroque periculo fiet, utar; si minus, quantum potero, non tam mihi me quam rei publicae reseruabo. Mihi fere satis est quod uixi uel ad aetatem uel ad gloriam; huc si quid accesserit, non tam mihi quam uobis reique publicae accesserit.*

1.38. Colhi o fruto, senadores, da minha volta, visto que não só falei de tal forma que, seja o que for que acontecesse, houvesse um testemunho da minha constância, mas também porque fui ouvido por vós com benevolência e atenção. Se tiver esse poder mais vezes, sem risco meu e vosso, usarei dele; se não, quanto puder, resguardar-me-ei não tanto para mim mesmo quanto para a República. É suficiente para mim o que eu vivi para a idade ou para a glória; se algo se acrescentar a isso, será acrescentado não tanto para mim quanto para vós e a República.

E como vamos tratar aqui da imagem de Marco Antônio como um *hostis rei publicae*, é importante levar em consideração a diferença entre o conceito de *hostis* e *inimicus*. No *OLD* temos as seguintes definições (semelhantes às que encontramos no dicionário de Gaffiot e no dicionário etimológico de Ernout e Meillet) que nos são pertinentes para *hostis*: “1. um estrangeiro, um forasteiro”, “2. alguém envolvido em atividades *hostis* (militares) contra um país, um inimigo; um cidadão individual considerado ou declarado oficialmente como um inimigo do estado”.<sup>284</sup> Já para *inimicus* temos: “1. Inamistoso, pessoa hostil”, “2. Um oponente ou inimigo pessoal”.<sup>285</sup>

Em *Totius Latinitatis Lexicon*, em relação a *hostis* (p. 885), tem-se: *is, cum quo publice bellum habemus (quamquam etiam de quocumque adversario dicitur) in quo ab inimico difert, qui est is, quocum habemus privata odia. Distingui etiam sic possunt, ut inimicus sit qui nos odit: hostis qui oppugnat* (“aquele com quem fazemos guerra

<sup>284</sup> *Hostis*: “1. A foreigner, stranger; 2. one engaged in hostile (military) activities against a country, an enemy; an individual citizen regarded as, or declared officially to be, an enemy of the state”.

<sup>285</sup> *Inimicus*: “1. Unfriendly, ill-disposed; 2. A personal enemy, opponent”.

publicamente (embora se diga também de qualquer adversário) e nisso difere de *inimicus*, que é aquele contra o qual temos ódios particulares. Também podem-se distinguir desta forma: um *inimicus* é quem nos odeia: *hostis* é quem nos ataca). Já para *inimicus* (p. 976): *non amicus, alienatus, aversus, infensus, infestus* (“não amigo, inimizado, adverso, hostil, inimigo”).

Ambas as palavras podem ser traduzidas em português por “inimigo”, porém, de modo geral para o que propomos aqui, *hostis* se refere a um “inimigo político”, ou “inimigo público”, um inimigo contra o qual Roma está em guerra, expressões que preferimos adotar na tradução; já *inimicus* se refere a um “inimigo privado”, o contrário de *amicus*. Podemos dizer que *hostis* está relacionado com a vida pública e política e *inimicus* com a vida pessoal e, portanto, um *hostis* não é necessariamente um *inimicus* e vice-versa.

O próprio Cícero, *Off.* 1.37, trata da palavra *hostis*:

*Equidem etiam illud animadverto, quod, qui proprio nomine perduellis esset, is hostis vocaretur, lenitate verbi rei tristitiam mitigatam. Hostis enim apud maiores nostros is dicebatur, quem nunc peregrinum dicimus. Indicant duodecim tabulae: aut status dies cum hoste, itemque adversus hostem aeterna auctoritas. Quid ad hanc mansuetudinem addi potest, eum, quicum bellum geras, tam molli nomine appellare? Quamquam id nomen durius effecit iam vetustas; a peregrino enim recessit et proprie in eo, qui arma contra ferret, remansit.*

“Lembro também que o homem que era, por designação própria, ‘inimigo’, costumava ser chamado ‘forasteiro’, mitigando-se assim a tristeza dessa condição com uma palavra doce. De fato, quem hoje designamos ‘estrangeiro’ recebia de nossos antepassados o epíteto de ‘inimigo’. Rezam as Doze Tábuas: ‘Um dia convencionado com o estrangeiro’ e, no mesmo tom, ‘Contra o estrangeiro, autoridade eterna’. Que poderia ser mais elegante que chamar aquele com quem guerreias por um nome tão brando? Mas a própria antiguidade tornou esse nome mais duro: perdeu-se o sentido de ‘forasteiro’ e permaneceu o de ‘aquele que empunha armas contra nós’”.<sup>286</sup>

Em *Nemo enim illorum inimicus mihi fuit uoluntarius, omnes a me rei publicae causa lacessiti* (“Pois nenhum deles foi meu inimigo voluntariamente, todos foram perseguidos por mim por causa da República”, *Phil.* 2.1), vemos que o inimigo público da República também se torna inimigo pessoal de Cícero. Cícero se coloca como mais do que uma parte da República, ele “é” efetivamente a República. O orador afirma que pessoas se tornaram seus inimigos pessoais porque ele as combateu em prol da República.

<sup>286</sup> Tradução de Angélica Chiappetta, 1999.

Além disso, há o uso das palavras *inimicus* e *inimicitias* por Cícero para se referir a Marco Antônio, conforme se vê nos trechos a seguir.

5.3. *Pacem uult M. Antonius? Arma deponat, roget, deprecetur; neminem aequiorem reperiet quam me, cui, dum se ciuibus impiis commendat, **inimicus** quam amicus esse maluit.*

5.3. M. Antônio quer paz; que deponha as armas, rogue e peça com súplicas. Ele não encontrará ninguém mais justo do que eu, ele, enquanto confia em ímpios cidadãos, preferiu ser meu **inimigo** a meu amigo.

5.19. ***inimicitias** mihi denuntiauit*

5.19. Ele [Antônio] declarou **inimizades** comigo

Ao considerar Marco Antônio seu inimigo pessoal, Cícero também expõe a falta de confiança entre eles. Podemos dizer que Marco Antônio não ser *amicus* de Cícero evidencia que ele não visa à segurança da República; ele só poderia ser confiável se fizesse parte do círculo de amizade ciceroniano. Mas Antônio prefere confiar em cidadãos ímpios; por contraste, Cícero, rejeitado por Antônio, é um cidadão *pius*.

Até a décima quarta *Filípica*, o senado não julga oficialmente Antônio como sendo um *hostis*. Portanto, nesses discursos invectivos, Cícero constrói a imagem de seu adversário como sendo um *hostis rei publicae*, através de suas atitudes, a fim de fazer com que o próprio senado e o povo romano corroborem com tal ideia. O uso do termo *hostis* é um modo de transmitir uma mensagem, um ponto de vista e de se posicionar politicamente.

Em relação à palavra *hostis*, encontramos diversas referências e associações com Antônio ao longo das quatorze *Filípicas*, que o retratam como um inimigo da República. Por isso, exporemos, aqui, o *corpus*, original e traduzido, que julgamos pertinente para a nossa análise na tabela (Tabela 5) a seguir.

**Tabela 5 – Trechos das *Filípicas* em que se associa Marco Antônio a um *hostis***

<p>2.1. <i>Quonam meo fato, patres conscripti, fieri dicam ut nemo his annis uiginti rei publicae fuerit <b>hostis</b>, qui non bellum eodem tempore mihi quoque indixerit?</i></p>	<p>A que destino meu, senadores, devo atribuir o fato de que nos últimos vinte anos não houve nenhum <b>inimigo da República</b> que também não tivesse declarado guerra contra mim?</p>
<p>2.2. <i>An decertare mecum uoluit contentione</i></p>	<p>Por acaso ele quis rivalizar comigo na</p>

<p><i>dicendi? Hoc quidem est beneficium: quid enim plenius, quid uberius quam mihi et pro me et contra Antonium dicere? Illud profecto: non existimavit sui similibus probari posse se esse <b>hostem patriae</b>, nisi mihi esset inimicus.</i></p>	<p>eloquência? Isto certamente é um benefício, pois o que é mais copioso, o que é mais abundante do que discursar em meu interesse, em minha defesa e contra Antônio? Certamente o seguinte: ele considerou que não poderia ser reconhecido pelos que são iguais a ele como sendo ele mesmo um <b>inimigo da pátria</b>, a não ser que fosse meu adversário.</p>
<p>2.51. <i>Et tu apud patres conscriptos contra me dicere ausus es, cum ab hoc ordine ego conseruator essem, tu <b>hostis rei publicae</b> iudicatus?</i></p>	<p>E tu ousaste, em meio aos senadores, falar contra mim, ao passo que eu fui considerado por esta ordem o salvador da República, tu foste julgado <b>inimigo público</b>?</p>
<p>3.6. <i>Nec uero de legione Martia, quoniam longo interuallo loqui nobis de re publica licet, sileri potest. Quis enim unus fortior, quis amior umquam rei publicae fuit quam legio Martia uniuersa? Quae cum <b>hostem populi Romani Antonium</b> iudicasset, comes esse eius amentiae noluit; reliquit consulem, quod profecto non fecisset, si eum consulem iudicasset quem nihil aliud agere, nihil moliri nisi caedem ciuium atque interitum ciuitatis uideret.</i></p>	<p>De fato, uma vez que depois de um longo intervalo nos é permitido falar sobre a República, não é possível nos calarmos a respeito da legião Marcial. Pois que pessoa foi mais forte, quem alguma vez foi mais amigo da República do que toda a legião Marcial? A qual, uma vez que tinha julgado Antônio <b>inimigo do povo romano</b>, não quis ser companheira dessa insensatez; abandonou o cônsul; o que certamente não teria feito se o tivesse julgado cônsul, tinha percebido que ele não queria fazer outra coisa, não queria provocar nada a não ser o massacre de cidadãos e a destruição da cidade.</p>
<p>3.14. <i>non modo non consul, sed etiam <b>hostis Antonius</b>.</i></p>	<p>Antônio não só não é cônsul, mas é também <b>um inimigo público</b>.</p>
<p>3.14. <i>quis est qui eum <b>hostem</b> non existimet, quem qui armis persequantur conseruatores rei publicae iudicentur?</i></p>	<p>Quem é que não o considere <b>um inimigo público</b>, sendo que aqueles que o persigam com as armas foram julgados conservadores da pátria?</p>

<p>4.1. <i>Nam est <b>hostis</b> a senatu nondum uerbo appellatus, sed re iam iudicatus Antonius.</i></p>	<p>Pois Antônio ainda não foi nomeado <b>inimigo público</b> pelo senado, mas já foi, na realidade, julgado como tal.</p>
<p>4.2. <i>Num uero multo sum erectior, quod uos quoque illum <b>hostem</b> esse tanto consensu tantoque clamore approbauistis.</i></p>	<p>Agora, de fato, eu estou muito mais animado, porque vós também aprovastes, com tão importante consenso e tal clamor, que ele é um <b>inimigo público</b>.</p>
<p>4.5. <i>Quo decreto quis non perspicit <b>hostem</b> esse Antonium iudicatum?</i></p>	<p>Quem não percebe que Antônio foi julgado <b>inimigo público</b> por esse decreto?</p>
<p>4.8. <i>Si consul Antonius, Brutus hostis; si conseruator rei publicae Brutus, <b>hostis</b> Antonius.</i></p>	<p>Se Antônio é cônsul, Bruto é inimigo público; se Bruto é conservador da República, Antônio é <b>inimigo público</b>.</p>
<p>4.14. <i>Ac maioribus quidem uestri, Quirites, cum eo hoste res erat qui haberet rem publicam, curiam, aerarium, consensum et concordiam ciuium, rationem aliquam, si ita res tulisset, pacis et foederis. Hic uester <b>hostis</b> uestram rem publicam oppugnat, ipse habet nullam; senatum, id est orbis terrae consilium, delere gestit, ipse consilium publicum nullum habet; aerarium uestrum exhaustit, suum non habet; nam concordiam ciuium qui habere potest, nullam cum habet ciuitatem? pacis uero quae potest esse cum eo ratio in quo est incredibilis crudelitas, fides nulla?</i></p>	<p>E certamente os vossos antepassados, homens de Roma, tiveram que lidar com um inimigo público que possuía a República, o senado, tesouro público, consenso e concórdia dos cidadãos e, se a situação assim tivesse se desenrolado, alguma consideração de paz e harmonia; este vosso <b>inimigo público</b> ataca vossa República, ele mesmo não tem nenhuma; ele se regozija com destruir o senado, que é o conselho do mundo, ele mesmo não tem nenhum conselho público; esgotou o vosso tesouro público, ele não tem o seu próprio; que concórdia dos cidadãos ele pode ter, uma vez que não tem nenhuma cidade? De fato, que consideração de paz pode haver em uma pessoa na qual há uma crueldade inacreditável, nenhuma <i>fides</i>?</p>
<p>5.21. <i>M. uero Antonium quis est qui ciuem possit iudicare potius quam taeterrimum et crudelissimum <b>hostem</b>?</i></p>	<p>De fato, quem é que pode julgar M. Antônio um cidadão de preferência a um <b>inimigo público</b> perniciosíssimo e cruelíssimo?</p>

<p>5.29. <i>Quid igitur illo die aliud egistis nisi ut hostem iudicaretis Antonium?</i></p>	<p>Portanto, que outra coisa vós discutistes naquele dia, a não ser julgar Antônio <b>inimigo público</b>?</p>
<p>7.9. <i>Cur igitur pacem nolo? Quia turpis est, quia periculosa, quia esse non potest. (...) Quid est inconstantia, leuitate, mobilitate cum singulis hominibus, tum uero uniuerso senatui turpius? Quid porro inconstantius quam quem modo <b>hostem</b> non uerbo, sed re multis decretis iudicatis, cum hoc subito pacem uelle coniungi?</i></p>	<p>Portanto, por que eu não quero a paz? Porque é torpe, porque é perigosa, porque não é possível. (...) O que é mais torpe não só para cada homem, mas sobretudo para todo o senado do que a inconstância, a leviandade e a mutabilidade? Certamente, o que é mais inconstante do que subitamente querer unir-se em paz com um homem que, não pela palavra, mas por muitos decretos, vós julgastes <b>inimigo público</b>?</p>
<p>7.10. <i>non <b>hostem</b> tum Antonium iudicauistis, nec tum <b>hostis</b> est a uobis iudicatus Antonius, cum laudati auctoritate uestra ueterani milites qui C. Caesarem secuti essent, nec tum <b>hostem</b> Antonium iudicatis, cum fortissimis legionibus, quod illum, qui consul appellabatur, cum esset <b>hostis</b>, reliquissent, uacationes, pecunias, agros spopondistis.</i></p>	<p>Então, vós não julgastes Antônio <b>um inimigo público</b>? Então, Antônio não foi julgado <b>inimigo público</b> por vós, quando os soldados veteranos, que haviam seguido C. César, foram louvados com a vossa autoridade? Então, vós não julgastes Antônio <b>inimigo público</b> quando vós prometestes dispensas do cargo, dinheiro e campos para as legiões fortíssimas que o tivessem abandonado, ele que era chamado de cônsul, sendo <b>inimigo público</b>?</p>
<p>7.11. <i>Quid? cum Brutum, omine quodam illius generis et nominis natum ad rem publicam liberandam, exercitumque eius, pro libertate populi Romani bellum gerentem cum Antonio, prouinciamque fidelissimam atque optimam, Galliam, laudibus amplissimis adfecistis, tum non hostem iudicatis Antonium? Quid? cum decreuistis ut consules, alter amboe, ad bellum</i></p>	<p>O quê? Quando vós concedestes grandiosos louvores a Bruto, nascido, por certa predestinação daquela família e do nome, para libertar a República, ao seu exército, que estava travando guerra contra Antônio em defesa da liberdade do povo romano, e à fidelíssima e ótima província da Gália, então não julgastes Antônio <b>inimigo público</b>? O quê? Quando vós decretastes que os</p>

<p><i>proficiscerentur, quod erat bellum, si hostis Antonius non erat?</i></p>	<p>cônsules, um ou ambos, se dirigissem para a guerra, que guerra era aquela, se Antônio não era <b>inimigo público</b>?</p>
<p>7.13. <i>Quid? cum dilectus haberi tota Italia iussistis, cum uacationes omnis sustulistis, tum ille <b>hostis</b> non est iudicatus? Armorum officinas in urbe uidetis, milites cum gladiis secuntur consulem, praesidio sunt specie consuli, re et ueritate nobis, omnes sine ulla recusatione, summo etiam cum studio, nomina dant, parent auctoritati uestrae; non est iudicatus <b>hostis</b> Antonius?</i></p>	<p>O quê? Quando vós ordenastes serem estabelecidas tropas por toda a Itália, quando suspendestes todas as dispensas de serviço, então ele não foi julgado <b>inimigo público</b>? Vós vedes fábricas de armas na cidade, os soldados seguem o cônsul com espadas, eles são uma espécie de guarda para o cônsul, de verdade e seriamente para nós; todos, sem nenhuma recusa, ainda com sumo empenho, dão os nomes, obedecem a vossa autoridade; Antônio não foi julgado <b>inimigo público</b>?</p>
<p>7.15. <i>Quanta enim illa erit rei publicae turpitude, quantum dedecus, quanta labe, dicere in hoc ordine sententiam M. Antonium consulari loco! Cuius ut omittam innumerabilia scelera urbani consulatus, in quo pecuniam publicam maximam dissipauit, exules sine lege restituit, uectigalia diuendit, prouincias de populi Romani imperio sustulit, regna addixit pecunia, leges ciuitati per uim imposuit, armis aut obsedit aut exclusit senatum: ut haec, inquam, omittam, ne hoc quidem cogitatis, eum qui Mutinam, coloniam populi Romani firmissimam, oppugnarit, imperatorem populi Romani, consulem designatum, obsederit, depopulatus agros sit, hunc in eum ordinem recipi, a quo totiens ob has ipsas causas <b>hostis</b> iudicatus sit, quam foedum flagitiosumque sit?</i></p>	<p>Pois qual torpeza, qual desonra, qual estrago será para a República, se M. Antônio disser sua sentença nesta ordem na posição de cônsul! Para omitir os inumeráveis crimes do consulado dele na cidade, no qual dissipou uma enorme quantidade de dinheiro público, restituiu sem lei os exilados, vendeu ao retalho impostos, suprimiu províncias do império do povo romano, vendeu os reinos a preço de dinheiro, impôs leis com o uso de violência na cidade, com armas ou sitiou ou excluiu o senado: deixando de lado tudo isso, digo, certamente vós não considerais nem mesmo isto: quem atacou Mútina, uma colônia poderosíssima do povo romano, sitiou um comandante do povo romano, designado cônsul, devastou campos, quão funesto e imoral é ele retornar a esta ordem, pela qual tantas vezes foi julgado <b>inimigo</b></p>

	<b>público</b> por causa destas mesmas coisas?
11.3. <i>statuit ille quidem non inimicos, sed hostis.</i>	Ele [Antônio] decidiu que éramos não <b>inimigos, mas inimigos de guerra.</b> <sup>287</sup>
12.8. <i>Pudet huius legionis, pudet quartae, quae, pari uirtute nostram auctoritatem probans, non ut consulem et imperatorem suum, sed ut <b>hostem</b> et oppugnatorem patriae reliquit Antonium;</i>	Tenho vergonha por esta legião, tenho vergonha pela quarta legião, que, aprovando nossa autoridade com igual virtude, abandonou Antônio não como sendo ele seu cônsul e comandante, mas como sendo um <b>inimigo público</b> e agressor da pátria.
12.17. <i>Quodsi habenda cum M. Antoni latrocinio pacis ratio fuit, mea tamen persona ad istam pacem conciliandam minime fuit deligenda. Ego numquam legatos mittendos censui, ego ante reditum legatorum ausus sum dicere, pacem ipsam si adferrent, quoniam sub nomine pacis bellum lateret, repudiandam, ego princeps sagorum, ego semper illum appellavi <b>hostem</b>, cum alii <b>aduersarium</b>, semper hoc bellum, cum alii tumultum.</i>	Mas se houve um plano de ter paz com os bandidos de M. Antônio, contudo a minha pessoa não deveria, de modo algum, ser escolhida para esta conciliação de paz. Eu nunca votei para os embaixadores serem enviados, antes do retorno dos embaixadores eu ousei dizer que a própria paz, se a tivessem trazido, deveria ser repudiada, visto que a guerra se esconderia sob o nome da paz, eu fui o primeiro em traje de guerra, eu sempre o chamei de <b>inimigo público</b> , quando os outros o chamaram de <b>adversário</b> , sempre chamei isto de guerra, quando outros o chamaram de tumulto.
13.21. <i>hostis taeterrimus omnibus bonis cruces ac tormenta minitatur.</i>	um <b>inimigo público</b> execrável ameaça todos os homens bons com crucificações e torturas.
13.23. <i>Quid? te non intellegis (...) hostem iudicatum?</i>	O quê? Tu não compreendes que (...) foste julgado <b>inimigo público</b> ?
13.32. <i>hostis Antonius</i>	Antônio <b>inimigo público</b>
13.35. <i>foedissimum hostem</i>	um <b>inimigo público</b> hediondíssimo
14.9. <i>Refugit animus, patres conscripti, eaque dicere reformidat quae L. Antonius in</i>	Tenho repugnância, senadores, e minha mente teme ao dizer o que L. Antônio fez aos

<sup>287</sup> Destacamos que, nesta passagem, é Antônio que vê os outros como *hostis*.

<p><i>Parmensium liberis et coniugibus effecerit. Quas enim turpitudines Antonii libenter cum dedecore subierunt, easdem per uim laetantur aliis se intulisse. Sed uis calamitosa est quam illis obtulerunt, libido flagitiosa qua Antoniorum oblita est uita. Est igitur quisquam qui <b>hostis</b> appellare non audeat, quorum scelere crudelitatem Carthaginiensium uictam esse fateatur?</i></p>	<p>filhos e às esposas dos habitantes de Parma. Pois as torpezas que os Antônios de bom grado sofreram com desonra, regozijam-se por tê-las infligido aos outros com uso da violência. Mas a violência que infligiram a eles é calamitosa, a libido imoral, da qual a vida inteira dos Antônios está coberta. Portanto, há alguém que não ouse chamá-los de <b>inimigos públicos</b>, a eles, cujos crimes, ele reconhece, são superiores à crueldade dos cartagineses?</p>
<p><i>14.20. semper illum <b>hostem</b>, semper hoc bellum.</i></p>	<p>sempre o julguei <b>inimigo público</b>, sempre nomeei isto de guerra.</p>

Os trechos destacados mostram que, para Cícero, um *hostis rei publicae*, em alguns momentos, se torna um *inimicus*, dizendo que, quando se trata da República, ela vem em primeiro lugar. De fato, um inimigo público é automaticamente um inimigo pessoal, já que Cícero se funde à República, como vimos.

Tanto nas seções 2.51 como em 3.14 supracitadas, tem-se as expressões *ego conseruator* (“eu conservador”) e *conseruatores rei publicae* (“conservadores da República”),<sup>288</sup> respectivamente, com um contraste com *hostem*. É importante mencionar que a expressão *conseruatores rei publicae* poderia ser traduzida por “salvadores da pátria”, mas optamos por manter a ideia de conservação da República. Também, em 4.8, vemos o contraste entre os termos *consul*, *hostis* e *conseruator*. Desse modo, Antônio não pode ser considerado nem cônsul nem conservador da República, mas sim um inimigo público que deseja destruir a República.

Além disso, citamos as seguintes seções, nas quais orador se coloca se modo direto como um defensor da República:

*7.7. Itaque ego ille, qui semper pacis auctor fui cuique pax praesertim ciuilis, quamquam omnibus bonis, tamen in primis fuit optabilis –*

<sup>288</sup> Destacamos que o termo *conseruator*, nesse caso, pode apresentar o sentido de alguém que preserva ou um salvador (cf. *OLD*).

*omne enim curriculum industriae nostrae in foro, in curia, in amicorum periculis propulsandis elaboratum est: hinc honores amplissimos, hinc mediocris opes, hinc dignitatem, si quam habemus, consecuti sumus.*

7.7. Portanto, eu, aquele que sempre fui instigador da paz, e a qual paz, sobretudo entre os cidadãos, foi desejável entre todas as pessoas de bem – pois toda a carreira do nosso esforço foi colocada em prática no fórum, na cúria, em debelar os perigos que os amigos corriam: daqui alcançamos as maiores honras, riquezas moderadas e posição social, se a tivermos.

*8.17. ego conseruari coloniam populi Romani cupio, tu expugnari studes.*

8.17. Eu desejo que a colônia do povo romano seja preservada, tu almejas que seja exterminada.

Porém, além de ter sua imagem associada várias vezes ao termo *hostis* e tudo o que ele representa, tanto para a manutenção da República, quanto ao que diz respeito à confiabilidade do caráter de Antônio, Cícero também atribui a ele *fides nulla* (“nenhuma *fides*”, 4.14), qualidade primordial para os romanos. Antônio é um inimigo de guerra cuja palavra não é digna de crédito; com ele, portanto, não se deve fazer nenhum tipo de acordo.

Portanto, é possível afirmar que o uso de *hostis*, com o sentido de “inimigo político ou público”, por Cícero, é uma forma de acusar abertamente seu adversário de não agir em prol da República e, pelo contrário, agir para sua ruína, como faria um inimigo estrangeiro disposto a atacar tudo o que a República representa. Contudo, a estratégia de utilizar a palavra *hostis* nesses quatorze discursos invectivos não caracteriza apenas a imagem de Marco Antônio: esse uso também se mostra de fundamental importância para a construção da (auto)imagem de Cícero nesses discursos devido ao antagonismo “Cícero *versus* Marco Antônio” (em relação às características da vida privada e pública/política de ambos) que se verifica nas *Filípicas*.

Além disso, o orador se retrata como alguém que preza, sobretudo, pela conservação e restauração da República, acima de seus interesses pessoais, e essa perpétua disposição para com ela é um dos motivos pelos quais ele critica as atitudes de Marco Antônio e o julga um *hostis rei publicae*. Conforme nos diz Scatolin (2015, p. 65), “o risco e o perigo representados por Antônio, seu caráter animalesco, desumano e indecoroso fazem que seja necessário, e urgentemente necessário, declará-lo inimigo público”. E Santos (2018, p. 230) expõe:

Convertido em déspota, Marco Antônio é um *hostis*, donde o conflito assumiria a feição da oposição romana a um inimigo público de origem estrangeira, duas nuances semânticas que o termo *hostis* expressa. Argumentando sob tais premissas, Cícero constrói um cenário de excepcionalidade e conta tanto com o apoio senatorial à guerra quanto com a adesão popular.

Desse modo, podemos afirmar, novamente, que Cícero é tudo aquilo o que Marco Antônio não é, e vice-versa: se Marco Antônio é caracterizado como um *hostis rei publicae*, Cícero não pode ser considerado nada menos do que um salvador, um defensor e *conseruator rei publicae* que luta aguerridamente com um inimigo retratado como inimigo de guerra.

Além disso, sendo caracterizado como *hostis rei publicae*, Antônio pode ser considerado um tirano? Teoricamente, uma tirania não era uma forma especial de constituição ou um reinado de terror, já que o tirano pode governar diretamente ou reter as instituições políticas existentes, exercendo uma influência preponderante sobre seu funcionamento. Seu governo, contudo, pode ser benevolente ou malévolos.<sup>289</sup> Contudo, pode-se associar à tirania quatro palavras de injúria: *uis* (“violência”), *superbia* (“arrogância”), *libido* (“libido”) e *crudelitas* (“crueldade”), representando os vícios mais característicos da tirania.<sup>290</sup>

Stevenson (2009, p. 178) nos diz:

O tirano convencional era fundamentalmente uma figura de vício em vez de virtude. Suas faltas pessoais deram origem às suas faltas políticas e, assim, ocasionaram-nas. O tirano era em geral paranoico, cruel e instável, tanto psicológica quanto emocionalmente; governava por meio da violência e do medo, empregando guarda-costas armados para suprimir as liberdades cívicas; ao contrário do bom rei, ele matava cidadãos; foi dominado por maus conselheiros e mulheres, recusando-se a ouvir os melhores homens; era uma criatura luxuriosa frequentemente associada ao estupro; submeteu-se a demonstrações públicas de fúria e excesso; sua corte era um lugar libidinoso e estridente; ele desconsiderou as leis e instituições estaduais, governando de maneira arbitrária e repressiva, de acordo com seu estado de espírito. Em Roma, a palavra *rex* era usada em um sentido que implicava o tirano grego, e *regnum*, *dominatio* e *tyrannis* passaram a ser usados como tirania. Dunkle descobre que os tiranos nas obras latinas foram relacionados a quatro vícios característicos: *uis* (violência), *superbia* (arrogância), *libido* (libido) e *crudelitas* (crueldade).<sup>291</sup>

<sup>289</sup> Cf. *OCD*, “tyranny”.

<sup>290</sup> Cf. DUNKLE (1967, p. 151-152).

<sup>291</sup> “The conventional tyrant was fundamentally a figure of vice rather than virtue. His personal faults gave rise to his political ones, and thereby implied them. He was in general paranoid, cruel and unstable, both psychologically and emotionally; he ruled through violence and fear, employing an armed bodyguard to suppress civic freedoms; unlike the good king, he killed citizens; he was dominated by evil advisers and women, refusing to listen to the best men; he was a creature of lust who was often associated with rape; he was given to public

Conforme os trechos de *Inv.*1.22 e de *Rhet.Her.*1.8 já citados, leva-se o ouvinte à indignação, através da pessoa do adversário, se expusermos sua “crueldade”, “impudência”, “depravação”, “violência”, “tirania”, “covardia”, “ociosidade” e o “uso intolerável e arrogante das coisas” (*crudeliter, confidenter, flagitiose, uim, potentiam, ignauiam, desidiam e eorum usus arrogans et intolerabilis*). Destacamos, aqui, o termo *potentiam* (o qual optamos por traduzir como “tirania”). Dessa forma, com o objetivo de despertar a audiência contra o adversário, pode-se fazer uso da caracterização de um tirano como sendo não só um governante politicamente opressor, mas também um homem mau.<sup>292</sup> Trata-se, assim, de uma forma de invectiva política.

Deve-se considerar que o objetivo principal da primeira *Filípica* é a defesa da República, a busca por atitudes que evitassem uma continuação da tirania até então exercida por César. Havia, por parte de Cícero, medo “por causa da memória recente da ditadura perpétua”,<sup>293</sup> além de enfatizar a necessidade de se controlar as atitudes de Marco Antônio. O conteúdo dos demais discursos que se seguiram evidenciou a predominante característica invectiva das *Filípicas* em relação à imagem de Antônio, associando a ele, principalmente: a crueldade, a arrogância, o uso excessivo de violência e “bandos armados”, o não cumprimento das leis ou a promulgação de leis a seu favor, a intimidação do senado, a sua libido desenfreada, a sua passividade nas relações sexuais, as más atitudes públicas e privadas. De modo geral, o comportamento de Antônio leva Cícero a considerá-lo indigno e, até mesmo, uma ameaça à República.

---

displays of fury and excess; his court was a libidinous, raucous place; he disregarded the state laws and institutions, ruling in arbitrary, repressive fashion according to his moods. At Rome the word *rex* was used in a sense which implied the Greek tyrant, and *regnum, dominatio* and *tyrannis* came to be used for tyranny. Dunkle finds that tyrants in Latin works were credited with four characteristic vices: *uis* (violence), *superbia* (arrogance), *libido* (lust), and *crudelitas* (cruelty)”.

<sup>292</sup> Cf. DUNKLE (1967, P. 156).

<sup>293</sup> Cf. *CIC.Phil.*1.4: *propter perpetuae dictaturae recentem memoriam*.

## 5. CONCLUSÃO

Perpassando pelo conceito de *ethos* aristotélico, entende-se que o orador pode fazer uso dessa ferramenta para forjar e moldar o seu caráter de acordo com o propósito persuasivo e argumentativo de seu discurso. Tal caráter, construído ao longo do discurso, pode colaborar para o estabelecimento de uma relação de confiança com o público, convencendo-o. Contudo, Cícero reformulou o *ethos* aristotélico associando-o ao termo *conciliare*, relacionado com “cativar os ouvintes”, em *De Oratore* 2.182. Nessa seção da obra ciceroniana, destacamos as categorias do *ethos* do caráter (*mores*), dos costumes (*instituta*), dos feitos (*facta/res gestae*), da vida (*uita*) e da reputação (*existumatio uitae*). Estruturamos, então, nosso trabalho a partir de tais categorias, relacionando-as a trechos e seções das *Filípicas*, para verificar como Cícero construiu o seu *ethos* e o de Marco Antônio. De fato, a construção do *ethos* do adversário é uma ferramenta retórica importante para a construção do próprio *ethos* do orador, sobretudo nas *Filípicas*, em que o orador e seu alvo aparecem como antípodas.

Com a análise de todos os itens, vimos que, nas *Filípicas*, devido ao objetivo invectivo, crítico e acusatório dos discursos em relação a Marco Antônio, Cícero sempre procura construir um *ethos* negativo de seu adversário, que se contrapõe ao seu. Em um primeiro momento, Antônio supera negativamente Aníbal, Catilina, César, Dolabela, Lúcio Antônio e Públio Clódio, muitos dos quais já tinham uma imagem negativa, de acordo com o ponto de vista de Cícero, aqui mais relacionada com a vida pública/política. A comparação com essas pessoas mostra o quão negativamente o orador julga Antônio, e os adjetivos atribuídos a ele reforçam de uma forma direta e objetiva a intenção do orador.

As características negativas têm um significado muito claro ao estarem associadas diretamente a Antônio, quando afirma algo positivo querendo dizer o contrário, o orador apenas reforça o tom de deboche para com a imagem do adversário, fazendo uso da ironia. Essa figura retórica produz, no discurso, um efeito sobre a imagem de Antônio, mas também sobre a própria caracterização do orador, ou seja, o que Cícero diz sobre Antônio significa muito sobre si mesmo. Conforme já dito anteriormente, afirmar que Antônio é um *homo eloquens* não é coerente com o objetivo invectivo das *Filípicas*, mas faz sentido se, na verdade, em vez de tomarmos a expressão literalmente, considerarmos seu estatuto irônico. Sempre pensando que o orador retrata a si próprio e a Antônio como antípodas nas várias facetas da vida privada e pública, podemos, diante da expressão *homo eloquens*, remeter ao

*ethos* pré-discursivo de Cícero diante de seu público, na ocasião dos discursos reconhecido pelos pares como o maior orador de Roma. Novamente, Antônio e Cícero estão situados em polos extremos, agora quanto à capacidade oratória. Observa-se que o entendimento e o alcance da ironia dependem do texto, do contexto (incluindo-se o *ethos* pré-discursivo de quem fala) e da intenção do orador.

Contudo, apesar de termos o registro, nas fontes antigas, de um contato positivo de Cícero com o mundo de teatro através da amizade com os atores Róscio e Esopo e, guardadas as devidas proporções, da obra *Pro Roscio Comoedo*, quando se trata das *Filípicas* não encontramos referências positivas relacionadas ao mundo do teatro. Cícero constrói a imagem de Antônio como um personagem cômico. Para tal, critica e escarnece de seu relacionamento com a atriz de mimo Volúmnia Citéris e considera atores e atrizes de mimo, comediantes e demais personagens como companheiros mal-afamados de Antônio. Aqui, fica evidente que a vida privada de Antônio influencia – negativamente – em sua vida pública. Uma vez que está cercado pelo seu *chorus* de amigos indecorosos, ele é indigno da política e da República.

O orador retrata os maus costumes de Antônio, como sua embriaguez, seus desregramentos financeiros e o seu hábito de praticar jogos de azar; ele é visto como uma pessoa que não tem controle sobre suas ações: bebe em excesso, gasta em excesso e joga em excesso. Essas atitudes, também relacionadas às suas companhias e ao seu *chorus* de amigos, contribuem para que ele seja considerado uma pessoa que, se não sabe nem gerenciar a própria vida pessoal, é incapaz de conduzir a República.

Para dar continuidade a sua finalidade retórica, desconstruindo a imagem pública e privada de Antônio, o orador novamente cita aspectos da vida pessoal, mencionando os relacionamentos homoeróticos de seu adversário, principalmente com Curião, mas com a intenção de acusar sua passividade no ato sexual. Conforme exposto anteriormente, tudo isso é feito atribuindo-se a Marco Antônio a imagem de um *puer delicatus* que satisfaz homens, um escravo (*puer* e *seruio*) que possui um dono (*dominus*), e uma mulher/prostituta (com as palavras *stola*, *toga*, *scortum*, *uiri tui* e *Helena*, por exemplo) submissa a um homem. A passividade em uma relação era aceitável apenas para escravos e mulheres. Portanto, associa-se a passividade de Marco Antônio no ato sexual à submissão de sua vontade à de um outro homem. Novamente, expõe-se que, devido às suas atitudes privadas, Antônio não é adequado para a República.

Em relação à *gens* de Antônio, Cícero questiona quais são as pessoas pelas quais ele se deixa influenciar, no caso seu irmão Lúcio Antônio e sua esposa Fúlvia. Se esses agem de modo errôneo, é claro que Marco Antônio os acompanhará. O orador condena o fato de Antônio dar ouvidos a pessoas que não são boas influências, ao passo que ele teria a opção de seguir o exemplo de outros membros de sua família e antepassados, considerados ilustres por Cícero, como o avô paterno Marco Antônio, o avô materno Lúcio Júlio César, o tio materno Lúcio Júlio César e o tio paterno Caio Antônio Híbrida. Mesmo havendo vestígios de bons exemplos em sua família, as atitudes de Antônio se opõem a eles e não permitem que a sua imagem se assemelhe às dos antepassados. É possível, então, pensar em Antônio como um membro degenerado de uma *gens* que um dia contou com pessoas admiráveis.

Enfim, é incontestável o fato de que Cícero constrói uma autoimagem de alguém que preza pela conservação e restauração da República, inclusive acima de suas relações pessoais, demonstrando ser um conservador da República e ter uma perpétua disposição para com ela.<sup>294</sup> Esse seria um dos motivos pelos quais ele critica as atitudes de Marco Antônio e o considera um *hostis rei publicae*, um inimigo público da República. Se as atitudes de Antônio, do ponto de vista de Cícero, não condizem com alguém que está preocupado em defender e conservar a República, mas, pelo contrário, de destruí-la, ele nada mais é do que um *hostis rei publicae*, ao contrário de Cícero, e *inimicus Ciceroni*, um inimigo pessoal de Cícero, pois, nesse sentido, a República se funde à vida pessoal de Cícero. Podemos dizer que Marco Antônio, ao ser *inimicus* de Cícero, se torna *hostis* da República.

Dessa maneira, a tradução e análise de trechos selecionados das quatorze *Filípicas* à luz das categorias assimiladas em *De Oratore* 2.182 nos permitem inferir que Cícero fez uso de diferentes recursos para a construção do seu *ethos*, ressaltando aspectos da vida privada e pública de Marco Antônio, através de comparações, características associadas diretamente ou por ironia, o mundo teatral, os maus costumes, a vida sexual e a *gens*. Esses itens estão relacionados à construção de um *ethos* negativo de Antônio, considerando seu caráter, seus costumes e seus feitos, sua vida e sua reputação. O orador expõe aspectos tanto da vida privada quanto da vida pública de seu adversário e, de fato, insiste em indicar que tudo está interligado, ou seja, o que ele faz em sua vida privada reflete em sua vida pública/política. Ao construir tal *ethos* de Marco Antônio como oposto ao seu próprio, ao longo dos discursos, Cícero, portanto, contesta a capacidade de seu adversário de estar à frente da República, ao mesmo tempo em que reafirma sua própria condição de protetor de Roma diante das

---

<sup>294</sup> Cf. *Phil.* 1.10.

investidas de Antônio contra ela, que o fazem comparável a um feroz inimigo de guerra a ser tratado como tal.

## 6. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

### 6.1. TEXTOS ANTIGOS

ARISTÓTELES. **Retórica**. Tradução e notas de Manuel Alexandre Júnior, Paulo Farmhouse Alberto e Abel do Nascimento Pena. Lisboa: Imprensa Nacional – Casa da Moeda, 2006.

ARISTOTLE. **On Rhetoric**. Translated with Introduction, Notes, and Appendices by George A. Kennedy. New York: Oxford University Press, 2007.

\_\_\_\_\_. **Rhetoric**. Translated With an Introduction and Notes By C. D. C. Reeve. Indianapolis/Cambridge: Hackett Publishing Company, Inc., 2018.

CICERO. **M. Tulli Ciceronis Rhetorica**. Tomus II. Ed. A. S. Wilkins. Oxford: Oxford University Press, 1911. (Scriptorum Classicorum Bibliotheca Oxoniensis).

\_\_\_\_\_. **Letters to Atticus**. With an English translation by E. O. Winstedt. M.A. London: William Heinemann; New York: G. P. Putnam's Son, v. 1, 1919. (The Loeb Classical Library)

\_\_\_\_\_. **De Senectute De Amicitia De Divinatione**. With An English Translation. William Armistead Falconer. Cambridge, Harvard University Press; Cambridge, Mass., London, England. 1923.

\_\_\_\_\_. **Letters to his friends**. Vol. II. With an English translation by W. Glynn Williams, M.A. London: William Heinemann LTD; Cambridge, Massachusetts: Harvard University Press, 1952.

\_\_\_\_\_. **Letters to Atticus**. With an English translation by E. O. Winstedt. M.A. London: William Heinemann; Cambridge, Harvard University Press, v. 2, 1960. (The Loeb Classical Library)

\_\_\_\_\_. **Letters to Atticus**. With an English translation by E. O. Winstedt. M.A. London: William Heinemann; Cambridge, Harvard University Press, v. 3, 1961. (The Loeb Classical Library)

\_\_\_\_\_. **In M. Antonium orationes Philippicae XIV**. Ed. Paolo Fedeli. 2. Aufl. Stuttgart: B.G. Teubner, 1986.

\_\_\_\_\_. **Cicero**. Cambridge, MA; London: Harvard University Press: W. Heinemann, v.6, v.9, v.20, 1989. (The Loeb Classical Library)

\_\_\_\_\_. **Philippics I-II**. Editado por John T. Ramsey. Cambridge: Cambridge University Press, 2003.

\_\_\_\_\_. **Cicero: Epistulae ad familiares.** Ed. Shackleton Bailey. London, New York, Melbourne: Cambridge University Press, v. I, 2004.

\_\_\_\_\_. **Cicero: Epistulae ad familiares.** Ed. Shackleton Bailey. London, New York, Melbourne: Cambridge University Press, v. II, 2004.

\_\_\_\_\_. **Cicero: epistulae ad quintum fratrem et M. Brutum.** Ed. Shackleton Bailey. Cambridge: Cambridge University Press, 2004.

\_\_\_\_\_. **Selected letters.** Traduzido por P. G. Walsh. Oxford; New York, NY: Oxford University Press, 2008.

\_\_\_\_\_. **Orations: Philippics 1-6.** Editado e traduzido por D. R. Shackleton Bailey. Cambridge, Massachusetts; London, England: Harvard University Press, 2009. (Loeb Classical Library)

\_\_\_\_\_. **Orations: Philippics 7-14.** Editado e traduzido por D. R. Shackleton Bailey. Cambridge, Massachusetts; London, England: Harvard University Press, 2009. (Loeb Classical Library)

CÍCERO. **Dos deveres.** Tradução de Angélica Chiapeta. São Paulo, Martins Fontes, 1999.

\_\_\_\_\_. **Sobre a amizade (De amicitia).** Tradução, introdução e notas de João Teodoro d'Olim Marote. São Paulo: Nova Alexandria, 2006.

\_\_\_\_\_. **Da velhice e Da amizade.** Introdução, comentários, notas e tradução por Tassilo Orpheu Spalding. São Paulo, Editora Cultrix.

\_\_\_\_\_. **Brutus e A perfeição Oratória (do Melhor Gênero de Oradores).** Tradução e notas de José Rodrigues Seabra Filho. Belo Horizonte: Nova Acrópole, 2013.

CICÉRON. **De l'orateur.** Livre troisième. Texte établi par Henri Bornecque et traduit par Edmond Courbaud et Henri Bornecque. Paris: Belles Lettres, 1961.

\_\_\_\_\_. **Correspondance.** Tome III. Texte établie et traduit par L.-A. Constans. Paris: Les Belles Lettres, 1960.

\_\_\_\_\_. **Correspondance.** Tome I. Texte établie et traduit par L.-A. Constans. Paris: Les Belles Lettres, 1962.

\_\_\_\_\_. **Correspondance.** Tome IV. Texte établie et traduit par L.-A. Constans et Jean Bayet. Paris: Les Belles Lettres, 1962.

\_\_\_\_\_. **De l'orateur.** Livre premier. Texte établi et traduit par Edmond Courbaud. Paris: Belles Lettres, 1962.

\_\_\_\_\_. **Correspondance.** Tome II. Texte établie et traduit par L.-A. Constans. Paris: Les Belles Lettres, 1963.

\_\_\_\_\_. **Correspondance**. Tome V. Texte établie et traduit par Jean Bayet. Paris: Les Belles Lettres, 1964.

\_\_\_\_\_. **L'orateur**: Du meilleur genre d'orateurs. Texte établie et traduit par Albert Yon. Paris: Les Belles Lettres, 1964.

\_\_\_\_\_. **De l'orateur**. Livre deuxième. Texte établi et traduit par Edmond Courbaud. Paris: Belles Lettres, 1966.

\_\_\_\_\_. **Discours**. Tome XIX: Philippiques I à IV. Texte établie et traduit par André Boulanger et Pierre Willeumier. Paris: Les Belles Lettres, 1972.

\_\_\_\_\_. **Discours**. Tome XX: Philippiques V à XIV. Texte établie et traduit par Pierre Willeumier. Paris: Les Belles Lettres, 1973.

CICERONE. **Bruto**. A cura di Enrica Malcovati. Milano: Arnoldo Mondadori Editore, 1996.

DEMÓSTENES. **As três Filípicas; Oração sobre as questões da Quersoneso**. Introdução, tradução, seleção e notas de Ísis Borges B. da Fonseca. São Paulo: Martins Fontes, 2001.

MARCIAL. **Martial**, Book XIII. Introdução e comentários de Timothy John. London: Duckworth, 2001.

\_\_\_\_\_. **Martial**, Buch 8. Stuttgart: Franz Steiner, 2002.

OVIDIO. **Ovid**. Cambridge, MA; London: Harvard University Press: W. Heinemann, 1977-96.

PLUTARCO. **Vidas paralelas**. Trad. Gilson César Cardoso. Introdução e notas de Paulo Matos Peixoto. Quinto volume. São Paulo, Paumape, 1992.

\_\_\_\_\_. Vida de César. In: SUETÔNIO; PLUTARCO. **César por Suetônio e Plutarco**. Tradução e notas de Antonio da Silveira Mendonça e Ísis Borges Belchior da Fonseca. São Paulo: Estação Liberdade, 2007.

\_\_\_\_\_. **Vidas paralelas**: Demóstenes e Cícero. Tradução do grego, introdução e notas Marta Várzeas. Coimbra: Faculdade de Letras, Universidade de Coimbra, 2010.

\_\_\_\_\_. **Vidas paralelas**: Antonio. Domínio público. Disponível em: <http://www.dominiopublico.gov.br/download/texto/bk000482.pdf>. Acesso em: 15 jul. 2016.

PROPÉRCIO. **Sexti Properti elegia**: Elegias de Sexto Propércio. Org. Guilherme Gontijo Flores. Ed. bilíngue. Belo Horizonte, MG: Autêntica, 2014.

QUINTILIANO. **Institutio Oratoria**. Tradução em inglês de H. E. Butler. Cambridge, MA; London: Harvard University Press, 1920-22. 4 v. (The Loeb Classical Library).

**RETÓRICA a Herênio**. Tradução e introdução de Ana Paula Celestino Faria e Adriana Seabra. São Paulo: Hedra, 2005.

SALÚSTIO. **A conjuração de Catilina**. Org. e trad. Adriano Scatolin. São Paulo: Hedra, 2018.

SUETÔNIO. *De Vita Caesarum, Divus Iulius*. In: SUETÔNIO; PLUTARCO. **César por Suetônio e Plutarco**. Tradução e notas de Antonio da Silveira Mendonça e Ísis Borges Belchior da Fonseca. São Paulo: Estação Liberdade, 2007.

VIRGILIO. **Bucolica georgica**. Paris: Alberto Tallone, 1953.

\_\_\_\_\_. **Le Bucoliche**. CUCCHIARELLI, Andrea (intr.). Tradução de Alfonso Traina. Roma: Carocci, 2012.

## 6.2. TEXTOS MODERNOS

ABREU, B. **A segunda Filípica: tradução e estudo do *ethos* segundo a retórica de Cícero**. Dissertação. (Mestrado em Linguística). Campinas, Unicamp: 2017.

ALMEIDA, O.V. B. de. **O Brutus de Marco Túlio Cícero: Estudo e tradução**. Dissertação (Mestrado em Letras Clássicas). São Paulo, USP: 2014

BEDNAREK, B. Ancient homophobia: prejudices against homosexuality in classical Athen. **Humanitas**, v. 69, p. 47-62, 2017.

BEM, L.A. de. **Metapoesia e confluência genérica nos Amores de Ovídio**. Tese de doutorado. Campinas: Unicamp, 2011.

BRINGMANN, K. **A history of the Roman republic**. Cambridge, UK; Malden, MA: Polity, 2007.

CANDIDO, M.R. Pederastia e ritual de passagens na formação do jovem cidadão ateniense. In: ESTEVES, A.M.; AZEVEDO, K.T.; FROHWEIN, F. **Homoerotismo na Antiguidade Clássica**. Rio de Janeiro: UFRJ/Faculdade de Letras, Programa de Pós-Graduação em Letras Clássicas, 2014.

CANTARELLA, E. **Secondo natura: La Bisessualità nel mondo antico**. Milão: BUR, 2008.

CARDOSO, I.T. **Estico, de Plauto**. Campinas, SP: Editora da UNICAMP, 2006.

\_\_\_\_\_. **Theatrum mundi em Marco Túlio Cícero: o mundo como um palco em Cato Maior, Pro Roscio Comoedo e Pro Sestio**. Estudo de livre-docência. Unicamp: Instituto de Estudos da Linguagem, 2018.

CORBEILL, A. Rhetorical Education in Cicero's Youth. In: MAY, J. M. **Brill's Companion to Cicero: Oratory and Rhetoric**. Leiden; Boston; Köln: Brill, 2002, p. 23-48.

- CRAIG, C.P. Cicero as Orator. In: DOMINIK, W.; HALL, J. (ed.). **A companion to Roman rhetoric**. Malden, MA; Oxford, UK; Carlton, AU: Blackwell Publishing Ltd, pp. 264-284, 2007.
- DOMINIK, W.; HALL, J. (ed.). **A companion to Roman rhetoric**. Malden, MA; Oxford, UK; Carlton, AU: Blackwell Publishing Ltd, 2007.
- DOVER, K.J. **Homosexualite grecque**. Trad. Suzanne Saïd. Notre Dame: Ed. La pensée sauvage, 1982.
- DUNCAN, A. **Performance and Identity in the Classical World**. NY: Cambridge University Press, 2006.
- DUNKLE, J. R. The Greek Tyrant and Roman Political Invective of the Late Republic. **Transactions and Proceedings of the American Philological Association**, v. 98, 1967, pp. 151-171.
- DUSENBURY, D. L. Carl Schmitt on Hostis and Inimicus: A Veneer for Bloody-Mindedness. **Ratio Juris**, v. 28, n. 3, pp. 431–439, 2015.
- EARL, D. **The Moral and Political Tradition of Rome**. Ithaca, NY: Cornell University Press, 1967.
- EDWARDS, C. Unspeakable Professions: Public Performance and Prostitution in Ancient Rome. In: HALLET, J.P.; SKINNER, M.B. **Roman sexualities**. Princeton: Princeton University Press, 1997.
- ESTEVES, A.M.; AZEVEDO, K.T.; FROHWEIN, F. **Homoerotismo na Antiguidade Clássica**. Rio de Janeiro: UFRJ/Faculdade de Letras, Programa de Pós-Graduação em Letras Clássicas, 2014.
- FEITOSA, L.C. O amor entre iguais: o universo masculino na sociedade romana. In: ESTEVES, A.M.; AZEVEDO, K.T.; FROHWEIN, F. **Homoerotismo na Antiguidade Clássica**. Rio de Janeiro: UFRJ/Faculdade de Letras, Programa de Pós-Graduação em Letras Clássicas, 2014.
- FANTHAM, E. Ciceronian conciliare and aristotelian ethos. **Phoenix**, v. 27, 1973.
- \_\_\_\_\_. Orator et actor. In: EASTERLING, P.; HALL, E. (org.) **Atores gregos e romanos: aspectos de uma antiga profissão**. Trad. Raul Fiker. São Paulo, SP: Odysseus, pp. 425-442, 2008.
- GAINES, R.N. Roman Rhetorical Handbook. In: DOMINIK, W.; HALL, J. (ed.). **A companion to Roman rhetoric**. Malden, MA; Oxford, UK; Carlton, AU: Blackwell Publishing Ltd, pp. 163-180, 2007.

- GILDENHARD, I. **Cicero, Philippic 2, 44–50, 78–92, 100–119**: Latin Text, Study Aids with Vocabulary, and Commentary. Open Book Publisher, 2018.
- GONFROY, F. “Homosexualité et idéologie esclavagiste chez Cicéron”. **Dialogues d'histoire ancienne**, v. 4, pp. 219-262, 1978.
- GRIFFITH, M. ‘Telling the tale’: a performing tradition from Homer to pantomime. In: **The Cambridge companion to Greek and Roman theatre**. ED. Marianne McDonald; J. Michael Walton. United Kingdom: Cambridge University Press, pp. 13-35, 2007.
- GUÉRIN, C. *Persona*. L’élaboration d’une notion rhétorique au Ier siècle av. J.C. Volume I. **Antécédents grecs et première rhétorique latine**. Paris: Vrin, 2009a.
- \_\_\_\_\_. *Frangere aduersarium*: usages et limites de la violence oratoire dans la rhétorique Cicéronienne. In: AZOULAY, V. et BOUCHERON, P. (éd.). **Le mot qui tue. Les violences intellectuelles de l’Antiquité à nos jours**. Paris: Champs-Vallon, pp. 225-240, 2009b.
- \_\_\_\_\_. *Persona*. L’élaboration d’une notion rhétorique au Ier siècle av. J.C. Volume II. **Théorisation cicéronienne de la persona oratoire**. Paris: Vrin, 2011.
- GUNDERSON, E. Appendix I – Rhetorical terms. In: GUNDERSON, E. (Ed.) **The Cambridge Companion to Ancient Rhetoric**. Cambridge University Press: Cambridge, pp. 292-293, 2009.
- HALL, J. The Philippics. In: **Brill’s Companion to Cicero: Oratory and Rhetoric**. Leiden; Boston; Köln: Brill, p. 273-304, 2002.
- HALLET, J.P.; SKINNER, M.B. **Roman sexualities**. Princeton: Princeton University Press, 1997.
- HAURY, A. **L’ironie et l’humour chez Cicéron**. Leiden: E.J.Brill, 1955.
- HONORATUS, M.S. **In Vergilii carmina comentarii**. Servii Grammatici qui feruntur in Vergilii carmina commentarii; recensuerunt Georgius Thilo et Hermannus Hagen. Georgius Thilo. Leipzig. B. G. Teubner, 1881.
- HUBBARD, T. W. (ed.). **Homosexuality in Greece and Rome**. Berkeley; Los Angeles; London: University of California Press, 2003.
- JORY, E.J. Publilius Syrus and the element of competition in the theatre of the republic. In: HORSFALL, N. (ed.). **Vir bonus discendi peritus**. Londres: Institute of Classical Studies, pp. 73-81, 1988.
- KEITH, A. Lycoris Galli/Volumnia Cytheris: a Greek Courtesan in Rome. **Eugesta**, n.1, pp. 23-53, 2011.

- LE GLAY, M.; CHAUNU, P. **Grandeza y decadencia de la republica romana**. Madrid: Cátedra, 2001.
- LEIGH, M. The Pro Caelio and Comedy. **Classical Philology**, v. 99, n. 4, pp. 300-335, 2004.
- LÉVY, C. Rhétorique et philosophie: la monstruosité politique chez Cicéron. **Revue des Études Latines**, v. 76, pp. 139 -157, 1998.
- LINTOTT, A. W. **Cicero as evidence: a historian's companion**. Oxford: Oxford University Press, 2008.
- MANUWALD, G. Introduction to the *Philippics*. In: CICERO. **Philippics 3-9**. Edited with Introduction, Translation and Commentary by Gesine Manuwald. Walter de Gruyter: Berlin, New York, pp. 1-144, 2007.
- \_\_\_\_\_. **Roman Republican Theatre**. NY: Cambridge University Press, 2011.
- \_\_\_\_\_. The speeches to the People in Cicero's oratorical corpora. **Rhetorica**, v. 30, n. 2, pp. 153–175, 2012.
- MARSHALL, C.W. **The stagecraft and performance of roman comedy**. NY: Cambridge University Press, 2006.
- MAURÍCIO, S.M.M. **Cícero – Em defesa de Célio**. Dissertação de Mestrado em Estudos Clássicos, na área de especialização em Mundo Antigo. Departamento de Línguas, Literaturas e Culturas da Faculdade de Letras. Coimbra: Universidade de Coimbra, 2013.
- MAY, J. M. **Trials of Character: the eloquence of ciceronian ethos**. Chapel Hill and London: The University of North Carolina Press, 1988.
- \_\_\_\_\_. Cicero and the Beasts. **Syllecta Classica**, v. 7, pp. 143 -153, 1996.
- \_\_\_\_\_. Ciceronian Oratory in Context. In: **Brill's Companion to Cicero: Oratory and Rhetoric**. Leiden; Boston; Köln: Brill, 2002, pp. 49-70.
- \_\_\_\_\_. Cicero as Rhetorician. In: DOMINIK, W.; HALL, J. (ed.). **A companion to Roman rhetoric**. Malden, MA; Oxford, UK; Carlton, AU: Blackwell Publishing Ltd, pp. 250-263, 2007.
- MCCUTCHEON, R.W. Cicero's Textual Relations: The Gendered Circulation of *Definibus*. **Helios**, v. 43, n. 1, pp. 21-53, 2016.
- MIOTTI, C.M. **RIDENTEM DICERE VERVM: O humor retórico de Quintiliano e seu diálogo com Cícero, Catulo e Horácio**. Tese (Doutorado em Linguística). Campinas: UNICAMP, 2010.
- MURRELL, J. **Cicero and the Roman Republic**. Cambridge University Press: Cambridge, 2008.

- MYERS, N. Cicero's (S)Trumpet: Roman women and the second Philippic. **Rhetoric Review**, v. 22, n. 4, pp. 337-352, 2003.
- NARDUCCI, E. Brutus: The History of Roman Eloquence. In: MAY, J. M. **Brill's Companion to Cicero: Oratory and Rhetoric**. Leiden; Boston; Köln: Brill, 2002a, pp.401-426.
- \_\_\_\_\_. Orator and the Definition of the Ideal Orator. In: MAY, J. M. **Brill's Companion to Cicero: Oratory and Rhetoric**. Leiden; Boston; Köln: Brill, 2002b, pp.427-444.
- NICHOLS, M.P. Aristotle's defense of rhetoric. **The Journal of Politics**, v.49, n.3, pp. 657-677. Chicago: The University of Chicago Press, 1987.
- NICOLAY, R. de. Cicéron, Marc-Antoine et le châtement de l'histoire. **Camenulae**, v. 16, pp. 1-14, décembre 2017.
- NÓTÁRI, T. El trasfondo jurídico y retórico de la "Pro Caelio" de Cicerón. **REHJ**, XXXV, pp. 193-212, 2013.
- OLMSTED, W. **Rhetoric: An Historical Introduction**. Nova Jersey: Wiley-Blackwell, 2006.
- PANAYOTAKIS, C. Women in the Greco-Roman mime of the Roman Republic and Early Empire. **Ordia Prima**, v. 5, pp. 121-139, 2006.
- PERNOT, L. **Rhetoric in antiquity**. Translated by W. E. Higgins. Washington, D.C: The Catholic University of America Press, 2005.
- PRATA, P. **O caráter intertextual dos Tristes de Ovídio: Uma leitura dos elementos épicos virgilianos**. Tese de doutorado. Campinas: Unicamp, 2007.
- RABBIE, E. Wit and Humor in Roman Rhetori. In: DOMINIK, W.; HALL, J. (ed.). **A companion to Roman rhetoric**. Malden, MA; Oxford, UK; Carlton, AU: Blackwell Publishing Ltd, pp. 207-217, 2007.
- RAMSEY, J.T. Comentary. In: CICERO. **Philippics I-II**. Editado por John T. Ramsey. Cambridge: Cambridge University Press, pp. 81-337, 2003.
- RAPP, C. The nature and goals of rhetoric. In: ANAGNOSTOPOULOS, G. **A Companion to Aristotle**. Reino Unido: Blackwell Publishin, 2009.
- REHM, R. Festivals and audiences in Athens and Rome. In: **The cambridge companion to greek and roman theatre**. Ed. Marianne Mcdonald; J. Michael Walton. United Kingdom: Cambridge University Press, pp. 184-201, 2007.
- RICHLIN, A. Approuches to the sources on adultery at Rome. **Women's Studies**, v. 8, pp. 225-250, 1981.

- ROCHA, C.M. da. **De linguado a lingua(ru)da: gênero e discurso das *mulieres plautinae***. 251 p. Tese (doutorado) - Universidade Estadual de Campinas, Instituto de Estudos da Linguagem. Campinas: Unicamp, 2015.
- SANTOS, G. C. dos. Análise do vocabulário da crise da República Romana em 44 a.c. a partir das *Filípicas*, de Cícero. **Hélade**, v. 3, n. 1, pp. 135-163, 2017.
- \_\_\_\_\_. Crise da República e ação política nas *Filípicas*, de Cícero. **Cad. Letras UFF**, Niterói, v. 28, n. 56, pp. 223-234, 1º semestre 2018.
- SCATOLIN, A. **A invenção no *Do orador* de Cícero: um estudo à luz de *Ad Familiares I, 9, 23***. Tese (Doutorado em Letras Clássicas). São Paulo: USP, 2009.
- \_\_\_\_\_. A imagem de Otaviano nas *Filípicas* de Cícero. (The Portrayal of Octavian in Cicero's *Philippics*). In: POMPEU, A. M. C.; SOUSA, F. E de O. (Orgs.). **Grécia e Roma no universo de Augusto**. (Série Humanitas Supplementum). Coimbra University Press: Coimbra; Annablume Editora: São Paulo, 2015.
- SMITH, C. R. *Ethos Dwells Pervasively: A Hermeneutic Reading of Aristotle on Credibility*. In: HYDE, M. J.; SCHRAG, C.O. **The Ethos of Rhetoric**. Columbia, South Carolina: The University of South Carolina Press, pp. 1-19, 2004.
- STEVENSON, T. Antony as 'Tyrant' in Cicero's First Philippic. **Ramus**, v. 38, n. 2, pp. 174 – 186, 2009.
- SUSSMAN, L. A. Antony as a Miles Gloriosus in Cicero's second Philippic. **Scholia**, v. 3, pp. 53-83, 1994.
- UNGERN-STERBERG, J. The Crisis of the Republic. In: FLOWER, H. **The Cambridge Companion to the Roman Republic**. Cambridge University Press: Nova Iorque, 2006.
- VEYNE, P. A homossexualidade em Roma. In: **Amor e sexualidade no ocidente**: edição especial da Revista L'Histoire/Seuil. Trad. Ana Maria Capovilla, Horácio Goulart e Suely Bastos. Porto Alegre: L&PM, 1992.
- VICINI, A.N. Como fazer um orador: tradução e estudo do Orator de Cícero. Dissertação (Mestrado em Letras Clássicas). São Paulo: USP, 2018.
- VIEIRA, B.V.G.; ZOPPI, P.C. De optimo genere oratorum. **Scientia Traductionis**, n.10, 2011.
- WILLIAMS, C.A. **Roman homosexuality: ideologies of masculinity in classical antiquity**. New York, Oxford: Oxford University Press, 1999.
- WISSE, J. **Ethos and Pathos: from Aristotle to Cicero**. Amsterdam: Hakkert, 1989.

\_\_\_\_\_. *De Oratore: Rhetoric, Philosophy, and the Making of the Ideal Orator*. In: MAY, J.M. **Brill's Companion to Cicero: Oratory and Rhetoric**. Leiden; Boston; Köln: Brill, pp. 375-400, 2002.

### 6.3. DICIONÁRIOS E VOCABULÁRIO

ACADEMIA DAS CIÊNCIAS DE LISBOA. **Vocabulário ortográfico da língua portuguesa**. Lisboa: Imprensa Nacional, 1940.

BLUME, Horst-Dieter (Münster), “Cytheris”, in: **Brill's New Pauly**, Antiquity volumes edited by: Hubert Cancik and, Helmuth Schneider, English Edition by: Christine F. Salazar, Classical Tradition volumes edited by: Manfred Landfester, English Edition by: Francis G. Gentry. Consulted online on 03 December 2017. First published online: 2006.

ERNOUT, A.; MEILLET, A. **Dictionnaire Etymologique de la Langue Latine**. Paris: Librairie C. Klincksieck, 1951.

FORCELLINI, E. **Lexicon totius latinitatis**. Itália: T. Seminarii, 1940.

CHARAUDEAU, P.; MAINGUENEAU, D. **Dicionário de análise do discurso**. São Paulo: Contexto, 2012.

DEMGOL. **Dicionário Etimológico da Mitologia Grega multilingue On Line**, 2013.

Disponível em:

[https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/409973/mod\\_resource/content/2/demgol\\_pt.pdf](https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/409973/mod_resource/content/2/demgol_pt.pdf).

Acesso em: 21 de março de 2021.

ENCICLOPEDIA VIRGILIANA. Direção de Francesco Della Corte. Roma: Istituto della Enciclopedia Italiana, 1984-1991. 5 v. em 6., il.

GAFIOT, F. **Dictionnaire Latin Français**. (Nouvelle édition revue et augmentée). 2016.

GLARE, P. G. W. **Oxford Latin Dictionary**. Oxford: Oxford University Press, 1968.

HORNBLOWER, S; SPAWFORTH, A. **The Oxford classical dictionary**. Oxford; New York, NY: Oxford University Press, 2012.

SARAIVA, F. R. dos S. **Novíssimo dicionário latino-português: etimológico, prosódico histórico, geográfico, mitológico, biográfico**. Rio de Janeiro: Garnier, 2006.

SCHIEMANN, Gottfried (Tübingen), “Concubinatus”, in: **Brill's New Pauly**, Antiquity volumes edited by: Hubert Cancik and , Helmuth Schneider, English Edition by: Christine F. Salazar, Classical Tradition volumes edited by: Manfred Landfester, English Edition by: Francis G. Gentry.

SMITH, W. **Dictionary of Greek and Roman Biography and Mythology**. Boston: Little, Brown, and Company, 1870.